

"CINEMATOGRAFICO E ELETRIZANTE!"  
JAY ASHER, AUTOR DE OS 13 PORQUÊS E O FUTURO DE NÓS DOIS

# CAÇADORA DE TEMPESTADES

JENNIFER BOSWORTH

AGIR  
NOW

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



# CAÇADORA DE TEMPESTADES



# CAÇADORA DE TEMPESTADES

JENNIFER BOSWORTH

TRADUÇÃO DE  
Mariana Kohnert

AGIR  
NOW

Título original: *Struck*

Copyright © 2012 by Jennifer Bosworth

Publicado originalmente por Farrar, Straus and Giroux. Direitos de publicação negociados por Taryn Fagerness Agency LLC e Sandra Bruna Agência Literária, SL.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela AGIR NOW, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21)3882-8212/8313

[www.novafrenteira.com.br](http://www.novafrenteira.com.br)

[sac@novafrenteira.com.br](mailto:sac@novafrenteira.com.br)

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B758c

Bosworth, Jennifer.

Caçadora de tempestades / Jennifer Bosworth ; tradução Mariana Kohnert Medeiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Agir Now, 2015.

288 p. ; 23 cm.

Tradução de: Struck

ISBN 978.85.220.3221-1

1. Ficção americana. I. Medeiros, Mariana Kohnert. II. Título.

CDD 813  
CDU 821.111(73)-3

# Sumário

Prólogo

Parte 1

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Parte 2

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

Parte 3

27

28

29

30

31

32

33

Parte 4

34

35

36

37

38

39

Epílogo

Agradecimientos

*Para Ryan, por acreditar.*

*It never rains in California  
But girl, don't they warn ya  
It pours, man, it pours\**

— ALBERT HAMMOND

---

\* Nunca chove na Califórnia/ Mas, garota, não te avisaram que/ as tempestades são de arrepiar.



Depois de ser atingida por raios tantas vezes quanto eu fui, a pessoa passa quase o tempo todo esperando o pior. Nunca se sabe quando aquele fiapo irregular de fogo branco, carregado com centenas de milhões de volts de eletricidade, pode descer dos céus, fulminante, e encontrar o alvo em seu corpo, abrindo um buraco como o de uma bala ou reduzindo os cabelos a cinzas; talvez deixando a pele chamuscada e quebradiça ou fazendo o coração parar. Isso pode deixá-lo cego, surdo ou ambos.

Às vezes, o raio brinca um pouco, ergue o corpo no ar e o atira a vinte metros de distância, joga os sapatos longe ou frita as roupas na mesma hora, deixando a pessoa nua e fumegante na chuva. O raio pode apagar as últimas horas — ou dias — da memória ou sobrecarregar o cérebro, causando um curto-circuito na personalidade e transformando a pessoa em alguém completamente diferente. Ouvi falar de uma mulher que, ao ser atingida por um raio, foi curada de um câncer terminal. E de um paraplégico que voltou a andar.

Tem vezes que o raio atinge  *você*, mas é a pessoa ao lado que acaba indo parar no hospital. Ou no necrotério.

Qualquer uma dessas coisas pode acontecer, ou nenhuma delas, ou ainda outra da qual ninguém tinha ouvido falar. O problema dos raios é que nunca se sabe o que podem fazer. Podem transformar a pessoa em algum tipo de bateria humana bizarra, armazenando energia, ou podem deixar a sensação constante de que a qualquer dia ela vai entrar em combustão espontânea. Como se uma bomba detonasse dentro do corpo e fizesse, bem... o que as bombas fazem de melhor.

Ou talvez isso só aconteça comigo.

Meu nome é Mia Price, e sou um para-raios humano. Será que existe um grupo de apoio para isso? Deveria, e vou dizer por quê.

Meu nome é Mia Price, e sou  *viciada* em raios.

Pronto. Agora você sabe a verdade. Quero que os raios me encontrem. Desejo isso como pulmões desejam oxigênio. Não há nada no mundo que faça alguém se sentir mais vivo do que ser fulminado. A não ser, é claro, que seja fatal. Isso acontece comigo, de vez em quando, e foi por isso que me mudei para Los Angeles. Como diz a música, nunca chove no sul da Califórnia. Mas a música também diz que as tempestades são  *de arrepiar*.

E ela está certa.

Meu nome é Mia Price, e faz um ano desde que fui atingida pela última vez, o que não quer dizer que já parei de esperar o pior. Só caem raios em Los Angeles algumas vezes por ano. O problema é que troquei tempestades por terremotos — por um terremoto em especial. Aquele que mudou a cidade, e minha vida, para sempre.

Naquele dia, aconteceu o pior desastre natural que atingiu os Estados Unidos desde... Hã, acho que desde sempre. Choveu.

Na verdade, caiu uma tempestade.

# PARTE 1

*Um raio nunca atinge duas vezes o mesmo lugar.*  
— Provérbio

14 DE ABRIL  
TRÊS DIAS ATÉ A TEMPESTADE...





Não durmo muito. Uma hora aqui, duas ali. Insônia crônica é uma das sequelas mais toleráveis de ser atingido por raios. Não é tão ruim quanto as cicatrizes vermelhas e raiadas que cobrem meu corpo, ou quanto a queimação no peito — que se torna incandescente quando fico um pouco emotiva. Insônia? Mé. Poderia ser pior (e costuma ser). A maioria das pessoas deseja ter mais horas no dia. Eu uso quase todas as 24.

Quando vou me deitar à noite, não é com intenção de dormir. Se o sono vier, ótimo. Se não, bem, é algo com que já me acostumei.

Então, quando abri os olhos e vi um cara de pé ao lado da cama, só pude presumir que finalmente havia caído no sono. E, quando reparei a faca prateada reluzente em sua mão — o tipo de lâmina bonita e decorativa que não tem aplicação prática além de assassinato —, decidi que não queria descobrir o fim daquele sonho. Teria sido legal dormir um pouco mais, mas precisava me forçar a acordar antes que o Garoto do Pesadelo usasse a faca para me estripar.

— Acorde, Mia — falei comigo mesma, em uma voz que saiu rouca e falhada, como aconteceria se eu estivesse, de fato, acordada.

O cara se afastou da cama. Soltou a faca, que caiu retinha e ficou cravada no piso de madeira com um *tum*. Devia estar afiada. Ele se atrapalhou para soltá-la, mas parecia não saber o que fazer com a arma depois disso. O rosto estava encoberto pelas sombras, mas os olhos brancos arregalados e os movimentos assustados denunciaram que estava tão apavorado quanto eu. Em matéria de pesadelos, aquele garoto não era tão ruim. Decidi continuar dormindo.

Fechei os olhos, esperando que, ao abri-los, estivesse em um novo sonho.

Mas não tive mais sonhos naquela noite, só ouvi o som leve dos passos do Garoto do Pesadelo batendo em retirada.

Quando abri os olhos de novo, parecia que eu não tinha dormido nem um segundo, mas a temida manhã havia chegado. A manhã em que eu e meu irmão Parker voltaríamos para a escola pela primeira vez desde o terremoto.

Tinha um dicionário de sonhos em algum lugar da casa. Se eu o consultasse, estava quase certa de que confirmaria minhas suspeitas de que sonhar com uma faca era mau presságio. Não que eu precisasse de um presságio para me avisar que aquele dia seria horrível.

Quando me arrastei para fora da cama, reparei em um pequeno corte no piso de madeira, bem onde a faca do Garoto do Pesadelo ficara cravada. Estranho. Mas também havia várias outras rachaduras e cortes no velho piso do meu quarto, um sótão reformado.

Afastei os pensamentos do sonho. Tinha problemas maiores — problemas reais — com que me preocupar. Não sabia o que esperar da volta à escola, mas se havia qualquer indicação nas mudanças que tinham se consolidado no restante da cidade, acho que deveria aceitar e esperar o pior, como sempre.

Obrigada pelo aviso, Garoto do Pesadelo. Não que me ajude muito.



Eu estava fora do quarto da minha mãe quando ouvi a voz abafada do Profeta. Não conseguia entender bem o que ele dizia, mas, depois de um mês com minha mãe assistindo àqueles sermões dele na TV de um jeito quase obsessivo, dava para adivinhar qual era o assunto.

O fim do mundo está próximo.

Aqueles que entregarem as almas ao Profeta serão salvos.

Os que não o fizerem sofrerão e morrerão — e então sofrerão mais um pouquinho.

Tá, tá, tá. Ouvimos da primeira vez.

— Mãe.

Bati à porta antes de virar a maçaneta. Eram sete horas, e, lá fora, o sol cumpria sua função, mas o quarto da minha mãe parecia uma caverna. Ela estava sentada à janela vestindo o roupão surrado que não tirava há dias e olhando pelas frestas da persiana. Seus olhos se moviam de um lado para outro, divididos entre a janela e a TV, que exibia *A Hora da Luz*, a transmissão matinal de Rance Ridley Profeta. Ele apresentava três programas por dia: de manhã, ao meio-dia e à noite. Desde que trouxemos minha mãe de volta do hospital, ela

estava obcecada com o Profeta. O único modo de perder a transmissão seria se a eletricidade ou a TV a cabo nos deixassem na mão. Eu quase torcia para esses apagões acontecerem.

— Irmãos e irmãs — entoava o Profeta —, em breve Deus fará Seu julgamento final. Agora é a hora de decidir de que lado ficarão: do lado do paraíso? Ou do lado da terra e dos prazeres perversos e mundanos? Serão erguidos, arrebatados para o paraíso? Ou serão abatidos pela terrível vingança divina?

A voz do Profeta abafou minha entrada no quarto. Às vezes eu ficava me perguntando se a audição da minha mãe piorara por causa do terremoto. Ela parecia tão alheia ao que acontecia ao redor... O médico que a atendeu durante cinco minutos inteirinhos antes de ceder o leito a alguém mais necessitado disse que minha mãe estava bem. Desnutrida e desidratada, mas sobreviveria. Depois de três dias presa debaixo de um prédio que desabou, ela estava com alguns hematomas feios, algumas costelas quebradas e dezenas de lacerações no rosto e nos braços, tudo causado pela parede de vidro que explodiu perto de onde estava, quando o prédio começou a ceder. A maioria dos ferimentos já tinha quase cicatrizado. Fisicamente, ela estava tão bem quanto podíamos esperar. A saúde mental era outra questão.

A internet — assim como a TV a cabo e os outros serviços — caíam e voltavam o tempo todo desde o terremoto, mas, enquanto a conexão estava funcionando, pesquisei os sintomas da minha mãe até determinar o que havia de errado com ela: transtorno de estresse agudo — o gêmeo malvado e cheio de anabolizantes do transtorno de estresse pós-traumático —, causado por um evento traumático que é revivido em flashbacks, causando ansiedade, delírios, afastamento emocional, até mesmo amnésia.

Minha mãe tinha todos os sintomas e mais um pouco. Devia estar em um hospital, 24 horas por dia, sob os cuidados de um psiquiatra e de uma equipe de enfermeiras. Mas os hospitais ainda estavam cheios de pacientes com ferimentos que eram uma verdadeira

ameaça às suas vidas, pessoas com colunas quebradas, braços e pernas esmagados e queimaduras infeccionadas. Pessoas sofrendo de febre do vale, um distúrbio imunológico causado por fungos liberados das profundezas durante o terremoto. Pessoas tão desnutridas e desidratadas pela falta de comida e água na cidade que o único modo de seus corpos aceitarem os nutrientes era por meio de um tubo. Não havia camas para aqueles com mentes defeituosas, mas corpos funcionais.

O lado positivo era que o transtorno de estresse agudo costumava durar no máximo quatro semanas, e o terremoto acontecera havia exatamente um mês. Três semanas e quatro dias desde que a equipe de resgate retirara o corpo inconsciente e desidratado da minha mãe de baixo de várias toneladas de escombros. Era um milagre ela ainda estar respirando. Outras pessoas que foram encontradas no mesmo local não deram tanta sorte. Algumas foram esmagadas na mesma hora. Outras sufocaram, e foram suas mortes que salvaram a vida dela. Não havia oxigênio suficiente para todos naquela pequena caverna sob os destroços.

Quatro semanas desde o terremoto... Pareciam quatro mil.

— Mãe — chamei de novo.

Mantive a voz baixa e suave, como se minhas palavras pudessem feri-la se saíssem altas demais. Ela enrijeceu o corpo e curvou os ombros quando virou a cabeça. Fazia tanto tempo desde que lavara o cabelo que ele parecia úmido de tão ensebado. As cicatrizes em seu rosto se destacavam como linhas brilhantes cor de salmão naquela pele que não via o sol há semanas. Eu precisava me esforçar para não me encolher sempre que olhava para ela. Pelo menos meu rosto fora poupado das cicatrizes de raios que cobriam o restante do meu corpo. O rosto da minha mãe, por outro lado... Ela precisaria de uma cirurgia plástica para remover as cicatrizes se não quisesse ser lembrada do terremoto sempre que olhasse no espelho.

— Já começamos a testemunhar a ira divina — continuou o Profeta. — Ele sussurrou para mim, contando que atingiria Los

Angeles poucos minutos antes de Seu punho descer. O fim de todas as coisas está próximo, irmãos e irmãs, e vai começar bem aqui, em Los Angeles. Porque esta não é a cidade dos anjos, é uma cidade em que demônios governam, lá das mansões nas colinas e dos enormes estúdios, espalhando a corrupção como uma praga pelas telas de televisão, pelos cinemas e pela internet. Será mesmo uma surpresa, em uma cidade tão imoral, que nossos jovens, aqueles que se intitulam “nômades”, dançam e bebam, saltitando por cima dos túmulos dos mortos no deserto?

Abaixei o volume, desviando o olhar das órbitas leitosas dos olhos do Profeta. Seus cabelos, brancos como a neve, caíam como uma avalanche sobre os ombros, espessos e brancos como os pelos de um urso polar, embora ele não devesse ter mais que 35 anos, a julgar pelo rosto bronzeado e liso como manteiga de amendoim. O sorriso era branco como alvejante, em formato de lua crescente. Mas, quando eu olhava para ele, a característica que mais me chamava a atenção eram os olhos, vazios e opacos, cobertos por um filme de catarata.

— Mãe, Parker e eu precisamos ir — falei.

— O quê? — respondeu ela, por fim. — Aonde... Aonde vocês vão?

A voz dela era arrastada, carregando o peso dos antipsicóticos e remédios contra a ansiedade que eu obtivera por meios nada legais. Mesmo que conseguisse uma consulta para que um dos médicos superocupados da cidade examinasse minha mãe, eles apenas dariam receitas que eu não poderia comprar. As farmácias tinham sido saqueadas nos primeiros dias após o terremoto. Suprimentos como comida, água e remédios chegavam à cidade em carregamentos aéreos, mas, com a maioria das estradas fechada e os caminhões que conseguiam passar sendo saqueados, não havia o suficiente.

Quando o terremoto aconteceu, 19 milhões de pessoas moravam na grande área metropolitana. A população diminuía desde então.

Aqueles que puderam abandonaram a cidade como se abandona um navio a pique. Mas ainda havia gente demais para alimentar e medicar. Mesmo contando com os jatinhos particulares que as celebridades emprestavam para as organizações que prestavam socorro, havia um número limitado de aviões e helicópteros disponíveis para importar mercadorias. Os suprimentos eram divididos entre os hospitais e clínicas da região e consumidos assim que deixavam os caminhões. Se os caminhões conseguissem concluir o caminho dos aeroportos até o local de descarga.

A única opção que me restou para conseguir remédios para minha mãe foi o mercado negro. Sabia que estava comprando os mesmos medicamentos que tinham sido roubados, mas não podia me importar com isso. Minha bússola moral não apontava para a mesma direção que antes.

— Mãe — insisti. Pude ver que ela estava com dificuldade para se concentrar em mim. Metade de sua atenção na porta, a outra metade no Profeta. — Parker e eu precisamos voltar para a escola hoje. Mas voltaremos direto para casa. Você só vai ficar sozinha por algumas horas.

Uma expressão começou a se formar no rosto dela. Terror diante da perspectiva de ser deixada sozinha na casa, com protestos e saques ainda ocorrendo pela cidade, além de fornecimento de água, eletricidade e serviço de celular ainda instáveis.

Minha mãe apertou as mãos, unidas, no colo, como se tentasse moldá-las em um novo formato.

— E se alguém tentar entrar enquanto vocês estiverem fora?

— Verifiquei as portas e janelas. Tudo está bem trancado. Ninguém vai entrar.

Foi bom eu ter verificado as janelas de novo naquela manhã. Encontrei a da garagem aberta. Era uma janela pequena, mas alguém poderia se espremer e passar por ela, se realmente quisesse entrar.

Minha mãe esticou os dedos e abriu as persianas de novo.

— Tinha um garoto olhando a casa mais cedo. Um rapaz da sua idade, usando óculos. Eu já o vi antes. Não consigo... Não consigo lembrar onde. Ele me viu olhando e foi embora. Eu o conheço de algum lugar, Mia. *Conheço*, mas não me *lembro*. — Ela bateu com os punhos fechados nas têmporas com tanta força que dei um salto. — Por que os dois precisam ir? Não dá para um de vocês ficar aqui comigo? Não quero ficar sozinha nesta casa enquanto ele está lá fora, olhando.

Não queria dizer a ela por que era tão importante que Parker e eu voltássemos para a escola, por que não daria para esperar mais uma semana. Estávamos nas últimas latas de comida, e as poucas escolas que reabriram não apenas ofereciam almoço de graça, mas as crianças que comessem a assistir às aulas teriam prioridade no socorro. Parker e eu, cada um, receberíamos uma ração de comida para levar para casa por cada dia que aparecêssemos.

Não era uma questão de educação. Era de sobrevivência.

Os punhos da minha mãe estavam fechados junto às têmporas, o corpo curvado, como se estivesse se preparando para o impacto. Será que tinha mesmo alguém observando a casa, ou ela estava vendo coisas de novo?

— Mãe... *Mãe*, preciso que tome os remédios antes de sairmos.

Xanax para a ansiedade. Thorazine para as alucinações e os flashbacks.

Ela abaixou o queixo, apertando-o contra o peito.

— Já tomei.

— Tem certeza?

Eu parecia condescendente, mas minha mãe quase nunca se lembrava de tomar os remédios. Na maioria das vezes, mal parecia lembrar o próprio nome.

Ela lançou um olhar irritado para mim.

— Absoluta — disse.

Uma batida leve na porta aberta. Parker enfiou a cabeça para dentro da sala, os espessos cabelos cor de palha, ainda molhados do

banho, caíam sobre os olhos. A água estava funcionando naquele dia. Um alívio. Eu não tinha tomado muitos banhos desde o terremoto, e não queria voltar para a escola cheirando como um dos Desalojados.

Parker foi até nossa mãe e a abraçou.

— Amo você — disse. — Vamos estar de volta num piscar de olhos, tudo bem?

Nossa mãe ficou tensa quando ele a tocou. Parker a soltou, tentando não parecer magoado com a rejeição, mas eu sabia que estava. De nós dois, Parker sempre foi o mais sensível. A palavra que minha mãe usava para descrevê-lo era “empático”, mas era mais do que isso. Parker não era apenas empático. Era um “reparador”. Quando alguém estava magoado, meu irmão tentava encontrar um modo de fazer a pessoa se sentir melhor.

Parker não conseguia ultrapassar a muralha que nossa mãe erguera ao redor de si, e aquilo o estava matando. Mas a rejeição dela não era pessoal. Pelo menos era o que eu dizia a mim mesma. Ela não gostava mais que as pessoas se aproximassem. Todo dia, parecia se fechar mais dentro de si, ficando menor e menor, como se ainda estivesse sendo esmagada por aquele prédio desabado.

— Vou esperar no carro.

Parker evitou olhar para mim ao passar, mas vi que estava com os olhos úmidos e senti a emoção fazer um nó em minha garganta.

Quando ele se foi, eu me aproximei dela. Também queria abraçá-la, embora soubesse que estaria tão imóvel e inerte quanto um toco de madeira. Mas, mais que isso, queria agarrá-la pelos ombros e sacudi-la, exigindo que voltasse para nós. Precisávamos dela.

Meus olhos permaneceram fixos na TV. Na tela, a câmera recuou, revelando o palco. Diversos adolescentes com roupas idênticas — os meninos de camisas e calças brancas, impecáveis, as garotas de longos vestidos brancos — estavam dispostos de cada lado do Profeta. Dois eram gêmeos, um menino e uma menina, com cabelos loiros quase brancos, um tom mais próximo do marfim do que do

cabelo do Profeta, ambos tão altos e magros que pareciam ter sido esticados. A caravana de crianças adotadas pelo Profeta. Seus Doze Apóstolos, era como ele os chamava, embora eu só tivesse contado 11 deles no palco.

Considerando que aquele homem conseguira fazer lavagem cerebral em milhões de pessoas — que passaram a acreditar que ele não era apenas um homem cujo sobrenome era Profeta, que não era *um* profeta, e sim *o* profeta escolhido por Deus para nos alertar que o mundo estava chegando ao fim —, eu não queria imaginar como era a rotina na privacidade de seu lar.

— Ele está lá fora de novo... olhando a casa — comentou minha mãe, ansiosa. — O menino. Olhe.

Eu me abaixei para espiar pelas persianas e meus olhos encontraram a luz forte do sol. As pessoas perambulavam pela calçada, sem rumo. Os Desalojados. Aqueles cujos lares tinham sido destruídos pelo terremoto. Mas não vi nenhum menino observando a casa.

— O que ele quer? — perguntou minha mãe.

A mão dela percorreu o rosto, os dedos tracejando a linha protuberante de uma cicatriz rosada e irregular no maxilar.

— Não sei — respondi, ouvindo o desespero em minha voz, forte como um sotaque.

A dela saiu falhada.

— Tudo está se desfazendo, e o Profeta diz que as coisas só vão piorar. Ele sabe o que está vindo, Mia. Deus fala com ele.

Ah, Deus. Deus, Deus, Deus. Eu estava de saco cheio de ouvir falar de Deus. Deve ser porque havia dois anos que não ouvia falar muito dele (ou dela, ou disso), desde o falecimento da mãe da minha mãe — minha avó fanática, temente a Deus e agarrada à Bíblia. Depois disso, minha mãe ficou livre para parar de fingir que caía na teologia cheia de fogo e enxofre da vovó, que foi para o túmulo pensando que a filha, um dia, se juntaria a ela em uma nuvem branca e fofinha no paraíso, em vez de afundar direto para o

inferno — onde meu pai assava em um espeto, junto com os outros descrentes.

Minha mãe sempre alegou com muita firmeza que era agnóstica, apesar da criação extremista. Não acreditava em qualquer coisa em particular, e estava perfeitamente feliz em esperar até a morte para descobrir qual era a verdade. Imaginei que a obsessão com o Profeta fosse uma fase nascida do desespero, como as pessoas em um avião que começam a rezar quando passam por um trecho ruim de turbulência.

Toquei o ombro de minha mãe. Estava em um ângulo duro, protuberante. Ela não passava de um esqueleto vestindo um roupão.

— Vai ficar tudo bem — falei, embora as palavras tivessem perdido o sentido devido à repetição frequente.

Eu sempre as dizia para alguém agora, fosse para minha mãe, para Parker ou para mim mesma.

— Tome cuidado lá fora — disse ela, tocando em mim bem depressa, na mão enluvada. — Cuide do seu irmão.

— Pode deixar.

Virei para ir embora, e o Profeta sussurrou por cima de meu ombro, como se estivesse logo atrás de mim:

— *Eu olhei depois de aberto o sexto selo, e houve um grande tremor de terra; então o sol se tornou negro como se coberto por silício, e a lua se tornou sangrenta. A hora está chegando. O fim está chegando.*



Parker estava sentado no banco do carona do meu carro. Ele observava os Desalojados andando pela calçada, parecendo tão estropiados e sem vida quanto uma horda de zumbis. Desejei, não pela primeira vez, termos uma garagem maior, para que eu não precisasse deixar o carro na rua. Até então, os Desalojados não tinham feito nada com o veículo, mas, toda manhã, achava que ia sair de casa e encontrar uma janela quebrada, com uma família dormindo no banco de trás.

Nossa casa tinha um estilo americano antigo, e ficava apenas alguns quarteirões a leste de Venice Beach, para onde tantos Desalojados tinham migrado depois do terremoto e montado tendas que serviam como lares temporários. Muitos iam até nosso bairro para pedir comida, roupas ou água limpa, de porta em porta.

Mas às vezes não pediam.

Olhei ao redor mais uma vez, em busca do menino que minha mãe mencionara. Não queria pensar que havia alguém vigiando nossa casa, mas também não queria acreditar que ela estava

alucinando de novo. O Traficante — o único nome pelo qual o conhecia — dissera que o Thorazine controlaria isso.

Por algum motivo, pensei no sonho que tive com o Garoto do Pesadelo e naquela faca que ele estava pronto para enfiar em mim. E pensei na janela aberta na garagem. Então esqueci essas coisas quando um homem de meia-idade com sujeira incrustada nas rugas da testa viu Parker no carro e se aproximou para bater na janela.

Corri para a calçada, já preparada para o pior. Os Desalojados não eram sem-teto antes do terremoto. Não estavam acostumados a privações, e isso os tornava mais agressivos, algo que Parker costumava ignorar. Ele teria transformado nossa casa em um abrigo temporário não fosse pela mamãe.

Quando cheguei ao carro, meu irmão já estava com a janela aberta. Ele estendeu várias notas amassadas para o homem.

— É tudo o que tenho — falou.

Eu o encarei por cima do ombro do homem e balancei a cabeça. Alguns dólares eram mais do que podíamos dar, ultimamente. Os remédios não eram baratos no mercado negro.

Parker me ignorou.

— Obrigado — disse o homem, assentindo para o dinheiro. — Isso ajuda. Tudo ajuda. Tenho família, sabe. É para minha família.

Um miliciano que eu tinha visto patrulhando a área correu até nós pela calçada, uma das mãos já na arma de choque presa ao cinto. Estava vestido de preto da cabeça aos pés, como se achasse que era agente especial da Marinha ou algo do tipo.

Quando os tumultos e saques começaram, depois do terremoto, logo ficou óbvio que a polícia de Los Angeles não tinha, nem de perto, gente suficiente para controlar o caos. Além disso, a Guarda Nacional e a FEMA, a Agência Nacional de Gestão de Emergências, estavam enroladas em outro canto. Secas e incêndios espontâneos no Centro-Oeste tinham destruído mais de um milhão de acres de fazendas, resultando em escassez de alimentos por todo o país. Uma série de furacões fora de temporada assolara o golfo do México,

matando milhares e devastando a indústria da pesca. Tornados violentos surgiam em estados improváveis, destruindo comunidades inteiras. Acrescentava-se a isso o fato de os Estados Unidos estarem envolvidos em mais guerras do que eu conseguia acompanhar, de modo que as forças militares estavam posicionadas em outros continentes. Organizações humanitárias estavam ocupadas com a fome na África e surtos descontrolados de uma nova pandemia na Índia.

Nosso governo federal estava ocupado demais salvando o mundo para se concentrar em Los Angeles, e o governo da cidade não estava se saindo muito melhor. Um monte de políticos de alto escalão, inclusive o prefeito, morreram durante o terremoto, e aqueles que restavam não conseguiam descobrir quem estava no comando, muito menos tomar qualquer decisão a respeito de uma solução para os levantes. Dependia das pessoas se defenderem, e era o que faziam, formando milícias compostas de cidadãos comuns nos bairros.

— Circulando, senhor — gritou o miliciano, para o alvo da caridade de Parker, que enfiou o dinheiro no bolso e saiu arrastando os pés.

O miliciano deu um leve empurrão no homem, para apressá-lo. O cara tropeçou, fraco de fome.

— Ei! — gritou Parker, saindo do carro e se virando para o miliciano. O homem tinha vários centímetros a mais que meu irmão. Mesmo assim, Parker não recuou. — Não precisava fazer isso. Ele já estava saindo.

O miliciano semicerrou um dos olhos para meu irmão, acho que imitando algo que vira em algum romance policial.

— Você não devia dar dinheiro a ele. Esses sujeitos sabem onde conseguir esmolas, e isso os encoraja a vir até o bairro, em vez de ficarem na Cidade das Tendões, onde deviam estar.

Parker olhou feio para o homem, mas, sabiamente, escolheu ficar calado quando viu como a mão do miliciano tocava sua preciosa

arma de choque.

Pigarreei para chamar a atenção do sujeito.

— Oi — falei, estendendo a mão. — Meu nome é Mia. Eu moro aqui. — Inclinei a cabeça na direção da casa.

O homem olhou para minhas luvas sem dedos, reparou na blusa de gola rulê e na calça jeans preta, além das botas. Estava quente do lado de fora, mesmo tão cedo. Não era um clima para gola rulê e luvas, isso sem dúvida, mas eu precisava manter o corpo sempre coberto, ou alguém poderia ver as cicatrizes dos raios. Percebi que o miliciano e eu estávamos vestidos de forma quase idêntica. Ele assentiu em aprovação.

— Brent — falou.

— Agradecemos o que você está fazendo — respondi, lançando a Parker um olhar que dizia “cale a boca”.

— Alguém precisa garantir que esses errantes não passem por cima da gente — concordou Brent. — Tenho pena deles, perdendo os lares e tudo o mais, mas está na hora de as coisas voltarem ao normal por aqui.

Não precisei fingir o aceno de concordância. O que eu queria, mais que tudo, era que as coisas voltassem ao normal.

— Pode me fazer um favor? — pedi. — Minha mãe viu um cara observando a casa. Ela disse que já o viu antes.

— Acha que está planejando invadir?

— Não sei, mas será que você pode ficar de olho?

— Como ele é? — perguntou Brent, os olhos de repente brilhando de interesse.

— Hã... tem mais ou menos a minha idade... Ah, e estava de óculos.

— Óculos escuros?

— Hã... sim — arrisquei. Minha mãe não tinha especificado.

— Vou encontrá-lo — falou Brent, acariciando a arma de choque outra vez. — E talvez seja melhor dizer a seu irmão que ele precisa

ficar mais esperto. Se deixar migalhas no chão, mais cedo ou mais tarde as baratas aparecem.

Parker murmurou alguma coisa que não entendi, e torci para que o Miliciano Brent também não tivesse entendido. Não faria mal ter aquele cara cuidando de nós.

— Muito obrigada — falei para Brent, bajulando um pouco, para compensar pelo meu irmão.

Quando saí com o carro, Brent estava de pé diante da minha casa com os polegares flexionados nas presilhas do cinto. Fiquei imaginando se minha mãe ainda estava olhando pela janela. Torci para que Brent a fizesse se sentir mais segura.

Parker mal falou no caminho para a escola. Eu não tinha certeza se ele estava irritado comigo por ter alistado o Miliciano Brent para ficar de olho na casa ou chateado por causa da minha mãe ou nervoso por voltar às aulas. Provavelmente todas as opções, com ênfase na última. Parker não tivera muitas notícias dos amigos desde o terremoto. Depois que a internet voltou, trocou alguns e-mails, então sabia que estavam vivos, mas não muito mais que isso. Com tumultos e saques ainda por toda a parte, e com tantas pessoas doentes, feridas ou famintas, não saber se os amigos estavam bem era quase além do que Parker podia suportar. Ele não dizia muito, mas não precisava. Eu conhecia meu irmão. Ou, pelo menos, costumava conhecer.

Nada mais era como antes.

Parker e eu tínhamos uma diferença de apenas dois anos e sempre fomos próximos. Mas ele tinha mudado desde o terremoto, ficara mais calado, mais introvertido. Achei que a tragédia aproximaria as pessoas, mas Parker estava se afastando, assim como minha mãe. Eu deveria ser aquela que manteria todos unidos, mas, pelo visto, não estava adiantando.

A Ocean Avenue, uma paralela à Pacific, era o caminho mais rápido para a Skyline High School, e, até onde eu sabia, a estrada

estava intacta e livre de destroços. Passamos por vários grupos de voluntários nas equipes das estradas, usando coletes laranja e ainda trabalhando para tirar do asfalto montanhas de escombros de prédios que haviam desabado, mas pelo menos dava para passar.

Mas, conforme dirigia, comecei a desejar ter escolhido um caminho diferente. O caminho pela Ocean Avenue oferecia uma vista da ampla favela conhecida como Cidade das Tendas, montada nas areias de Venice Beach e Santa Monica. Vinte e cinco quilômetros quadrados da cidade tinham sido destruídos, incluindo o centro de Los Angeles. As pessoas chamavam aquilo de Deserto agora, porque era o que tinha se tornado. Um deserto de arranha-céus caídos, cimento e vidro quebrado e prédios vazios destruídos. Apenas uma torre permanecia de pé, dominando a paisagem urbana, como um enorme monumento aos mortos.

Mas mesmo a quilômetros do epicentro do terremoto, prédios tinham sofrido danos graves, em especial aqueles que não estavam de acordo com a regulamentação. Telhados tinham cedido. Paredes desabaram. Incêndios tiveram início e saíram de controle, sem ninguém para combatê-los, enquanto bombeiros e equipes de resgate estavam distraídos com a devastação catastrófica no centro. Na parte oeste da cidade, os danos tinham sido aleatórios. Dava para ver uma dezena de casas intactas seguida de uma que parecia ter sido pisoteada por um gigante. Até mesmo nossa casa, que tinha sido construída na época em que as pessoas ainda construíam as coisas “direito”, tinha rachaduras pelas paredes e no teto. Eu não queria pensar no que Parker e eu teríamos feito se a casa tivesse desabado ou pegado fogo. Estaríamos morando na Cidade das Tendas com o restante dos Desalojados, cuidando da minha mãe em meio ao caos.

Passamos por uma mulher sentada na calçada, cercada por bolsas plásticas com seus pertences e segurando um guarda-chuva grande, embora o sol mal tivesse se erguido no horizonte. Fiquei me

perguntando se ela não tinha tenda, se o guarda-chuva seria o mais próximo que teria de um abrigo.

— A internet estava funcionando hoje de manhã? — perguntou Parker, semicerrando os olhos para a mulher de guarda-chuva. — Você olhou a previsão do tempo?

— E eu não olho sempre?

Eu tinha o ritual de verificar pelo menos três sites de previsão do tempo toda manhã, embora não fosse necessário. Quando uma tempestade se aproximava, eu *sentia*. Minha pele formigava, meus ossos doíam, e o fogo no meu coração e em meu sangue, a sensação que se acumulava dentro de mim desde a primeira vez que fui atingida, ficava mais forte.

Exceto no dia do terremoto Puente Hills. Naquele dia, a tempestade tinha se materializado no meio de um céu azul-claro. Eu vira tempestades fazerem isso onde costumava morar, em Lake Havasu City, mas só durante a sufocante estação das monções, e elas costumavam acabar pouco depois de começarem. Mas tempestades em Los Angeles não aconteciam assim, do nada; era sempre possível vê-las chegando.

— Então, qual era a previsão? — perguntou Parker.

— Céu limpo a semana toda.

Ele assentiu.

— Que bom. A última coisa de que precisamos agora é... — Então parou de falar, lançando um olhar na minha direção. — Você sabe — murmurou.

Eu sabia. A última coisa de que precisávamos era outra tempestade elétrica, e não apenas porque as pessoas estavam dizendo que os raios poderiam ter causado o terremoto Puente Hills... Naquele dia, senti os raios estalando no céu a 25 quilômetros de distância, e só queria me enfiar no caminho deles. Precisei controlar cada célula do meu corpo para não entrar no carro e correr para o centro da cidade, na direção da tempestade, tentando tirar uma casquinha. Mesmo quando os tremores começaram, quando

pareceu que o mundo inteiro desabaria se aquilo não parasse, a única coisa em que conseguia pensar era atrair os raios para mim. No quanto me sentiria viva. Na dor perfeita que poderia fazer qualquer coisa comigo. Até mesmo me matar.

Realmente, a última coisa de que precisávamos no momento era outra tempestade.

Mais à frente, o que restava do píer de Santa Monica se inclinava como uma rampa para o oceano. O mais longo dos pilares de madeira que sustentavam o píer se dobrara e se partira durante o terremoto, despejando centenas de turistas e dezenas de restaurantes cafonas no Pacífico. Uma parte da famosa roda-gigante ainda despontava da água, como a coluna de alguma besta marinha de Lovecraft emergindo das profundezas.

Estendidas na areia, de cada lado do píer desabado, estavam milhares de tendas e barracões improvisados. Multidões perambulavam na praia. Sem rumo. Esperando para ter suas vidas de volta. E, no meio da desordem, a enorme tenda branca do Profeta — onde ele realizava os cultos da meia-noite — destacava-se como uma miragem, brilhando incandescente ao sol da manhã, as paredes de lona branca ondulando a uma brisa suave. Seguidores, vestidos de um branco impecável, perambulavam pelas multidões de habitantes da praia, oferecendo trocar garrafas de água ou biscoitos de aveia por um momento do tempo dos Desalojados. Mesmo da estrada, era fácil distinguir os Seguidores do restante das pessoas: pareciam pombas brancas em meio aos pombos sujos do parque.

Mesmo de longe, dava para ver como as pessoas estavam dispostas a ir atrás dos Seguidores até a Tenda Branca.

Baixinho, ouvi o som de vidro se quebrando e o disparo de um alarme.

— Mia, cuidado!

Parker agarrou o volante e o puxou para a direita. Bem a tempo. Evitamos por pouco atropelar um cara que atravessou a rua desabalado, carregando nos braços uma pilha tão alta de eletrônicos

roubados que mal conseguia enxergar à sua frente. Ele conseguiu cruzar a Ocean Avenue sem virar patê e desapareceu em um beco, na direção da Cidade das Tendas.

Eu parei com uma freada brusca no meio-fio e esperei que o inferno em meu peito se acalmasse. Meu coração estava na garganta, o corpo inteiro tremia com a descarga de adrenalina.

Um grupo de Seguidores se aproximou do carro, todos com placas erguidas acima das cabeças.

*O fim está próximo, dizia uma.*

*O Sexto Selo foi aberto, estampava outra.*

*Fomos avisados.*

*A verdadeira tempestade ainda está por vir.* Encarei a Seguidora que erguia essa última. Ela sorriu e acenou, como se fôssemos velhas amigas, então gesticulou para que eu abaixasse o vidro da janela.

Pisei no acelerador e devo ter deixado marcas de borracha para trás quando saí, queimando os pneus, para longe do meio-fio.

Parar na escola foi uma loucura. Ônibus e carros engarrafavam o estacionamento. Ninguém parecia saber quem ia ou vinha. Em geral, havia alguém no local para controlar o trânsito, mas parece que essa pessoa não aparecera para trabalhar.

Assim que saímos do carro, mergulhamos em gritos, buzinas e apitos que acompanhavam o desembarque dos outros alunos dos ônibus. Para reduzir o trânsito nas estradas — que ainda estavam bloqueadas em diversas áreas, com barricadas ou escombros —, os alunos de volta às aulas foram aconselhados a pegar ônibus, mesmo que tivessem carro ou que os pais pudessem levá-los. Mas, com minha mãe sozinha em casa, eu não me sentiria confortável ficando presa na escola até os ônibus chegarem, no fim do dia. Queria poder correr para casa e ver como ela estava, se precisasse.

Dois milicianos tentavam organizar o fluxo de pessoas em uma fila, mas eram ignorados. Os jovens empurravam e brigavam para

abrir caminho até a escola, embora não fôssemos receber as rações até o fim do dia. Alguém passou por mim empurrando e esmagou meus dedos dos pés. Outra pessoa me acertou nas costelas com o cotovelo. Não é que houvesse mais gente do que o normal por lá: havia muito menos. Mas todos estavam enlouquecidos. Desesperados. Famintos. Em prantos. Doentes.

Com medo.

Mas não os Seguidores. Os Seguidores estavam perfeitamente calmos e destacados do restante, os olhos brilhando como estrelas, os sorrisos sábios despontando nos cantos da boca. De alguma forma, eles me incomodavam mais do que o restante da multidão, até mesmo os jovens que sofriam de febre do vale, com a pele vermelha de irritação, os lábios, as pálpebras e as bordas do nariz e das orelhas incrustados de feridas amareladas. A febre do vale acionava o sistema imunológico, fazendo com que as células brancas atacassem células saudáveis. Seus corpos estavam basicamente em guerra contra si próprios.

Olhar para os doentes fez meu estômago se revirar, mas ver os Seguidores tão de perto daquele jeito, na vida real, não no programa *A Hora da Luz*, me fez sentir vontade de dar meia-volta e sair correndo. Correr o mais rápido possível e levar Parker comigo.

Mas não podíamos sair correndo, nenhum de nós. A não ser que quiséssemos morrer de fome.

O primeiro sino soou como um pássaro débil, enquanto Parker e eu abríamos caminho pela multidão e seguíamos para o prédio principal. O sistema de sinos deve ter sido danificado durante o terremoto. Mais uma coisa que estava fora do eixo, quebrando enquanto a cidade era sacudida como se estivesse dentro de um globo de neve — só que sem neve.

Pensei no que o Miliciano Brent dissera. *Está na hora de as coisas começarem a voltar ao normal por aqui.* Ao olhar em volta, impressionada com a quantidade de alunos que vestia a roupa branca dos Seguidores e os muitos outros que pareciam ter saído de

um campo de refugiados, tão magros que os olhos estavam fundos, os lábios rachados e a pele esbranquiçada devido à desidratação, tive a sensação pesada de que não encontraria nada remotamente próximo do normal em Skyline.

Ao me aproximar da escola, ouvi vozes elevadas, seguidas de um grito de dor e surpresa. Parker e eu congelamos onde estávamos, o que nos rendeu alguns resmungos e empurrões dos alunos que vinham atrás. Um grupo de meninos com olhos ardilosos e selvagens e a pele e as roupas sujas cercava um garoto muito menor e de aparência mais frágil. Um dos garotos selvagens torcia para trás o braço do menino menor, e outro acertou um soco na altura dos rins. Ele gritou de novo. Sua mochila caiu no chão.

Olhei para o fluxo de alunos se movendo na direção da escola, esperando que alguém se pronunciasse. Que alguém fizesse alguma coisa. Vi pessoas assistindo pelo canto do olho e outras que fingiam nem ver. Vi pessoas andando mais rápido, provavelmente com medo de serem as próximas vítimas.

Uma onda de calor pulsou em meu peito, latejando como um segundo coração. O som ecoou por meus ouvidos. Inspirei.

*Mantenha a calma, Mia. Você sobreviveu às últimas quatro semanas sem implodir, pode sobreviver aos próximos minutos.*

Os garotos selvagens soltaram o menino e o empurraram para longe. Ele cambaleou e se agarrou ao mastro da bandeira para se equilibrar. Lágrimas escorriam de seus olhos, e o menino as limpou com raiva usando a manga da camisa.

A paralisia de Parker cedeu lugar à ação, e ele avançou na direção dos agressores. Eu o detive.

— Não — falei, com firmeza.

Os olhos de Parker estavam lívidos.

— Eles não podem sair impunes.

— Já saíram.

O grupo de garotos abriu a mochila do menino, despejou os livros e papéis e saiu com o que restou dentro, que devia ser uma garrafa

de água e uma barra de cereais. A mochila parecia quase vazia.

Parker se desvencilhou de mim e, por um segundo, achei que iria atrás do grupo. Mas meu irmão tinha agido tarde demais. O grupo já sumira.

Ele se voltou para mim.

— Eu podia ter feito alguma coisa.

— Podia ter levado uma surra.

— Melhor do que ficar aqui assistindo! — Ele ergueu a voz ao dizer isso, então forcei a minha para parecer calma, embora estivesse fervendo por dentro.

A multidão se abriu ao nosso redor, fingindo não ver meu irmão e eu brigando.

— O que acha que aconteceria se você voltasse para casa arrasado e machucado? A mamãe ia desmoronar. Pense nisso, Parker. Pense nela.

Meu irmão me olhou com raiva.

— Ela não é a única pessoa no mundo que precisa de ajuda.

Foi com essas palavras que ele me deixou, mergulhando de volta na procissão de alunos.

Eu me virei mais uma vez para o menino que ainda se segurava ao mastro. Ele ainda apertava a barriga na parte em que levara o soco, a boca contorcida de dor e os olhos voltados para o céu, talvez para que ninguém visse as lágrimas, talvez para olhar para a bandeira que estava a meio mastro, em homenagem aos mortos, onde provavelmente ficaria por muito, muito tempo.

Uma menina vestida de branco se aproximou do menino, estendendo um lenço. Ela sorria como se nada houvesse de errado no mundo. E falou baixinho com ele, mas eu estava perto o bastante para ouvir.

— Você aceitou a Palavra de Rance Ridley Profeta como a Palavra de Deus? — perguntou.

O menino fez que não com a cabeça, mas aceitou o lenço.

Segui em frente antes que pudesse ouvir mais, mas olhei para trás outra vez e vi que ainda estavam conversando, o que fez um calafrio percorrer minha espinha. Entrei no grupo do restante de jovens despenteados e de rosto macilento que se arrastava para a escola, mantendo distância dos Seguidores. Quando cheguei às escadas de cimento, vi que alguém havia pichado os degraus com spray branco. Uma palavra em cada degrau.

QUE  
LADO  
VOCÊ  
VAI  
ESCOLHER?

Minha cabeça latejava enquanto eu passava por cima da pergunta.

Estava atravessando a porta quando uma garota com cabelo preto e longo virou na minha frente, empurrando-me para o lado e derramando metade do café que carregava em um copo térmico na minha gola rulê.

— Ei! Cuidado!

Fiquei parada com os braços abertos, pingando.

A garota parou e se virou devagar para me olhar. A fala de algum programa infantil que eu costumava assistir passou pela minha cabeça. *Uma dessas coisas não é como as outras...*

A garota não se encaixava. Enquanto quase todos pareciam ter passado por uma guerra, aquela garota parecia achar que estava na fila de uma boate. Usava um vestido preto justo e botas de salto alto, dessa mesma cor. Os lábios estavam pintados de um tom de vermelho que me fez pensar em sinais de trânsito. Não me lembrava de tê-la visto na escola antes do terremoto, e era o tipo de pessoa que não se apagaria da memória. Se não estava matriculada em Skyline, não teria direito a receber auxílio. Talvez achasse que

poderia seduzir a equipe de ajuda para conseguir comida. Pela aparência dela, acho que funcionaria.

Olhei ao redor e vi que a multidão se dissipara. Agora, éramos apenas eu e a garota de preto.

— Você podia pedir desculpas — falei para ela, quando a garota simplesmente ficou parada ali, sem dizer uma palavra. O cheiro do café sendo absorvido pela minha gola me fez salivar. Não bebia café havia semanas.

— Desculpe — disse a menina, indiferente, olhando para mim de um jeito direto demais, sorrindo como as pessoas sorriem quando têm um segredo que mal podem esperar para contar. — Não vi você — acrescentou. — Que estabanada, né?

Ela não parecia estabanada. Parecia o tipo de pessoa que podia caminhar sobre o gelo com aquelas botas de salto agulha sem sequer escorregar.

— Que lado vai escolher? — perguntou a garota.

— Hã?

— A pergunta nos degraus. Que lado vai escolher?

— Quais são minhas opções?

— Nós — respondeu, levando a mão ao peito — ou eles. — Com a cabeça, ela indicou a Seguidora que ainda falava com o menino perto do mastro.

— Que tal nenhum dos dois?

A garota gargalhou.

— Mas você ainda não ouviu minha propaganda. É boa. Acho que vai gostar.

O segundo sino tocou. Perfeito. Eu estava oficialmente atrasada para o primeiro dia de volta às aulas. Para o bem da garota de preto, era bom que aquilo não me desqualificasse para conseguir o que tinha vindo buscar.

— Não estou interessada — falei.

O sorriso misterioso dela sumiu, e a garota abriu a boca para dizer outra coisa, mas não dei chance. Passei por ela e entrei na escola.

E parei.

Fiquei boquiaberta. Ouvi um som sair da garganta, parecia ar vazando de um pneu furado.

Toda a extensão do corredor, cerca de dez metros, estava completamente coberta de fotografias e panfletos, do chão ao teto, e o azulejo na lateral do chão estava cheio de buquês e flores avulsas. O ar estava pesado com a mescla de aromas. Resisti à vontade de cobrir o nariz e a boca como se sentisse cheiro de lixo. O lugar inteiro fedia a funeral.

Eu me aproximei de uma parede e observei uma colagem de fotografias. Rostos. Tantos rostos. Adultos. Crianças. Homens e mulheres idosos. Bebês. Cães. Gatos. E legendas, a maioria escrita à mão em pedaços de papel, presos com alfinetes sob as fotos.

*Sentiremos muito a sua falta.*

*Sempre vamos te amar.*

*Nunca me esquecerei de você.*

*Sei que você está em um lugar melhor.*

Havia poemas e bilhetes maiores, além de obituários, e senti os olhos ardendo.

— Esta parede é para os mortos.

Dei um salto, surpresa. Não tinha reparado que a garota de preto estava ao meu lado.

Pisquei para afastar as lágrimas dos olhos antes de encará-la.

— É, imaginei.

A garota se virou e olhou para a parede oposta. O salto afiado atravessou uma pétala de rosa.

— Aquela parede é para os desaparecidos, as pessoas que sumiram depois do terremoto. Que não foram encontradas.

Pensei na minha mãe, soterrada no Deserto com os outros mortos, esperando o ar acabar. E se ela nunca tivesse sido encontrada? Será que eu teria colocado a foto dela naquela parede, esperando que alguém a tivesse visto? Torcendo para que ainda estivesse viva, perdida na confusão de algum hospital?

Senti o pânico crescendo dentro de mim. Tentei respirar, mas não conseguia levar oxigênio aos pulmões. O calor que morava em meu peito se incendiou, como carvão quente que não tinha se apagado de fato.

A garota de preto inclinou a cabeça e me observou com curiosidade, uma expressão meio sonhadora no rosto.

— Você está bem? — perguntou.

Disparei. Precisava sair daquele corredor, onde todos os mortos e desaparecidos me encaravam das fotografias. Um corredor que tinha o fedor de flores que mais pertencia a uma funerária do que a uma escola.

E mais do que qualquer coisa, por motivos que eu não entendia, eu precisava me afastar da garota de preto.



Não consegui ir direto para a aula. Ainda não. Precisava de um momento sozinha para me recompor. Já estava atrasada, então que problema seria levar alguns minutos mais?

Estava no lounge feminino do primeiro andar. Não tinha certeza de quem começara a chamar o banheiro feminino de “*lounge*”, como se, ao entrar, a pessoa fosse recebida por sofás de veludo, martinis de *grapefruit* e música eletrônica ambiente, mas o nome pegou. Enfim, era só um banheiro de escola, como qualquer outro. Paredes cinza. Piso de azulejo cinza. Cabines pintadas de cinza. Até a luz zumbindo nos tubos fluorescentes acima era meio acinzentada. Se alguém quisesse saber qual seria sua aparência depois de um embalsamado, bastava se olhar no espelho do lounge.

Estava silencioso do lado de dentro, exceto pelo pinga-pinga de uma torneira vazando, mas olhei por baixo das cabines para me certificar de que estava sozinha antes de tirar as luvas. As pessoas deviam achar que eu tinha escamas por baixo das roupas. Mas não, são apenas figuras de Lichtenberg. É o nome técnico para as cicatrizes de raios, que supostamente são causadas por descargas de

elétrons pela pele. Na maioria das pessoas atingidas, as marcas somem em alguns dias. As minhas nunca sumiram. Aumentavam cada vez que eu era atingida. Apenas meu rosto fora poupado, e eu era grata por isso. Não era um rosto ruim. Olhos grandes, cinzentos. Boca pequena. Bochechas redondas. Mas, se eu fosse atingida de novo... era quase certo que as cicatrizes cresceriam, e não tinham mais para onde ir, a não ser para cima.

Deixei a água correr até que estivesse gelada e a joguei no rosto. É isso que personagens de filme fazem quando estão se sentindo confusos, não é? Jogam um pouco de água no rosto. Mas, de alguma forma, as mulheres conseguem fazer isso sem estragar a maquiagem. Deve haver algum truque, porque acabei ficando com os olhos de uma viciada em heroína. Tentei esfregar as manchas de rímel que escorriam pelas bochechas e só consegui espalhar mais, manchando as mãos.

O dia só ficava melhor.

Borrifei sabão nas mãos em concha e esfreguei até que estivessem com espuma, então usei a ponta dos dedos para tirar o rímel dos olhos, deixando-os vermelhos, irritados e um pouco manchados nos cantos. Então senti o ardor do sabão nos olhos e os fechei com força.

— Com licença. Posso fazer uma pergunta?

A voz era educada, inquiridora, e me deixou alerta na mesma hora. Olhei para cima, com o rosto pingando água, para descobrir quem tinha se esgueirado por trás de mim e invadido meu espaço pessoal.

A camisa branca de mangas longas estava abotoada tão apertada no pescoço que era incrível que ela conseguisse respirar, e os cabelos estavam presos para trás com tanta seriedade que os olhos pareciam esbugalhados. Mas imaginei que os olhos saltariam para fora mesmo sem o rabo de cavalo masoquista e o colarinho estrangulador. Havia uma intensidade naquela garota. O fervor que os Seguidores da Luz, os Seguidores de Rance Ridley Profeta, pareciam possuir.

Mas ela nem sempre tivera aquela aparência. Quando apertei os olhos para o reflexo no espelho, eu a reconheci. Era como ver uma daquelas ilusões de ótica na qual uma imagem em 3-D salta de uma estampa. A imagem que saltava agora era de uma garota chamada Rachel Jackson, que se sentava algumas cadeiras à minha frente na aula de biologia. Mas a Rachel Jackson de que eu me lembrava era gótica e tinha mechas azuis nos cabelos pretos e uma tatuagem de cruz celta na nuca. E agora era uma Seguidora? Talvez o mundo estivesse *mesmo* chegando ao fim.

Fiquei me perguntando há quanto tempo Rachel estava de pé atrás de mim. Será que vira as cicatrizes de raios em minhas mãos? Não, ainda estavam cobertas por espuma. Não enxaguei, apenas fechei a torneira e enfiei as mãos ensaboadas nas luvas, fazendo careta.

— Com licença. Posso fazer uma pergunta? — repetiu ela, como se fosse a primeira vez.

— Sabe, tem mais umas dez pias que você pode usar.

Com as luvas seguras no lugar, virei as costas para a torneira. Nossos narizes estavam a três centímetros de um beijo de esquimó.

— Sou a Irmã Rachel — começou ela.

Uma das minhas sobrelhas se ergueu.

— É, eu sei quem você é — falei. — Biologia, lembra? Fazemos essa aula juntas.

Pelo jeito eu era invisível. Mas tudo bem. Depois do modo como deixei as coisas em Lake Havasu City, ficaria bem feliz se vivesse o resto da carreira escolar no anonimato.

Rachel piscou uma vez, devagar.

— É Maya?

— Mia.

Ela sorriu. A Rachel Jackson que eu conhecia nunca sorria.

— Bem, Mia... — Adivinhei as palavras seguintes, antes que ela as dissesse. — Estava aqui me perguntando se você já aceitou a Palavra de Rance Ridley Profeta como a Palavra de Deus?

— Não — falei — e não vou...

Rachel continuou, como se eu não tivesse me pronunciado:

— Então eu gostaria de convidá-la para participar de um culto da meia-noite na Igreja da Luz, hoje mesmo. Será realizado pelo próprio Rance Ridley Profeta. — As palavras ensaiadas saíram em um só fôlego.

Antes do terremoto, havia talvez três alunos que vestiam o branco dos Seguidores. Naquela época, as pessoas mais sãs ainda consideravam que a Igreja da Luz fosse mais um grupo de extremistas evangélicos doidos. Então Rance Ridley Profeta previu com precisão alguns desastres naturais e crises mundiais em *A Hora da Luz*, e pessoas do mundo todo começaram a levar ele e a Igreja a sério. Quando o Profeta previu o terremoto em Puente Hills, acertando em cheio, as pessoas de Los Angeles começaram a levá-lo a sério. Sério demais.

Eu não entendia. E daí que o Profeta tivesse previsto o terremoto antes que acontecesse? A Califórnia era a terra dos terremotos! Todo mundo sabia que já estava mais do que na hora de acontecer um dos grandes. O Profeta devia ter um cientista de estimação trancafiado no porão, calculando as probabilidades de terremotos e dando informações. A ideia de que Deus contara a ele as datas e os horários precisos em que eventos cataclísmicos aconteceriam não estava na minha lista de explicações lógicas.

Além disso, eu tinha um desprezo especial por organizações, religiosas ou não, que apontavam para essa ou aquela pessoa e as condenavam como más — talvez porque tive esse dedo da condenação apontado para mim no passado. Muita gente em Lake Havasu City sabia da minha bizarrice de para-raios humano e me evitava, mas algumas faziam questão de me informar que ser atingida por raios era uma punição de Deus, e que eu devia ter feito algo terrível para merecer Sua ira. Minha própria avó fora uma delas.

Minha pele pinicava por causa do sabão secando dentro das luvas.

Rachel ainda esperava uma resposta.

— Sabe... obrigada pelo convite — falei —, mas cultos... não são minha praia.

— Tem certeza?

— Bastante. Muita certeza. Cem por cento, na verdade.

— Irmã Mia...

— Só Mia está bom.

— Somos todos irmãos e irmãs aos olhos do Senhor — retrucou Rachel.

— Sei.

Eu preferia uma visão de mundo menos incestuosa, mas guardei esse pensamento para mim.

Rachel inclinou a cabeça e me avaliou.

— Mia, posso dizer o que vejo quando olho para você? — Ela não esperou resposta. — Uma garota com a fisionomia perturbada de alguém que está em busca de algo.

Parabéns por ser tão sutil e vaga, pensei. Mas não pude me conter. Fisguei a isca.

— Algo? — indaguei, desafiando Rachel a me convencer de “algo”. Qualquer coisa.

— Verdade. Propósito. Conforto. — Ela sorriu. — Luz.

— Todos os quatro? Ou é múltipla escolha?

— Nesses tempos sombrios, todos precisamos de alguma coisa — disse Rachel. — O que quer que você busque, o Profeta pode fornecer. Basta pedir.

Eu não aguentava mais.

— Sabe o que quero? Quero que vocês, Seguidores, me deixem em paz. E olha que digo isso com a melhor das intenções. Não fui atrás de vocês em busca de respostas para os meus problemas e nunca visto branco, então você está desperdiçando seu tempo.

— Acho que devia reconsiderar — falou Rachel, mas agora a voz estava fria, quase ameaçadora.

Ainda não tinha saído do meu caminho. A sensação do sabão secando dentro das luvas estava se tornando insuportável, e o calor

dentro de mim, faiscando no peito como uma daquelas velas de aniversário que não apaga, estava acordando, começando a pulsar de novo, a cozinhar meu sangue. Eu precisava sair dali. Será que nenhum lugar naquela escola era seguro?

Tentei passar por ela com cuidado, mas a mão de Rachel foi parar no meu braço de repente. O sorriso tinha sumido, mas os dentes ainda estavam à mostra, assim como a parte branca ao redor das íris castanhas. Os lábios dela se retraíram dos dentes como faixas de frutas secas. A luz ali era mesmo horrível.

— Você tem algo que o Profeta quer. E *irá* até ele, ou morrerá quando a tempestade chegar e o sexto selo for aberto por completo. Sofrerá e morrerá com o resto dos descrentes, então vai queimar no inferno para sempre. Quando nega a Palavra de Rance Ridley Profeta, está negando a Palavra de Deus.

Puxei o braço, tentando me desvencilhar dela, mas Rachel segurava firme, parecia colada em mim.

— Me larga — exigi, as palavras mal saindo pelos dentes trincados.

Rachel me ignorou.

— *Cínica*. — Ela cuspiu a palavra, e cuspiu de verdade. Gotinhas úmidas chegaram a salpicar minha bochecha.

Usei a mão livre para limpar o rosto, estremecendo de ódio.

O calor se acumulou dentro de mim, concentrado no centro do peito. Queimava o coração, uma brasa que viraria chama e me consumiria de dentro para fora. Pelo menos, era o que parecia. Senti gosto de metal. Um cheiro saía de mim, como fios queimados e ozônio. Como o momento antes de uma tempestade partir o céu.

*Controle-se, Mia. Respire fundo. Pensamentos felizes. Estado zen...*

— O Dia do Juízo Final está próximo, e, quando chegar, você queimará com o resto dos cínicos que se recusaram a ouvir o aviso do Profeta — falou Rachel. — A hora está chegando, e logo. Você vai sofrer e *queimar*, e suas cinzas serão lançadas na escuridão! Você vai...

A porta do lounge se escancarou.

A garota de preto entrou, como se estivesse esperando o momento certo.

Um sorriso lento se formou nos cantos de sua boca. O dedo torcia uma mecha do cabelo preto. Se existia uma pessoa que era a antítese de um Seguidor, era ela, com seu vestido preto colado ao corpo como tinta, e os saltos das botas finos o bastante para servir como arma.

Os olhos brilharam ao verem a mão de Rachel. A mão que ainda segurava meu braço. O sorriso permaneceu, mas não havia nada amigável nele. Havia uma escuridão vítrea em seus olhos, como espelhos apontados para a noite sem estrelas. O que quer que Rachel tivesse visto naqueles olhos, não devia ter gostado. A Seguidora me soltou e, finalmente, deu um passo para trás.

— Você é uma *deles* — falou Rachel.

Achei que estivesse falando com a garota de preto, mas, quando olhei para ela, vi que os olhos estavam voltados para mim, de modo obviamente acusatório. Eu nem sabia quem eram “eles”.

Rachel e a garota se encararam. Aquilo me fez lembrar de um documentário sobre a natureza, com cervos prontos para cruzar as galhadas por causa de uma fêmea. Eu me senti como a fêmea.

— Essa Seguidora está incomodando você? — perguntou a garota de preto.

— Ah, há...

A resposta era um sonoro sim, mas por algum motivo eu não conseguia admitir a verdade. Os olhos de Rachel se voltaram para mim, esperando que eu a entregasse. Toda sua postura mudou assim que a garota de preto entrou no lounge. Rachel parecia sentir medo. Estava defensiva e desafiadora, mas também com medo.

— Ela já estava indo embora — respondi.

A garota de preto não estava convencida. Seus olhos negros se semicerraram enquanto ela encarava Rachel.

— O que eu falei para você?

A Seguidora deslizou na direção da porta.

— Não lembro.

A garota de preto entrou na frente dela.

— Tem certeza? Porque foi uma mensagem *tão* simples. E se eu der uma dica?

— Fique longe de mim — murmurou Rachel.

— Pensando bem, vou repetir. — A garota enfatizou a frase cutucando a Seguidora na altura do peito. Com força. Como se estivesse tentando quebrar o esterno. — Esta escola é território dos Caçadores. Nós o reivindicamos primeiro. Isso significa que você e o resto das suas ovelhas devem fazer seu recrutamento em outro lugar. Se eu pegar você pregando aqui mais uma vez, haverá consequências, e prometo que você não vai gostar. — A garota beliscou a bochecha de Rachel, deixando uma mancha vermelha. — Tente se lembrar desta vez.

A garota de preto saiu da frente, e Rachel foi para a porta. Então parou e olhou para mim.

— Não se junte a eles — disse. — Venha até o Profeta. Ele vai perdoar. O que quer que tenha feito, não importa o tamanho do pecado. Pense nisso, Mia. Redenção. É isso o que você busca, não é? Redenção e perdão pelo mal que fez.

Já ia mandá-la calar a boca, mas minha garganta não queria soltar as palavras.

A garota de preto deu um passo na direção de Rachel.

— Suma daqui.

Rachel estufou o peito e, por um breve instante, tive um lampejo da gótica que ela costumava ser antes de ser engolida por aquela nova persona.

— Não tenho medo de você — falou. — Não há luz em você, Caçadora. A única coisa que poderá ser a vida toda é uma recrutadora, escondida atrás daqueles no seu culto que possuem poder de verdade.

Parecia impossível que os olhos da garota ficassem mais escuros, mas ficaram. No entanto, ela não teve a chance de responder. Rachel empurrou a porta de vaivém. Antes de sair, vi sua nuca de relance. A tatuagem com a cruz celta sumira, fora substituída por uma cicatriz irregular, como se tivesse sido queimada.

Então fiquei sozinha com a garota de preto.

O calor em meu peito se acalmou assim que Rachel saiu. Inspirei fundo e expirei, sacudindo a cabeça. Qual era o meu problema? Não tinha chegado perto de perder o controle desde aquele dia no Arizona, quando minha família fugiu da cidade em que tínhamos passado a vida inteira. Mas eu estava nervosa. Era esse tipo de dia. Tinha sido esse tipo de mês.

*Pense nisso, Mia. Redenção. É isso o que você busca.*

Outra onda de calafrios percorreu minha espinha como uma escada rolante.

— Malditos Seguidores — falou a garota de preto, virando-se para mim.

— Benditos, quer dizer. — Minha voz saiu trêmula.

A garota riu uma vez, uma gargalhada curta.

— Então seu nome é Mia? Desculpe pelo café mais cedo — disse ela. — Ainda bem que estava vestindo preto. Nem consigo ver a mancha.

Eu conseguia ver a mancha muito bem.

— Sou Katrina, a propósito. — Ela estendeu a mão. As unhas estavam pintadas do mesmo vermelho dos lábios. A cor da placa de “pare”. E, no centro da palma da mão, havia uma cicatriz em formato de anel. Parecia uma cicatriz de queimadura. Uma marca.

Hesitei antes de apertar a mão dela. Não tinha certeza do motivo. Talvez porque eu não quisesse chamar atenção para minhas luvas, não quisesse que ela ouvisse o ruído úmido se apertasse minha mão. Ou talvez porque parecia uma coisa estranhamente formal de se fazer no lounge.

Talvez porque aquela cicatriz circular tivesse servido de aviso para eu tomar cuidado.

Quando nossas mãos se tocaram, Katrina fechou os olhos. Então arquejou e soltou minha mão depressa, depois sacudiu a dela um pouco. Katrina fez uma careta, como se tivesse sido ferida.

— Você com certeza tem — disse. — Que bom que esbarrei em você hoje cedo. Senti logo naquele momento, mas foi tão rápido que não tive certeza.

Meu estômago se encheu de remorso.

— Não faço ideia do que está falando.

— A Centelha. — Ela levou a mão à minúscula bolsa de couro que pendia em uma longa alça transpassada no ombro, então pegou algo pequeno, chato e retangular. Um baralho de cartas preso com uma fita de cetim preta. Katrina embaralhou depressa no ar, como um mágico, então abriu o baralho em leque para mim, as cartas voltadas para o chão.

— Escolha uma — disse.

— Isso é um truque?

— É um convite.

Caminhei na direção da porta devagar.

— Preciso ir para a aula.

— Só vai levar um segundo.

As cartas eram maiores do que o normal e pareciam muito finas, como se fossem antigas. Escolhi uma e a tirei do baralho. Era ainda mais mole do que parecia, feito tecido. Eu a virei, segurando de um jeito que apenas eu podia ver.

Nunca fiz leitura de tarô, mas tinha visto muitas ciganas no calçadão de Venice em ação. A carta que segurei entre dois dedos tinha a imagem de uma torre de pedra à beira de um penhasco. Um relâmpago atingia a torre, e pessoas caíam do alto, gritando a caminho do solo. Os olhos dos caídos pareciam voltados para fora da carta, para mim, acusatoriamente.

Não precisava ler a legenda na base para saber o nome.

A Torre.

Durante o terremoto, a Torre foi o único arranha-céu do centro da cidade a permanece de pé. Era a estrutura mais nova e mais alta, construída em resposta aos arranha-céus imensos e reluzentes vistos em Dubai. A construção da monstruosidade terminou poucos meses antes do terremoto, e foi chamada simplesmente de Torre, como se a altura por si só a isentasse da necessidade de maiores descrições.

— Mostre para mim — pediu Katrina.

Minha garganta estava seca. Virei a carta para que ela pudesse ver, e os olhos da garota se arregalaram.

Ela arrancou a carta da minha mão e colocou de volta no baralho. Então embaralhou de novo, murmurando baixinho enquanto isso.

Katrina abriu as cartas em leque de novo.

— Escolha de novo.

— Por quê?

Ela empurrou as cartas na minha direção.

— Escolha.

Tive outro vislumbre da cicatriz vermelha e alta na palma da mão direita dela, mas a maior parte estava escondida pelas cartas.

— Tudo bem, tudo bem.

Puxei outra carta do baralho, balançando a cabeça, espantada. Tive uns dias estranhos ao longo da vida. Alguns dias *muito* estranhos. Mas aquele definitivamente chegava ao top dez.

Virei a carta para que as duas pudéssemos ver.

— A Torre. — Katrina soltou a palavra com um suspiro.

Tentei entregar a carta de volta para ela.

— Truque legal — falei. — Qual é o segredo?

— Já falei que não é um truque. — A garota me encarou com aqueles olhos vítreos. A voz ficou mais baixa. — É um convite.

Ela não pegou a carta de volta.

— Fique com ela por enquanto — falou. — Pode me devolver depois da aula. Me encontre na sala 317.

— O quê? Por quê?

— Vamos conversar sobre isso depois.

Balancei a cabeça.

— Não posso ir. — A cada palavra de Katrina, eu me convencia mais e mais de que não queria ter nada a ver com ela.

Ela me encarou por mais um momento, então assentiu para si mesma.

— Você virá — murmurou, e, antes que eu pudesse assegurá-la de que estava errada, saiu do lounge, me deixando sozinha com aquela carta da Torre na mão.



Almoço. Era metade do motivo pelo qual Parker e eu tínhamos voltado à escola, mas, ao passar os olhos pelo refeitório lotado, não vi meu irmão em lugar algum.

Considerando quantas pessoas estavam na fila no balcão e acotoveladas nas mesas, o refeitório parecia estranhamente silencioso, ainda mais se comparado ao caos no estacionamento, naquela manhã. Não havia brincadeira nem conversa. Os alunos comiam concentrados, e os que estavam na fila da comida traziam expressões de extrema atenção nos rostos macilentos.

Não pude deixar de notar que os grupinhos de sempre eram coisa do passado. Parecia haver apenas duas divisões agora: Seguidores se sentavam com Seguidores, o restante se sentava com o restante. Quase metade das mesas vestia branco. Ao ver os Seguidores daquele jeito, reunidos em massa, fiquei chocada com a quantidade.

Não vi Parker, mas reparei que Rachel Jackson estava sentada à mesa perto das janelas, cercada por Seguidores. A luz que entrava pelo vidro tornava aquelas roupas brancas tão reluzentes que precisei desviar os olhos.

Não conseguia lembrar a última vez que havia comido o almoço da escola, mas o cheiro de comida quente, mesmo sabendo que saía de um balde de gororoba de tamanho industrial, fez meu estômago se contorcer de fome. Mesmo assim, senti que devia procurar Parker. Depois do que vimos naquela manhã — e do que acontecera no lounge —, fiquei preocupada em deixá-lo sozinho. Precisávamos ficar juntos.

Mas já era quase a minha vez na fila, e não queria perder o lugar. Era quase certo que meu irmão tinha encontrado os amigos e que estavam a caminho do refeitório. Ele viria.

Eu estava de costas para o começo da fila, procurando Parker, quando senti um cutucão entre as omoplatas. Virei de frente e de repente vi duas garotas diante de mim que não estavam ali antes, uma alta e uma atarracada, as duas com cabelos enebados, embaraçados e emanando um cheiro azedo, como se não tomassem banho há um tempo. Fiz uma oração silenciosa aos deuses do encanamento por nossa água ter chegado lá em casa naquela manhã.

As garotas ficaram de costas para mim.

— Ei — falei, e fui ignorada. — *Ei*. — Dei um tapinha no ombro da mais alta.

— O quê? — Ela olhou para trás, irritada.

Reconheci a garota e a amiga. Eram a arremessadora e a receptora da equipe de softball, com ênfase no *eram*. Talvez ainda não tivessem entendido que a temporada tinha acabado.

— Vocês furaram fila — falei, pensando que, se eu informasse, elas se mancariam.

— Não furamos — disse a arremessadora.

— Furaram, sim.

— Prove. — Ela grunhiu a palavra com uma maldade tão desnecessária que me fez recuar um passo e esbarrar na pessoa de trás.

A arremessadora tinha um olhar que eu reconhecia, selvagem, como o do grupo de garotos daquela manhã. Um olhar que dizia que

esmagaria qualquer um que ficasse em seu caminho.

Ela olhou para a frente de novo quando chegamos ao começo da fila e, junto com a receptora, pegou a bandeja de comida das pilhas.

Mordi a língua e disse a mim mesma para deixar para lá. Só havia duas delas. Eu conseguiria minha comida, só seria alguns segundos mais tarde do que antes. Ainda assim, não era justo. Olhei para as pessoas enfileiradas atrás de mim. Elas pareciam irritadas, mas cansadas demais para fazer qualquer coisa a respeito.

— Ei, pessoal, aqui! — A arremessadora gesticulou com a mão, e várias de suas amigas se juntaram a ela, o bastante para preencher um banco de reservas.

Mordi a língua com mais força quando o restante da equipe de softball pegou as bandejas. Parece que eu estava errada sobre os grupinhos de sempre terem se desfeito. As garotas do softball eram robustas, uma força a ser respeitada, e sabiam disso. Se ficassem juntas, poucos ousariam mexer com elas. Ou enfrentá-las.

*Não é justo...*

O calor começou a se concentrar em meu peito de novo, e o som de garfos raspando no plástico sumiu, até que a única coisa que eu podia ouvir era a corrente de sangue quente pulsando em minhas veias, latejando nos ouvidos.

*Deixe para lá,* disse a mim mesma. Não importa. Esqueça isso.

Mas não era justo... Parker estava certo. As pessoas não deviam poder fazer o que bem entendessem. Tomar o que quisessem só porque eram maiores, mais fortes e estavam em maior número.

Fogo estalou como estática em meu coração, e me vi estendendo a mão até a arremessadora, embora o lado mais racional da minha mente ainda hesitasse.

*O que acha que vai fazer com ela? A mesma coisa que fez com aquele cara, lá em Lake Havasu City? Ele não mereceu, e essa garota também não merece. Deixe. Isso. Para. Lá.*

Suspirei, sabendo que a voz tinha razão. O fogo crepitante em meu coração se acalmou. Deixei o braço abaixar quando fui distraída

por um movimento em minha visão periférica.

Cerca de meia dúzia de jovens se aproximaram das furadoras de fila. O grupo era aleatório, formado de garotos e garotas de idades variadas. Eram calouros e veteranos, populares e geeks — como Andrew “Esqui” Buckley. Esqui de esquizofrênico paranoico, não que ele fosse um, até onde eu sabia. Paranoico com certeza, mas talvez não esquizofrênico. Esqui era um grande adepto de teorias da conspiração e tinha um blog famoso sobre o assunto. Eu costumava ver panfletos divulgando o endereço virtual de “Atire no Mensageiro”, seu blog, colados pela escola.

E havia outra pessoa que eu conhecia, um garoto alto, magro e negro com quem Parker andava de vez em quando. Quentin alguma coisa. Não conseguia lembrar o sobrenome. Tinha ido a nossa casa algumas vezes, mas eu não troquei mais de cinco palavras com ele. Mesmo assim, alguma coisa a respeito de Quentin tinha mudado desde a última vez que o vi. Eram os olhos. Havia uma quietude neles, uma vigilância. Era quase predatória.

E cada um dos jovens daquele grupo tinha o mesmo olhar.

Era assustador, e mais assustador ainda era o modo como pareciam se mover como um único indivíduo, como se estivessem de alguma forma conectados, unidos por cordas invisíveis de marionetes, como pássaros em formação de voo.

Quentin falou com as furadoras de fila, a voz saiu alta e forte, mais adulta do que eu me lembrava.

— Vão para o fim da fila.

A arremessadora enrijeceu o corpo ao ouvir a voz de Quentin e se virou devagar, segurando a bandeja de comida diante do corpo como um escudo.

— Por quê? — desafiou, mas a voz não tinha mais o tom de certeza arrogante que tivera quando falou apenas comigo.

Quentin espalmou as mãos, como se tentasse se mostrar indefeso, mas o gesto não pareceu nem um pouco indefeso. Meus olhos

focalizaram o centro da palma dele, o anel perfeito que formava a cicatriz, que tinha mais ou menos o tamanho de uma bola de golfe.

Uma cicatriz como a de Katrina.

Quentin sorriu apenas com a boca.

— Vão para o fim da fila — repetiu.

Esqui acrescentou:

— Você e suas amigas estão cometendo desacato.

Ele alisou o bico de viúva do cabelo, que o fazia parecer o Drácula. Usava uma camisa preta com letras brancas grossas na frente que diziam: TIRANIA.

As jogadoras de softball trocaram olhares nervosos, e achei que insistiriam. Então a arremessadora deu de ombros e abaixou a cabeça, um sinal claro de derrota. Ela se retirou, e o restante da gangue a seguiu até o fim da fila.

Os olhos de Quentin encontraram os meus, que estavam tão arregalados quanto possível.

— É bom ver você de volta à escola, Mia — disse.

Então estendeu a mão com a cicatriz para mim.

Balancei a cabeça como se ele tivesse estendido uma armadilha para ursos já montada. Quis recuar, mas estava contra a parede.

Quentin franziu a testa. Achei que abaixaria a mão, mas, em vez disso, estendeu o braço para mim, e seus longos dedos se fecharam sobre meu pulso. Ele o segurou com delicadeza por apenas uma fração de segundo, antes de fazer uma careta e soltar. Quentin e o grupo trocaram olhares, e ele assentiu. Então todos deram as costas no que pareceu uma formação militar, de tão sincronizada, e ocuparam os assentos em uma mesa vazia do refeitório, onde as bandejas de comida guardavam seus lugares.

Enchi a bandeja e encontrei um assento do outro lado do refeitório, o mais longe que pude ficar de Quentin e de seu grupo de pessoas aleatórias. Mesmo assim, vi que eles olhavam na minha direção mais vezes do que eu gostaria. Tentei ignorar enquanto comia. Tentei fingir que ainda estava com fome, mas meu estômago

se revirava, formando vários nós. Nós duplos, na verdade. Ou talvez nós de força.

Parker ainda não tinha aparecido. Mal tinha tocado a comida quando me pus de pé num impulso e decidi ir atrás dele.

— Quer o resto disso? — perguntei para o menino ao meu lado, que era só pele e osso.

Ele não hesitou em pegar a comida das minhas mãos. Nem conseguiu dizer obrigado, de tão ocupado que ficou enchendo a boca de purê de batata.

Não demorei muito para encontrar Parker. Talvez eu soubesse onde ele estava o tempo todo.

— Oi — falei, baixinho, ao me aproximar.

Parker não tirou os olhos da parede de desaparecidos.

*Você viu esta pessoa?*, perguntava a parede, milhares de vezes.

Tive uma sensação de arrepio e olhei para trás, sentindo como se os olhos dos mortos na parede oposta me encarassem.

— Vai perder o almoço — falei.

Parker olhou para mim.

— Eles se foram — disse meu irmão.

— Quem se foi?

— Jake. Kadin. Asher. Saíram da cidade. Da última vez que tive notícias de Asher, ele disse que a família talvez fosse embora, mas...

— Parker deu de ombros, como se não tivesse energia para explicar como os amigos tinham sumido sem sequer deixar um bilhete de despedida.

— E vão voltar? — perguntei.

Novamente deu de ombros, e então se encurvou.

— Você voltaria?

Não respondi, porque a resposta era negativa. Também podíamos ter partido, não fosse pela condição de nossa mãe. Viajar não era aconselhável para pessoas com o distúrbio dela. Além do mais, não tínhamos para onde ir.

Eu não via Parker tão deprimido havia semanas. Procurei palavras de conforto em minha mente, mas não encontrei uma sequer.

Eu não tinha feito amigos desde que nos mudamos para Los Angeles, tinha apenas conhecidos. Amizades eram complicadas, e eu não precisava de mais complicações na vida. Mas Parker fizera três bons amigos — ou era o que achava — desde que nos mudamos. Eu até sentia um pouco de inveja do quanto tinham se tornado próximos. Parker e minha mãe eram as únicas pessoas em Los Angeles que conheciam meus segredos, e isso os tornava meus únicos amigos de verdade. As duas únicas pessoas no mundo em quem eu podia confiar.

— Tenho certeza de que teriam ligado para se despedir se pudessem — falei.

— Não importa. Eles foram embora. — O tom meticulosamente controlado na voz do meu irmão dizia que importava muito para ele.

Considerei mencionar que vira Quentin no refeitório. Saber que um dos amigos menos próximos ainda estava por perto poderia animá-lo. Abri a boca, depois a fechei de novo, pensando naquele olhar esquisito de Quentin, no modo estranho e sincronizado como ele, Esqui e todo aquele grupo se movia.

E naquela cicatriz.

— Viu isso? — Parker apontou para um panfleto preso no centro da parede.

GRUPO DE SOBREVIVENTES DO TERREMOTO  
SEG-SEX, 18:00-20:00  
SKYLINE HIGH SCHOOL, SALA 317

Sala 317. Por que aquilo soava familiar?

— Talvez uma coisa assim possa ajudar nossa mãe — comentou ele.

— Ela nem sai do quarto — lembrei a meu irmão. — Acha que conseguiríamos fazer com que viesse até a escola?

— Podíamos pelo menos tentar. Nada que fizemos até agora funcionou.

Havia tensão na voz dele. Percebi que Parker ainda estava irritado por eu tê-lo impedido de bancar o herói mais cedo.

Havia muitas outras cópias do panfleto presas à parede. Tirei aquela que Parker estava olhando.

— Vamos mostrar à nossa mãe e ver o que ela acha.

Dobrei o panfleto e tentei enfiar no bolso, mas ficou preso em alguma coisa. Tirei a carta de tarô que Katrina me dera. Tinha me esquecido dela.

*Me encontre na sala 317.*

— Isso é uma carta de tarô? — perguntou Parker.

Encarei a imagem da torre de pedra empoleirada na beira daquele penhasco. O raio amarelo irregular. As pessoas caindo e gritando, os olhos tão arregalados quanto as bocas escancaradas. Era perturbador como aqueles olhos pareciam voltados diretamente para mim, assim como os olhos dos mortos na parede do memorial.

— Sim — respondi, distraída.

— Onde você conseguiu isso?

Eu não queria contar a Parker o que tinha acontecido com Katrina, no lounge. Não queria dividir com ele o fardo de mais uma porção de loucura.

— Por aí.

Enfiei a carta e o panfleto dobrado no bolso. O que eu queria fazer era atirar aquela carta no lixo e torcer para nunca mais ver Katrina. Mas parecia uma relíquia. Eu não podia simplesmente jogá-la fora.

— Mia — falou Parker, com uma voz soturna. — Acha que nossa mãe vai ficar bem sozinha?

— Tenho certeza de que ela está bem.

Como irmã mais velha, era meu dever mentir para Parker a fim de apaziguar suas preocupações.

— Mentirosa — retrucou ele (parece que eu era péssima nisso), balançando a cabeça. O cabelo loiro e pesado de meu irmão roçou

suas sobrancelhas arqueadas. Acho que qualquer um que visse Parker e eu juntos não faria ideia de que éramos irmãos. Meu cabelo, que finalmente crescera até cobrir a nuca, depois que o último raio arrancou cada fio da cabeça, era de um tom muito próximo do preto. Os olhos de Parker eram verdes como uma garrafa de vidro. Os meus eram cinzentos. Ele parecia com nossa mãe. Eu parecia mais com o pai, que morreu de câncer no estômago havia tanto tempo que já nem me lembrava mais do seu rosto. Precisava olhar os álbuns de fotografia para me lembrar de como ele era, e sempre me surpreendia quando via meus próprios olhos me encarando das páginas.

— Deveríamos voltar para casa e ver como ela está — sugeriu Parker. — Se correremos, dá para estarmos de volta antes da próxima aula.

— Parker... não. Ela precisa se acostumar a não passarmos cada segundo do dia em casa. Pode ser bom para ela ter um pouco de espaço, sem a gente por perto. — Puxei Parker pela camisa e me encaminhei para o refeitório. — Vamos, talvez você ainda consiga comer.

Parker me seguiu, mas ficou um passo atrás.

No fim da parede de pessoas desaparecidas, o panfleto gêmeo daquele que eu tinha levado me chamou a atenção. Pelo menos achei que fosse o seu gêmeo. Havia uma pequena diferença que, quando reparei, fez meu estômago revirar.

GRUPO DE SOBREVIVENTES DE RELÂMPAGOS  
SEG-SEX, 20:00-22:00  
SKYLINE HIGH SCHOOL, SALA 317



Eu devia ter comido mais no almoço. Quando o último tempo chegou, meu estômago estava vazio, e eu estava tão exausta que mal consegui me arrastar até o refeitório para verificar o horário das aulas que tinham mudado de sala. As eletivas tinham sido canceladas até segunda ordem, mas todos ainda precisavam cursar matemática, ciências, inglês e história todos os dias se quisessem terminar o ano ou, no meu caso, se formar. As aulas tinham sido reorganizadas e consolidadas no primeiro andar, em parte devido à escassez de professores e ao corpo estudantil drasticamente reduzido, mas também porque os andares superiores tinham sofrido mais danos durante o terremoto do que os inferiores.

Tudo o que me restava no dia era literatura inglesa com o sr. Kale, o mesmo professor que eu tinha antes do terremoto, e também o de que menos gostava. Ele agia como se estivesse nos ensinando estratégia militar, não prosa e poesia floreadas do século XIX. E sempre sabia quando um aluno tinha estudado pela versão resumida, em vez de ler o livro de verdade.

Havia uma fila desorganizada para verificar o horário. Entrei nela e observei enquanto as equipes de ajuda de camisa laranja fluorescente montavam mesas e organizavam a montanha de caixas de comida racionada que entregariam dali a uma hora. Alguns dos trabalhadores portavam armas de choque nos cintos, como a do Miliciano Brent, ou latas de spray de pimenta. Com várias centenas de adolescentes famintos para alimentar, era inteligente não correr riscos deixando que a multidão saísse do controle.

Conforme a fila avançava, a garota e o garoto diante de mim começaram a andar em sincronia, os dedos entrelaçados, as cabeças unidas, sussurrando com intimidade.

— Então, o que decidiu? — indagou o Namorado, ao pé do ouvido da Namorada. — Quer ir?

A resposta da jovem foi hesitante.

— Não sei... Quero, mas não precisa de senha ou algo assim, para descobrir onde vai ser? Toda noite muda de lugar.

Percebi que estavam falando da Nômade e me aproximei para ouvir. Achava que a Nômade — uma festa itinerante e superexclusiva que mudava para um local diferente do Deserto toda noite — fosse um boato, uma invenção de Rance Ridley Profeta para fazer com que Los Angeles parecesse ainda mais corrupta, mais digna de uma aniquilação ao estilo do Velho Testamento. Mas parece que aqueles dois achavam que era real.

— O amigo do meu irmão é um dos vaga-lumes — falou o Namorado. — Ele me deu as informações exclusivas para a gente conseguir encontrar. Olha só.

O Namorado tirou um livro fino com capa surrada da mochila. Inclinei a cabeça para ler o título. *A terra desolada*, de T.S.Eliot. Franzi o cenho. Como um livro de poesia levaria as pessoas para a Nômade?

O casal devia ter sentido que eu estava bisbilhotando. Olharam para mim com os olhos semicerrados, e o Namorado colocou *A terra desolada* de volta na mochila.

— A gente conversa sobre isso depois.

Os dois verificaram o horário e saíram, ainda de mãos dadas, como se tivessem medo de se soltarem.

Franzi a testa para o casal que se retirava, sentindo uma pontinha de inveja. Nunca namorei, nem achei que isso fosse acontecer. Minha bizarrice estava estampada pelo corpo, e eu não conseguia me imaginar deixando qualquer um — qualquer *garoto* — ver essa parte minha. Mas seria legal ter alguém com quem me importar... Alguém para se importar comigo. Ainda mais agora.

Tirei o casal e a conversa sobre a Nômade da cabeça. Torcia para que estivessem errados e que a Nômade não existisse. E, se existisse... se houvesse mesmo um grupo de pessoas festejando no Deserto, onde tantos tinham morrido, onde minha mãe quase morrera, eu não podia deixar de concordar com o Profeta. Talvez Los Angeles precisasse de uma lição ao estilo do Velho Testamento.

Verifiquei o horário e fiquei surpresa ao perceber que o sr. Kale estava na sala de sempre, no terceiro andar. Era o único professor que ainda tinha uma sala lá em cima.

Sala 317.

O corredor vazio do terceiro andar estava coberto de uma camada fina de pó de gesso que tinha caído do teto. Torci para que não estivesse misturado com amianto.

A maioria das salas estava selada com fita adesiva amarela. Olhei por uma janela, ao passar, e vi a bagunça de relance: janelas quebradas, mesas caídas de lado e papéis espalhados por toda a parte. Por que o sr. Kale queria ficar lá em cima? Aquele andar era assustador.

Quando cheguei à sala 317, o último alarme para o quarto tempo já era uma lembrança distante.

Girei a maçaneta com muito cuidado e abri a porta com delicadeza...

— ...e despejar uma descarga de luz em nosso mundo sombrio. Uma nova espécie...

O sr. Kale ergueu o rosto do livro aberto apoiado nas mãos. Ele me viu à porta e parou de falar, mas seu rosto permanecia inexpressivo. Dava para ver quando ele estava irritado, apesar da atitude indiferente. O sr. Kale tinha olhos da cor de petróleo. Combinavam com o cabelo, que chegava na altura da nuca, penteado reto para trás. As bochechas eram cheias de marcas como as de catapora, e as linhas de expressão ao redor da boca pareciam ter sido entalhadas com um bisturi.

— Bem-vinda de volta, srta. Price.

A voz grave do sr. Kale fez minha pele se arrepiar. Ele parecia gargarejar com cacos de vidro. Quando lia em voz alta, fosse Dickens ou Shakespeare, fazia a prosa soar como se saísse de uma novela policial realista.

— Desculpe, não quis inter...

O sr. Kale vociferou por cima das desculpas.

— Presumo que tenha se mantido atualizada com a leitura enquanto esteve fora, já que entreguei a bibliografia completa do curso no início do semestre.

Sério? Que tipo de professor esperava que o aluno tivesse como prioridade fazer o dever de casa durante uma situação de emergência?

O sr. Kale deu um sorriso fino. Ele parecia sentir um prazer especial em me torturar.

— Pode nos dizer, srta. Price, o que *Frankenstein*, de Mary Shelley, tem a ver com o mito grego de Prometeu?

Um olhar vazio foi o melhor que pude dar em resposta. Eu tinha visto todas as versões cinematográficas de *Frankenstein* já feitas — o monstro e eu tínhamos muito em comum —, e ainda assim não fazia ideia do que o sr. Kale estava falando.

— *Um Prometeu moderno* é o subtítulo do romance.

Por mais que eu quisesse, a voz que respondeu não era minha. Primeiro, era masculina. Segundo, sabia a resposta. Procurei pelo dono da voz e encontrei o par de olhos azuis atormentados mais lindos que já vi. Eles me encaravam através de um par de óculos de aro preto estilo Clark Kent. E o rosto por trás daqueles óculos... anguloso, com uma boca curva e elegante. Acima dos óculos... cabelo preto macio.

Quem quer que fosse aquele cara, não estava na turma de inglês do sr. Kale antes do terremoto. Eu teria reparado. Reparar teria sido a única coisa que eu *poderia* fazer. Como reparei como ele parecia perfeitamente saudável, não era magricela ou desnutrido. Como reparei que as roupas eram arrumadas e limpas, parecendo passadas. Como reparei nas unhas feitas.

Mas se me concentrasse apenas nos olhos, nos olhos azuis atormentados, via alguém que tinha sofrido mais do que qualquer um de nós.

Na mesma hora, decidi que aquele cara não se encaixava, igual a quando encontrei Katrina pela primeira vez. Havia algo estranho a respeito dele. Ou algo normal demais.

O sr. Kale se virou de mim para o cara de óculos.

— Sr. Parish, não é?

— Jeremy — falou o garoto.

*Jeremy*, repetiu uma vozinha faminta em minha mente.

— Jeremy — repetiu o sr. Kale. — Entendo que seja novo na turma, e talvez seus outros professores tivessem um estilo mais liberal de educação, mas, na minha sala, você deve levantar a mão antes de falar.

O sr. Kale se voltou para mim.

— Para o seu lugar.

Segui em linha reta até uma mesa nos fundos da sala, perto do conjunto de janelas que dava para o mar. Precisei passar por Jeremy para chegar lá, e, quando o fiz, ele fixou aqueles olhos infinitamente tristes em mim. Era como se estendesse a mão e me segurasse,

como se o olhar fosse o mesmo que um toque. Meu coração bateu descompassado, imitando os círculos de tambores que costumavam acontecer em Venice Beach, um caos de percussão. Cheguei à mesa e me encolhi, grata pela janela mais próxima estar entreaberta e por poder sentir o ar frio e úmido do mar entrando na sala.

Ousei olhar para a parte de trás da cabeça de Jeremy. Ele tinha aquele tipo de cabelo que a gente tem vontade de tocar mesmo sem permissão.

Jeremy se virou de leve e olhou para mim.

Abaixei a cabeça como se estivesse desviando de uma bala.

Quando ergui os olhos outra vez, Jeremy olhava para a frente. Suspirei e abri o caderno, peguei a caneta e tentei parecer concentrada. Tentei olhar para qualquer lugar, menos para Jeremy. Conseguia sentir o magnetismo dele como um raio trator.

O sr. Kale cruzou os braços e caminhou de um lado a outro diante da turma. Na verdade, o que ele tentava fazer até podia ser um passeio, mas pareceu mais uma marcha. O sr. Kale parecia incapaz de algo tão sem propósito quanto um passeio.

— O que mais, então? — perguntou. — Quem era Prometeu?

Como se alguém ligasse. De que importava quem era Prometeu quando metade das pessoas na sala contava os segundos para a próxima refeição, e a outra metade aderira a um culto cujo líder alegava que o mundo estava chegando ao fim?

Ninguém disse uma palavra, e o vácuo de silêncio cresceu, sugando a todos. Abaixei os olhos quando o sr. Kale avaliou a sala, em busca de alguém para responder. Não achei que ele me escolheria de novo, nem por vingança, mas não dava para ter certeza. O sr. Kale nunca gostou de mim. Eu não tinha certeza do que em mim o irritava. Talvez o modo como eu ignorava as leituras e assistia a versões cinematográficas dos livros, algo que eu tinha certeza de que o sr. Kale percebera depois que entreguei um trabalho sobre *A letra escarlate* um tanto restrito às cenas de sexo.

O sr. Kale não teve chance de chamar ninguém. Jeremy respondeu de novo. Ele manteve as duas mãos firmemente apoiadas no tampo da mesa.

— Prometeu era um dos antigos deuses da mitologia grega — respondeu. — Ele desagradou Zeus quando roubou o fogo dos céus e o deu a um homem. Zeus puniu Prometeu prendendo-o a uma rocha, e todos os dias uma águia vinha devorar seu fígado. Mas todo dia o fígado se regenerava, prendendo Prometeu em um ciclo interminável de tortura. Dr. Frankenstein passou por algo semelhante. Fogo dos céus foi o relâmpago que usou para trazer o monstro à vida. Mas o doutor tentou brincar de Deus, e no fim foi punido, destruído pelo monstro que criou.

Muito bem. Uau. Inteligente e sexy. Uma combinação perigosa. Jeremy decerto não parecia um rato de biblioteca, exceto pelos óculos. Estava mais para modelo de cueca europeu.

A resposta devia ter deixado o sr. Kale mais do que satisfeito. Jeremy obviamente lera o livro e, de fato, entendera. Mas o professor apenas o encarou.

— Sr. Parish, da próxima vez que falar sem ser solicitado, será convidado a sair da sala. Como é seu primeiro dia, sugiro que siga as regras se quiser que eu assine o cartão de racionamento.

O primeiro dia? A escola já havia voltado fazia mais de uma semana. Fiquei me perguntando por que Jeremy esperara tanto tempo para começar a vir. O único motivo pelo qual Parker e eu tínhamos atrasado a volta era nossa mãe. Mas ficamos sem comida e, com isso, sem opções.

— Relâmpago — falou o sr. Kale, caminhando para a outra ponta da sala. — Fogo dos céus. A arma que permitiu que Zeus se tornasse rei dos deuses. Que trouxe um monstro à vida. Qual é a intenção da sra. Shelley ao relacionar as duas histórias? Está dizendo que os humanos não merecem tal poder? Que fazemos mau uso dele?

Afundi mais na cadeira à menção do relâmpago.

Dessa vez, o sr. Kale não precisou esperar muito para que a mão de alguém se erguesse. Uma Seguidora chamada Lily chamou sua atenção.

— O Profeta diz que o relâmpago de Deus causou o terremoto.

— Ele é quem sabe. — Foi impossível não notar o tom de deboche na voz do sr. Kale.

Outro Seguidor se intrometeu.

— O senhor mesmo disse. Fogo dos céus. A arma de Deus. Faz sentido. Deus enviou o raio para partir o sexto selo e causar o terremoto, para punir Los Angeles pela depravação desavergonhada.

— Bem — retrucou o sr. Kale, com frieza —, vamos torcer para que o velho ditado seja verdade, e que um raio não atinja duas vezes o mesmo lugar. Continuando...

Os alunos se remexeram, desconfortáveis. Não foi a menção do terremoto que deixou meus colegas de classe ansiosos. Foi a ideia de que poderia acontecer de novo.

Eu não sabia se raios tinham causado o terremoto, mas não era ingênua, e não podia negar certos fatos. No fatídico dia, raios tinham literalmente *atacado* o centro de Los Angeles. Não havia outra palavra para aquilo. Não testemunhei em primeira mão (embora tivesse visto as imagens no noticiário algumas centenas de vezes), mas senti o ataque como se uma bomba explodisse dentro de mim toda vez que os raios tocavam o chão. Centenas de pessoas foram atingidas. Muitas morreram na hora. E os raios continuavam descendo, como se a tempestade estivesse procurando alguma coisa.

Havia uma pesquisa geológica ocorrendo na época — , ironicamente, tinha algo a ver com terremotos —, e uma equipe perfurara um buraco que ia bem fundo na terra, supostamente por quilômetros, até a falha Puente Hills, que percorre o subterrâneo do centro da cidade. Os raios atingiram bem o buraco, e logo em seguida houve um terremoto de magnitude 8.6 que durou mais de três minutos.

Os maiores sismólogos do mundo tinham formulado uma teoria de que, hipoteticamente, a fricção ao longo da falha Puente Hills poderia ter agido como chamariz para os raios. Quando o local foi atingido, a pressão aumentou de forma exponencial, disparando o terremoto como uma arma nuclear enterrada quilômetros abaixo de nós.

Os cientistas que iam aos noticiários dar suas opiniões estavam divididos. Ninguém podia provar a teoria do raio, mas ninguém conseguia desacreditá-la. Eu aprendi em primeira mão que nunca se deve subestimar os raios, ou o que são capazes de fazer. Os raios são os maiores pregadores de peças. Entre aqueles que tinham sido atingidos, jamais afetavam duas pessoas da mesma forma.

A única coisa de que se podia ter certeza quando se tratava de raios era que toda aquela teoria de que “um raio nunca atinge duas vezes o mesmo local” não poderia estar mais equivocada. Depois que um objeto tinha sido atingido, era mais provável que fosse atingido de novo. Tinha algo a ver com a troca de energia positiva e negativa. Algo carregado de energia positiva no chão atrai a carga negativa nas nuvens. As duas cargas se encontram, e surge o raio. Sendo assim, eu era atingida diversas vezes por causa da energia positiva abundante. Engraçado: sempre me considerei uma pessimista.

Quando o sino tocou, trinta minutos depois, os alunos se aglomeraram ao redor do sr. Kale, estendendo os cartões de racionamento para que ele assinasse. Se não reuníssemos as assinaturas de todos os professores, não receberíamos a ração da equipe de ajuda.

Katrina tinha me pedido para encontrá-la na sala 317 depois das aulas, e, embora estivesse ansiosa para sair da sala do sr. Kale antes que ela aparecesse, fiquei sentada, esperando que Jeremy se juntasse ao restante dos alunos para não ter que passar por ele de novo. Mas o garoto permaneceu sentado, e eu não conseguia tirar os olhos dele. Sua cabeça estava abaixada, as mãos cobriam o rosto, e o corpo

inteiro tremia. Fiquei me perguntando se estava doente. Ele parecia estar sofrendo uma convulsão.

Então um lampejo de movimento me chamou atenção. A porta estava aberta, e Katrina tinha entrado.

Afundi mais no assento, mas não havia ninguém atrás de quem me esconder. A sala já começava a esvaziar.

Katrina me viu e abriu um sorriso.

Então várias coisas aconteceram de uma só vez.

Ela parou ao lado do sr. Kale. Os dois juntaram as cabeças, e ela sussurrou alguma coisa em seu ouvido. A expressão habitualmente estoica do sr. Kale foi substituída por uma de óbvia surpresa. Então ele e Katrina me encararam enquanto eu fiquei ali, congelada no assento.

Jeremy parou de tremer e se levantou num ímpeto, virando-se para mim. Quando fez isso, uma brisa entrou na sala, vinda da janela às minhas costas, e minha pele começou a formigar, como se o corpo inteiro estivesse adormecido e agora acordasse com milhares de minúsculas picadas.

Uma tempestade.

Uma tempestade estava chegando.

E Jeremy vinha andando bem na minha direção.



— Preciso falar com você — disse Jeremy. Pelo tom soturno em sua voz, parecia que estava prestes a revelar que tinha atropelado meu cachorro. Não que eu tivesse um.

— Só um segundo.

Tirei os olhos de Jeremy e virei o rosto para o outro lado, espalmando as mãos na janela. Avaliei a linha nebulosa do horizonte onde o céu tocava o Pacífico. Mas não havia um fiapo de branco em todo aquele azul. Se as nuvens estavam se reunindo, era para além do alcance da minha visão.

Mas não era uma hipótese. As nuvens *estavam* se formando em algum lugar. Eu podia sentir. A tempestade poderia chegar no dia seguinte. Talvez no dia depois desse. Não tinha certeza, mas sabia que estava vindo. Sabia em meu sangue, que esquentava, e em minha pele, que formigava.

Virei-me de novo na cadeira.

Jeremy estava ao meu lado, a cabeça abaixada olhando para mim. Joguei os livros dentro da bolsa e me levantei. Por cima do ombro de Jeremy, pude ver Katrina e o sr. Kale nos observando. A menina

tinha se sentado sobre a mesa do professor e balançava as pernas calçadas nas botas como um compasso.

O restante dos alunos tinha saído, mas a porta do sr. Kale ainda estava aberta, e mais dois alunos entraram. Esqui e Quentin, do refeitório.

— Kale, talvez tenhamos uma pista sobre... — começou Quentin, mas tanto ele quanto Esqui congelaram ao me verem. — Deixa para lá — concluiu.

— *Eu* encontrei ela primeiro — falou Katrina. — Eu.

— Ninguém está distribuindo prêmios — retrucou Esqui.

— Mas se estivessem, eu venceria.

— Vamos sair daqui — falou Jeremy, para mim, mantendo a voz baixa. — Você não me conhece, Mia, mas preciso que confie em mim. Não quer se envolver com essas pessoas. Elas são perigosas.

Ele me convenceu no *Vamos sair daqui*.

— Srta. Price — falou o sr. Kale —, uma palavra, por favor.

Não sei por que fiz o que fiz em seguida, mas foi assim. Pode chamar de impulsividade, insanidade temporária, ou ambos.

Quando passei por ele, segurei a mão de Jeremy para puxá-lo atrás de mim.

Uma onda de calor percorreu meu corpo, começando na mão e subindo pelo braço, passando pelos ombros e fervendo o pescoço e cérebro.

Tive um segundo para pensar: *Isso não pode ser bom*, antes que minha mente ficasse branca. Então preta.

E a escuridão permaneceu.

O calor permaneceu.

Então eu...

... eu estava no telhado de um prédio alto, bem acima do chão. Ao ar livre. A cidade se estendia em borrões de luz bem abaixo.

*Eu estava na Torre.*

*No Deserto.*

*O vento me carregou de repente, me derrubando. Caí de costas, e minha cabeça se virou para o alto. E o que vi fez meu coração parar. Então ele começou a bater mais rápido do que nunca. Mais rápido do que qualquer coração tem o direito de bater.*

*Nuvens negras preencheram o céu acima de mim, tão baixas que eu conseguia estender a mão e roçar os dedos nelas, se quisesse. As nuvens ferveram, aumentaram e se espalharam.*

*Senti a carga se acumular.*

*Dentro das nuvens.*

*Dentro de mim.*

*Cargas opostas, precisando se conectar.*

*Fiquei de pé e estendi as mãos para o céu, desejando que os raios viessem até mim.*

*— Mia. Mia, olhe para mim.*

*Tirei os olhos da tempestade violenta e o vi. Jeremy. De pé perto da beira do telhado, balançando a cabeça.*

*— Não precisa ser assim — disse ele.*

*— Precisa, sim — respondi. — É isso que sou. É o que devo fazer.*

*— Você pode mudar. — Ele parecia tão triste que meu coração doeu.*

*Mas me virei para olhar a tempestade de novo, ainda tentando alcançar o alto.*

*Luz pulsou nas nuvens, mas não era branca. Era vermelha. Cor de sangue.*

*Um raio golpeou meu coração.*

*Eu...*

*... abri os olhos. Deitada de costas. Piscando para um círculo de rostos. O sr. Kale, Katrina, Quentin e Parker...*

*— Parker? — Eu me sentei tão depressa que bati a testa na do meu irmão.*

*— Ai — dissemos juntos, esfregando a cabeça.*

Mas a pancada devia ter colocado alguma coisa de volta no lugar, pois me lembrei do que aconteceu logo antes de as coisas escurecerem e eu começar a sonhar...

Sonhar com a Torre. E com raios. E com Jeremy.

— Você está bem? — perguntou Parker. — Bateu com a cabeça?

Pressionei o crânio. Nenhum ponto sensível, exceto pelo lugar em que a testa de Parker acertou a minha. Olhei ao redor em busca de Jeremy.

— Aonde ele foi? — perguntei.

Ninguém teve a oportunidade de responder. Naquele momento, Esqui irrompeu na sala e curvou o corpo, sem fôlego.

— Ele foi rápido demais — disse, ofegante. — Não consegui... Não consegui...

— Não consegui fazer com que suas pernas atrofiadas se movessem mais rápido do que um trote sem ter um ataque cardíaco? — indagou Katrina. — Eu teria chances maiores de alcançá-lo, e estou com saltos de 15 centímetros.

— Jeremy fugiu? — perguntei, ainda zozna.

— Ficou por tempo o bastante para segurar você antes que caísse — disse Katrina. — Que cavalheiro. — Ela se voltou para Esqui. — Pelo menos conseguiu avaliá-lo antes que ele fizesse você comer poeira?

— Não! — Esqui golpeou uma das mesas com o punho, e ela caiu de lado.

— Acalme-se, sr. Buckley — disse o sr. Kale, a voz tão grave que foi como um estrondo, me fazendo lembrar do raio, do sonho.

Meu coração continuava vibrando no peito.

— Não me diga para ficar calmo! O cara podia ser um espião *deles!* Só porque não estava de branco...

— Sr. Buckley! — interrompeu Kale, em tom severo, encarando Esqui.

O ar pareceu formigar de repente quando algo sem palavras pareceu ser comunicado entre os dois. Não foi minha imaginação.

Eu conseguia sentir a estática no ar, assim como podia sentir a energia elétrica de uma tempestade que se aproximava.

Esqui cruzou os braços sobre o peito.

— Tudo bem, estou tranquilo. Viu? Só não consigo acreditar que ele fugiu.

— Eu consigo — falou Katrina. — Já ouviu falar em esteira?

— Vai se ferrar.

— Cuidado, ou vou pedir que tio Kale dê um jeito em você, aí não vai conseguir me responder.

— E eu vou me recusar — disse o sr. Kale, com rigor na voz.

— É minha culpa — falou Quentin. — Eu também devia ter ido atrás dele. Me distraí. — Quentin acenou para Parker. — Não esperava ver você aqui, cara.

Parker balançou a cabeça, confuso.

— Ainda não sei o que estou fazendo aqui.

Katrina virou-se para mim com as mãos nos quadris.

— O que ele disse a você? — indagou, exigente.

Eu ainda estava no chão, então Katrina erguia-se imponente sobre mim.

Presumi que estivesse falando de Jeremy.

— N-Nada — gaguejei. — Disse que queria falar comigo. — *E que vocês eram perigosos.*

— Tem certeza? — Ela estreitou os olhos.

— Por que eu mentiria? Nem conheço o cara. Nunca o vi na vida.

Mas havia algo de familiar nele, não havia?

— Que bom. Fique longe dele — falou Katrina. — Não se relacione com ele.

*Engraçado, ele disse o mesmo sobre você.*

— Katrina, dê um pouco de espaço a ela. — O sr. Kale a cutucou para que se afastasse. — Consegue se levantar, srta. Price?

— Acho que sim.

Não conseguia acreditar que tinha desmaiado. Não conseguia acreditar que tinha desmaiado e que Jeremy tinha me largado.

Babaca. Um babaca lindo, mas mesmo assim.

O sr. Kale ofereceu a mão para me ajudar a me levantar. Vi de relance a cicatriz vermelha em forma de anel na palma da mão dele. A mão do sr. Kale segurou a minha, e eletricidade percorreu meu corpo, como se eu estivesse segurando um fio elétrico desencapado.

Arquejei, tentei puxar a mão de volta, mas o professor não soltou até me deixar de pé. Então cambaleei para longe dele. De todos eles. De volta para o conjunto de janelas e a brisa do mar que carregava o aviso de tempestade.

— O que foi isso? — perguntei. — O que você fez?

O zumbido na palma da mão, onde o sr. Kale me tocara, de repente foi parar na cabeça. Tapei as orelhas com as mãos, mas não consegui afastar o som. O zumbido estava do lado de dentro, chacoalhando meu cérebro. Minha cabeça parecia cheia de moscas. Cheia de estática, tão alto que eu mal conseguia ouvir meus pensamentos.

Meus olhos percorreram cada um daqueles rostos. Quem eram aquelas pessoas, e por que estavam me olhando como se tivessem encontrado uma nota de cem dólares na calçada e planejassem ficar com ela? E o que Parker estava fazendo ali?

— Ele foi convidado — disse o sr. Kale. — Como você.

— O quê?

Tirei as mãos das orelhas. Não podia ter ouvido direito.

— Você estava se perguntando o que seu irmão está fazendo aqui. Estou dizendo.

— Como você... Você não... não tem como... — *Eu não tinha como. Não tinha como terminar a frase.*

Pensei em como o ar formigara quando o sr. Kale encarou Esqui, e em como aquele formigamento migrou para minha cabeça, e de repente fiquei aterrorizada.

*Ele leu minha mente. Ele leu a droga da minha mente!*

*De jeito nenhum. Impossível.*

Em um instante, o zumbido parou. A boca do sr. Kale se contraiu em um sorriso de quem sabia. Um sorriso de quem sabia demais.

Olhei para Parker. Ele levou a mão ao bolso e tirou uma carta chata e retangular. Então a virou para me mostrar a frente. A imagem. Uma pessoa andrógina flutuando no centro de um círculo. Outra carta de tarô. Outro círculo.

Balancei a cabeça.

— O que isso quer dizer?

Katrina pegou a carta dos dedos dele, pegou o baralho e a colocou de volta no deque.

— O nome dessa carta é o Mundo — falou Katrina, sorrindo para Parker. — Foi a carta que ele puxou. A carta que puxou ele, na verdade. É um sinal de que deve ser um de nós. Caçadores em potencial sempre tiram o Mundo, e este baralho nunca erra. Tem mais de duzentos anos. Pertenceu a minha tetravó, a fundadora do círculo, e sempre sabe o que está no interior de uma pessoa. Parker está destinado a servir a nossa causa.

Ergui uma sobrancelha para meu irmão, que estendeu as mãos, isentando-se de culpa.

— Ela me parou no corredor antes do quarto tempo e me pediu para escolher uma carta — explicou. — Então disse para eu vir aqui nesta sala no fim das aulas. Disse que você também estaria aqui.

Meu olhar se voltou para Katrina. Ela estava de pé sobre os saltos, os braços às costas, mordendo o lábio de um modo brincalhão e sedutor. Como Lolita.

— Quem é você? Por acaso estuda aqui? — perguntei. — Nunca vi você antes de hoje.

— Ah, eu tenho andado muito por aqui, ultimamente — disse Katrina. — Achei que tivéssemos testado quase todos em Skyline em busca da Centelha. Não acreditei que tivéssemos deixado você passar, até que tio Kale me contou que é seu primeiro dia de retorno desde o terremoto.

Agora foi Parker quem ergueu as sobrancelhas para mim, esperando uma explicação. Só pude sacudir a cabeça. Mas a palavra que ela usou, *Centelha...* foi o que senti quando o sr. Kale tocou minha mão.

Centelhas. Raios minúsculos.

O professor pigarreou.

— Vamos explicar o máximo possível. Mia, Parker, por favor, sentem-se.

Em minha mente, ouvi Jeremy dizer: *Não quer se envolver com essas pessoas. Elas são perigosas.*

— Acho que já ouvi o bastante — falei.

— Mia — interveio Parker —, vamos ouvir o que eles têm a dizer. Não custa nada.

— Não. Precisamos ir para casa. *Agora.* Nossa mãe está esperando. Lembra dela? Lembra da *nossa* mãe?

O rosto de Parker ficou vermelho. Ele abaixou os olhos.

— Eu sinto que isso é importante.

— Levo vocês em casa depois, se quiser ficar — disse Quentin, com aquele olhar vigilante fixo em meu irmão.

Parker assentiu, um movimento quase imperceptível. Ele parecia hipnotizado.

— Vou ficar — disse, e, pela voz, não haveria discussão.

— Cinco minutos — disse ao sr. Kale. — Quem são vocês?

Como se tivessem treinado aquela cena antes — e pelo jeito, tinham mesmo —, o sr. Kale, Katrina, Esqui e Quentin ergueram as mãos direitas como se estivessem fazendo um juramento. Cada um deles tinha uma cicatriz em formato de círculo perfeito marcada na palma da mão.

— Somos membros do Círculo de Caçadores — disse meu professor.

— Círculo de Caçadores — repeti, devagar. — Tanto faz. Então, o que estão “caçando”? Tesouro enterrado? O Santo Graal?

— Pessoas — falou o sr. Kale, e os quatro abaixaram as mãos. —  
Pessoas como você.

Katrina caminhou até mim, rebolando.

— Somos a resposta a uma pergunta que você ainda precisa fazer.  
Quem vai salvar Los Angeles do falso profeta e de seus Seguidores?  
Quem vai salvar o mundo?

— São duas perguntas — observei.

Ela me ignorou.

— Resposta: nós.

Meu olhar percorreu cada um dos rostos enquanto eu tentava julgar se estavam falando sério. Mas Parker assentia sozinho, em silêncio, como se Katrina tivesse confirmado algo de que ele suspeitava o tempo todo.

— Você sabia disso? — perguntei a Parker.

O aceno de cabeça dele se transformou em um não, mas foi uma transição hesitante.

— Eu... — começou meu irmão, então passou a mão pelo cabelo.

— Não sei. Desde o terremoto, tenho me sentido...

— Como se o terremoto fosse apenas o início — disse Esqui. — O precursor de algo pior.

Assentindo de novo, agora com fervor, Parker disse:

— Sim.

A parte branca dos olhos de Esqui estava coberta de veias vermelhas, como se ele não dormisse há dias.

— Nós também tivemos essa sensação de inevitabilidade. Como se houvesse algo que devíamos fazer a respeito, e o terremoto tivesse sido um chamado. E foi. Uma guerra se aproxima, e precisamos de todos os soldados que pudermos reunir antes de o grande dia chegar. Considerem-se convocados.

— Por que nós? — perguntou Parker.

Quentin deu um tapinha no ombro do meu irmão.

— Acho que podemos dizer que os dois têm algumas qualidades que estamos buscando.

Os olhos de Parker se arregalaram.

— A Centelha? — indagou. — Eu tenho?

— Bem... não exatamente.

Parte da ansiedade deixou os olhos de Parker.

— Ah.

— Ei, não se preocupe com isso. Também não tenho a Centelha, mas isso não quer dizer que meu papel não seja importante. Farei minha parte, e fico feliz por isso.

— Qual é a sua parte, exatamente? — perguntei.

A curiosidade estava começando a me vencer.

Os Caçadores trocaram um olhar, mas foi o sr. Kale quem respondeu, encarando meu irmão enquanto falava.

— Caçadores que não têm a Centelha ainda podem senti-la nos outros, como você sentiu em mim quando toquei sua mão, Mia. Mas todos os Caçadores, depois de estarem unidos a nós, agem como condutores para a Centelha.

Minha cabeça oscilava devagar para trás e para a frente. Unir? Condutores? Centelhas? Eu sabia o significado dessas palavras, é claro, e sabia sobre condutores. Um condutor transmitia energia. “Condutor” era outra palavra para para-raios, e, já que eu era um para-raios humano, tecnicamente também era um condutor. Parecia bem simples, mas, mesmo assim, eu não estava entendendo.

— Tudo bem, vou morder a isca — falei. — O que é a Centelha?

— A explicação mais simples — começou o sr. Kale — é que a Centelha é energia. Eletricidade.

— Posso dar uma de nerd por um segundo? — perguntou Esqui, olhando para o sr. Kale em busca de permissão. O professor assentiu, e os olhos do garoto brilharam. Ele falou tão depressa que eu mal consegui acompanhar. — É como se nossos corpos produzissem um campo eletromagnético, e, quando a voltagem é alta o bastante, esse campo se estende para *além* do corpo. Sabia que

cada pensamento que você tem cria um pulso elétrico no cérebro? Imagine se tiver cem vezes mais eletricidade no corpo do que uma pessoa normal. Ou mil vezes. Cem mil vezes! Entendeu? Pode aprender a usar a energia apenas com a força de vontade. Imagine o que poderia fazer com um único pensamento!

Parker e eu trocamos um olhar, e eu soube que ele estava pensando no que aconteceu em Lake Havasu City antes de nos mudarmos. Fui a primeira a desviar os olhos.

— Digamos que essa Centelha exista de verdade — falei. — O que isso tem a ver com salvar Los Angeles? É um pouco tarde para isso, não?

— O terremoto Puente Hills foi um aviso — explicou Quentin. — Ouviu falar dos sete selos do livro do Apocalipse?

Nos últimos tempos, eu tinha ouvido mais sobre o Apocalipse do que gostaria. Parecia ser o único livro na Bíblia no qual Rance Ridley Profeta estava interessado.

— Bem, não são selos físicos de verdade — continuou Quentin. — São sinais. Presságios. Cavalo branco, cavalo vermelho, cavalo negro e cavalo amarelo. Eles representam a guerra, a fome, a morte e todas as outras coisas ruins que estão acontecendo no mundo inteiro. E nesta cidade.

— Qual é a quinta? — indagou Parker.

Quentin e os demais compartilharam um olhar cauteloso.

— Esse seria, hã... A visão dos mártires.

— O que os mártires têm a ver com o fim do mundo?

O sr. Kale pigarreou.

— Isso não é algo sobre o qual falamos com pessoas de fora do círculo. Se escolherem se juntar a nós, posso contar mais.

— E quanto ao sexto selo, sinal o ou o que quer que seja — perguntou Parker, claramente fascinado. — Pode contar sobre isso?

Quentin voltou a falar.

— A Bíblia diz que, quando o sexto selo for aberto, o sol se apagará, as estrelas cairão do céu, haverá uma ventania terrível, e

cada montanha e ilha se moverá, o que é outro jeito de dizer que haverá uma tempestade catastrófica seguida por um terremoto ainda pior.

Contive a vontade de estremecer, pensando na sensação de quando aquela brisa entrou na sala. Pensando que uma tempestade estava vindo. Mais uma.

— Mas já teve uma tempestade — lembrei ao grupo. — E um terremoto. Isso não quer dizer que o sexto selo já está aberto? E, vejam só, ainda estamos aqui. O mundo não acabou.

O sr. Kale fixou o olhar severo em mim.

— Quando o sexto selo for aberto de verdade, não afetará apenas Los Angeles. O mundo inteiro vai sentir.

— E o sétimo? — indagou Parker, soando como se não tivesse certeza de que queria saber.

— O sétimo é o fim, a destruição da Terra e a aniquilação de todos que a habitam.

— Para impedir que isso aconteça, precisaremos de todas as pessoas que carregam a Centelha que pudermos encontrar — explicou Katrina. — E precisaremos de você, Mia. Mostre a eles a carta que tirou.

Meus dedos pareciam dormentes quando tirei a carta do bolso de trás e a coloquei na mesa.

— A Torre — falou o sr. Kale.

Esqui e Quentin me encararam, os olhos arregalados.

— Ela tirou essa carta duas vezes seguidas — falou Katrina.

— O que isso quer dizer? — perguntou Parker.

— Não quer dizer nada — falei, embora calafrios percorressem minha espinha. — É uma carta de tarô idiota. É um jogo. E o que cartas de tarô têm a ver com revelações da Bíblia? Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— É aí que você se engana, Mia. — Katrina pegou a carta em minha mesa e a inseriu de volta no baralho. — Tudo está conectado. Tudo mesmo. Não há linhas retas, apenas círculos, que giram, giram

e sempre acabam onde começaram. E somos todos pontos nesse círculo. Até você, Mia. — Ela embaralhou. As cartas moles farfalharam. — Vou lhe contar uma história.

Olhei para o relógio. Será que minha mãe estava bem?

Katrina continuou embaralhando.

— Este baralho pertencia a uma ancestral minha. Ela foi fundadora do Círculo de Caçadores e a vidente mais poderosa da sua época. Atravessou o oceano com a tribo romani, e, assim que colocou os pés em solo americano, caiu de joelhos, atingida por uma visão.

*Embaralhando.*

— Ela começou uma leitura usando todas as cartas deste mesmo baralho. A leitura durou um dia e uma noite inteiros, enquanto ela dispunha as cartas em círculo ao redor de si. Quando acabou, contou ao povo que vira o fim, a destruição do mundo e da humanidade, e que tudo começaria aqui, no Novo Mundo.

*Embaralhando.*

— Ela disse que haveria sinais para nos avisar, e que um dos últimos sinais seria um terremoto que faria cair as torres de uma grande Cidade dos Anjos... Derrubaria todas, menos uma. E um falso profeta surgiria para incitar uma maré de destruição.

*Embaralhando.*

— Mas haveria um modo de prevenir o fim trágico deste mundo. Minha ancestral formou o Círculo de Caçadores para reunir pessoas com a Centelha, quando chegasse a hora, e montar um exército para lutar contra o falso profeta. Mas, quando finalmente viajou para a Cidade dos Anjos que vira na premonição, soube que o fim não chegaria por mais cem anos, porque as torres que cairiam sequer tinham sido construídas. Mas sabia onde *seriam* construídas, e foi até lá.

*Embaralhando.*

— Quando foi até a área em que as torres se ergueriam e cairiam, sentiu a mudança na terra. O poder. Foi mais uma vez atingida pela

visão do fim.

Katrina parou de embaralhar.

Parei de respirar. Até meu coração pareceu parar entre duas batidas.

— Antes de morrer — falou Katrina —, ela contou aos filhos o que tinha visto.

— O que era? — perguntei, odiando o som ofegante da minha própria voz.

— Uma garota de pé no alto da última torre, cercada por uma tempestade violenta e relâmpagos feitos de sangue.

Lembrei-me do sonho que tive depois de tocar na mão de Jeremy, do relâmpago vermelho. Os calafrios, que agora moravam em minha espinha, percorreram o restante do corpo.

— A chegada dessa garota seria o último presságio antes do fim. Ela disse que a reconheceríamos porque ela teria a pele marcada e sempre tiraria a carta da Torre.

Katrina inclinou a cabeça e me avaliou, olhando minhas luvas. E a gola rulê.

— Ou a Torre a escolheria.

Fiquei paralisada enquanto Katrina apoiava o baralho em uma mesa próxima. Ela cortou o deque e passou a metade inferior para cima.

— Escolha — disse.

Balancei a cabeça.

— Parker, vamos embora. Venha.

Não esperei para ver se ele seguiria. Disparei para a porta, mas meu irmão me alcançou antes que eu pudesse girar a maçaneta.

— Mia, espere. — Ele segurou meu braço. — E se for verdade?

Eu me desvencilhei do meu irmão.

— Sabe há quanto tempo as pessoas dizem que o mundo está prestes a acabar? Desde o início. Estou cansada de ouvir sobre o fim do mundo.

— Mas...

— Parker. — Segurei os ombros dele e falei com suavidade, mas firmeza, como minha mãe fazia quando queria deixar algo claro pela última vez. — Isso é um culto. Não é diferente dos Seguidores.

— Não somos como os Seguidores — grunhiu o sr. Kale.

— Eu não estava falando com você — grunhi de volta.

Parecíamos uma dupla de cães de guarda.

A expressão dele ficou mais severa, e senti algo como um formigamento na cabeça, como se tivesse ficado de pé rápido demais.

*Cuidado com o tom de voz, srta. Price. Ainda sou seu professor.*

A voz que falou dentro da minha mente não pertencia a mim.

O sr. Kale apertou os olhos na minha direção.

*Sei quem você é. Sei o que você é. E sei sobre os raios.*

Senti os olhos ficarem mais arregalados. Balancei a cabeça, como se pudesse afastá-lo da mente.

— Não — murmurei, cobrindo as orelhas. — Não, não, não. Isso não está acontecendo.

*Ah, mas está acontecendo, sim. Tudo está conectado, Mia. É energia, e está por toda parte. Não dá para fugir dela.*

— Mia? — Parker franziu o cenho. — Qual é o problema?

*É mesmo tão difícil de acreditar? Sempre existiram pessoas que podiam fazer coisas inexplicáveis. Médiuns e curandeiros. Leitores de mentes. Pessoas que podem mover objetos ou começar incêndios com os pensamentos. Pessoas que têm visões do passado ou do futuro. Essas pessoas tinham a Centelha, e você também tem.*

— Não...

*O que você pode fazer, Mia? Não está na hora de descobrir? Ou será que já sabe?*

Os olhos do sr. Kale estavam pretos como petróleo e brilhavam. Eram hipnóticos.

Desviei o olhar do dele, segurei o braço de Parker e o puxei porta afora, batendo-a ao passar. Os zunidos em minha cabeça pararam, e

a voz do sr. Kale morreu, mas continuei correndo, arrastando Parker comigo até chegarmos às escadas. Então ele finalmente fincou os pés no chão e nos fez parar.

Esperava que Parker exigisse voltar para ouvir o resto, mas minha expressão deve tê-lo convencido a deixar aquilo de lado.

— Você está branca como um lençol — comentou ele, franzindo o cenho, preocupado. — Não vai desmaiar de novo, vai? Precisa se sentar?

Balancei a cabeça, mantendo os olhos na porta da sala do sr. Kale, rezando para que não se abrisse.

— Podemos ir para casa, por favor? Por favor, Parker? — Eu estava implorando. Não me importava. Queria ir para o mais longe possível da sala 317.

Parker também olhou para o fim do corredor, para a porta do sr. Kale. Então suspirou e assentiu.

— Vamos para casa.



— O que ele ainda está fazendo aqui? — perguntou Parker, quando viramos a esquina da nossa rua. Ele apontou para o Miliciano Brent, de pé na calçada diante da casa. A postura era a de um guarda-costas, as pernas afastadas, os braços cruzados na altura do peito.

Quando o vi, meu estômago se revirou. Será que alguma coisa tinha acontecido? Será que alguém tinha tentado invadir a casa?

Estacionei no acostamento e desliguei o carro. O Miliciano Brent não se virou. Não moveu um músculo. Era como um daqueles soldados de guarda diante da casa da rainha da Inglaterra.

Parker olhou para o miliciano com cautela.

— Vou ver como está nossa mãe.

Ele desviou do homem, abriu a porta e entrou em casa. Peguei a pequena caixa com as rações no banco de trás.

— Oi, mili... Oi, Brent — falei, me aproximando.

Ele assentiu.

— Mia.

— Está aqui desde aquela hora?

— Saí ao meio-dia para fazer um sanduíche em casa, mas voltei logo em seguida.

— Sabe, quando pedi que ficasse de olho na casa, não quis contratá-lo como vigia permanente. Se tiver outras coisas que precise fazer...

— Vi o garoto de óculos, aquele que anda vigiando sua casa.

As palavras congelaram em minha garganta. Precisei tossir para conseguir soltá-las.

— Tem certeza de que era ele?

— Um garoto mais ou menos da sua idade, estava aqui não faz 15 minutos. Quando me viu, ficou bem nervoso e saiu. Estava de óculos, mas não eram escuros, como você me disse. Mais como aqueles que os yuppies usam.

— Quadrado, com o aro preto? — perguntei, com a boca seca.

— Sim, esse mesmo.

— E cabelo preto? Muito, *muito* bonito?

Brent estufou o peito e inclinou tanto a cabeça que ela se tornou parte do pescoço.

— Ele tinha cabelo preto, sim.

Engoli em seco. Era Jeremy. Só podia ser.

— Conhece o garoto? — perguntou Brent.

— Acho que sim. Tenho uma aula com ele.

Brent apertou os olhos.

— Esse garoto tem uma quedinha por você?

O calor subiu pelo meu pescoço.

— Não — respondi, mais do que depressa.

Os cantos da boca do Miliciano Brent se curvaram para baixo.

— Parece que ele está te perseguindo.

Ele levou a mão ao bolso, pegou uma latinha e a entregou para mim.

Li as palavras na embalagem.

— Spray de pimenta?

Brent assentiu.

— Só precisa apontar e apertar o botão. Mas se certifique de que não está apontando para o próprio rosto sem querer. E tente não inspirar, ou vai sentir como se tivesse tomado uma injeção de napalm.

— Bem... obrigada.

— Se vir esse garoto que a está perseguindo, não hesite. Apenas borrfefe.

As palavras do Miliciano Brent me seguiram pelo caminho até em casa. Jeremy me perseguindo? De jeito nenhum. Um cara como Jeremy não precisava disso.

Quando abri a porta da frente, ouvi um choro abafado e na mesma hora peguei a lata de spray de pimenta. Pro inferno com essa história de apontar e apertar.

Corri para o quarto da minha mãe.

Ela estava na cama, abraçando os joelhos apertados junto ao peito, o corpo inteiro tremendo. Ela caiu em rompantes de gritos aterrorizados que logo a deixaram rouca, então só conseguia produzir chiados engasgados. As cicatrizes nas bochechas e no queixo se destacavam em alto-relevo, enrugadas e reluzentes.

Parker se debruçava sobre ela, sem saber o que fazer. Se mantinha distância ou se a tocava para tentar fazer com que saísse da próprio cabeça. Que voltasse à realidade. Aquela em que estava segura na própria casa, não enterrada viva, esperando a morte.

Entrei em ação. Não podia dizer que tinha me acostumado com esses episódios, durante o último mês, mas eles não me deixavam mais paralisada.

— Pegue o Thorazine do armário de remédios — falei para Parker.

Ele correu para o banheiro da nossa mãe. Ouvi meu irmão procurando entre os frascos de pílulas. Ouvi coisas tilintarem quando caíram na pia sob o armário.

Eu me inclinei na direção da orelha da minha mãe e falei baixinho com ela.

— Mãe, é a Mia. Pode me ouvir? Estou bem aqui com você, aqui no quarto. Você está segura. Pode voltar. Prometo que este é um lugar seguro. Nada de ruim vai acontecer aqui.

Se ela me ouviu, não deu sinal. Mesmo assim, continuei sussurrando as palavras de conforto. Mas só conseguia pensar “Isso não devia estar acontecendo. Isso não devia estar acontecendo”. Eu não era farmacêutica nem nada, mas a quantidade de Thorazine e Xanax que eu dava para minha mãe já devia ter acabado com aqueles episódios.

A TV estava ligada, e o rosto do Profeta preenchia a tela. Os globos opacos dos olhos dele pareciam encarar os meus, conforme ele falava.

— Não gosto de ser o portador de más notícias — dizia, a voz de cantor mais sombria do que o normal. — Desejo, de coração, que não tivesse chegado a esse ponto. Mas saibam, meus Seguidores, que não precisam temer o mal, pois caminharemos juntos pelo Vale da Sombra da Morte, e ressurgiremos para a luz, do outro lado. Se entregaram sua alma a Deus e fizeram o juramento de servi-lo, estarão protegidos da devastação que se aproxima. Enquanto o mundo desaba ao redor, enquanto a tempestade estiver à solta, vocês estarão seguros no centro. A tempestade chegará no dia 17 de abril, daqui a três dias, mas vocês serão salvos.

De repente, o choro chiado da minha mãe parou, e o corpo rígido relaxou. Ela se sentou, piscando para a TV, afastando as lágrimas do rosto com o dorso da mão. Minha mãe nem sequer pareceu perceber que eu estava ali. Só tinha olhos para o Profeta. Foram as palavras dele que a tiraram da própria mente, não as minhas.

Parker apareceu à porta do banheiro, as mãos cheias de frascos de pílulas.

— Ela...

— Estou bem agora — disse minha mãe.

Sua voz estava mais clara do que eu já ouvira desde o terremoto. Ela parecia... não como costumava ser, mas pelo menos alguém que

estava presente. Que não estava murmurando em um sonho.

Minha mãe olhou para mim, semicerrando os olhos, como se meu rosto se recusasse a entrar em foco.

— Mia. — Ela disse meu nome como se o estivesse testando, vendo se era adequado. — Parker.

Minha mãe tocou uma das cicatrizes no rosto, então assentiu, como se aceitasse algo.

— Preciso ficar sozinha.

Ela olhou para a porta, uma deixa óbvia para que Parker e eu saíssemos, mas nenhum de nós se moveu. Minha mãe não parecia lúcida daquela forma há semanas, e eu tinha medo de piscar e perder o momento.

— Por favor — disse, o tom de voz mais severo. — Me deixem em paz para que eu possa pensar.

Parker parecia ter levado um tapa. A raiva que senti de minha mãe naquela manhã, a frustração enlouquecedora que se acumulava dentro de mim há um mês, irrompeu à superfície.

— Estamos tentando ajudá-la. — Eu não cheguei a gritar as palavras, mas foi quase.

Os olhos da minha mãe encararam os meus, sem piscar.

— Você não pode me ajudar — disse ela, a voz recuperando parte do lento onirismo. — Estou perdida. Perdida no escuro. No Vale da Sombra.

Minha mãe olhou para a TV. Para o Profeta.

— Ele diz que uma tempestade está vindo para terminar o que começou. A tempestade que vai acabar com tudo. Ele diz que é a vontade divina, o plano de Deus.

Um sorriso minúsculo ergueu os cantos de sua boca.

— Ele pode nos proteger.

Soquei o botão de desligar, e a tela da TV ficou preta.

— Ele não passa de um maluco, mãe. Está vendo como é impotente? Eu aperto um botão, e ele some.

Minha mãe se atirou contra mim agitando os braços, e tive certeza de que ia me bater.

Mas não me bateu. Me empurrou. Me empurrou para o lado, para fora do caminho, e ligou a TV de novo. Mais uma vez, o rosto do Profeta preencheu a tela.

Minha mãe respirou profundamente e sorriu para os olhos vazios daquele homem.

— Vão embora — disse para mim e Parker, sem tirar os olhos dos do Profeta.

— O que aconteceu? — perguntei a meu irmão, quando estávamos na cozinha, onde minha mãe não podia nos ouvir.

Ele balançou a cabeça.

— Fui ver como ela estava. Ela parecia bem calma. Estava sentada na cama, assistindo *A Hora da Luz*. Então o Profeta começou a falar sobre uma tempestade que estava vindo, e que, quando chegasse, traria outro terremoto. Nossa mãe ouviu isso e pirou.

As palavras de Quentin ecoaram em minha mente. *Haverá uma tempestade catastrófica, seguida por um terremoto ainda pior.*

Todos estavam batendo na mesma tecla, ultimamente.

Meu maxilar começou a doer, e percebi que estava trincando os dentes. É claro que fora o Profeta quem fizera minha mãe pirar. Aquele era o *modus operandi* dele, não era? Assustar as pessoas para que ficassem submissas. E tinha escolhido o modo perfeito para fazer isso. Todos achavam que os raios que atingiram a falha de Puente Hills tinham causado o terremoto. E se perguntavam se era ainda mais provável que acontecesse de novo quando a nova tempestade chegasse, com o chão do Deserto rachado em vales que desciam por quilômetros, expondo a linha da falha.

*E um falso profeta surgiria para incitar uma maré de destruição.*

— Mia — disse Parker, as sobrancelhas arqueadas, parecendo preocupado —, temos um problema.

— Da última vez que contei, tínhamos mais de um.

— Bem, acrescente este à lista.

Ele agitou a meia dúzia de frascos de pílulas nas mãos. Eu esperava o som de maracas, mas não houve som algum.

Estavam vazios.

Peguei um dos frascos da mão de Parker e o segurei diante do rosto.

— Para onde elas foram?

— Talvez a mãe esteja tomando demais.

Comecei a sacudir a cabeça, então parei. Eu costumava supervisionar quando nossa mãe tomava os remédios, para me certificar de que tomasse a dosagem certa. Mas deixei as pílulas em seu armário de remédios, e ela passava muito tempo sozinha no quarto. Podia ter tomado mais pílulas a qualquer momento.

Pensei em como ela ficou irritada comigo, naquela manhã, quando perguntei se tinha certeza de que tomara os remédios. Queria entrar naquele quarto e confrontá-la, mas não naquele momento. Não depois da forma como ela gritou com Parker e comigo para que a deixássemos sozinha.

Transtorno de estresse agudo não devia durar mais de quatro semanas, mas, mesmo então, era normal transformar-se em transtorno de estresse pós-traumático, que era quase tão ruim quanto. Parker e eu não podíamos tomar conta dela, a não ser que estivesse dopada.

— Vou encontrar o Traficante — falei para Parker, e subi as escadas até o quarto para saquear meu estoque de dinheiro, que minguava bem depressa.

Parker me seguiu.

— Você prometeu que não voltaria lá depois do que aconteceu da última vez.

— Não foi tão ruim assim. As pessoas são assaltadas todos os dias.

Peguei o montinho de dinheiro que mantinha escondido no armário, dentro da caixa do Banco Imobiliário. contei as notas. Duzentos e dezessete dólares. O bastante para o estoque de Xanax e Thorazine de mais uma semana, mas eu precisaria abrir mão das pílulas para dormir.

— Talvez haja outra forma de ajudá-la — falou Parker. — Como aquele grupo de sobreviventes do terremoto na escola. Ela talvez nem precise mais dos remédios. Parece um pouco melhor... mais ou menos.

— Ela teve outro episódio — lembrei a ele. — Com a quantidade de Thorazine que está tomando, em *excesso*, isso não devia mais acontecer.

— Então me deixe ir no seu lugar!

— Não! O Traficante não vai vender para você. Ele não o conhece.

O Traficante só aceitava clientes por indicação, e dei a sorte de entrar em contato com ele por uma das vizinhas, uma mulher que agora comprava insulina no mercado negro dez vezes mais caro do que costumava pagar. Mas era entregar o dinheiro ou entrar em choque por falta de insulina.

Enfiei o dinheiro bem fundo no bolso.

— Vou tomar cuidado — falei, mas, aonde eu ia, não importava o quanto fosse cuidadosa.

A caminho da porta, peguei a lata de spray de pimenta e a coloquei no outro bolso.



Não havia lugar no mundo como o calçadão da praia de Venice Beach. Se você pegasse um circo, uma comunidade hippie, um sanatório, um abrigo para sem-tetos, uma caravana cigana e um gueto urbano, misturasse tudo até estarem bem embolados e os colocasse diante de uma praia poluída pelo esgoto na qual as pessoas ainda ousavam surfar e tomar sol, teria esse calçadão.

É claro que isso foi antes do terremoto.

Caminhar pelo calçadão não era mais uma forma divertida de passar uma tarde ensolarada. Agora, era um bom lugar para ser assaltado, espancado ou até levar um tiro.

É o que acontece quando diversos quilômetros quadrados das áreas mais pobres e com maiores índices de criminalidade de Los Angeles são destruídas, e a cidade não oferece aos antigos habitantes qualquer alternativa a não ser migrar para o oeste, para longe das ruínas de suas casas, sem lugar para ficar, sem ter o que comer, água potável para beber e chuveiro, a não ser os usados para limpar areia e água salgada depois de um mergulho no mar ou um dia tomando sol.

É o que acontece...

Fiz o melhor possível para não parecer suspeita enquanto andava pela multidão no calçadão, tentando chegar ao outro lado, onde, além de uma pequena elevação gramada ladeada por palmeiras oscilantes, estavam a praia e a Cidade das Tendas. Atravessar o calçadão congestionado não era muito mais fácil do que tentar atravessar uma parede de concreto, e era difícil não se destacar sendo uma das únicas pessoas à vista que tinha tomado banho nas últimas semanas. Reparei diversos olhares acompanhando meu progresso, e adivinhei o que pensavam os donos daqueles olhos.

*O que ela tem que eu preciso, que eu posso pegar?*

Encarei esses olhares em desafio. Não podia deixar que pensassem que eu era fraca. Já tinha cometido esse erro antes.

*Você não quer mexer comigo, pensei, enquanto encarava qualquer um que prestasse atenção demais em mim. Desta vez, vim preparada.*

Toquei a saliência no bolso, a lata de spray de pimenta. Entendi por que o Miliciano Brent tocava a arma de choque com tanto carinho.

Abrir caminho pelo fluxo de pessoas que lotava o calçadão era como tentar nadar contra uma correnteza violenta. O cheiro rançoso de corpos sujos enchia minhas narinas. E o barulho... Tantas vozes falando de uma só vez. Altas. Irritadas. Crianças chorando. Bebês gritando.

Eu não costumava ter problemas com claustrofobia. Espaços pequenos não me incomodavam, mas multidões... Multidões eram outra história. Ter tantas pessoas ao meu redor, encostando os corpos desconhecidos e sujos no meu. O pânico começou a suplantar todas as outras funções cerebrais.

Parei de repente. Não conseguia me mover, e ninguém mais parecia se mover. Os rostos eram a única coisa que eu podia ver. Rostos por todo lado. E olhos. Todos me encarando. Eles me viam

pelo que eu era. Não era uma *deles*. Não pertencia àquele lugar, e todos sabiam.

Um bebê bem na minha orelha.

Minha imobilidade cessou.

Disparei para o outro lado do calçadão e subi a colina gramada até passar das palmeiras, onde podia olhar para a extensão de areia até a água.

Ao longo das semanas, a Cidade das Tendas tinha ficado parecida com uma espécie de cidade medieval, mas era ampla e estendia-se em todas as direções, até onde a vista alcançava. Uma névoa de fumaça pairava sobre a área, alimentada pelas fogueiras constantes usadas para cozinhar. As pessoas se reuniam ao redor delas mesmo durante as horas quentes do dia, apenas fitando as chamas. As crianças perambulavam, letárgicas, pelo espaço entre as tendas, lentas devido à fome e à exaustão, as bochechas manchadas de fuligem, com cinzas nos cabelos e as roupas mais largas a cada dia.

Quando a Cidade das Tendas foi fundada, muitas das tendas eram de náilon de cores fortes, mas agora estavam cinzentas e desbotadas devido à fumaça. Só uma tenda se destacava das demais. Era do tamanho de um casebre, alta o suficiente para uma pessoa poder ficar de pé lá dentro. Uma tenda de lona militar pesada, mas sem a estampa camuflada. Fora pintada de um tom escuro de roxo. Da cor da realeza.

O Traficante se dava muita importância.

— Tem hora marcada?

O segurança do lado de fora do covil do Traficante parecia um jogador de futebol americano aposentado.

— Não — respondi. — Mas tenho dinheiro.

Ele olhou para algo atrás de mim. Os braços do vigia eram tão grandes e inchados de músculos que ele parecia ter bebês enfiados nas mangas. O Traficante devia dar desconto nos esteroides para ele.

— Precisa marcar hora — falou o guarda. — O Traficante é um homem ocupado.

— Sou cliente assídua. Isso não me dá algum privilégio ou algo do tipo?

— Não.

— Olhe, só enfie a cabeça lá dentro e diga que Mia Price está aqui. Ele vai me ver, eu juro.

Por um momento, achei que o segurança ia me ignorar por completo. Mas ele se virou e enfiou a cabeça pela aba da tenda. Ouvi o homem murmurar alguma coisa, então veio a réplica aguda, quase chorosa, da voz do Traficante. Seguida da risada estalada dele, que me deu um calafrio. A risada do Traficante sempre me fazia ter o arrepio mais arrepiante de todos. Ele soava insano. Instável. Tinha acesso a todos aqueles remédios psicotrópicos, devia experimentar alguns, em vez do negócio que usava, que fazia as pupilas se dilatarem até o tamanho de M&M's.

— Manda ela entrar — ouvi o Traficante dizer, cantarolando com a voz alegre.

O segurança manteve a aba da tenda aberta para mim.

Apertei os olhos enquanto se ajustavam ao interior escuro da tenda. A tinta roxa usada para cobrir a lona bloqueava a luz, e também a maior parte do ar fresco. Estava tão quente e abafado lá dentro que comecei a me sentir fraca e enjoada. Ainda dava para sentir o cheiro da tinta. O cheiro químico combinado com o cheiro das velas de jasmim do Traficante fazia minha cabeça zumbir e girar.

— Acho que este lugar viola alguns códigos de segurança contra incêndios — comentei.

O Traficante estava deitado em uma pilha de almofadas coloridas nos fundos da tenda, parecendo algum tipo de marajá do gueto. A maioria das velas estava atrás dele, de forma que seu rosto ficava nas sombras. A mão estava apoiada em um enorme rottweiler preto, que a cada respiração soltava grunhidos altos.

— Não achei que a veria tão cedo, Mia Price. Mia, Mia, Mia Price — cantarolou o homem, então gargalhou. — É sempre um prazer ver você, minha cara. É uma das minhas clientes prediletas.

— Fico honrada.

Não tinha certeza de como tinha me tornado uma favorita, mas, se aquilo me ajudava a conseguir o que eu precisava, ficava feliz em aceitar o status.

— Venha — falou o Traficante, dando tapinhas nas almofadas. — Sente-se. Diga o que posso fazer por você.

— Na verdade, estou meio que com...

— *Sente-se.*

O rottweiler rosnou e lambeu o focinho com uma língua rosada da largura de um sapato.

Eu me sentei, mantendo o máximo de distância possível entre eu e o Traficante com seu cão, mas sem parecer mal-educada. Ou com medo. Mostrar medo era tão perigoso naquela tenda quanto no calçadão. O Traficante se alimentava do medo.

— Mais perto — disse ele. — Não vou morder. Só não posso responder por Rosemary. — Ele deu tapinhas na cabeça imensa do cachorro.

Disse a ele o que precisava.

O Traficante assobiou, impressionado.

— Você tomou aquilo rápido, garota.

— Não é para mim.

— *Ã-hã.*

Balancei a cabeça. Não importava para quem o Traficante achava que eram os remédios. Só importava que ele os vendesse para mim. Peguei o dinheiro e contei duzentos dólares. Cem por frasco.

Entreguei o dinheiro. Rosemary observou minha mão como se fosse um bife pingando sangue.

O Traficante contou o dinheiro, então balançou a cabeça, com tristeza.

— Não é suficiente.

Pisquei para ele.

— Mas isso é o que eu sempre pago.

Ele suspirou, como se partisse seu coração me dizer aquilo.

— O estoque está baixo. Precisei aumentar os preços.

Senti um aperto no peito.

— Posso pagar um pouco mais. — Entreguei os 17 dólares restantes a ele, mas o Traficante continuou balançando a cabeça.

— Sabe quantas pessoas desesperadas existem nesta cidade? Pessoas que precisam do que apenas eu posso fornecer, e farão o que for preciso para conseguir? Creio que os preços tenham dobrado, minha cara. Duzentos por frasco.

As paredes da tenda pareciam desabar ao meu redor.

— Eu... Eu não posso pagar tudo isso. Você disse que eu era uma das suas clientes prediletas. Não pode me dar um desconto desta vez, ou algo do tipo?

— Falou como uma verdadeira viciada — comentou o Traficante, os olhos apertados em um sorriso cruel.

Ele estava gostando daquilo.

— Não sou uma...

— Sabe o que digo a viciadas como você? Aquelas que vêm até mim, esvaziam os bolsos e ainda assim não é o suficiente, e então me perguntam: “Não tem algo que eu possa fazer?” Eu digo... que sim. Há sim.

Os olhos do Traficante se desviaram do meu rosto, avaliando meu corpo. Minha mão se moveu na direção do spray de pimenta no bolso, mas congelei quando Rosemary rosou em aviso.

— Ela gosta de você — comentou o Traficante. Estendeu a mão e a fechou em minha nuca. Suas pupilas eram como enormes bolas de gude pretas. — Eu gosto de você.

O medo apertou meu coração até eu achar que ele iria explodir.

— Não importa — falei. — Não preciso das pílulas. Eu... Eu vou embora.

O sorriso do Traficante sumiu do rosto.

— Não — retrucou ele. — Vou dar a você o que veio pegar. O que realmente precisa.

Minha mão voou até o spray de pimenta, mas fui lenta demais.

Não tive tempo de gritar. Não teria ajudado. Aquilo era a Cidade das Tendões. Os residentes estavam acostumados com os gritos.

O Traficante se deitou sobre meu corpo, me apertando numa pilha de travesseiros até eu achar que ia desaparecer, que nós dois afundaríamos para baixo delas, sugados como se estivéssemos na água.

Eu me debati, lutei, arranhei, chutei, grunhi, xinguei, mas o Traficante tinha quase 25 quilos a mais do que eu, e a droga que percorria seu corpo, qualquer que fosse, o tornou mais forte. Mordi com força e senti gosto de sangue, então tentei cuspir, mas não consegui, porque a mão dele ainda estava em minha boca, enquanto a outra levantava minha blusa e tentava abrir o zíper da calça.

O gosto de sangue na boca se tornou o gosto de fios de cobre zumbindo com sabor de eletricidade.

O calor dentro de mim estalou e despertou, e, pela primeira vez, não tentei acalmá-lo. Deixei que se libertasse.

— O que é isso? — falou o Traficante, parecendo confuso.

Senti a mão dele na minha barriga. Então ele tinha visto as cicatrizes de raios. Eu devia me importar, mas não consegui, porque o fogo dentro de mim tinha me possuído, estava viajando pelos meus braços. Era difícil me importar com qualquer coisa quando estava prestes a explodir.

— Você tem alguma doença? — indagou ele, parecendo enojado de repente.

— Tenho — respondi, mal conseguindo ouvir minha própria voz.

— Quer um pouco?

Ele se sentou, o rosto contorcido de ódio.

— Não ia me contar, sua putinha?

O Traficante recuou para me golpear. Antes que o golpe me acertasse, um som oco ecoou. Ele resmungou, então seus olhos se

arregalaram. Gotas de sangue jorraram como tinta borrifada, e ele caiu bem em cima de mim. Me sufocando. Empurrei o corpo inerte, mas o Traficante era um peso morto, e eu mal conseguia movê-lo.

Então alguém o agarrou e o rolou para longe de mim. Estava tão escuro que não consegui discernir quem estava diante de mim. Uma imagem lampejou diante dos meus olhos. Havia algo familiar naquela silhueta, mas eu não conseguia identificar o quê. O cara pairando sobre mim tinha algo na mão, mas, na memória que tentava chegar à superfície da mente, havia outra coisa na mão dele. Algo brilhante e...

— Mia — disse a silhueta, ofegante. — Você está bem?

— Jeremy?

Minha mente deu um branco devido à surpresa, e a memória que eu me esforçava para recuperar disse adeus.

— Você está bem? — perguntou.

— Sim. Sim, estou bem.

Estava quase bem. O fogo diminuía, o que tornava mais fácil formar pensamentos claros.

Jeremy desviou o olhar. Olhei para baixo e vi que minha calça estava aberta, a camisa puxada para cima, logo abaixo do sutiã. Eu me sentei, tentando ajeitar as roupas. Será que Jeremy vira as cicatrizes dos raios?

— Vamos sair daqui antes que ele acorde — falou o garoto.

Ele olhou com raiva para a figura do Traficante, deitada de costas. Em uma das mãos, Jeremy segurava uma frigideira de ferro pesada que devia ter tirado de alguma fogueira. O modo como os dedos se fechavam com tanta força no cabo o fazia parecer querer acertar a cabeça do Traficante com ela mais algumas vezes. Mais cedo, naquele dia, tinha pensado que Jeremy tinha os olhos mais tristes que eu já vira. Agora, achava que ele tinha os olhos mais furiosos.

Mas como Jeremy passara pelo segurança? E como sabia que eu estava ali?

Ele começou a estender a mão livre para me ajudar a levantar, então a retirou, e minha mão caiu.

Jeremy balançou a cabeça.

— Desculpe. Não posso.

Não disse o que não podia, mas eu entendi. Da última vez que toquei sua mão, acordei no chão da sala do sr. Kale.

Comecei a me levantar sozinha, mas um grunhido baixo e constante, como o som de uma moto ligada, me fez congelar onde estava.

Jeremy e eu olhamos na direção do som. Os olhos úmidos e pretos de Rosemary brilharam à luz da vela.

— Nada de movimentos bruscos — recomendou ele, mas na mesma hora levei a mão ao spray de pimenta. Foi um esforço enfiar a mão no bolso. Droga de jeans skinny!

Puxei a lata para fora, e começamos a recuar devagar para as abas da tenda, seguidos pelos olhos enormes e pretos do cão. Quando ela grunhiu em aviso, já era tarde demais. A mão de alguém agarrou meu tornozelo e puxou a perna. Caí de barriga no chão, na areia. O ar foi sugado de meus pulmões.

Os olhos do Traficante estavam arregalados. Cheios de ódio. Mas dessa vez eu estava pronta. Apontei o spray de pimenta bem nos olhos dele — pelo menos torci para que o furo estivesse apontado na direção certa — e apertei.

*Ssssss!*

O Traficante rugiu e me soltou para colocar as mãos nos olhos. Ele começou a tossir como se um dos pulmões estivesse preso na garganta. Minha respiração começou a queimar, então eu também tive uma crise de tosse. Assim como Jeremy. Curvei o corpo, sentindo como se tivesse engolido um punhado de formigas, que agora devoravam meus pulmões. Meus olhos se encheram de água, e lágrimas gordas escorreram, parecendo espessas como petróleo.

O Traficante tentou me agarrar às cegas. Rastejei pela areia.

Rosemary latiu. O som era de estourar os tímpanos, e pareceu fazer as paredes da tenda estremecerem. Então saltou, derrubando uma vela aromática na pilha de travesseiros. Chamas irromperam na mesma hora, espalhando-se pela parede da tenda como se o lugar inteiro estivesse coberto de gasolina — e poderia muito bem estar, considerando a camada de tinta roxa aplicada recentemente.

Os dentes de Rosemary se enterraram no braço do Traficante. Ela balançou a cabeça com violência, como se tentasse partir os ossos dele, e o homem gritou.

Fiquei de pé e abaixei o rosto para o Traficante.

— Você estava certo — falei, com a voz rouca, a garganta arranhada por causa do spray de pimenta. — Ela gosta mesmo de mim.

O fogo consumiu a montanha de travesseiros e quase envolveu a parede mais afastada da tenda. O calor atingia níveis insuportáveis. Mesmo assim, considerei uma busca rápida pelos remédios, antes de me lembrar que o Traficante os mantinha trancados em um cofre.

Cobrindo a boca com a camisa, Jeremy gesticulou para que eu fosse para a porta.

Senti o peso da derrota nos ombros. Nada de remédios.

Uma multidão de curiosos se reunira ao redor da tenda do Traficante, mas ninguém tentou apagar o fogo. Aquele homem não permitia que ninguém montasse uma tenda a até dez metros da dele, então deviam ter pensado que o incêndio não se espalharia. Pelo visto, o Traficante não tinha muitos amigos entre os residentes da Cidade das Tendas. Até o segurança tinha sumido, ou foi o que pensei, até que o vi deitado na areia, inconsciente a alguns metros da entrada. Não... Não inconsciente. Seus olhos estavam abertos, mas tremiam, como se estivesse vivenciando algum tipo de sono REM acordado.

— O que aconteceu com ele? — Minha voz abriu caminho pela garganta.

Lágrimas continuavam escorrendo dos meus olhos, que ardiam.

Jeremy deu de ombros e virou o rosto.

— Talvez seja epilético.

— Que conveniente.

Antes que eu tivesse tempo de expressar minhas suspeitas de que Jeremy fizera alguma coisa com aquele sujeito, Rosemary disparou da tenda do Traficante e avançou para a multidão.

— Au-au! — gritou um menininho cujo nariz escorria bastante.

A mãe o puxou do caminho de Rosemary bem a tempo de evitar que o menino fosse nocauteado.

A multidão crescente nos cercava.

— Devíamos correr — sugeriu Jeremy.

— Com certeza.

Disparamos pelo caminho que a rottweiler abriera e não paramos até que a Cidade das Tendas estivesse longe.



Assim que paramos de correr, comecei a chorar. Não pude evitar.

Tinha falhado. Não consegui os remédios da minha mãe, e minha única conexão no mercado negro podia estar morta.

Morta. Por minha culpa.

Pelo menos as lágrimas limpavam o restante do spray de pimenta dos olhos.

A pouco mais de um quarteirão de casa, consegui me recompor. Funguei, limpei o rosto e evitei os olhos de Jeremy. Ele estava tão quieto que, depois de um tempo, precisei dizer alguma coisa para quebrar o silêncio. Não estava com vontade de falar, mas achei que me ajudaria a tirar da cabeça o fato de que eu devia ser diretamente responsável pela morte de um homem.

Eu tinha tantas perguntas para Jeremy que não sabia por onde começar. Mas, quando abri a boca, o que saiu foi mais como uma afirmativa.

— Você não está matriculado na Skyline.

Ele demorou para decidir o que responder.

— Não.

— E não estava lá pela comida.

— Não.

— Então o que estava fazendo ali?

Jeremy olhou para mim, mas, pela primeira vez, seus olhos estavam indecifráveis.

Decidi passar para outra linha de interrogatório. Ou de acusação.

— Você anda observando minha casa.

Jeremy gaguejou um pouco e pareceu alarmado.

— Você me viu?

O sangue sumiu de seu rosto.

— Não, minha mãe. E o Miliciano Brent, depois da escola. Ele acha que você está me perseguindo.

Jeremy pareceu confuso por um segundo, então ficou estranhamente aliviado.

— Do lado de fora — murmurou consigo mesmo. — Os dois me viram do lado de fora. — Ele inspirou e expirou. — Não estou... Quem é Miliciano Brent?

— Um dos milicianos da vizinhança. Chama-se Brent. Gosta muito da arma de choque, então é melhor ficar longe dele.

Jeremy assentiu, e o ódio se acumulou em seus olhos uma vez mais.

— Eu me lembro dele. Se não tivesse me enxotado, eu poderia... — Jeremy parou.

— Poderia o quê?

Ele ignorou a pergunta.

— Então você nunca me viu... na casa? Não que você se lembre?

— Eu me lembraria de você — respondi, então senti um calor nas bochechas. — Quer dizer, você não parece um dos Desalojados, então teria se destacado. Não por qualquer outro motivo. Só... esqueça.

Jeremy franziu a testa para mim, como se eu falasse alguma língua estrangeira, e ele estivesse tentando traduzir.

Sáimos do caminho quando um grupo de Desalojados se aproximou na calçada. Eles nos encararam, suplicantes. Todos tinham as mesmas faces macilentas, e os olhos pareciam frouxos no rosto. Muitos tinham as feridas úmidas ao redor dos lábios e das narinas que vinham com a febre do vale.

— Podem me dar algum dinheiro? — perguntou uma mulher, com o cabelo coberto de cinzas, segurando a mão de uma garotinha que chupava o dedo como se pudesse fornecer algum nutriente.

Com “algum dinheiro” aquela mulher não compraria nem uma fatia de pão de forma.

Jeremy deu dinheiro aos Desalojados por nós dois, então falei:

— Desculpe, eu...

A mulher me interrompeu. Ela falou rápido, tentando soltar as palavras antes que eu pudesse escapar.

— Estamos famintos demais. Se não conseguirmos comida hoje, vamos precisar ir para a Tenda Branca, e não quero levar minha filha lá. Ouvi falar do que acontece lá dentro. Pessoas como nós entram e saem... diferentes.

Calafrios percorreram minha espinha.

Os outros Desalojados cercaram Jeremy e eu, e senti uma onda de pânico me invadir. Odiava pensar nisso, mas me lembrei dos pombos se alimentando no parque. Depois que um deles percebia que você tinha pão, os demais se reuniam ao redor e o seguiam para onde fosse.

Não queria levar a mão ao bolso e tirar os 217 dólares em dinheiro, com medo de que uma daquelas pessoas os pegasse e saísse em disparada. Então percebi que não tinha mais 217 dólares em dinheiro. Não tinha um único dólar. O dinheiro que dei ao Traficante virara cinzas na tenda.

Apertei os punhos junto ao corpo. Por um segundo, quando percebi mais um fracasso, achei que as lágrimas voltariam, mas o poço estava seco por ora.

— Por favor? — implorou a mulher.

A filha dela continuava chupando os dedos. Baba escorria pelas laterais da boca da menininha, formando caminhos enlameados pela sujeira no rosto. Os Desalojados se aproximaram mais. Outros começaram a estender as mãos. Quando um homem murmurou a súplica por ajuda, as feridas em seus lábios se abriram, e delas escorreu uma mistura de sangue e pus.

— Por favor — disseram. — Por favor, nos ajude. Não nos faça ir até o Profeta.

— Ele faz alguma coisa com pessoas como nós.

— Ele muda a gente. Coloca as mãos em cima da gente e muda alguma coisa.

— Ouvimos as histórias.

— Não nos faça ir até ele.

— Sinto muito — falei, engolindo a culpa. Ela preencheu meu estômago, pesada e ácida. — Não tenho dinheiro. De verdade.

— Aqui — falou Jeremy, e tirou uma carteira do bolso.

Começou a tirar notas, uma de cada vez, e, formando um círculo ao se virar, entregou uma para cada Desalojado. Vi de relance o rosto de Benjamin Franklin antes de as notas de cem dólares sumirem.

Encarei Jeremy, boquiaberta.

— Obrigada — disse a mulher, sem fôlego, muito grata. Ela se moveu sem jeito na direção de Jeremy, como se quisesse abraçá-lo, ou algo do tipo, então pensou melhor e recuou. — Muito obrigada.

Os outros Desalojados repetiram as palavras de gratidão da mulher, e um deles se curvou um pouco, como se Jeremy fosse da realeza.

— Fiquem longe da Tenda Branca — foi tudo o que Jeremy falou em resposta.

Quando eles se foram, eu me virei para o garoto que me acompanhava.

— Você sempre carrega uma carteira cheia de notas de cem dólares?

Ele deu de ombros, evitando meu olhar quando guardou a carteira.

Eu não aguentava mais aquelas manobras evasivas de Jeremy.

— Olha só — comecei —, você anda observando minha casa, e obviamente está me seguindo. Agradeço a ajuda com minha, há... situação com o Traficante, mas podia ter dado conta sozinha.

— Não, não podia — retrucou Jeremy, com tanta certeza que me fez piscar.

— O quê?

— Ele teria machucado você. Teria espancando, quebrado sua mandíbula e deslocado seu ombro. Então, quando você estivesse inconsciente, o segurança a teria jogado em um beco e... os Desalojados teriam feito o resto.

Eu o encarei, chocada.

— Você não sabe disso.

— Sei.

Balancei a cabeça, tentando afastar os pensamentos. Por que ele parecia ter tanta certeza? Talvez *algo parecido* acontecesse, se Jeremy não tivesse surgido, mas ele fora tão específico...

— Tudo bem — falei. — Tanto faz. Você me salvou. É um herói. — Estreitei os olhos para ele. — O que fez com o segurança? E não diga “nada”, porque sei que fez alguma coisa. É igual ao que aconteceu na sala do sr. Kale?

Jeremy estampou um olhar inexpressivo, então suspirei.

— Você vai me forçar a perguntar, não é? Tudo bem, aí vai: depois da aula de inglês, quando estávamos falando e eu... há... toquei na sua mão, o que não pretendia fazer, aliás, eu desmaiei e tive um sonho estranho. Quando acordei, você tinha sumido. Foi isso o que fez com o segurança? Você... — Eu me senti ridícula por sequer pensar naquilo. — Você o fez entrar em algum estado de sono?

Jeremy levou a mão à nuca, pressionando-a.

— Não são sonhos — murmurou.

— Então o que são?

— Não vai acreditar em mim se eu disser. Ainda não está pronta para ouvir.

— Como sabe para que estou pronta? Só me conhece há algumas horas.

— Eu só...

— Você só sabe — terminei para ele, aumentando a voz. — Isso tem algo a ver com os Caçadores? Sabe, aquele pessoal doido de quem você disse que queria me manter longe, e então, em vez disso, me deixou inconsciente à mercê deles. Tem alguma ideia do que me contaram, depois que acordei do seu soninho que não traz sonhos?

A mão de Jeremy passou do pescoço para a testa, o polegar massageando uma têmpora, e os dedos, a outra. Os dedos de Jeremy logo se moveram para o osso do nariz, beliscando o lugar. O pescoço estava esticado, como se ele estivesse sentindo dor.

— Desculpe por ter fugido — disse. — Não sabia o que fazer.

— Que tal *não* me abandonar?

As bochechas dele ficaram vermelhas.

— Eu disse que sinto muito. Pode ficar com raiva de mim, se quiser, mas precisa me ouvir, Mia. — Os dedos dele beliscaram com mais força o osso do nariz. Os olhos se fecharam bem apertados. — Você precisa ficar longe dos Caçadores.

— Foi o que disseram sobre você.

— Não ouça nada do que disserem.

— Por que não?

— São perigosos.

— Você já disse isso. Perigosos como?

— Agora que sabem quem você é, vão tentar usá-la.

Os dentes dele trincaram com tanta força que parecia que iam quebrar como vidro.

Aquelas palavras me fizeram recuar um passo.

— Quem sou eu? — perguntei, com a voz tão baixa que meus próprios ouvidos quase não captaram.

Relembrei as palavras de Katrina.

*Uma garota de pé no alto da última torre, cercada por uma tempestade violenta e relâmpagos feitos de sangue... o último presságio antes do fim...*

— Já falei, não posso explicar — respondeu ele. — Mas... — Ele abaixou a mão. — Poderia mostrar.

Jeremy deu um único passo e reduziu a distância entre nós. Inspirei e senti um tipo de formigamento quente saindo de dentro dele, fazendo uma febre irromper pela minha pele. Será que era a Centelha? Não parecia. Parecia fogo. Não como o fogo que tinha transformado a tenda do Traficante em um forno. Outro tipo de fogo. O tipo em que a gente tem vontade de colocar a mão. O tipo que a gente convida para queimar.

Jeremy ergueu as mãos. Ele estava tremendo.

— Não tenha medo — pediu.

Mas eu estava com medo, e abri a boca para dizer. Então as palmas das mãos dele tocaram meus olhos. A adrenalina do toque penetrou minha pele, e fiquei zozza de repente. Senti como se fosse cair de joelhos. Minha mente se encheu de luz, então de escuridão, depois...

Era como um daqueles livros com imagens que se tornam uma animação quando as páginas são passadas bem depressa.

Mas as páginas eram sobre mim.

*Eu estava cercada de todos os lados por montanhas de destroços de concreto e vidro. Sob meus pés, o chão estava coberto de uma poeira de cimento espessa. Mais à frente, na rua rachada e destruída, vi o pilar branco da Torre despontando para o céu noturno como uma agulha cega. Eu estava no Deserto.*

Corte.

*Dei um passo, e o chão abaixo de mim desapareceu. Baixei o rosto e vi que tinha pisado em um abismo na rua. Meu estômago subiu até a garganta quando comecei a cair na escuridão, sabendo que aquele era meu último momento de vida.*

Corte.

*Pessoas dançando. Os corpos tocando o meu, movendo-se em espasmos epiléticos ao ritmo da percussão eletrônica que parecia um coração batendo. Uma batida como a de um trovão. Não... Não era como um trovão. Virei o rosto para cima. Estávamos no telhado da Torre. O céu estava cheio de nuvens, pesadas como algodão preto e molhado. Não era como um trovão. A batida era o trovão. Um relâmpago piscou... era vermelho, parecia veias cheias de sangue se espalhando pelo céu. Meus olhos queimaram. Pisquei até conseguir ver de novo.*

Corte.

*Os dançarinos corriam. Iam até a beira da Torre enquanto os raios atacavam o telhado. Alguns saltaram para o nada. Eu os ouvi gritando durante a queda. Mas outros deram as mãos, formando um círculo que cresceu até dar a volta na Torre. Não havia o suficiente para fechar o círculo — o que me deixou feliz, porque eu sabia, de alguma forma, que se fechassem o círculo, poderiam parar a tempestade. E não queria que eles interrompessem a tempestade. Aquela era a minha tempestade, e eu queria vivê-la. Ergui as mãos para o céu, sentindo a emoção do que estava por vir.*

*Um trovão ecoou.*

*Senti a carga elétrica se erguendo para encontrar o relâmpago. Para se conectar. Para...*

Corte.

— Ei! Você! Tire as mãos dela!

Jeremy tirou as mãos do meu rosto. Eu pisquei, como se uma luz forte tivesse sido projetada diretamente nas minhas pupilas.

— Saia de perto, seu pervertido!

Jeremy recuou, erguendo as mãos de novo, agora para mostrar que estavam vazias e inocentes.

Nós nos encaramos, ambos respirando como se tivéssemos parado de repente depois de uma corrida acelerada. Mas Jeremy não estava mais tremendo, a dor tinha sumido dos olhos dele.

— Agora você vê? — perguntou. — Entende?

Minha pele zumbia com tanta intensidade que parecia que Jeremy poderia escutar. Meu corpo inteiro queimava, com febre. Falei para o coração se acalmar. Senti como se fosse uma lâmpada prestes a estourar.

— Está ouvindo, garoto? Eu disse pra sair de perto!

Eu me virei e vi o Miliciano Brent correndo na nossa direção, a arma de choque em riste.

— Está tudo bem — gritei para ele.

— Não está nada! É ele quem está perseguindo você!

Eu me virei para Jeremy de novo, e o vi recuando, descendo a calçada.

— O que foi aquilo? O que fez comigo?

— Venha cá, garoto!

— É melhor eu ir — disse Jeremy, olhando nervoso para o Miliciano Brent.

Ele começou a caminhar mais depressa, voltando por onde tínhamos vindo. Tentei segurar o braço dele, mas Jeremy continuou se movendo.

Então me olhou por cima do ombro.

— Não vá ao Deserto, Mia. Fique longe de lá e dos Caçadores.

Jeremy virou uma esquina e sumiu. Eu teria corrido atrás dele, mas o Miliciano Brent me alcançou, parecendo satisfeito consigo mesmo.

— Acho que agora espantei ele de vez — falou meu guarda-costas proclamado, estufando o peito.

Eu o olhei irritada.

— É. Muito obrigada.

— Vamos. — O miliciano me deu um tapinha nas costas. — Vou me certificar de que você vai chegar em casa em segurança. Não está feliz por eu ter dado aquele spray de pimenta a você?

Contive a irritação com Brent e assenti.

— Você não faz ideia.



Parker devia estar olhando pela janela à minha procura, porque abriu a porta assim que entrei no campo de visão da casa.

— Você já pode ir — falei para o Miliciano Brent. — A gente vai ficar bem.

— Tem certeza? — Ele ergueu uma sobrancelha. — E se o garoto voltar?

— Ele não é perigoso. — Forcei um sorriso. — Até me salvou hoje. Tenho quase certeza de que é um dos mocinhos.

O Miliciano Brent assentiu.

— Se você diz. Tome cuidado, Mia Price. — Parker me alcançou nesse momento. — Fique de olho na sua irmã, garoto — falou o miliciano, e deu um tapinha nas costas de Parker forte o bastante para quase fazê-lo cair. — Vocês dois, fiquem longe de problemas.

Ele bateu uma continência firme antes de ir.

— O que aconteceu? — indagou Parker, quando o Miliciano Brent saiu de perto. — Seus olhos estão vermelhos. Andou chorando?

— Não consegui os remédios. — Minha voz saiu rouca por causa da garganta ainda machucada.

Esperava um “eu avisei para você não ir” de Parker, mas ele apenas assentiu.

— Tudo bem. Vamos pensar em outra coisa para a mamãe.

Ele passou o braço sobre meu ombro e caminhou comigo para dentro de casa. Percebi, pela primeira vez, que Parker estava pelo menos dois centímetros mais alto do que eu. Quando isso tinha acontecido?

Lá dentro, encarei meu reflexo no espelho decorativo que pendia da parede do hall de entrada. O espelho caíra durante o terremoto, mas, por milagre, ficara intacto, exceto por uma longa rachadura diagonal que percorria o vidro. Pelo menos não tinha estilhaçado inteiro. Imaginei que aquilo nos livrava da cláusula dos sete anos de azar.

Mal reconheci o rosto que me olhava de volta do vidro quebrado, que dividia minha imagem com uma linha irregular, em formato de raio. O cabelo estava cheio de frizz, sujo de cinzas e areia. Havia manchas de fuligem nas bochechas. Os olhos estavam mais do que vermelhos: estavam incandescentes e com veias bem marcadas, como se as cicatrizes de raios em minha pele tivessem se estendido até eles.

Dei as costas para aquela imagem. Não queria me ver daquela forma.

— Como está a mamãe? — perguntei, com a voz trêmula.

Parker deu de ombros.

— Ela não saiu do quarto, mas não estou ouvindo a TV. Acho que está dormindo.

Assenti e fui até a cozinha, onde abri a porta da geladeira. A lembrança do calor de Jeremy ainda estava viva em minha pele, como uma queimadura de sol. Fiquei de pé ali, com a porta aberta, banhando-me no vento gelado. Queria entrar e fechar a porta, fechar o mundo e existir no frio e no escuro por um tempo. Às vezes, o calor do meu corpo se tornava tão insuportável que eu só queria desligar. Desligar tudo.

— O que aconteceu com o Traficante? — perguntou Parker.

— Ele roubou meu dinheiro e me expulsou — respondi, simplificando a história.

— Todo o dinheiro?

— Sim.

— O que vamos fazer?

Eu não tinha resposta. Fechei a porta da geladeira.

— Vou subir um pouco.

— Mia?

— Sim?

— Eu estava pensando... Não fique com raiva, ok? Só estou digerindo uma coisa. Talvez... Talvez devêssemos levar a mamãe para um daqueles cultos. Aqueles na praia.

Levei um segundo para registrar o que ele estava dizendo. Os cultos na praia... Os cultos.

*Não nos faça ir até o Profeta.*

*Ele faz alguma coisa com pessoas como nós.*

*Ele muda a gente. Coloca as mãos em cima da gente e muda alguma coisa.*

Senti um peso do tamanho de uma bola de canhão aterrissar em meu estômago.

— Por que faríamos isso?

— Bem... — Ele respirou fundo e começou a defesa. — Andei lendo sobre misticismo religioso. Há todo tipo de coisa estranha que aconteceu nas igrejas e em cultos e tudo o mais. Pessoas com tumores do tamanho de bolas de beisebol recebem uma bênção e, do nada, o câncer some, como se jamais tivesse existido. As pessoas caminham sobre fogo ou por cima de vidro quebrado, ou são mordidas por cobras mortais e não se ferem. E há tribos na África que fazem rituais para trazer a chuva durante a seca, e às vezes funciona. Uma tempestade simplesmente surge do nada.

— Parker...

— Algumas pessoas acham que é Deus trabalhando por meio dessa gente para realizar milagres. Mas outros acham que é... É

como se você juntasse gente o suficiente que acredita na mesma coisa, ou que quer a mesma coisa, então o que elas querem *acontece*. Isso se chama vontade concentrada, consciência coletiva, ou algo assim. Você *deseja* que algo aconteça, e acontece. Talvez seja igual ao que os Caçadores estavam falando sobre a Centelha, sobre como é tudo energia concentrada e poder do pensamento. É como se esses milagres tivessem a ver com as coisas em que a pessoa acredita, e com que intensidade acredita, entende? — continuou meu irmão. — Então isso pode funcionar com a mamãe, como funcionou com aquela gente que tinha febre do vale. Ela acredita nessas coisas que o Profeta fica dizendo, então talvez, se acreditar que ele pode curá-la...

— Não — falei.

— Por que não podemos tentar? Podíamos levá-la a um dos cultos do Profeta só para ver.

Balancei a cabeça. Eu senti uma leve irritação em algum lugar bem no meu íntimo. Mas, em grande parte, estava exausta.

— Quer mesmo levar a mãe para ver o profeta? — perguntei. — Acha que devíamos encorajar essa crença em um líder de culto televangelista que alega que o mundo vai acabar em três dias?

Observei o entusiasmo sumir dos olhos dele.

— Quero que ela melhore.

— Ela vai melhorar — falei, obrigando-me a parecer segura, mesmo sem estar. — Só leva tempo.

— E quanto ao grupo de sobreviventes do terremoto? — perguntou Parker.

— O que tem ele? — Passei por meu irmão, indo na direção das escadas que davam para meu quarto.

— Você disse que podíamos falar com a mamãe a respeito de ir, ver se ela está disposta a tentar.

Eu não queria dizer a Parker qual era o verdadeiro motivo pelo qual eu estava relutante. Duvidava que ele se lembrasse do número da sala listado no panfleto.

Sala 317.

A mesma do sr. Kale.

Eu tinha certeza de que Parker ficaria ainda mais determinado a ir, se percebesse isso.

Fiz barulho ao me arrastar escada acima.

— Estou muito cansada, Parker. Podemos conversar com ela sobre isso amanhã.

Fechei a porta do quarto, para que ele soubesse que a conversa tinha terminado.

Caí na cama, exausta. Queria tirar uma soneca, me desligar por um tempo. Se já não soubesse que os remédios para dormir da minha mãe de nada adiantariam — isso se ela tivesse algum sobrando —, teria tomado um (ou cinco). Mas tinha experimentado todos os remédios para dormir do mercado. Nada funcionava.

Peguei o laptop na mesa de cabeceira e abri o navegador, comemorando em silêncio quando a página carregou. Estava lenta, mas pelo menos funcionava.

Por curiosidade, mais do que por interesse, tinha olhado o blog de Esqui algumas vezes. Mas isso foi antes do terremoto. Antes dos Caçadores.

A página era simples, sem fotos, gráficos ou anúncios. Apenas um fundo branco com letras pretas. Havia dezenas de posts, muito mais do que eu podia dar conta de ler, então verifiquei apenas os títulos. Levei cerca de vinte segundos para chegar à conclusão de que os posts tratavam de apenas dois assuntos: Rance Ridley Profeta e o apocalipse iminente.

Quem é Rance Ridley Profeta de verdade?

Onde está o décimo segundo apóstolo do Profeta?

O céu está caindo, sério mesmo, parças!

Rance Ridley Profeta quer VOCÊ para o exército de Deus DELE!

Por que a Igreja da Luz está comprando propriedades no Deserto?

Sinais do fim dos tempos (praga, guerra, fome, e toda essa coisa boa)  
Rance Ridley... Profeta?

Comecei a ler o primeiro. Pela data, o texto tinha sido postado apenas cinco minutos atrás.

Quem é Rance Ridley Profeta *de verdade*?

Ele é o homem do momento. O cara que previu o terremoto de Puente Hills ao vivo na TV minutos antes de acontecer. Que transformou Los Angeles na fivela há muito perdida do Cinturão da Bíblia, que está convertendo as pessoas para a Igreja da Luz mais rápido do que um exército de mórmons movidos a energético. O homem sobre o qual os Seguidores não conseguem parar de falar. Ele é Rance Ridley Profeta, e quer que VOCÊ entregue sua alma! Não parece maneiro? Uma maravilhosa lobotomia religiosa em um dos famosos cultos da meia-noite?

Mas, tirando essas coisas que todos sabem, quem é Rance Ridley Profeta de verdade? De onde ele veio, e que caminho tomou para chegar onde está? Preciso dizer: sou muito bom com toda essa coisa de pesquisa na internet, mas não encontrei muito sobre nosso velho amigo Rance. Até me aventurei fora do quartel-general e fui para a velha biblioteca, tentando descobrir quem é esse saco de bosta que se autointitula profeta. Eis o que descobri. Não é muito, gente, mas é tudo o que tenho para oferecer.

Primeiro, Profeta não é seu sobrenome de nascença. Ele é Rance Ridley, filho de um cara chamado Ram Ridley, que, por acaso, era o profeta da Igreja da Luz antes de Rance assumir o comando, na tenra idade de 13 anos.

Eis o fato número dois. Rance Ridley se tornou profeta AOS 13 ANOS! Isso é loucura! Mas, por outro lado, estamos falando de um culto religioso, e seguidores de cultos não são conhecidos por serem racionais. A Igreja da Luz teve dezenas de profetas antes de chegar ao bom e velho Rance. Cada um dos predecessores alegava que falava diretamente com Deus, e que o Grande Chefão anunciaria a data do fim do mundo. E cada um deles estava errado, então foram todos enxotados da igreja. Um conselho: se quer permanecer no controle de um culto que prenuncia o fim do mundo, não dê uma data para o apocalipse, a não ser que tenha certeza de que vai acontecer. Estar errado costuma ser péssimo para a sua autoridade.

Tudo bem, então o pequeno Rance Ridley toma o controle da Igreja da Luz logo depois de acordar no hospital. Ele estava em coma há três dias, mas não encontrei registros sobre o que o deixou nesse estado. De toda forma, ele alega que viu Deus enquanto estava à beira da morte, e que Deus contou a ele que o papai Ram devia ser deposto e que Rance devia ser nomeado profeta. Ram não concordou, mas alguns dias depois morreu de forma misteriosa. Conveniente, não?

Depois disso, Rance transformou Ridley em seu nome do meio e mudou o sobrenome para Profeta. Então se segue um enorme vazio temporal durante o qual não consigo encontrar nenhuma informação sobre ele. Rance e os Seguidores ficaram na encolha, cuidando da própria vida. Ele não ressurgiu até que começou a adotar todos aqueles jovens e chamá-los de Apóstolos. (Nota: não consigo encontrar registros de adoção ou de orfanatos para nenhum dos jovens. Se esses registros algum dia existiram, Rance deve ter feito com que desaparecessem. Por quê?, eu pergunto. Por que destruir os registros? O que ele está escondendo?)

Ah, e enquanto Rance estava na encolha, o cabelo dele ficou branco e ele desenvolveu catarata, que se recusa a remover, porque alega que Deus a colocou ali. Como quiser, cara.

Um ano atrás, Rance estreou como televangelista em *A Hora da Luz*. E, se você tem a mínima consciência do que está acontecendo no mundo, conhece o resto da história. E sabe que hoje ele finalmente anunciou a data do fim do mundo.

Dia 17 de abril. Dia do Juízo Final. O Fim.

Vamos torcer para que Rance não seja diferente de seus predecessores.

Fechei o laptop. Tinha lido o bastante — o bastante para me deixar enojada. Muitas das coisas sobre as quais Esqui escrevia pareciam blá-blá-blá típico das teorias da conspiração. O que me incomodou foi que ele admitiu abertamente que não sabia muito sobre o Profeta. Em geral, teria especulado até o ponto da fantasia. Mas o que Esqui dizia ali... devia ser verdade, já que ele não tinha tentado preencher as lacunas.

Verifiquei o relógio na mesa de cabeceira. Tinha sido um dos dias mais longos da minha vida, e eram apenas cinco e meia da tarde.

Apoiei a cabeça nos braços, fechei os olhos e um milagre aconteceu.

Eu caí no sono.

E sonhei.

Ou melhor, lembrei.



Arizona. Lake Havasu City. Um ano atrás.

O problema das tempestades de raios no Arizona é o seguinte: às vezes elas surgem do nada. Ventos mudam e fazem a umidade tropical do golfo do México colidir com o calor do deserto do Arizona. Em um minuto, o céu está limpo. No seguinte, há uma nuvem pesada como uma bigorna. Então eu precisava tomar cuidado ao sair de casa, para não ser surpreendida a céu aberto por uma nuvem negra pairando acima de mim.

Mas esses tipos de tempestade... Podem pegar até alguém como eu desprevenida.

Então foi isso que aconteceu.

Tinha uma garota, uns dois anos mais nova do que eu. Seu nome era Janna, e ela não batia muito bem. Não vou entrar em detalhes, mas ela foi atropelada. O carro quebrou o braço dela, mas, quando Janna caiu na calçada, rachou o crânio e ficou com o cérebro esquisito. Ela não foi a mesma depois disso. Sorria muito, mas não falava. Costumava perambular sem destino pela cidade. Deixava os

outros jovens desconfortáveis. Eles a chamavam de retardada, mas, na maior parte do tempo, Janna parecia apenas perdida.

Por algum motivo, ela gostava de mim. Talvez percebesse meu status de excluída e achasse que eu a aceitaria. E aceitei. As pessoas em Lake Havasu City estavam familiarizadas com meu probleminha, e mantinham distância. Qualquer um que conhece qualquer coisa sobre raios sabe que não é bom estar perto de uma árvore quando ela for atingida, e o mesmo princípio se aplica a mim.

Mas os danos que o cérebro de Janna tinha sofrido deviam ter acabado com seu senso de autopreservação. Os pais dela a avisaram para ficar longe de mim, mas Janna continuava aparecendo à minha porta.

No dia em que fui atingida pela última vez, o céu estava perfeitamente limpo. Era sábado. Eu tinha verificado a previsão do tempo e confirmado que a chance de chuva era quase inexistente, então devia ser seguro sair de casa.

Quando pisei do lado de fora, Janna estava sentada na varanda da entrada, encarando o espaço, sorrindo de um jeito agradável para nada em especial. Perguntei se ela queria sair para caminhar, e ela assentiu. Janna adorava andar, mais do que qualquer outra coisa. Alguns dias, caminhava de uma ponta da cidade até a outra, de um lado para outro, sem parar, sem dizer uma palavra.

Então saímos. Decidimos caminhar até a London Bridge, que, na verdade, tinha sido construída em Londres e trazida por algum americano rico. Ele mandou desmontarem a ponte e despacharem cada tijolo até Lake Havasu City, para servir de atração turística. Era um dos meus lugares preferidos na cidade, aquele pedaço velho de Londres largado no meio do Arizona.

Janna e eu estávamos na ponte, olhando pela murada, observando os barcos passarem por baixo, quando senti um formigamento intenso. Ergui o rosto e vi: uma nuvem cinza e pesada se formando logo acima da ponte, espalhando-se como uma gota de tinta mergulhando em um copo d'água.

Aconteceu depressa.

Depressa demais.

Cada pelo do meu corpo se arrepiou. Senti gosto de metal, como se estivesse sugando uma bala de revólver.

— Volte! — gritei para Janna, mas ela ficou ali parada, piscando para mim.

Então eu a empurrei. Só queria tirá-la de perto de mim.

O raio caiu nesse exato instante. Entrou pelas minhas costas, e foi como se eu fosse atravessada por uma espada recém-saída da forja. Era dor, mas era mais do que isso. A dor era tão grande que se tornou outra coisa. Era vida. A essência de tudo. E estava me preenchendo. Me carregando.

Eu estava ocupada demais com o raio para perceber o que fizera, até que tudo acabou. Até que meu cabelo começou a cair da cabeça como neve negra.

Foi quando vi Janna caída no meio da ponte, a quase cinco metros de mim. O trânsito tinha parado. As pessoas apontavam. Gritavam. Corriam para ela.

Eu não conseguia me mover.

As roupas dela estavam quase todas queimadas. Os tênis tinham explodido, deixando os pés descalços e as solas em um tom vermelho intenso. Cheias de bolhas. Inchadas. Os braços e pernas estavam em carne viva, como se a pele tivesse sido raspada com um bisturi, revelando o tecido abaixo. Os cabelos, assim como os meus, tinham queimado até virarem cinzas. O couro cabeludo dela estava coberto de bolhas.

E, no peito dela, perto dos ombros... Duas marcas vermelhas de mãos tinham sido queimadas na pele.

— Você! — Ouvi alguém da multidão gritar. — Você fez isso!

As pessoas começaram a se virar para mim.

Muitas pessoas que estavam correndo na direção dela começaram a correr para mim.

O terror tomou conta do meu coração e ameaçou esmagá-lo. Minhas costas estavam apertadas na murada da London Bridge.

O calor do raio ainda queimava dentro de mim, tornando impossível pensar com clareza. Um homem caminhou na minha direção, determinado... Era grande o suficiente para me levantar e me jogar da ponte. E não estava sozinho. A multidão se reuniu ao meu redor, com ódio nos olhos. Ódio e medo.

— Você é maligna — falou o homem enorme, quando chegou a poucos metros de mim. — Você matou aquela garota. Você é *maligna* — disse simplesmente, não como uma acusação, mas como um fato.

Todos sabiam. Eu era maligna. Eu era uma assassina.

Um monstro.

O homem enorme estendeu o braço para mim. Eu não sabia o que ele pretendia fazer, se teria me jogado da ponte, me estrangulado ou me batido. A única coisa que eu sabia era que ele queria me ferir. Precisava me proteger. Ergui as mãos, as palmas apontadas para ele. Estava com as luvas sem as pontas dos dedos, como sempre, mas havia tanto calor acumulado em minhas mãos que as luvas estavam fumegantes, se desfazendo, transformando-se em cinzas e salpicando o chão. Em um segundo, minhas mãos estavam fumegando, e, no segundo seguinte, veios de luz vermelha saltaram da ponta dos dedos e se ligaram ao homem. Ele congelou. Então começou a ter convulsões.

A multidão recuou. Houve mais gritaria, mas o barulho agora era incerto. Tinha mais medo que ódio.

A pele do homem começou a fumar, e um cheiro emanou dele, como fios queimando e carne cozinhando.

*Pare!*, implorou uma voz em minha mente. *Pare! Está matando ele!*

Era estranho. Até aquela voz falar, eu não tinha percebido que estava ferindo o homem. Vi os veios vermelhos saltarem das pontas dos dedos, ligando-me a ele como cabos de transmissão de carga, mas não fiz a conexão. Nunca tinha acontecido nada daquele tipo.

Mas estava acontecendo.

Eu estava eletrocutando aquele homem. Fritando.

Havia raios em mim, e eu o acertava com eles.

Estava matando o homem.

*Pare!*

Senti algo se partir, como fios esticados sendo cortados. Os veios de luz vermelhos foram sugados para dentro das minhas mãos, e o homem desabou em uma pilha fumegante.

Olhei para a multidão, achando que correriam para mim e me empurrariam da ponte. E, dessa vez, eu teria permitido. Não tentaria me defender. Eu merecia qualquer que fosse a punição. O homem estava certo. Eu devia ser mesmo maligna.

Meus olhos se voltaram para Janna. Eu a vi se mover, tentando se sentar, e uma onda de alívio percorreu meu corpo.

— Eu não quis machucá-la — falei para a multidão.

Silêncio foi tudo que recebi, mas a acusação era tão alta quanto uma dezena de sirenes.

Ou seriam sirenes de verdade?

Luzes piscando.

Polícia.

Meu instinto de autopreservação voltou rugindo.

Ninguém tentou me impedir quando saí correndo da London Bridge. E, quando a multidão chegou para expulsar minha família de Lake Havasu City, já estávamos longe.

Uma semana depois, chegamos a Los Angeles, para onde minha mãe dissera que devíamos ter nos mudado assim que minha avó morreu. Los Angeles, onde nunca chovia, de acordo com a música.

Minha mãe mudou nosso sobrenome, para o caso de alguém decidir nos procurar.

Usei uma peruca para esconder a careca. O raio nem sempre transformava o cabelo em cinzas, como fizera daquela vez. Eu quase preferia as vezes em que o raio parava meu coração às que levava meu cabelo.

Parker e eu nos matriculamos na Skyline High. Tentei me distrair do que tinha feito com Janna e com o homem na ponte, do que descobri quando liguei para o hospital a caminho de Los Angeles.

Disquei 411 e pedi que uma atendente me conectasse com o hospital em Lake Havasu City. Pedi pelo quarto de Janna Scott. Janna atendeu. Não reconheci a voz dela, porque, até aquele momento, nunca tinha ouvido.

— Desculpe — sussurrei.

Lágrimas desciam pelo meu rosto.

— Mia — chamou ela. — É você?

Então me dei conta... Ela estava falando. Mas agora era eu quem não conseguia formar as palavras.

— Estou bem agora — disse Janna.

— Não, não está. — Engasguei com um soluço. — Eu vi o que fiz com você.

— As queimaduras? — indagou ela, parecendo surpresa. — Os médicos dizem que vão melhorar. Precisarei de alguns enxertos de pele, mas, depois disso, ficarei bem. Melhor do que bem. Não sei o que você fez, mas... Você me consertou. Estou curada.

Balancei a cabeça, sem entender muito bem.

— E quanto ao homem na ponte?

Ela ficou em silêncio por um longo momento.

— Ele vai sobreviver — respondeu, por fim, a voz quase inaudível. — Alguém está vindo. Preciso ir. — Ela cobriu o telefone, e ouvi a voz abafada de Janna falando com outra pessoa. Então ela falou: — Obrigada, Mia. — E desligou.



Acordei ardendo, pingando de suor. Minhas roupas encharcadas estavam coladas como papel molhado à pele febril. Eu as tirei quando saí cambaleando até o banheiro, rezando para que a água ainda estivesse ligada. Quando abri a válvula da banheira, escorreu água da torneira. Tampei o ralo, entrei na banheira e deitei no fundo, deixando a água gelada correr para meus pés. Precisava esfriar o corpo, antes que começasse a derreter. Encolhi o corpo quando um vapor subiu da pele, mas a febre no sangue começou a diminuir devagar.

Fechei os olhos, tentando não pensar no sonho. Mas, na mente, revia o corpo queimado de Janna caído, encolhido no meio da ponte, ouvia a voz dela dizer: *Não sei o que você fez, mas você me consertou.*

Não fazia sentido. Mas era verdade. Eu tinha lido sobre a recuperação milagrosa de Janna na edição eletrônica do *Havasus News*. Meu envolvimento não era mencionado. Parecia que Lake Havasu City queria esquecer que eu tinha existido. Sem problema. Havia coisas que eu também queria esquecer, como o que fizera com aquele homem na ponte.

Ele sobreviveu, mas talvez fosse melhor que não tivesse.

Pensei no que Rachel tinha dito no lounge, naquela manhã.

*Redenção. É isso o que você busca, não é? Redenção e perdão pelo mal que fez.*

Talvez ela estivesse certa. Talvez eu precisasse mesmo de redenção. Mas não procuraria por isso na Tenda Branca de Rance Ridley Profeta. Se havia algum modo de me redimir, seria fazendo minha família sobreviver aos próximos dias, semanas, meses ou o tempo que levasse. Fazer minha mãe melhorar. Manter Parker longe de problemas. Nos levar de volta para a estabilidade, a sanidade e tudo o que era normal. Ainda não sabia como realizar esse pequeno feito, então decidi não pensar a respeito.

Em vez disso, pensei em Jeremy.

Jeremy, que tinha me tocado e feito com que eu visse raios. Que me fizera queimar.

Eu o convidei para a minha mente, me coloquei diante dele e observei o que acontecia.

E observei.

E observei.

Relaxe na água gelada. Meus dedos tracejaram as cicatrizes de raios na pele, e meu sangue começou a esquentar de novo, a pele voltou a queimar, até que a banheira não estivesse mais fria, e eu estivesse mais quente do que nunca, mas era o tipo bom de calor.

Uma queimadura boa.



Quando me sequei e vesti roupas limpas, tinha passado das sete. Eu deveria estar faminta, pois mal tinha beliscado no almoço, mas meu estômago estava tão cheio de preocupação que não tinha espaço para a fome. Mesmo assim, sabia que precisava comer e me certificar de que minha mãe e Parker também comessem. Minha mãe não era a única que tinha perdido peso desde o terremoto. Parker e eu conseguíamos sentir nossas costelas.

Na cozinha, descobri que Parker tinha descarregado as caixas de ração escassa. O suprimento de comida agora consistia em duas latas de vegetais, feijões e sopa, dois pães de marca genérica, quatro caixas de mingau de aveia instantâneo e uma lata de leite em pó para cada um. Parece que aquilo era tudo de que precisávamos para sobreviver.

Fui atrás de Parker para perguntar o que ele preferia para o jantar, sopa e torrada ou feijões e torrada (podíamos fingir que estávamos na antiga e alegre Inglaterra, em vez de numa Los Angeles pós-apocalíptica).

Mas meu irmão não estava no quarto.

Fiquei imóvel, reparando em como a casa estava silenciosa. Como estava silenciosa demais.

Também encontrei o quarto da minha mãe vazio. Parecia estranho sem ela lá dentro, como se uma peça essencial de mobília tivesse sido removida.

O carro da minha mãe não estava na garagem, mas eu imaginava onde estaria, assim como minha mãe e Parker também. E eu tinha uma boa ideia do que faria com Parker quando o encontrasse.

O sol estava ocupado se pondo enquanto eu dirigia pela Ocean Avenue, de volta para Skyline. Não gostava de sair depois do anoitecer — era quando a maior parte dos saques acontecia —, e torcia para conseguir levar minha mãe e Parker de volta para casa antes de ficar escuro.

Parece que quem quer que estivesse no comando da Skyline também estava preocupado com os saques. Havia sentinelas com armas de choque montando guarda em cada entrada.

— Estou aqui para o grupo de sobreviventes do terremoto — falei para a sentinela que bloqueava a porta principal.

O homem se encolheu quando falei com ele, como se eu tivesse vindo de fininho e o surpreendido, embora o homem definitivamente tivesse me visto chegando do outro lado da rua. Ele me olhou de cima a baixo com olhos arregalados demais.

— Você é ela, não é? — perguntou, em um sussurro.

— Hã?

Ele balançou a cabeça, parecendo envergonhado.

— Nada. Não importa. Achei... Sabe para onde ir, não sabe? Sala...

— 317, já sei.

Senti o vigia me observando até a porta se fechar às minhas costas.

O corredor principal estava pouco iluminado e deserto, mas parecia lotado com os rostos dos mortos e dos desaparecidos

estampando a parede. Os olhos deles me seguiram conforme eu apressava o passo.

Nunca tinha entrado na Skyline depois de fechada. Eu não era membro de nenhum clube, equipe ou grupo, então nunca tinha motivo para ficar na escola por mais um segundo além do necessário. Era bizarro ali dentro, quando os corredores não estavam cheios de alunos e a única coisa que eu conseguia ouvir era o eco dos meus passos. Eu ficava olhando para trás, pensando que ainda sentia olhos observando cada um dos meus movimentos.

— Achei que você voltaria.

Minha cabeça virou para a frente e congelei.

Katrina estava recostada à balaustrada da escadaria.

Meus músculos do pescoço e dos ombros, já tão retesados, parecendo prestes a se partir como corda velha, ficaram um pouco mais tensos. Eu não achava que dava para aquele dia ficar ainda pior, mas, pelo visto, meus poderes de pessimismo tinham falhado, para variar.

— Não vim ver você — falei.

— Ah, eu sei — disse Katrina. — Parker e sua mãe estão com tio Kale. Ele sabe que Parker agiu escondido de você para trazê-la aqui. E você sabe que ele sabe, né?

Katrina tocou a têmpora com a unha pintada de vermelho.

Minha espinha ficou rígida, e meus dentes trincaram como se eu estivesse tentando morder alguma coisa dura.

— Você precisa ficar longe da minha família.

Katrina ergueu as mãos, mostrando inocência.

— Seu irmão veio até nós. Parker não é como você, Mia.

— O que isso quer dizer?

— Ele não é egoísta.

O calor em meu peito se incendiou. Eu me vi diante do rosto de Katrina. Nunca fui uma pessoa de confrontar os outros, mas aquela garota trazia isso à tona em mim, e muito.

— O que quer que você acha que sabe sobre mim, *está enganada*.

Katrina se encolheu ainda mais junto à parede e engoliu em seco.

— Sei que tem poder — disse ela. — Sei que poderia usá-lo para fazer algo de bom neste mundo, mas, em vez disso, se esconde nas sombras, fingindo ser uma observadora indefesa. Mas não é isso o que você é. Seu irmão não tem poder, mas ele ainda é corajoso o suficiente para defender alguma coisa. Não tem medo de lutar por aquilo em que acredita.

Em que Parker acreditava, exatamente? Na causa dos Caçadores? Na habilidade do Profeta de curar minha mãe? Que o fim do mundo estava próximo? Eu não conseguia entender meu irmão.

Recuei. Katrina tentou esconder o alívio, mas eu percebi. Sabia como era quando as pessoas tinham medo de mim.

— O que é preciso para que vocês deixem a gente em paz? — perguntei.

— Que tal uma troca? — sugeriu Katrina. — Esqueceremos do seu irmão e nunca mais o incomodaremos se você se juntar ao nosso lado e lutar contra o Profeta e seus Seguidores quando a tempestade vier.

— E se eu recusar? — perguntei.

Katrina sorriu.

— Você não vai.

— Pode me dar um tempo para pensar?

— É uma oferta única, e expira em dez segundos. Dez... nove... oito...

— Me dê um dia.

— Sete... seis... cinco...

— Preciso de mais tempo!

— Desculpe, não resta muito. Quatro... três... dois...

— Tudo bem!

Eu queria estrangular Katrina, mas relaxei, deixando o impulso de brigar se esvaír. Se aquele era o único modo de proteger Parker dos Caçadores, de proteger meu irmão de si mesmo, então era o que eu precisava fazer.

— Vou me juntar a vocês — falei —, se *todos* jurarem ficar longe da minha família, mesmo que ela não queira. Parker é assunto proibido daqui em diante, entendeu?

— Feito. — Ela estendeu a mão direita, mostrando a marca saliente na palma. — Vamos apertar a mão para selar o acordo?

Olhei para a mão de Katrina, desejando jamais tê-la apertado no lounge feminino, no início do dia. O que eu estava fazendo fechando um acordo com aquela gente? Será que também me marcariam? Para isso eu precisaria tirar as luvas e revelar as cicatrizes de raios. Eu não podia fazer isso. Não faria.

A mão de Katrina aguardava. Eu não a apertei.

— Acredito na sua promessa — falei, e comecei a subir as escadas. Ainda precisava recuperar meus familiares perdidos.

Katrina gritou para mim.

— Veremos você aqui amanhã de manhã, então, bem cedinho.

— Para quê?

— Iniciação. Esteja na sala do tio Kale às sete em ponto. Não se atrase.

Parei do lado de fora da porta do sr. Kale, que estava entreaberta — uma fresta grande o suficiente para que eu espiasse do lado de dentro sem ser vista.

As mesas tinham sido dispostas em círculo. Havia umas quinze pessoas sentadas. Minha mãe e Parker estavam entre elas, junto com o sr. Kale. Reconheci alguns dos alunos da Skyline e uns dois professores: um deles era a professora de história, sra. Markovic, que estava de pé, falando com as pessoas do círculo. Isso foi uma surpresa. A sra. Markovic tinha sido substituída, então presumi que tinha saído da cidade. Mas dava para ver, pelo cansaço ao redor dos olhos e pelos novos fios grisalhos, que a sra. Markovic não estava pronta para enfrentar uma sala de aula de novo. Ela parecia quase tão assombrada quanto minha mãe, e imaginei pelo que teria passado desde o terremoto, quem teria perdido.

Meu plano tinha sido fazer uma breve interrupção no que quer que estivesse acontecendo na sala do sr. Kale, pegar Parker e minha mãe e sair da escola. Mas, antes de ter essa chance, a sra. Markovic murmurou:

— Obrigada por ouvirem — então se sentou.

— Obrigado por compartilhar sua experiência — respondeu o sr. Kale, em uma versão mais suave da voz estrondosa habitual. — Isso foi muito corajoso. Quem gostaria de falar a seguir?

Ele começou a verificar a sala. Eu devia ter me afastado da porta, mas só estava entreaberta, e não achei que ele fosse reparar em mim.

O olhar do sr. Kale encontrou o meu e parou.

Quis recuar antes que ele me reconhecesse, mas hesitei uma fração de segundo a mais. Um zumbido começou em meu cérebro, e tudo dentro de mim ficou em silêncio.

*Fique*, disse a voz dele na minha cabeça. *Ouça*.

O olhar do sr. Kale desviou do meu e seguiu em frente.

— Temos tempo para mais uma pessoa — disse. — Alguém novo? — Os olhos do sr. Kale caíram sobre minha mãe, e ele ofereceu a mão para ela, como se para ajudá-la a se levantar. — Sarah Price, certo?

Senti como se alguém estivesse espremendo o sangue para fora do meu coração.

— Não — falei, meus lábios se movendo sem emitir som. — Não toque nela.

A voz do sr. Kale de novo, soando onde não devia.

*Não posso obrigá-la a fazer nada que não queira. Sua mãe quer contar a história dela. Ouça, Mia...*

*Fiz um acordo*, pensei de volta. *Você tem que deixar minha família em paz!*

Mas o sr. Kale não sabia sobre o acordo que Katrina e eu tínhamos feito. Ela ainda não tivera a chance de contar a ele, e o professor ainda não tinha extraído essa informação da minha mente,

provavelmente porque eu não estava pensando naquilo quando senti o zumbido no cérebro. Se o sr. Kale podia mesmo ler mentes, talvez o poder estivesse limitado a pensamentos superficiais.

Minha mãe pegou a mão do sr. Kale e ficou de pé. Ele a soltou, e ela pareceu cambalear enquanto olhava, nervosa, pela sala. Então, cruzou os braços sobre o peito, e seus olhos se concentraram em um ponto atrás do sr. Kale, como se estivesse olhando para uma tela de cinema que ninguém mais via.

*Ela não vai conseguir*, pensei. Minha mãe nem sequer contara a Parker e a mim o que tinha acontecido durante todos aqueles dias em que esteve soterrada. Não tinha chance de contar a uma sala cheia de estranhos.

O sr. Kale tocou o ombro dela.

— Fale, Sarah — disse. — Conte o que aconteceu.

Então algo mudou. Era difícil dizer exatamente o quê, mas percebi que tinha acontecido. A postura dela se endireitou, e os olhos se fixaram com mais determinação naquela tela de cinema invisível. Ela inspirou fundo e começou a falar.

E eu ouvi. Não havia nada que eu pudesse fazer.

— Eu estava no centro durante o terremoto — disse. — No Distrito das Flores, com um cliente. Owen. Esse é... era o nome dele. Owen tinha me contratado para decorar seu escritório. É o que eu faço... o que eu fazia. Antes do... — A voz falhou, e ela precisou parar por um momento. — Não tinha percebido que Owen queria mais do que um relacionamento profissional até aquele dia. Havia sinais, mas não reparei neles. Eu estava sempre tão envolvida com a família, o trabalho. Até saímos uma vez, mas na época achei que fosse só um jantar.

“Owen queria um arranjo de flores extravagante no saguão de entrada do escritório. Ele insistiu em ir comigo até o Distrito das Flores para mostrar do que gostava, mas, depois que chegamos, pediu licença e saiu sozinho. Ficou tanto tempo longe que comecei a pensar que tivesse recebido uma ligação de negócios. Owen não

atendia o telefone. Então veio por trás de mim e me deu um tapinha no ombro. Eu me virei, e ele estava carregando um buquê de flores enorme. Então falou: ‘Eu não sabia qual era sua preferida, e não queria perguntar, então comprei uma de cada.’ Então... — Minha mãe tapou os olhos com a mão, trêmula. — Então ele me beijou. Teve dificuldade para me alcançar entre as flores. Meio que esmagamos o buquê entre nós. Eu não tive coragem de dizer que nunca fui muito fã de flores, não desde o funeral do meu marido. Não importa o tipo. Todas têm cheiro de morte para mim. Mas, com Owen, durante aquele momento, o cheiro das flores não me incomodou.”

Ela abaixou a mão. Os olhos estavam vidrados.

— Quando tudo começou a chacoalhar, cheguei a pensar: “Ah, meu Deus, esse beijo deve ter algum significado especial, se está fazendo a terra se mover.” Então os tremores continuaram, e as pessoas começaram a gritar. Mas Owen segurou firme aquelas flores. Quando o prédio desabou em cima de nós, ele ainda estava segurando o buquê.

As lágrimas que minha mãe estava conseguindo segurar começaram a escorrer pelas bochechas. Nem reparei quando o mesmo começou a acontecer comigo.

— Ele salvou minha vida — continuou. — Me cobriu com o próprio corpo quando tudo ao redor estava desabando, e as costas dele foram quebradas pelos escombros. Ele sobreviveu por mais um dia, enquanto esperávamos para ser resgatados. Então morreu sem fazer barulho, durante o sono, sem dizer adeus. Levou mais dois dias para que uma equipe de resgate nos encontrasse. Ou melhor... Me encontrasse. Havia outras pessoas soterradas com a gente. Presas. Todas morreram. Elas morreram, as flores morreram, e o cheiro daquela podridão... Sempre que penso nisso, quero gritar. — Ela limpou as bochechas marcadas por cicatrizes com a manga da blusa e murmurou: — Quero gritar.

Minha mãe se sentou. Ao lado dela, o rosto de Parker estava pálido, seus olhos mostrando o choque que sentia.

— Obrigado por compartilhar, Sarah — falou o sr. Kale. — Isso foi... — Ele hesitou e terminou com um balbucio. — Obrigado.

Caminhei em silêncio pelo corredor, na direção oposta à das escadas, e me escondi no fim de uma fileira de armários. Fiquei lá até ouvir o grupo de sobreviventes do terremoto sair. Vozes e passos seguiam na direção das escadas. Olhei de esguelha e vi Parker e minha mãe entre eles. Que bom. Parker a levaria para casa. Ele não se deteve para falar com o sr. Kale sobre os Caçadores.

Fiquei onde estava até eles saírem. Não queria que minha mãe soubesse que eu tinha ouvido tudo o que ela disse. Ela com certeza não queria que eu soubesse. Tinha compartilhado com Parker, mas não comigo.

Estava prestes a sair do esconderijo quando ouvi mais passos, muitos, subindo as escadas. Lembrei do grupo de sobreviventes de raios que estava marcado para começar logo depois do grupo de sobreviventes do terremoto, e mergulhei de volta atrás da fileira de armários.

Quando os passos cessaram, fui de fininho para o corredor, rezando para que a porta do sr. Kale estivesse fechada, assim ele não me veria de novo. Ainda bem que estava, mas eu ainda conseguia ouvir o murmúrio baixo de vozes. E, se eu agachasse perto da fenda sob a porta, tinha grandes chances de entender o que estavam dizendo.

*Vá para casa agora, Mia,* ordenei a mim mesma. *Vá para casa e lide com sua família.*

Eu queria dar ouvidos ao meu lado racional, mas... Aquele era um grupo de sobreviventes de raios, presumivelmente organizado para pessoas que tinham sido atingidas durante a tempestade elétrica no dia do terremoto, não por pessoas como eu. Mas, ainda assim... Eu estava curiosa. E, mais do que isso, desconfiada. O que o sr. Kale

queria com um bando de pessoas que tinham sido atingidas por raios?

Um bando de pessoas como eu...

Então ouvi. E na mesma hora reconheci uma das vozes. Uma voz que eu ficaria feliz se nunca mais ouvisse.

Katrina.

— Acho que ninguém novo vem — disse. — Podemos tirar aquele panfleto. Aceite, tio Kale, nunca vamos recrutar ninguém tão longe do Deserto, não se tivermos que competir com o Profeta. Você sabe onde os sobreviventes que nos ouvem vão toda noite. Devíamos concentrar todos os Caçadores na Nômade.

Franzi o cenho. O Deserto parecia o último lugar na terra para o qual o sobrevivente de um raio ia querer ir, de volta ao local em que foi atingido.

— Nem todo sobrevivente nesta cidade é atraído para a Nômade, Katrina — falou o sr. Kale. — Aqueles que foram atingidos antes do terremoto não sentem a mesma atração. Pode imaginar Mia Price lá? É nela que devíamos nos concentrar.

Cobri a boca para abafar o som engasgado que quase escapou da minha garganta à menção do meu nome.

Conseguí ouvir o sorriso na voz de Katrina.

— Na verdade, Mia estará aqui amanhã, para a iniciação.

— Sem chance. Você está mentindo. — Esse era Esqui.

— Ela só precisava da motivação certa.

Katrina contou à sala sobre o acordo que tinha feito. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, mas o sr. Kale silenciou o grupo.

— Há um problema — interrompeu ele. — Falei brevemente com o irmão de Mia, depois da nossa última reunião. Ele não se importa com o que a irmã diz. Quer ser um Caçador. Falei a ele para vir de manhã, para a iniciação.

Meus dentes trincaram. Parker e eu teríamos uma conversinha.

— Precisamos mais dela do que dele — falou Katrina. — É uma pena. Ele está tão ansioso para ser útil.

— Talvez eu pudesse conversar com ele, explicar a situação — comentou Quentin. — Ele é meu amigo. Mais ou menos.

— Não se incomode — disse Katrina. — Tenho certeza de que Mia dará a má notícia por nós.

O sr. Kale suspirou tão alto que eu consegui ouvi pela porta.

— Não gosto disso. Ninguém devia ser chantageado para entrar no círculo.

— Eu fiz o que precisava fazer. — Katrina pareceu defensiva. — Ela é a garota da Torre, eu sei. Sem ela, isso tudo é inútil. Você sabe o que minha ancestral, nossa *fundadora*, profetizou.

— Não estou convencido de que ela seja a garota da Torre — falou Esqui.

— Você está de brincadeira? Dá para sentir a Centelha saindo dela sem nem encostar. Ela é como uma porcaria de uma usina nuclear. Nenhum de nós tem uma fração da energia dela, nem mesmo você, tio. Precisamos de Mia ao nosso lado para ter alguma chance contra o Profeta e seus Seguidores. Se ela estiver ligada a nós e conseguirmos conduzir através ela, será como ter mais cem Caçadores com a Centelha em nosso círculo.

— Ela é poderosa, sim, mas poder não é nada se não for usado — observou Esqui. — Além do mais, você sabe que esse não é o verdadeiro motivo pelo qual precisamos dela.

Eu me aproximei, esperando que ele elaborasse a respeito do “verdadeiro motivo”, mas todos ficaram em silêncio por um momento, como se digerindo o lembrete de Esqui.

— Talvez ela seja aquela da profecia, talvez não — comentou o sr. Kale, por fim. — Saberemos em breve. De todo jeito, vocês ainda têm trabalho a fazer. Se não conhecem a Nômade, fiquem perto de Katrina e façam exatamente o que ela disser. Estão dispensados.

A maçaneta girou, e meu coração deu um salto.

Disparei para as escadas e não parei de correr até chegar ao carro.

Jeremy estava certo. *Agora que sabem quem você é, vão tentar usá-la.* Foi o que ele disse antes de colocar as mãos sobre meus olhos e me levar até o Deserto. Até a Torre.

A questão era: para que os Caçadores queriam me usar? E como eu poderia impedi-los de fazer isso, agora que tinha concordado em me tornar uma deles?



*Tenho certeza de que Mia dará a má notícia por nós, previu Katrina. Eu odiava dar a ela a satisfação de estar certa, mas era exatamente o que pretendia fazer.*

Em casa, segui direto para a porta fechada do quarto de Parker. Levantei o punho para bater, mas fui distraída por uma voz vindo do fim do corredor, do quarto da minha mãe. Ela e Parker deviam estar lá juntos, e havia grandes chances de estarem no meio de uma conversa importante sobre a revelação da minha mãe na reunião dos sobreviventes. E eu estava sendo deixada de fora. De novo.

Segui de fininho pelo corredor e entreabri a porta do quarto dela.

Parker não estava lá, e, a princípio, também não vi minha mãe. Então vi que ela estava ajoelhada ao lado da cama, com as mãos unidas. Inspirei fundo quando percebi que estava rezando. Não a via rezar há anos, e ela o fazia apenas na presença da vovó. Nunca sozinha.

— ... perdoe-me, Senhor, por falhar como mãe... por falhar em levar meus filhos para a luz. Os pecados deles são meus pecados. Por favor, Deus, perdoe minha filha. Mostre a ela a luz e o caminho

da verdade. E... E por favor, perdoe Mia pelo que fez com aquelas pessoas no Arizona. Por favor, não deixe que ela machuque mais ninguém. Por favor, ajude-me a perdoá-la. Por favor, por favor, tire essa maldição terrível dela...

Chocada, recuei em silêncio até estar na sala, no escuro.

Amaldiçoada? Era isso o que ela pensava de mim? Na verdade, era frequente eu me referir a mim mesma como “amaldiçoada”, mas minha mãe era sempre a primeira a insistir que não era o caso. Ela dizia que eu era especial. Única.

E estava mentindo.

Destranquei a porta da frente e saí para a varanda. Precisava de ar, mas a brisa úmida do mar carregava o aviso formigante da tempestade até minha pele, o que não ajudou com minha ansiedade crescente. Ao longe, pude ver centenas de fogueiras pontuando a praia da Cidade das Tendas, a fumaça cinza subindo em espiral até o céu.

Avaliei a rua escura e fiquei me perguntando...

Pigarreei.

— Jeremy? — chamei, baixinho, me sentindo bem ridícula. — Você está aí?

Como se estivesse esperando um convite para aparecer, Jeremy saiu de detrás de um arbusto, parecendo mais uma sombra se desvencilhando do dono. De novo, aquela versão de Jeremy no escuro, aquela silhueta delineada pela luz, me fez lembrar de alguma coisa, e, de novo, fiz um esforço para entender o que seria.

Não saí da varanda. Deixei que ele viesse até mim, e, conforme ele se aproximava, a luz da varanda deu cor a seu corpo, e a memória se dissipou.

— Onde está seu miliciano? — perguntou, olhando em volta.

— Dei a noite de folga para ele. — Apertei os olhos para encará-lo. — Por quê? Preciso ser protegida de você?

Ele balançou a cabeça, e a luz amarelada da lâmpada da varanda refletiu nas lentes dos óculos de aro preto. Os olhos pareciam

cautelosos.

— O que está fazendo aqui? — perguntei.

Jeremy colocou as mãos nos bolsos, como se não soubesse o que mais fazer com elas. As bochechas pareciam lisas, como se tivesse acabado de se barbear. Meus dedos queriam senti-las para ter certeza, então também enfiei as mãos nos bolsos.

— Queria me certificar de que você estava bem, depois do que aconteceu na praia, e... — Jeremy pigarreou e baixou os olhos. — Depois do que mostrei a você.

Eu não sabia o que dizer. A verdade era que ainda não tinha processado o que acontecera naquele dia. O que ainda estava acontecendo.

— Por que se importa? — Desci os degraus até nossos olhos ficarem no mesmo nível. — E por que você é tão familiar? Já nos vimos antes de hoje?

Jeremy abaixou o queixo, afastando o rosto. Ele tirou a mão do bolso e alisou o cabelo sobre a testa. Então olhou para mim por cima da armação dos óculos. Sua voz estava baixa. Suave.

— Já vi *você* antes.

Minhas bochechas pareciam quentes.

— Lá vai você, parecendo um *stalker* de novo.

Mas percebi que queria ficar mais perto dele. Minha atração por Jeremy era como uma carga oposta, convidando-me a estender a mão. A me conectar. Era tão parecida com aquela sensação que eu tinha quando uma tempestade se movia acima, com aquela necessidade de chamar o raio para baixo e deixar que entrasse em mim.

Desci mais um degrau. Só mais um, e eu estaria bem diante dele, centímetros de nada nos separando.

— Jeremy, já ouviu falar de uma coisa chamada Centelha?

Os músculos no pescoço dele ficaram tensos.

— Quem contou a você sobre isso?

— Então você sabe o que é. E sabe quem são os Caçadores. — Engoli em seco. — Você não é um deles, né? Quer dizer, não está tentando me recrutar para algum... alguma causa, exército ou algo do tipo?

Ele balançou a cabeça, em um movimento rápido.

— Não, estou tentando manter você longe disso.

— Por quê?

— Quanto menos perguntas fizer, melhor para você.

Ignorei o conselho.

— Posso contar uma coisa, mesmo que pareça loucura? — Observei a reação dele. — Aquelas pessoas sobre as quais você me avisou, os Caçadores... Eles me disseram que o apocalipse está chegando, e alegaram que alguma vidente teve uma visão sobre mim há duzentos anos, algo a ver com a Torre. — Avaliei o rosto de Jeremy. Ele nem piscou. — E também acho que o sr. Kale lê mentes e fala sem abrir a boca. Não como um ventríloquo. Como se falasse dentro da minha mente. O que acha disso?

Uma onda de perturbação surgiu no rosto de Jeremy.

— Acho que deve proteger seus pensamentos com cuidado quando estiver com o sr. Kale. Ou evitá-lo completamente.

— Nada disso parece estranho para você? — Respondi minha própria pergunta. — Acho que não pareceria, para alguém que pode fazer o que você faz.

Jeremy respirou fundo e expirou devagar.

— Isso é mais difícil do que pensei.

Ele se aproximou de mim, tirando as mãos dos bolsos como se quisesse estendê-las e me tocar. Mas manteve os braços nas laterais do corpo, retos e rígidos, como se não confiasse neles.

— As coisas que mostrei esta tarde...

— Os sonhos?

Jeremy balançou a cabeça.

— São mais do que sonhos. São avisos. Visões. E tenho visto isso e milhares de outras coisas parecidas desde que me entendo por

gente. — Os olhos de Jeremy se fixaram nos meus. — Você está na minha mente há anos, Mia. Já a vi tantas vezes, em tantas situações possíveis, que não lembro de todas. Agora que está bem diante de mim, não sei o que fazer.

Abri a boca para dizer algo, sem saber o que seria, mas Jeremy ergueu a mão para me calar.

— Deixe eu terminar — pediu. — Não sei como impedir as coisas que vi de se tornarem realidade. Não sei como impedir nada disso sem... Não sei, amarrar você e trancar em um armário até que tenha terminado.

— Ei, ei, ei. — Recuei devagar, subindo os degraus. — Eu não gosto nem um pouco dessa história.

Jeremy enfiou as mãos nos cabelos, frustrado, cerrando os punhos.

— Não foi isso que eu quis dizer. Nunca faria nada disso. Só não conheço outra forma de proteger você dos Caçadores. E de si mesma. Não acho que você tenha ideia do que é capaz de fazer, mas os Caçadores têm. E o Profeta... Se ele soubesse de você... — Jeremy parou de falar, como se tivesse dito demais.

— Ele faria o quê?

— Ele iria querer você — respondeu ele, simplesmente. — Faria o possível para que você se voltasse para o lado dele, e isso seria pior do que se você se juntasse aos Caçadores. Mas, se ficar longe de tudo... se não se envolver...

Eu o interrompi.

— Acha que eu *quero* me envolver nisso? Não quero que as pessoas façam profecias a meu respeito, que me deem cartas de tarô, ou que tentem me recrutar para O Exército do Apocalipse. E... E não quero seus sonhos, visões, ou o que quer que sejam.

Suspirei. Tinha sido um erro ir lá fora. Já estava com mais problemas do que podia enfrentar, sem Jeremy e seus olhos sofridos empilhando mais complicações em minhas costas.

— Por favor, pare de me seguir — eu me obriguei a dizer. —  
Quero que você vá embora, agora. Adeus, Jeremy.

Eu estava na porta da frente quando Jeremy me chamou.

— Você não dorme. Não com muita frequência, pelo menos.

Virei.

— Como você sabe disso?

Minha cabeça estava bloqueando parcialmente a luz da varanda, projetando uma sombra sobre Jeremy de novo, e a memória de onde eu o vira voltou correndo, como água em uma inundação.

O sonho que tive, do garoto ao lado da minha cama com a faca.

O Garoto do Pesadelo.

Não era surpresa que eu não lembrasse. Não achei que fosse real.

— Você esteve no meu quarto — falei, antes que pudesse segurar as palavras.

Os olhos de Jeremy se arregalaram, e vi a verdade neles.

— Mia, eu...

— O que ia fazer com a faca, Jeremy?

— Nada!

— Então por que estava com ela? Por que invadiu minha casa, subiu até meu quarto e ficou parado ali, com uma faca, como se fosse me esfaquear?

— Juro que não teria feito isso. Achei que fosse conseguir. Não vi outra saída...

— Outra saída para quê? Me proteger de mim mesma?

Jeremy deu um passo na minha direção, mas parou quando eu recuei contra a porta.

— Mia — disse, com cautela na voz. — Não sei mais como dizer isso... Tentei mostrar, mas acho que você não entendeu. Há uma forte possibilidade de que, durante os próximos dias, você faça alguma coisa terrível. Algo que estou tentando impedir.

Eu estava tremendo.

— Algo que tentou impedir me matando.

— Mas eu não fui em frente!

— Dane-se — falei, segurando a maçaneta e girando. — Fique longe de mim. Se chegar perto da minha casa de novo, vou chamar a polícia, a milícia ou quem quer que responda.

— Mia, por favor...

Não dei a ele a chance de terminar. Entrei e tranquei a porta atrás de mim, então fiquei olhando pela janela da frente até que Jeremy fosse embora. Só então respirei pelo que pareceu ser a primeira vez em minutos.

Antes de ir para o quarto, percorri a casa e verifiquei todas as portas e janelas.

Mesmo quando estava na cama, sob os cobertores, não conseguia parar de tremer. Não estava com frio.

Eu nunca ficava com frio.

Estava apavorada.

## PARTE 2

*“Não tem uma nuvem no céu...  
Não vejo sol, mas também não vejo nenhuma nuvem.”  
— Flannery O’Connor,  
Um homem bom é difícil de encontrar*

15 DE ABRIL

DOIS DIAS ATÉ A TEMPESTADE...





Depois de ficar acordada a noite toda, mesmo deitada, empilhando as preocupações como se estivesse tentando construir minha própria torre com elas, levantei da cama quando o primeiro indício de luz tocou a janela do quarto. Não eram nem seis da manhã, mas era para eu estar na sala do sr. Kale às sete para a “iniciação”, o que quer que isso significasse. Ainda precisava falar com Parker sobre o acordo que tinha feito com Katrina.

No banheiro, abri a torneira para escovar os dentes. Nada aconteceu. Saiu apenas um gorgolejo seco dos canos. A água tinha sido cortada de novo. Ótimo início para o que estava fadado a ser mais uma série de dias ruins. Eu precisaria pular alguns passos da rotina matinal, mas fazer o quê. Quem eu estava tentando impressionar? Não Jeremy, o perseguidor com aspirações homicidas.

Não tinha cumprido a ameaça de chamar a polícia e relatar a ID&TE (invasão domiciliar e tentativa de esfaqueamento), mas tinha a sensação de que Jeremy não invadiria minha casa de novo tão cedo. Mesmo assim, também tinha a sensação de que não seria a última vez que o veria.

Vesti uma roupa idêntica àquela que eu tinha usado no dia anterior — gola rulê preta, jeans pretos, botas pretas, luvas pretas sem os dedos — e percebi que não sabia com certeza se não *eram* as mesmas roupas que eu tinha vestido no dia anterior. Então percebi que não me importava e desci as escadas.

Achei que seria a única acordada tão cedo, mas ouvi alguém na cozinha. Imaginei que fosse Parker. Ele achava que ainda tinha um convite para a iniciação. Eu me preparei para a reação que estava fadada a receber quando meu irmão soubesse como e por que as coisas tinham mudado.

Entrei na cozinha e pisquei, surpresa. Era minha mãe que estava diante do balcão, não Parker. Estava usando roupas limpas, e os cabelos estavam presos, não soltos e enebados sobre o rosto, como de costume, escondendo as cicatrizes. Agora as marcas estavam expostas: um arranhão rosado na testa, outro sob o olho esquerdo e uma série deles riscando a bochecha direita.

— Bom dia — falou, sorrindo para mim. Dois pedaços de torrada saltaram da torradeira. Pelo menos a eletricidade ainda estava funcionando. Minha mãe pegou as torradas, colocou em um prato e pôs mais duas fatias de pão no aparelho. — Ainda temos manteiga ou geleia?

Neguei com a cabeça. Estava com problemas para acessar palavras básicas do vocabulário, como “sim” e “não”.

Minha mãe fez uma careta.

— Torrada seca. Hm. Bem, também fiz mingau de aveia. — Ela indicou três tigelas de maçaroca bege que estava endurecendo em cima da mesa da cozinha.

— Mãe — chamei, enquanto ela empilhava a torrada em um prato.

Ela ergueu o rosto para mim.

— Hã?

Eu não tinha certeza do que queria dizer, então não disse nada. Em vez disso, surpreendi nós duas ao envolvê-la em um abraço. Por

uma fração de segundo, ela ficou tensa, como se tivesse medo de que eu pudesse machucá-la. Então relaxou e me puxou para mais perto.

— Te amo, mãe — falei.

— Te amo também, Mia — respondeu ela, sussurrando, como se quisesse manter aquilo em segredo.

*Ela acha que você é amaldiçoada*, lembrou uma vozinha cruel.

Parker surgiu à porta, vestido para ir à escola. Quando nos viu, ficou encarando, parecendo tão chocado quanto eu, um momento antes.

— Com fome? — perguntou nossa mãe.

— Morrendo — disse ele.

Os olhos de Parker encontraram os meus por um momento, e ele sorriu. Ao me lembrar do acordo que tinha feito com Katrina na noite anterior, não sorri de volta.

— Preciso estar cedo na escola — falei para meu irmão, ocupando meu assento à mesa. — Coma depressa.

— Não, não — retrucou nossa mãe —, quero que vocês dois relaxem e aproveitem o café da manhã. O que quer que esteja acontecendo na escola pode esperar.

— É muito importante — falei, ainda estreitando os olhos para Parker, que se sentava diante de mim.

— Mia, por favor. — Minha mãe levou o restante da torrada para a mesa. — Esta é uma manhã especial. Antes de começarmos a comer, acho que devíamos fazer uma oração.

Parker congelou com uma colherada de mingau a meio caminho da boca.

Ela continuou.

— Não nos resta muito tempo. Precisamos começar a viver direito, e precisamos começar logo. Ouviram o que o Profeta disse sobre a tempestade. Apenas três dias, ou melhor, dois até ela chegar. Precisamos acertar as contas com Deus antes disso. — Os olhos dela se voltaram para mim. — Mia, pode rezar?

Parker bateu a porta do carro.

— Por que não podia simplesmente fazer a oração idiota que ela pediu? Se rezar antes de comer faz ela se sentir melhor, devíamos rezar.

— Pode fazer ela *se sentir* melhor, mas não vai fazer ela *melhorar* — respondi.

— Mas ela está melhorando! Viu como ela estava esta manhã. Saiu da cama, se vestiu. Fez café da manhã para nós. Está tentando! Aposto que é porque não está mais tomando aqueles remédios que você obrigava ela a tomar.

— Eu não estava forçando ela a tomar nada — disparei, afastando o carro do meio-fio de repente. — Além disso, ela pensa que o mundo vai acabar em dois dias. Chama isso de sanidade? Eu não.

Parker refletiu em silêncio.

— Por falar no fim do mundo... — comecei, em um tom casual. — Não teve notícia de nenhum dos Caçadores, teve?

— Não.

— Que bom. — Assenti para mim mesma. — Agora sei que está disposto a mentir na minha cara.

Meu irmão ficou imóvel, como um cervo esperando não ter sido visto por um caçador. Então soltou a respiração que estava segurando.

— Como se eu tivesse escolha? Se contasse, você ia pirar, e...

— E o quê?

— E eu me juntaria a eles de qualquer forma! Acho que estão certos, Mia! Tem alguma coisa errada em Los Angeles, e é maior do que o terremoto. Posso sentir. Não me diga que você não pode.

— Não sinto nada — falei. — E você não vai se juntar aos Caçadores.

— Vou sim. É a coisa certa a fazer.

— Não, Parker, você não vai, de jeito nenhum.

Ele me encarou por um longo momento, avaliando minha expressão.

— Você estava na escola ontem à noite. Por isso seu carro não estava em casa quando chegamos. — A voz dele saiu inexpressiva.

— O que você fez, Mia?

Contei a Parker. Não terminou bem.

Assim que chegamos ao estacionamento da Skyline, meu irmão saiu do carro, correndo em meio à multidão de alunos em direção à escola.

— Parker, espere! — gritei.

Ele nem virou o rosto.



— Eu disse que ela viria! — falou Katrina, ao abrir a porta da sala 317.

Não estava falando comigo, no entanto, e sim com a sala cheia de gente atrás dela... Pessoas vestindo longos mantos vermelho-sangue que mais pareciam becas de formatura, mas com capuzes sobre as cabeças e máscaras pretas, inexpressivas, ocultando os rostos. Os únicos que não usavam máscaras eram o sr. Kale e Katrina, embora ambos estivessem vestindo o mesmo manto vermelho que os demais. Os lábios dela combinavam perfeitamente com a cor do manto.

Cerrei os punhos nas mãos enluvadas. Olhei para o sr. Kale com raiva.

— Você disse que isso não era um culto.

Katrina me puxou para dentro e trancou a porta atrás de mim.

— Sociedade secreta — explicou. — Há uma diferença.

— Eu não estou vendo nenhuma.

— Então sente-se aqui para ver melhor — falou o sr. Kale, dando tapinhas no encosto de uma cadeira posicionada no centro da sala.

As mesas tinham sido empurradas para perto das paredes, abrindo espaço para as pessoas mascaradas de manto. As luzes estavam apagadas, e as persianas, fechadas, bloqueando a vista espetacular que o sr. Kale tinha do mar.

Funguei e senti o cheiro de algo queimando.

Katrina pegou um retângulo de cartolina preta com fita adesiva de um lado e o prendeu na pequena janela da porta, tornando impossível que qualquer um fora da sala olhasse para dentro.

As pessoas de mantos vermelhos me observavam em silêncio por trás das máscaras pretas. Uma delas poderia ser Parker, e eu jamais saberia.

Katrina não precisou da habilidade do tio para ler minha mente.

— Parker acabou de passar aqui. Tio Kale o dispensou.

Assenti, tão aliviada quanto podia me sentir enquanto ainda estava naquela situação. Fiquei me perguntando por quanto tempo Parker ficaria irritado comigo.

— Onde está sua máscara? — perguntei a Katrina.

Em resposta, ela pegou duas máscaras da mesa do sr. Kale e entregou uma para o tio.

— Achei que gostaria de ver dois rostos familiares, antes de começarmos — disse, e piscou um olho antes de colocar a máscara.

O sr. Kale, com o rosto escondido, recuou um passo da cadeira e abriu os braços em um gesto que dizia: é toda sua.

Uma visão surgiu em minha mente, um prisioneiro sentado amarrado àquela cadeira e um capuz sendo colocado sobre seu rosto, então...

Senti aquele formigamento no cérebro de novo, logo antes de o sr. Kale dizer:

— É uma cadeira normal, srta. Price. Não há o que temer.

— Não estou com medo — respondi, mas minha voz falhou.

Respirei fundo, como se fosse precisar do fôlego por um tempo, então me sentei.

Antes de os Caçadores se reunirem ao meu redor, vi um deles levantar a tampa com buraquinhos para ventilação de uma pequena panela preta, revelando o brilho laranja lá dentro e soltando uma pequena lufada de fumaça. E vi o bastão de metal apoiado de lado, perto da panela... um bastão de metal com um círculo perfeito em uma das pontas.

Nunca pensei que veria um ferrete na vida real, mas na mesma hora soube o que era aquele bastão de metal, e o medo invadiu minha garganta como se me sufocasse.

Então os Caçadores me cercaram, um círculo vermelho que encolhia cada vez mais. Aqueles rostos pretos sem expressão me encaravam, impassíveis, os olhos brilhando atrás dos buracos amendoados das máscaras. Cada um colocou a mão esquerda no ombro do Caçador diante de si.

— O que está acontecendo? — Minhas palavras saíram como algo próximo de um choro.

— Relaxe — falou Katrina. — Como disse ontem à noite, precisamos fazer um pequeno ritual de união para selar o acordo. Então você será uma de nós. Saberemos que podemos confiar em você, e as máscaras poderão ser retiradas.

Um ritual? Será que Katrina mencionara um ritual? Não, não, não. Eu teria me lembrado.

O sr. Kale deu a volta até ficar diante de mim e fixou os olhos nos meus. Senti aquele formigamento no cérebro de novo, a sensação que se tem quando um braço ou perna adormece e então começa a acordar.

Os Caçadores mais próximos do sr. Kale apoiaram as mãos nos ombros dele, e o grupo inteiro ficou conectado.

— Vai ficar tudo bem — falou um Caçador de máscara preta. Reconheci a voz de Quentin. — Todos já passamos por isso. Depois, você estará ligada ao resto de nós. Seremos seus condutores.

Pensei na forma que os Caçadores pareciam se mover como um só, dando a impressão de serem conectados por algum tipo de fio

invisível. Não queria isso. Não queria estar ligada a eles, amarrada e marcada como Caçadora para o resto da vida.

— Mas por que precisamos de um ritual? Já concordei em me juntar a vocês. — Algo de que eu me arrependia mais a cada segundo. Devia ter dado ouvidos a Jeremy, mesmo que ele tivesse considerado me matar. Devia ter ficado longe dos Caçadores. — Não posso fazer um juramento, ou algo do tipo?

O sr. Kale olhou para Katrina por cima da minha cabeça.

— Você disse que tinha explicado tudo a ela.

A menina deu de ombros.

— Talvez ela não estivesse ouvindo.

— Mia — começou o sr. Kale —, o círculo é para conter e concentrar nossa energia combinada. Vou colocar as mãos em sua cabeça. Você vai sentir uma leve pressão e um formigamento, mas não deve sentir dor.

— Espere. Vamos devagar e...

Senti as mãos do sr. Kale encostando no alto da minha cabeça. As mãos eram suaves o bastante, mas a corrente de eletricidade que senti com aquele toque foi como um choque elétrico. Dei um salto na cadeira. Não foi como ser atingida por um raio. Com o raio, a dor era tão intensa que se tornava algo para além da dor. Aquilo era diferente.

— Você disse que não ia doer. — Minha voz saiu tão baixa que duvidei que alguém tivesse ouvido além de mim.

Então a pressão começou, como se estivessem apertando meu cérebro, espremendo como uma esponja.

*Me deixe entrar, Mia. Pare de resistir. Me deixe transformá-la em uma de nós.*

Era a voz do sr. Kale, e parte de mim queria fazer o que ele dizia, ceder e deixar que aquilo acontecesse. Mas era uma parte pequena. Minúscula.

*Não! Saia da minha cabeça!*

O calor se acumulou em meu peito, estalando energia.

Ouvi o sr. Kale engasgar.

*O que você está fazendo?*

Eu não sabia o que estava fazendo. Só sabia que queria as mãos dele longe de mim. Queria que aquela pressão no cérebro sumisse.

*Por favor, pare com isso, Mia. Não resista a mim. Não sou seu inimigo.*

Uma carga elétrica vibrou em minha pele.

*Precisamos de você,* disse o sr. Kale.

*Eu não preciso de você!* Atirei as palavras de volta para ele, e a carga que percorria minha pele pulsou uma vez.

Então a pressão na cabeça sumiu. As mãos do sr. Kale tinham sumido. O Círculo de Caçadores aumentou de diâmetro e se partiu quando eles cambalearam para trás. Alguns estavam ofegantes, com as mãos no peito, como se tivessem passado por uma desfibrilação.

Fiquei de pé, e uma onda de tontura percorreu meu corpo. Por um momento, minha visão ficou escura e cheia de centelhas, então ficou limpa. Eu me virei. O sr. Kale estava com as costas no quadro branco, respirando com dificuldade. A máscara sumira, e os cabelos longos demais pendiam como cortinas sobre os olhos, apenas o nariz de fora. As mãos estavam erguidas, e ele as encarava pelo véu do cabelo. Fiapos de fumaça subiam pelos dedos, como se ele tivesse acabado de esmagar um punhado de cigarros incandescentes.

— Tio! — Katrina correu para o lado dele e examinou suas mãos. — O que você fez com ele? — grunhiu para mim.

Vi que a pele das palmas das mãos do sr. Kale estava escura, seca e quebradiça, e lembrei de London Bridge, em Lake Havasu City, das queimaduras que cobriam as pernas de Janna, as marcas de mãos chamuscadas em seu peito.

Quando comecei a recuar para a porta, ninguém tentou me impedir.



Meu corpo entrou em modo automático. Fui para a aula. Sentei na cadeira designada. Encarei palavras e equações no quadro branco. Minha mente era outra questão. Ficava voltando para a sala de aula do sr. Kale, revivendo o que tinha acontecido por lá.

Ele estivera dentro da minha cabeça, mas dessa vez não tinha apenas falado comigo. Dessa vez, tinha havido pressão, aquela pressão terrível, como se estivesse tentando moldar meu cérebro em um novo formato.

Durante as aulas, fiquei examinando os outros alunos pelo canto dos olhos, colocando máscaras pretas nos rostos deles com um Photoshop mental. Avaliei as mochilas. Será que pareciam cheias demais, talvez porque tivessem os mantos vermelhos enfiados dentro? Será que as mãos estavam voltadas para baixo sobre a mesa para esconder as marcas circulares?

Quando chegou a hora do almoço, eu não queria ir para o refeitório, não queria arriscar esbarrar com Quentin e Esqui, ou pior, com Katrina ou Jeremy. Não queria sentir um par de olhos sobre mim e imaginar se pertenciam a outro Caçador sem rosto ou a um

cara que me queria morta. Pelo menos os Seguidores não escondiam quem eram. Era sempre possível vê-los chegando.

Encontrei um canto discreto onde pude passar o tempo e observar os alunos seguirem em bando para o refeitório, procurando Parker. Depois de dez minutos, ele ainda não tinha aparecido. Onde estava? Eu precisava falar com ele, fazê-lo entender que os Caçadores não estavam de brincadeira. Eles faziam rituais, usavam máscaras assustadoras e faziam coisas com o cérebro da gente, coisas que ninguém devia poder fazer.

Fui atrás de Parker, começando pelo lado de fora, nos degraus de cimento da frente da escola, onde ele e os amigos costumavam almoçar.

Uma brisa vinha do mar, e minha pele pareceu se encolher quando ela tocou meu corpo. A tempestade estava mais próxima. Se é que haveria mesmo uma tempestade. Eu tinha verificado a previsão do tempo de novo naquela manhã. Não tinha mudado. A promessa de dias ensolarados com temperaturas amenas se estendia pela semana seguinte.

Um grupo de Seguidores vestido de branco — os tecidos ofuscantes sob o sol do meio-dia — estava na calçada diante da escola, de mãos dadas, balançando-se e cantando algum tipo de hino com vozes agudas e esganiçadas. Os Seguidores de cada lado da fila erguiam placas brancas coladas a estacas de madeira.

*Só os Justos sobreviverão*, dizia uma delas.

Minha pele doeu. Meus pensamentos se atropelavam, como formigas correndo até o topo da montanha.

E se Parker voltasse para o sr. Kale e implorasse para se juntar aos Caçadores?

Eu não tinha cumprido minha parte do acordo.

Tinha fugido antes que pudessem completar a iniciação.

Parker ainda podia entrar.

*Não. Sou eu que eles querem*, refleti. *Sou a que tem a Centelha. Sou a suposta garota da Torre.*

Lembrar disso não me deixou mais calma. Havia apenas uma forma de fazer isso, e era encontrar meu irmão. Já tinha procurado em todos os lugares em que pude pensar, exceto um, o último lugar ao qual queria ir, mas o primeiro que devia ter verificado.

A sala 317.

Mas, quando cheguei lá, encontrei a porta do sr. Kale trancada e as luzes apagadas. Será que tinha voltado para casa para tratar as queimaduras que eu causei em suas mãos? Não senti remorso algum pelo que tinha feito. Torcia para que tivesse fritado aquela marca da palma da mão dele. Era o que ele merecia, por tentar controlar minha mente.

Ouvi à porta de Kale por um momento, mas não havia som algum do outro lado.

Mas ouvi vozes... vindo de uma das salas no fim do corredor. Como não tinha outra pista de onde Parker poderia estar, decidi investigar. Segui as vozes até a fonte e olhei pela pequena janela retangular na porta da sala.

A princípio, só vi os Seguidores, cinco deles, os corpos vestidos de branco parecendo se misturar em uma massa. Quase não dava para ver onde terminava um e começava o próximo. Estavam reunidos em volta de alguém, e eu não conseguia ver quem era. Mas agora que estava bem do lado da porta, conseguia distinguir as palavras.

— ...uma luta que não pode vencer — disse uma Seguidora com os cabelos presos em um coque bem apertado. Rachel. Reconheci o lugar ferido e vermelho na nuca onde ficava a tatuagem. — Os Seguidores do Profeta estão em maior número do que os Caçadores, e temos Deus ao nosso lado. O sexto selo será aberto em 17 de abril, a terra será dilacerada, e os pecadores serão destruídos. Não haverá vida após a morte para gente que nem você. Você será sugada para o esquecimento e existirá para sempre em uma eternidade de escuridão.

Rachel se moveu de leve, e vi um lampejo de cabelo preto e batom vermelho. Inspirei fundo.

Katrina.

— Veremos — disse ela, fingindo indiferença.

— O Profeta *viu!* Não há nada que possa fazer para impedir a tempestade! — Isso veio de outro Seguidor, um cara cujas roupas brancas eram tão impecáveis que imaginei que devia carregar água sanitária para onde fosse. A língua do garoto se projetou para umedecer os lábios, deixando-os molhados e brilhantes, rosados como carne crua. — É a vontade de Deus que a terra seja purificada. É o que o Profeta diz.

Katrina sorriu e mandou o cara realizar uma impossibilidade física.

O Seguidor ficou transtornado, os lábios rosados estremeceram, como se fossem uma criatura marinha que tivesse se ligado a ele.

— Você não pode falar assim comigo. Sou um Seguidor da Luz! Mostre respeito!

— Se seu Deus tem um problema com isso, o que está esperando? — perguntou Katrina. — Diga para jogar um raio na minha cabeça. — Katrina ergueu as mãos e encarou o teto. — Vamos lá, Deus dos Seguidores! Vamos ver o que você pode fazer! Mostre alguma ira! — Ela inclinou a cabeça, como se esperando trovão, então sorriu. — Nada.

Lábios Rosados sorriu de volta.

— Nosso Deus é grande demais para se incomodar com uma criatura insignificante como você. Ele trabalha através de nós, Seus servos fiéis. E acredito que seja vontade Dele que você aprenda um pouco de humildade. Não acha, Irmã Rachel?

— Ah, sim — disse a menina. — Acho que é uma ideia excelente, Irmão Anthony.

A expressão confiante de Katrina sumiu. Ela olhou ansiosa para a porta, como se desejasse estar do outro lado. Quando me viu, piscou, a boca se abrindo como se fosse me chamar para pedir ajuda.

Mas não chamou. Fechou a boca e desviou os olhos.

Os Seguidores desfizeram a parede de branco que formavam e caíram sobre Katrina como uma matilha de chacais sobre uma gazela ferida. Mas ela não estava ferida. Estava bem viva, pronta para brigar. Katrina chutou, socou, brigou e mordeu a mão de Lábios Rosados com tanta força que ele gritou. Fiquei de pé como uma estátua do lado de fora, a mente disparando para a conclusão inevitável de que a qualquer segundo eu precisaria fazer algo para ajudar aquela garota que eu detestava.

Mas hesitei, então hesitei mais um pouco.

Apesar dos esforços brutais de Katrina para se libertar, os Seguidores a seguravam de costas sobre a mesa do professor.

Rachel segurou o cabelo de Katrina e puxou até que o pescoço dela se esticasse, então deu voltas com o cabelo no punho.

— Que cabelo lindo. Eu costumava pintar o cabelo de preto, antes de encontrar o Profeta, mas nunca foi assim. Sempre foi meio opaco. O seu é tão brilhante. Aposto que você ama seu cabelo, não é?

Havia uma grande tesoura de metal em um pote de cerâmica sobre a mesa, entre as canetas e os lápis. Rachel pegou a tesoura com a mão livre e aproximou o objeto da cabeça dela, abrindo-o e fechando-o com um estalo.

Os olhos de Katrina se arregalaram até mais parecerem bolas de golfe.

Alguma coisa se partiu em mim. Talvez fosse porque meu cabelo fora destruído pelos raios vezes demais, mas eu não suportava ver aquilo acontecer com mais ninguém, mesmo com alguém que eu odiava.

Escancarei a porta, mas era tarde demais. Rachel estava cortando os cabelos de Katrina bem rente à cabeça.

A Seguidora soltou um grito de triunfo quando o feixe espesso de cabelos pretos reluzentes se soltou em sua mão.

— Quem é dona da escola agora, Caçadora?

A porta era de mola e bateu atrás de mim com um *BANG!*, me deixando quase tão assustada quanto os Seguidores.

— Soltem ela — falei, com orgulho do *senão* implícito no tom de voz que consegui emitir sem precisar fazer uma ameaça de verdade, e que provavelmente não conseguiria cumprir.

E, pelo visto, não precisava de ameaças. Meu surgimento repentino surpreendeu tanto os seguidores que eles soltaram Katrina.

Ela se desvencilhou deles e disparou na minha direção. Com os olhos vidrados, Katrina estendeu a mão e tocou o que restara do cabelo. Ela parecia mais jovem sem aquele rio preto escorrendo pelas costas, os olhos negros como petróleo pareciam maiores e mais arregalados, quase inocentes.

Os Seguidores deram uma risadinha para nós. Tinham formado a fileira inquebrável de novo, de pé, ombro a ombro.

— Você é um deles agora, não é? — indagou Rachel. — Eu disse para não se juntar a eles. Nossos números são muito maiores. A maré virou a favor da luz. Você podia ter sido salva.

— Contanto que eu não seja uma de vocês, fico feliz — retruquei.

— Dois dias — disse Rachel. — É todo o tempo que tem. Quando a tempestade chegar, vai desejar ter escolhido diferente.

— O que você vai fazer quando o mundo não acabar? — perguntei. — Isso vai provar de uma vez por todas que o Profeta é uma fraude, ou ele vai inventar alguma desculpa para convencer a todos de que Deus estava testando sua fé?

— O Profeta é um verdadeiro profeta de Deus — falou Rachel, fazendo o melhor para me encarar de cima. Precisei admitir, ela era boa naquilo. — Ele nunca está errado. Você verá.

Respondi, com mais confiança do que sentia:

— Mal posso esperar para ver esse seu profeta fazendo papel de idiota diante do mundo inteiro.

Rachel deu um passo na minha direção, os olhos brilhando, perigosos. Os braços pendiam nas laterais do corpo, uma das mãos ainda segurava a tesoura, abrindo e fechando com ruído.

Katrina foi até a porta.

— Vamos sair daqui — disse.

Pela primeira vez, não tive problemas em fazer o que ela sugeria.



Mais uma vez, estava no lounge com Katrina, quando na verdade devia estar procurando meu irmão. Pelo menos sabia que ele não estava com a Caçadora na qual eu menos confiava.

Me apoiei em uma pia e observei enquanto a garota tocava o restante dos cabelos com os dedos trêmulos.

— Talvez devêssemos contar a alguém o que aconteceu — sugeri. — O diretor, ou quem quer que esteja no comando. Rachel e aqueles outros Seguidores provavelmente seriam expulsos.

Katrina deixou os braços caírem nas laterais do corpo, desistindo.

— Não vai mudar nada.

Os olhos dela começaram a se encher de água. O rosto estava sem emoção. Ela não emitiu um ruído, mas as lágrimas escorreram de seus olhos, uma após a outra. Então, o queixo começou a tremer, e Katrina não aguentou. Soltou um único soluço, arrancado de algum lugar bem no fundo.

— Meu cabelo... — disse, e cobriu o rosto.

Senti um aperto no peito, como se meu coração tivesse inchado e não houvesse mais espaço para ele dentro das costelas. Não pude

evitar. Senti a pressão de lágrimas de empatia tentando se libertar. Pensei em todas as vezes em que meu cabelo tinha sido queimado e, além de uma aberração com cicatrizes de raios, eu me tornei uma aberração careca e cheia de cicatrizes.

— Não está tão ruim — comentei. — Na verdade, está meio maneiro. Você só precisa acertar o corte e passar um pouco de gel. Então vai ficar parecida com a Audrey Hepburn. Muito chique.

Katrina abaixou as mãos. Lágrimas pretas por causa do rímel formavam traços tortos em suas bochechas.

— Obrigada por me ajudar. Sei que você não é muito minha fã. Podia ter me deixado com eles, e não sei se teriam parado quando terminassem de cortar meu cabelo.

Olhei para o chão, pensando em quanto tempo tinha passado observando da janela, sem fazer nada. Se tivesse interrompido antes, Katrina ainda teria cabelos compridos.

— De nada — falei, humilde.

Era fácil ser humilde quando eu não tinha nada do que me orgulhar.

— E peço desculpas — continuou ela. — Sabe, por ter chantageado você, e tudo mais. Não vi outra forma de fazer com que passasse para o nosso lado.

Eu ainda não estava pronta para perdoá-la por isso.

— Como acabou naquela sala com um bando de Seguidores? — perguntei, mudando de assunto.

Ela balançou a cabeça.

— Foi culpa minha. *Irmã* Rachel montou uma armadilha para mim, e caí direitinho. Ela permitiu que eu a visse “disseminando a palavra do bem” para duas meninas perto da escada, então disparou para o andar de cima. E eu segui. Ela sabia que eu seguiria. Rachel ficou longe o bastante para me fazer pensar que eu a estava perseguindo, quando, na verdade, estava me guiando.

Tomei impulso e me sentei em uma das pias.

— O que é tão importante aqui em Skyline? Quero dizer, por que você protege tanto esta escola?

— Porque os Caçadores a reivindicaram primeiro.

— Como estação de recrutamento? E a Tenda Branca é a estação de recrutamento do Profeta?

— Mas ele fica tentando invadir nosso território. — O lábio de Katrina se contraiu em um grunhido silencioso.

— Por que usar uma escola, então? Por que não montam a própria tenda na praia? É só atrair as pessoas com barras de cereais, ou o que for.

— Não é assim que trabalhamos. Não subornamos as pessoas para se juntarem a nós.

— Mas tudo bem chantagear.

Katrina franziu a testa.

— Isso foi só uma vez. E pedi desculpas.

— ã-hã. Então, quantos Caçadores existem, exatamente? A gangue inteira estava presente, sabe... hoje de manhã? — Eu me senti estranha ao mencionar a iniciação fracassada. Não queria pensar naquilo, muito menos falar a respeito.

— Não todos — respondeu Katrina, de um modo meio vago. — Há outros. Em outras escolas. Jovens são os melhores Caçadores. Nossos sentidos são mais aguçados, e nossas mentes, mais abertas. Pelo menos na maior parte das vezes. — Ela olhou para mim. — Sempre há exceções, embora não costume acontecer com pessoas que têm a Centelha.

Eu mudei de posição, desconfortável. Katrina estava obviamente se referindo a mim.

— E o sr. Kale? — perguntei. — Ele é o presidente do culto?

— Ele é mais como nosso general — respondeu Katrina. — Tem a Centelha há mais tempo, desde que tinha nossa idade, e é o mais poderoso. Em nosso círculo, o líder é aquele com mais poder. Antes do tio Kale, era... — Katrina abaixou a cabeça e encarou as mãos. — Era outra pessoa, mas ela foi embora.

— Foi embora? — Então era possível alguém sair do Círculo de Caçadores.

— Morreu — respondeu Katrina, inexpressiva, e eu engoli em seco.

Os olhos de Katrina ficaram vazios por um momento, como se ela estivesse tentando entender alguma coisa.

— Acho que se você se juntasse a nós de verdade, tomaria o lugar do tio Kale.

Caí na gargalhada. Não pude evitar. Mas Katrina nem mesmo sorriu.

— Ah, por favor — soltei. — Não está falando sério.

— Essas são as regras — disse Katrina, com o tom de voz sombrio.

Minha risada cessou.

— Odeio dar a má notícia, mas só obedeço um conjunto de regras.

— Deixe eu adivinhar. As suas?

— Basicamente.

Katrina olhou para o chão.

— Não vai importar, mesmo. Você não se tornaria nossa líder, não se a profecia... — Ela mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça. — Não importa.

Parte de mim queria ouvir o que Katrina estava escondendo. Mas eu tinha sido o foco da conversa durante trinta segundos, e já estava ansiosa para mudar de assunto.

— Então, Rachel é como você? — perguntei. — Ela sente a Centelha nas pessoas e conta para o Profeta?

— Tenho certeza de que contaria, se pudesse, mas não está em comunicação direta com ele. O Profeta tem Seguidores demais, a esta altura, para dar atenção individual para cada um. Meu palpite é que ela leva jeito para sentir a Centelha, mas isso não ajuda em nada, a não ser que possa convencer as pessoas a frequentarem os cultos do Profeta e receberem a bênção dele, como tentou fazer com você, ontem.

Estremeci ao me lembrar da intensidade nos olhos de Rachel, na mão forte apertando meu braço. Fiquei surpresa por não ter deixado marcas.

— Contanto que fique longe da Tenda Branca, você ficará segura — falou Katrina. — As únicas pessoas em quem o Profeta confia para fazer o recrutamento são os Apóstolos, e eles estão ocupados com os Desalojados na Cidade das Tendras.

Lembrei da manchete que li no blog de Esqui sobre o Apóstolo desaparecido, e fiquei me perguntando se o décimo segundo estava à espreita em alguma escola, procurando pessoas... bem, como eu.

— Aliás — disse Katrina —, você não viu aquele cara por aqui hoje, viu? O tio Kale pesquisou sobre ele. Não tem nenhum Jeremy Parish registrado em Skyline.

— Não — falei. — Não o vi hoje.

Decidi não mencionar que o vira bastante no dia anterior, ou que ele estivera em meu quarto na noite anterior àquela, com uma faca apontada para o meu coração.

— Avise se ele aparecer.

— Claro — menti. Não confiava em Katrina mais do que confiava em Jeremy. — Preciso ir para a aula.

— Mia — chamou ela, hesitante —, posso... Posso pedir um favor?

Queria dizer que não, mas a garota parecia tão patética com o cabelo irregular e picotado que decidi abrir uma exceção.

— Pode pedir.

— Quero que vá comigo a um lugar esta noite. Preciso da sua ajuda. Se fizer isso por mim, não vou mais incomodar. Nem ao seu irmão. Os Caçadores vão deixar os dois em paz para sempre.

Eu estava prestes a pedir os detalhes e recusar a oferta de Katrina, mas duas mulheres da equipe de ajuda usando camisa polo laranja abriram a porta do lounge. Ergueram as sobancelhas bem alto quando viram o cabelo de Katrina.

— Busco você à meia-noite — falou a garota. Ela analisou minhas roupas. — Vista outra coisa, está bem?

— Tipo o quê?

— Apenas mostre um pouco de pele, para variar.

— Espera aí, eu ainda não concordei com nada.

Mas Katrina já estava de saída.

— Meia-noite — gritou, por cima do ombro.



Por mais incrível que pareça, o restante do dia passou como qualquer outro, ou seja: se arrastou como se estivesse com as duas pernas quebradas. Parker me encontrou perto do meu armário depois das aulas, bem na hora. Pegamos as caixas de racionamento — dessa vez, algumas latas de salada de frutas e uma barra de chocolate — e as levamos para o carro. Parker não disse uma palavra para mim o tempo inteiro, e não me encarou uma só vez.

Nunca me senti tão sozinha na vida, o que não era dizer pouco.

Parker e eu chegamos em casa e ouvimos o rugido irritante do aspirador de pó. Nossa mãe estava na sala, usando a mangueira do aspirador para sugar as lascas de gesso e a poeira que se soltavam do teto rachado. Estava de costas para nós, e não ouviu quando entramos.

Parker e eu trocamos olhares. Nenhum de nós tinha ousado aspirar qualquer coisa desde o terremoto. Ruídos altos costumavam levar a ataques de pânico. Agora, em um único dia, tudo estava diferente. Eu não fazia mais ideia do que esperar da nossa mãe.

— Mãe — chamou Parker, por cima do barulho do aspirador. — Mãe!

Por impulso, estiquei o braço para trás e fechei a porta. A batida reverberou pela casa. Eu não batia a porta de casa havia um mês, e a sensação era melhor do que imaginei que seria.

Ela deixou cair a mangueira do aspirador e se virou, levando a mão ao peito.

— Ah! — exclamou. — Vocês chegaram.

Ela desligou o aspirador.

Parker e eu a encaramos. O barulho da porta a assustou, mas não a deixou apavorada. Eu odiava admitir, mas talvez Parker estivesse certo. Talvez os medicamentos estivessem apenas retardando a recuperação.

Pensando melhor nisso agora, o estado de torpor e sonolência em que minha mãe estivera durante o último mês, enquanto assistia ao Profeta pregar três vezes por dia em *A Hora da Luz*, podia explicar por que os sermões dele a afetaram tanto.

*Ah, Deus, pensei. É culpa minha. É mesmo.*

*É culpa minha nossa mãe ter levado tanto tempo para se recuperar.*

*É culpa minha ela estar obcecada com o Profeta.*

— Mia — disse, franzindo o cenho ao olhar nos meus olhos, que de repente pareciam estar nadando em lágrimas. Ou se afogando. — Tudo bem?

Engoli em seco o que pareceu um caco de vidro e gaguejei:

— S-sim. — Virei o rosto depressa. — Só vou... — vi a lata de lixo transbordando na cozinha — ... tirar o lixo.

Foi uma desculpa idiota para fugir.

Nosso lixo não era recolhido desde o terremoto. Mal conseguíamos colocar o carro da nossa mãe na garagem, com todas as sacolas empilhadas, e estava começando a feder muito.

O aspirador rugiu e voltou à vida, e fui de cômodo em cômodo recolhendo latas de lixo, em pares, levando-as para a garagem. Não

tínhamos mais sacos de lixo grandes, então comecei a jogar tudo direto no contêiner da prefeitura.

Segurei a respiração quando me aventurei para dentro da garagem fedida e abri o contêiner de lixo. Virei a lata do quarto da minha mãe ao contrário e observei o que pareciam minúsculas pastilhas de menta caírem como granizo em meio a lenços amassados. Somente quando as pastilhas brancas chegaram ao fundo do contêiner é que percebi o que eram.

Meu cérebro parou de funcionar.

— Mia?

Virei e vi minha mãe à porta da garagem. Ela desceu os degraus e parou diante de mim. Percebi que eu abraçava a lata de lixo do banheiro dela. Esqueci de prender a respiração e inalei o fedor pútrido que saía das latas. Quase vomitei, e não foi por causa do cheiro.

— Quero pedir desculpas a você por esta manhã — disse ela, parecendo não notar minha cara de nojo. — Não devia ter pedido que fizesse aquela oração. Não posso forçá-la a acreditar da forma como acredito, mas queria que fizesse um esforço. Talvez pudéssemos ver *A Hora da Luz* juntas, hoje à noite. Ou talvez pudéssemos ir a um culto, como uma família, para ver como é.

Mal registrei as palavras.

— Você jogou fora. As pílulas...

Minha mãe piscou por um momento, como se estivesse confusa. Então assentiu.

— Sim, precisei fazer isso.

— Por quê?

— O Profeta diz que ninguém que toma substâncias viciantes e remédios psicotrópicos será salvo, quando vier a tempestade. Precisamos estar com sangue, mentes e almas limpos.

— Tem ideia do que passei para conseguir aqueles remédios?

Uma linha profunda se formou entre as sobrancelhas dela. Minha mãe balançou a cabeça, e percebi que ela não teria como saber,

porque eu tinha feito o possível para manter tudo em segredo. Exatamente como, quando era pequena, tinha feito tudo para não deixar que ela descobrisse que eu era uma pária na escola, ou como as pessoas em Lake Havasu City me evitavam e atravessavam a rua ao me ver. Eu não queria que minha mãe se preocupasse. Nunca quis que ela se preocupasse comigo. Queria que ela e Parker vivessem vidas normais, apesar da minha existência.

— Por que não me disse que não queria mais tomá-las? — perguntei.

— Não sei, Mia. — Ela balançou a cabeça. — Ando tão confusa...

— Mãe, precisa parar de ver *A Hora da Luz*. Precisa parar de ouvir o Profeta. Ele está destruindo sua mente.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Não, Mia. Ele me ajudou a ver as coisas com clareza pela primeira vez na vida. Não é apenas o que aconteceu durante o terremoto. É tudo. Eu estava vivendo tudo errado.

— Ouça o que você está dizendo! Ele fez uma lavagem cerebral completa em você!

Ela apertou os lábios, como se alguém tivesse puxado um fio que estava preso à boca.

— Cuidado com o que diz, mocinha.

De repente, entendi qual era a sensação de um terremoto: pressão se acumulando por uma longa falha geológica e precisando ser liberada. A pressão dentro de mim estava se acumulando havia muito tempo, e, com tudo o que tinha acontecido naquele dia, era demais.

— Você é que deve tomar cuidado com o que diz. — Atirei a lata de lixo do banheiro dela na parede, derrubando um pote cheio de pregos, que se quebrou ao acertar o piso de cimento, espalhando metal e vidro por todo lado. — Sabe quem está segurando as pontas desta família há semanas? *Eu*. Entendo que passou por algo terrível. Sei que perdeu alguém com quem se importava e está confusa e com

medo, mas Parker e eu precisamos de você. Também estamos com medo!

O rosto dela assumiu um tom profundo de vermelho, e os ombros começaram a tremer.

— Você não pode falar comigo desse jeito. Crianças devem respeitar os pais. O Profeta diz...

— Não ligo para o que ele diz! Parker e eu estivemos aqui para apoiar você, não ele. Não o Profeta. *Nós* somos a sua família.

Por um momento, os olhos da minha mãe pareceram se suavizar, como se minhas palavras finalmente tivessem sido ouvidas. Então ela fez uma careta, e cerrou os punhos nas laterais do corpo.

— Você. Não. Entende. — Ela cuspiu as palavras uma a uma. — Eu estava perdida... é como se estivesse perambulando pela neblina, simplesmente... *cega*. E enfim encontrei o caminho da liberdade. Posso ver de novo. Entendo por que aconteceu, por que Deus me salvou quando eu devia ter morrido como os demais. Para que Ele pudesse me mostrar o caminho da verdade. Para que eu pudesse mudar.

Eu a encarei.

— Qual é a verdade, mãe?

— Que se não formos salvos, estaremos condenados. Meus filhos estão condenados. — Ela se abaixou devagar, até ficar de joelhos no piso imundo de cimento da garagem, em meio aos pregos, ao vidro quebrado e ao fedor de lixo. — Ajoelhe-se comigo — implorou. — Vamos rezar por perdão. Rezar para que nossos pecados sejam perdoados.

— O que está acontecendo? — Parker tinha surgido à porta.

Minha mãe estava com a cabeça baixa, rezando aos sussurros, quando empurrei meu irmão para entrar em casa.

Hesitei na cozinha, querendo voltar, dizer alguma coisa, fazer *alguma coisa* que pudesse mudar o que minha mãe pensava. Mas os pensamentos dela não pertenciam mais à minha mãe. Pertenciam ao Profeta.



Passei o resto da tarde e da noite trancada no quarto. Não descii para jantar, embora tivesse ouvido alguém fazendo barulho na cozinha. Achei que Parker e minha mãe fossem bater à porta com uma tigela de sopa como oferta de paz, mas isso não aconteceu.

Quando deram cinco para a meia-noite, eu estava na calçada escura do lado de fora de casa. Ficava esperando que Jeremy saísse das sombras e tentasse me impedir de ir a qualquer lugar, mas ele não apareceu. Talvez eu tivesse mesmo o visto pela última vez.

Katrina chegou bem na hora. Ouvi as trancas das portas se abrirem com um clique e entrei no carro.

Foi preciso esforço para não ficar encarando quando a vi. Katrina não estava parecida com Audrey Hepburn, mas aceitou o novo corte de cabelo e o arrumou espetado e irregular, estilo punk. Combinado com a maquiagem de olhos esfumados e a roupa de stripper — os peitos estavam quase explodindo para fora do espartilho de seda vermelha, e o short de couro curtíssimo, de cintura alta, mal cobria a bunda —, o corte funcionava bem.

— O que acha? — Katrina avaliou o cabelo no retrovisor.

— É bem a sua cara — respondi. Era o máximo de elogio que eu estava disposta a oferecer. — Então, aonde vamos?

— Você vai saber quando chegarmos.

Suspirei e apertei o cinto de segurança.

— Tanto faz. Podemos pegar a estrada antes que alguém perceba que saí de casa?

Katrina se afastou da calçada cantando pneu e rindo como uma louca.

— Obrigada — falei. — Muito discreto.

Ela vasculhou a bolsa e pegou uma garrafa prateada. Então abriu a tampa e a entregou a mim.

— Você precisa relaxar.

Olhei a garrafa nas mãos. Tinha provado vinho antes, talvez tivesse ficado um pouco alta, mas nunca tinha provado álcool pesado.

— O que é? — perguntei.

— É bom. Experimente.

Álcool... Mais uma coisa que estava em falta na cidade. Aposto que o Profeta estava feliz com aquilo.

Levei a garrafa aos lábios, enchi a boca e engoli. Me encolhi ao sentir o gosto do álcool, mas não estava tão ruim, e foi deixando uma sensação gostosa e morna até chegar ao estômago.

Katrina me encarou de olhos arregalados, sem prestar atenção à estrada.

— Você bebeu como se fosse água. — Ela parecia intrigada. — Nem tossiu!

Balancei a cabeça.

— Devia?

— Isso era relâmpago branco, Mia.

Eu mudei de posição, desconfortável, como fazia sempre que ouvia a palavra “relâmpago”.

— Por que chama assim?

— Porque queima como se você estivesse engolindo fogo, por isso. É uísque feito em casa. Destilação ilegal. Sabe o que é isso?

— É claro. Não sou idiota. Por que me disse que era bom?

— Porque é bom, para uma bebida ilegal. Você é bem mais durona do que achei que seria. Talvez eu tenha julgado você errado.

Para enfatizar a afirmativa, tomei mais dois grandes goles da garrafa. A bebida descia mais suave a cada gole. Eu estava acostumada a sentir como se o fogo estivesse dentro de mim. “Relâmpago branco” não era nada em comparação com a minha própria marca especial de “relâmpago vermelho”. Mesmo assim, eu me sentia meio poderosa. Quer dizer, só até o álcool chegar à corrente sanguínea. Parece que eu só era imune à queimação do relâmpago branco, não aos outros efeitos.

Inclinei a cabeça para trás, para o teto do carro de Katrina, sentindo-me zozna.

— Acho que você já tomou bastante.

Katrina pegou a garrafa de volta e tomou uma golada, fazendo careta.

— Ei! Pode não fazer isso? Não quero morrer em um acidente de carro esta noite.

— Eu aguento — disse ela, calma, guardando a garrafa.

— É, e se formos paradas pela polícia? Essa coisa tem cheiro de álcool de limpeza. Seríamos pegadas e atiradas na cadeia, ou algo do tipo.

— As cadeias estão lotadas. A polícia tem problemas maiores do que duas adolescentes levemente embriagadas.

Como se a conversa os tivesse convocado, um comboio de carros policiais com as luzes piscando passou disparado por nós, seguindo na direção oposta a toda velocidade e, obviamente, sem interesse no nosso carro.

— Como eu disse, você precisa relaxar. — Katrina me encarou, sorrindo. Então reparou na minha roupa, e o sorriso desapareceu. —

Você está vestindo exatamente a mesma coisa que vesti para ir à escola.

Abaixei o rosto para olhar minhas roupas, mas tudo estava começando a ficar embaçado.

— Ah... certo, esqueci que queria que eu “mostrasse um pouco de pele”.

Só a ideia me fez rir. Ninguém queria ver minha pele.

Katrina ficou irritada.

— É só colocar uma meia-calça na sua cabeça que você poderia roubar um banco.

Virei para olhar pela janela, embora a cidade, que passava correndo, fizesse minha cabeça girar.

— Então, qual é o favor? Por que precisa da minha ajuda?

Katrina ficou em silêncio por muito tempo antes de responder.

— Porque você consegue sentir a Centelha.

Olhei para ela, a imagem duplicada. Droga de relâmpago branco. Nada de uísque artesanal de estômago vazio, para mim.

— Estamos ficando sem tempo — continuou Katrina. — O Profeta está recrutando a um ritmo que os Caçadores não podem acompanhar. Preciso que me ajude a brincar de pega-pega.

— Mas nem sou uma de vocês.

— Considere-se uma Caçadora honorária. Apenas por esta noite.

— Estou honrada — falei.

— Isso é sarcasmo?

— Você é muito perceptiva.

O trânsito estava tranquilo quando entramos em Koreatown, perto da extensão escura do nada que era o Deserto. Apenas a coluna branca de um único arranha-céu permanecia de pé, era um branco forte no centro daquela escuridão, o último resquício visível da linha de arranha-céus do centro da cidade. A Torre.

K-town ficava vários quilômetros a oeste do epicentro da destruição, mas mesmo assim a área tinha sofrido danos imensos. Rachaduras se expandiam pelas paredes externas de muitos dos

prédios pelos quais passamos, e as ruas estavam partidas em alguns lugares, como feridas abertas esperando para serem costuradas de novo. Mas o que mais me chocou foi a sensação de vazio que senti ali. Antes do terremoto, K-town fervilhava de gente. Agora, muitos dos estabelecimentos tinham apagado as luzes e descido portões de metal nas portas. O lago escuro do Deserto se espalhava, consumindo tudo ao redor. Imaginei se, em mais alguns meses, quando o mundo não acabasse, como o Profeta dizia que acabaria, o medo das pessoas sumiria e elas começariam a voltar aos poucos para Los Angeles, até que a cidade estivesse lotada outra vez.

Eu não conseguia mais adiar a pergunta.

— Katrina, aonde vamos?

O olhar de Katrina desviou para mim, então se voltou para a estrada. Ela estendeu a mão para enrolar uma mecha de cabelos entre os dedos e não encontrou nada.

— Acho que já sabe. Você estava do lado de fora da sala do tio Kale, ontem à noite. Ouviu a nossa conversa.

De repente, me senti muito sóbria.

— Conte — insisti.

— Vamos para a Nômade.

— Por quê? — perguntei, a voz saiu mais com ar do que som.

Senti como se tivesse levado um soco no estômago, embora devesse ter antecipado aquilo.

— A Nômade atrai um certo tipo de pessoa — explicou Katrina. — Esse tipo de pessoa é mais provável de ter a Centelha. Não é apenas a Nômade que as atrai. É o Deserto. Há uma energia nesse lugar, algo magnético, como... Bem, você vai ver.

— Ah, não vou não — falei, balançando a cabeça. — Pare o carro.

— Mas estamos quase lá.

— Pare o carro agora!

Fiquei surpresa quando Katrina parou o carro tranquilamente no acostamento.

Tão perto do Deserto, as lâmpadas da rua estavam apagadas. As janelas dos prédios ao redor estavam quebradas e escuras. Havia poucos carros abandonados, mas nenhum parecia ocupado. Não havia viva alma até onde eu pudesse ver.

— Quer descer aqui? — perguntou Katrina. — Vá em frente. Estes prédios parecem vazios, mas tenho certeza de que vai encontrar *alguém* para ajudá-la a voltar para casa. Aliás, esse alguém provavelmente não será o tipo de pessoa com quem você vai querer ficar sozinha, a não ser que tenha proteção, e não estou falando de camisinhas.

Por que não tinha lembrado do spray de pimenta? Poderia ter usado em Katrina e tomado controle do veículo.

— Dê meia-volta — falei, com os dentes trincados.

Conseguia sentir o fogo no peito, e o uísque devia ter soltado alguma coisa dentro de mim, porque estava perdendo o controle.

Como se conseguisse sentir o calor emanando de mim, Katrina se afastou na direção da porta.

— Preciso contar uma coisa, e você não vai gostar.

Uma risada sem humor irrompeu da minha garganta. Inclinei a cabeça para trás e falei, para o teto do carro.

— Tem mais alguma coisa para eu não gostar?

Katrina assentiu.

— Prometo que não sabia sobre isso até ser tarde demais, ok? Descobri pouco antes de vir buscar você.

Ela inspirou fundo e expirou devagar. Eu queria agarrar Katrina e sacudir a resposta para fora dela.

— Seu irmão está lá.

Por um momento, tudo dentro de mim ficou em silêncio. Meu coração parou.

— É mentira — falei. — Por que Parker estaria na Nômade?

— Ele foi com Quentin. Saiu de fininho, como você.

Meu coração começou a bater de novo. Batidas lentas, reverberando como explosões isoladas em meus ouvidos.

— Ele quer ser um Caçador, Mia. Quer nos ajudar.

Minhas mãos pareciam pedras no colo. Se eu ainda estava bêbada, não sentia mais. Lembrei do que Jeremy falou no dia anterior. *Não vá para o Deserto, Mia. Fique longe do Deserto e longe dos Caçadores.*

Olhei para Katrina e disse apenas uma palavra.

— Dirija.



Katrina nos levou tão perto da fronteira do Deserto quanto as ruas destruídas permitiam, o que não era muito. A falha Puente Hills era uma falha cega, ou seja: as placas tectônicas não se moviam de um lado para outro, mas para cima. O Deserto inteiro fora erguido cerca de três metros e agora se elevava em um planalto imenso com vários quilômetros quadrados de extensão.

Quando estava a quase cinquenta metros da beira do planalto — uma muralha de asfalto quebrado, concreto e canos estourados —, Katrina parou em um estacionamento no Distrito dos Armazéns, onde havia dezenas de outros carros. Rampas tinham sido erguidas em vários lugares ao redor do planalto, mas, mesmo elas não sendo vigiadas por sentinelas armadas, não teria sido inteligente dirigir um carro sem pneus reforçados até o Deserto. Quando os arranha-céus caíram, o centro da cidade ficou soterrado pelo vidro estilhaçado que choveu do alto. Aquelas montanhas de vidro quebrado ainda formavam algo semelhante a bancos de neve depois de uma nevasca. Precisaríamos caminhar o restante do caminho até a Nômade.

Um formigamento febril percorreu minha pele quando saí do carro para o ar noturno. Verifiquei o céu, mas a superfície sem estrelas não tinha sinal de nuvens. Havia apenas a lua, que estava com uma cor amarela morna e era acompanhada pela luz de um helicóptero que rugia e iluminava outra parte da cidade. Um céu típico de Los Angeles. Não havia sinal de chuva, mas minha pele formigava mais do que nunca, doendo de febre, como se a tempestade fantasma que eu sentia estivesse logo além do horizonte.

Depois de sair pelo lado do motorista, Katrina reparou em minha expressão.

— Você sente, não sente? — Ela fez um gesto que abrangia todos os escombros. — O poder deste lugar. A energia. É como se estivesse sangrando das rachaduras no chão. — Katrina esfregou os braços, mas os olhos brilhavam de animação. — Está por todo lado.

Katrina estava certa. Eu sentia, fosse lá o que *aquilo* fosse, como se um ímã com carga oposta à minha me puxasse.

Caminhamos em silêncio em direção à muralha do planalto, permanecendo nas sombras. Quando vi a sentinela armada caminhando pelo perímetro da muralha do planalto, decidi que a roupa de ladrão tinha sido uma escolha infeliz de vestuário.

— Isso é má ideia — sussurrei no ouvido de Katrina. — Devíamos procurar outra forma de entrar. Não quero levar um tiro.

— Não são balas de verdade — insistiu Katrina. — É uma arma de tranquilizantes. Além do mais, não é como se as sentinelas fossem policiais de verdade. São voluntários. Se atirarem em você, há grandes chances de errarem.

O fato de aquilo ter feito eu me sentir melhor era prova de como as coisas estavam ruins.

— Não se preocupe — disse minha acompanhante. — Já fiz isso antes.

— Quantas vezes?

— Muitas. Sei o que estou fazendo.

Chegamos mais perto da muralha do planalto e da sentinela, então paramos, escondidas sob as sombras. Eu mal conseguia respirar.

Minutos se passaram, e, por fim, a sentinela se moveu mais para longe.

— Quando eu disser “vai”, nós corremos. Escale a muralha o mais rápido possível.

— Mas e se...

— Vai!

Katrina disparou, correndo na direção da muralha do planalto sem fazer barulho, com as botas de salto agulha amparadas por um grosso tapete de poeira de cimento cinza. Corri atrás dela, o coração batendo tão forte que era tudo o que eu conseguia ouvir. Senti o fedor enjoativo de flores mortas, e, quando abaixei o rosto, vi pétalas secas espalhadas pelo chão, o restante de galhos e buquês que tinham sido deixados para honrar os mortos. Elas amaciaram o impacto de minhas botas, abafando os passos apressados.

Escalamos a muralha do planalto, usando canos quebrados como apoio. Não ousei olhar para trás. Não ousei olhar para lugar algum. Imaginei que ouvia a sentinela correndo atrás de nós. As batidas do meu coração se transformaram no som das botas do homem, da arma de tranquilizantes disparando contra nós.

Katrina subiu como um macaco, mesmo com o short curto e o corpete. Eu não fui tão graciosa e quase me empalei em protuberâncias afiadas de metal.

Chegamos ao topo do planalto sem levar um tiro. Katrina olhou depressa ao redor, antes de escolher uma direção. Ela seguiu pela Olive Street na direção da Pershing Square, ainda se mantendo às sombras.

Respirei. Conseguimos.

Corri para alcançar Katrina enquanto desviava de colinas de destroços e tropeçava na calçada rachada. Partes da rua se elevavam em ângulos irregulares, como pedaços de um iceberg partido se

inclinando para dentro do oceano. Parecia que uma arma nuclear tinha disparado no coração do centro da cidade.

Katrina e eu caminhamos em silêncio. O único som era o vidro estalando sob os pés enquanto abríamos caminho por ruas quebradas, evitando falhas no asfalto. Precisei me obrigar a manter os olhos no chão, na rua que brilhava com poeira de vidro, que parecia neve recém-caída reluzindo ao luar. Estava silencioso demais ali. Parecia um museu da destruição, em vez do lugar real.

— As sentinelas só vigiam o perímetro do Deserto, certo? — perguntei, mantendo a voz baixa.

Katrina deu de ombros.

— Basicamente.

Engoli em seco e tentei ignorar a sensação de arrepio na pele e sob ela. A energia estava debaixo das minhas unhas, no couro cabeludo, atrás dos olhos. Por todo lado. Quanto mais entrávamos no Deserto, mais intensa era a sensação, como se insetos alienígenas tivessem se enterrado no meu corpo.

Trinta minutos depois, nos aproximávamos da Pershing Square, onde parecia que uma equipe de construção acertara o chão de cimento com cem britadeiras. A área ficava um quarteirão ao sul de onde costumavam ficar os arranha-céus, então o lugar todo brilhava com poeira de vidro. Mas a característica mais proeminente da Pershing Square, a enorme coluna cor lavanda do tamanho de um pequeno prédio, ainda se erguia orgulhosamente entre as ruínas.

Entramos na praça, escalando o cimento quebrado com cuidado. Então, de repente, Katrina parou e levou um dedo aos lábios.

— Shhh.

Ela inclinou a cabeça para ouvir melhor, e eu captei o farfalhar baixo de passos.

Uma voz de trás da coluna lilás gritou:

— Não encontro o enforcado!

Congelei, olhando em volta, mas, antes que minha mente pudesse terminar de repassar todos os possíveis cenários prestes a se

desenrolar, Katrina gritou de volta:

— Tema a morte pela água.

Uma figura surgiu de trás da coluna e seguiu direto até nós. Ele usava calça cargo preta e um colete preto à prova de balas e levava a arma de tranquilizante de uma sentinela.

Fiquei tensa, esperando o impacto de um dardo tranquilizante.

— Está tudo bem — sussurrou Katrina para mim. — Ele é um vaga-lume.

— Um vaga-lume?

— Ele nos diz onde é a Nômade.

— Ah.

Me lembrei do casal que entreouvi na fila, na escola. O cara tinha dito que o amigo do irmão dele era um vaga-lume e sabia onde encontrar a Nômade.

Katrina se aproximou do vaga-lume, que sussurrou alguma coisa no ouvido dela. Katrina assentiu, arregalando os olhos. Então o vaga-lume recuou para trás da coluna lilás, e Katrina se voltou para mim. Seus olhos pretos brilhavam.

— Vamos — falou, e seguiu pela Fifth Street, na direção do distrito financeiro.

Mais uma vez, precisei correr para alcançá-la. Minhas botas eram muito mais sensatas para o lugar do que as de Katrina, e minhas pernas eram mais longas, mas ela sempre conseguia ficar alguns passos à frente.

— O que foi aquilo com o enforcado e a morte pela água? — perguntei.

— Protocolo da Nômade — respondeu Katrina. — Se a pessoa não sabe a senha, não recebe a localização. É sempre uma estrofe correspondente daquele poema, *A terra desolada*. É do T.S. Eliot. Já leu?

— Poesia não é muito a minha praia.

— Não diga. — Katrina sorriu sem mostrar os dentes. — Você não me parece o tipo de pessoa que gosta de olhar abaixo da superfície.

É muito assustador por lá.

— Me faça um favor — pedi —, pare de fingir que me conhece.

Enquanto andávamos, não consegui tirar os olhos da pilastra branco-prateada diante de nós: a Torre, furando o céu. Lembrei-me do que Jeremy tinha me mostrado, de ficar de pé no alto da torre enquanto uma tempestade se formava sobre minha cabeça.

Então me lembrei de outra coisa que ele havia mostrado.

Eu: caminhando pelo Deserto, pisando no nada e caindo, caindo, caindo.

Baixei os olhos a tempo de ver o abismo no qual estava prestes a pisar.

Meus reflexos dispararam para chegar ao estado de alerta, mas era tarde demais.

Eu estava prestes a cair.

E a morrer.



Eu estava prestes a ser assassinada pela gravidade, mas o tempo desacelerou o suficiente para que eu pudesse sentir um imenso arrependimento pelas coisas que já fiz de errado, por todas as escolhas ruins e todas as pessoas que ferí.

*Talvez seja melhor assim. Talvez seja mais fácil para todos se eu desaparecer na escuridão. Pelo menos não farei a coisa terrível que Jeremy alegou que eu faria.*

Meu coração e estômago ficaram imóveis, mas o restante do corpo já havia iniciado o mergulho.

— Mia!

Katrina me segurou e me puxou de volta da beira do abismo. Ela era bem mais forte do que parecia e me jogou longe, como se eu fosse feita de algodão. Acabei aterrissando de bunda em cima de uma pilha de escombros a um metro e meio dali.

Tentei recuperar o fôlego, mas meu coração parecia explodir sempre que batia, consumindo todo o oxigênio no corpo.

Katrina também estava respirando com dificuldade.

— Você precisar olhar por onde anda! Algumas dessas falhas têm centenas de metros de profundidade! Você poderia ter morrido!

— É. É, tudo bem. Obrigada. Mesmo. — Fiquei de pé para limpar a poeira de cimento e vidro da calça. Não consegui olhar para Katrina quando falei de novo: — Obrigada.

— Só... Tente tomar mais cuidado de agora em diante, está bem? Não podemos perder você.

Ela abaixou a mão para me ajudar a levantar.

*Não vá para o Deserto*, dissera Jeremy, em minha mente, enquanto a imagem de eu mesma caindo, caindo e caindo no abismo passava girando, como um carrossel.

Juntas, Katrina e eu nos aproximamos da beira do abismo e olhamos para as profundezas pretas e imensuráveis. Ela pegou um pedaço de concreto quebrado do tamanho de um punho e o jogou na rachadura. Ficamos esperando, de ouvidos atentos. E esperamos.

Não ouvimos o concreto chegar ao fundo.

Minhas pernas estavam trêmulas quando demos a volta pelo abismo e pegamos a Fifth Street de novo. Nós duas mantivemos os olhos colados ao chão, até que perguntei mais uma vez aonde íamos. Onde a Nômade montara residência naquela noite.

Katrina apontou. Meus olhos seguiram o caminho indicado por seu dedo.

Ela estava apontando para a Torre.

Mas é claro.

Conforme nos aproximamos da Torre, outras pessoas começaram a surgir da escuridão, juntando-se a nós na marcha em direção à Nômade. O grupo cresceu até que somávamos cerca de trinta pessoas. Era uma festa a caminho da festa, todos conversando e rindo, passando garrafas, baseados e cachimbos, aparentemente despreocupados com as sentinelas que poderiam estar patrulhando o Deserto. Katrina me informou — o que devia ter feito antes — que

muitas das sentinelas também trabalhavam como vaga-lumes, o que lhes garantia livre passagem para a Nômade.

Katrina movia-se entre os nômades como se fossem velhos amigos em uma reunião, flertando sem pudores e ignorando olhares irritados das garotas cujo flerte interrompia. Reparei na forma como Katrina tocava as pessoas antes de falar com elas, testando em busca da Centelha. Embora não parasse de falar e ficasse rindo enquanto falava com os outros, sempre que tocava alguém novo, sua expressão era de extrema concentração.

Busquei Parker com os olhos na multidão crescente, mas não o vi. Talvez já estivesse na Nômade.

Katrina abriu caminho até mim. E indicou os nômades.

— É pedir demais requisitar sua ajuda ali?

— Parece que você está indo bem — retruquei. — Além do mais, não estou aqui para ajudar. Assim que encontrar meu irmão, vou embora.

— Ah, é? E como planeja chegar em casa? Andando? Vai chamar um táxi?

Ela estava certa.

— Olhe, vamos fazer um acordo — sugeriu Katrina, jogando o cabelo inexistente para trás por cima do ombro, então franzindo o rosto ao se lembrar de que agora os fios estavam curtos.

— Você sempre tem um acordo em mente, não tem?

Ela deu de ombros e ajustou o corpete. Os seios estavam perigosamente perto de soltarem.

— Encontre três pessoas com a Centelha para mim, e prometo que ajudo a encontrar seu irmão e levo os dois para casa. Caso contrário, você vai ficar presa aqui até a hora de ir embora.

Virei para a direita e escolhi a pessoa que andava mais perto de mim, uma loira com penas de pavão no cabelo. Estendi a mão para ela.

— Oi, sou Mia. Qual é seu nome?

— Jude.

Os olhos dela se arregalaram quando nossas mãos se tocaram. Os meus também. Senti um zumbido súbito de estática estalando de dentro dela.

Foi fácil.

Jude puxou a mão de volta. Eu a encarei, boquiaberta.

— Você também sentiu, não foi? — indagou ela, baixinho.

Forcei a boca a voltar a funcionar.

— É. É, senti.

Os olhos dela se voltaram para os meus, arregalados e assustados.

— Tem algo de errado comigo — disse, mantendo a voz baixa. — Começou no dia do terremoto. Eu estava no centro da cidade, sabe... Quando aconteceu. — Jude mordeu o lábio. — Agora venho aqui toda noite. Nem sei por quê. Só... não consigo ficar longe. É como se algo me atraísse. Também é assim com você?

Seus olhos imploraram para que eu dissesse sim, mas não quis mentir para ela.

— Tem alguém com quem você devia falar — respondi, em vez disso. — Katrina vai explicar tudo.

Encontrei a caçadora na multidão e já estava erguendo a mão para chamá-la para perto quando vi de relance a marca na escápula de Jude, despontando debaixo dos cabelos longos, quase toda escondida. A menina me viu olhando e jogou o cabelo para cima da linha vermelha e venosa no ombro.

— Chama-se figura de Lichtenberg — comentou Jude, parecendo na defensiva, como se eu tivesse olhado para a marca com nojo. — Tenho desde a tempestade. Devia ter sumido a esta altura, mas... Não sumiu.

— Você disse que estava no centro da cidade durante o terremoto?

Ela fez que sim.

— Você foi...?

— Atingida por um raio? — terminou Jude, por mim. — Não, mas a mulher ao meu lado foi. Ela teve um infarto e morreu na hora. Tentei reanimá-la, mas ela morreu assim. — Jude estalou os dedos.

— Senti meio que um solavanco quando a mulher foi atingida, quase como se eu tivesse sido picada. Meu médico falou que o raio pode ter me acertado indiretamente, saltado da mulher e caído em mim por um segundo.

— Com licença — falei para a menina, e a deixei ali parada, parecendo confusa.

Corri até Katrina, peguei o braço dela e a arrastei para longe do cara no qual estava se jogando.

— O quê? — perguntou a caçadora, irritada.

Indiquei Jude com a cabeça.

— Uma — falei.

Katrina sorriu.

— Isso foi rápido.

A caçadora começou a avançar na direção de Jude, mas não soltei até que ela sacudisse o braço para se desvencilhar, encolhendo o corpo como se eu a tivesse beliscado.

— Ela me contou uma coisa — falei. — Durante o terremoto, ela foi... — Engoli em seco. — Ela foi atingida por um raio.

Katrina assentiu. Avaliei o rosto dela em busca de algum sinal de surpresa diante da notícia, mas não vi nenhum.

— Isso... — Precisei engolir em seco de novo, minha garganta parecia seca como papel — Isso tem algum significado para você?

Eu me lembrei das palavras que o sr. Kale dissera dentro da minha mente, aquelas que fizeram com que eu quisesse fugir dele o mais rápido possível.

*Sei quem você é. Sei o que é. E sei sobre os raios.*

Katrina balançou a cabeça, como se estivesse desapontada.

— A Centelha precisa vir de algum lugar, não é mesmo? Achei que já tivesse percebido isso, a esta altura. Você tem mesmo um talento para enganar a si mesma, Mia.

Minha mão deixou o braço de Katrina, e ela me deu as costas. Observei enquanto conversava baixinho com Jude. Ainda conseguia

ver a ponta de um veio da cicatriz de raio despontando de debaixo do cabelo da garota.

A energia que deixou minha pele arrepiada, aquele magnetismo que eu sentia desde que entramos no Deserto, ficava ainda mais forte conforme nos aproximávamos do destino.

Chegamos em grupo às portas giratórias da Torre, que antes eram de vidro, mas agora estavam estilhaçadas e cobertas de tábuas de madeira — embora uma delas estivesse faltando.

Meus olhos dispararam, ansiosos, conforme os nômades entraram em fila pela porta, um a um. Tudo ali era surreal. A Torre se elevando acima de nós, o Deserto que nos cercava, aquela cadeia montanhosa bizarra de cimento, granito e ferro, tudo coberto por poeira brilhante de vidro. A devastação era tão completa que parecia quase pertencer ao lugar, como se fosse a paisagem natural — apenas a Torre parecia deslocada.

Katrina puxou a manga da minha blusa, e a segui para o saguão amplo, iluminado pelo luar que brilhava através das janelas altas.

— Esta é a melhor locação que a Nômade já teve — comentou ela. — Em geral, usam um armazém ou apartamento abandonado. Falei com um dos nômades, e ele disse que algum zilionário comprou a Torre e não se importa de ser o anfitrião da Nômade, contanto que permaneça em segredo.

Ergui uma sobancelha.

— Patrocínio corporativo? Que pouco boêmio. Não vão precisar mudar o nome, se a Nômade não mudar mais de lugar?

— Não se for em um andar diferente a cada noite.

Pensei no que tinha visto quando toquei as mãos de Jeremy... Quando ele as colocou sobre meus olhos. Eu estava de pé no telhado da Torre, estendendo a mão para as nuvens e chamando o raio para baixo.

Engoli em seco.

— Em que andar é hoje?

— Sexagésimo nono, é claro.

— Tem certeza de que não é no telhado? — perguntei, e, quando Katrina assentiu, soltei o fôlego que estava segurando há um tempo. — Mas não entendo — continuei, enquanto seguíamos para um grupo de elevadores. — Por que o dono da Torre deixaria que um bando de nômades festejasse aqui? Não faz sentido.

Katrina deu de ombros.

— De zilionário dado não se olham os dentes.

Ela me empurrou para o elevador lotado, e as portas se fecharam.

— Acho que isso explica por que o prédio tem eletricidade.

Observei os números dos andares passarem, formigando de ansiedade. Ou será que o que mexia com minha pele era aquela energia estranha que radiava do chão do Deserto?

O elevador parou de repente quando chegamos ao 69º andar, e as portas se abriram.

Pisquei, esperando que a visão se ajustasse. Não havia luz. Isso teria delatado a localização da Nômade. Mas luzes negras estavam espalhadas pelo salão, então a relativa escuridão estava cheia de sorrisos assustadores flutuando sozinhos e olhos brancos que me faziam lembrar do Profeta.

Devia ter umas duzentas pessoas, o que não era muito, considerando como algumas boates ficavam lotadas. Mas a Nômade era uma festa exclusiva, nem que fosse apenas pelo difícil acesso.

Entramos no salão. Uma dupla de DJs — que mais pareciam cozinheiros de fast-food diante de uma grelha — trabalhava lado a lado nas mesas, tocando batidas eletrônicas intensas. As pessoas dançavam como em orgias, preenchendo o espaço aberto. A festa se estendia pelo andar inteiro, e algumas seções estavam ocupadas por cubículos modulares que, presumi, eram usados para festas mais íntimas.

Um cara de óculos escuros estilo aviador e blusa de caubói desabotoada entregava saquinhos com erva, pó ou tabletes de ecstasy para os nômades, que eles aceitavam de bom grado,

retribuindo com dinheiro. Parece que a Nômade era o único lugar da cidade onde drogas e álcool não eram escassos.

As janelas do andar tinham sido substituídas, ou então não tinham quebrado durante o terremoto. A cidade se expandia em todas as direções abaixo de nós. Katrina foi até uma das janelas, e eu a segui, procurando desculpas para tocar as pessoas enquanto passava, buscando sentir o zumbido elétrico de alguém com a Centelha, avaliando cada rosto em busca do meu irmão.

Quando chegamos perto das janelas, encaramos a cidade. O céu estava escuro, mas Los Angeles reluzia como em um céu noturno invertido, salpicado de estrelas âmbar. Mas a escuridão se espalhava em um raio amplo ao redor da Torre, como se o prédio estivesse sozinho no centro de um grande fosso.

Estremeci e dei as costas para a janela.

*Acabe logo com isso, pensei. Encontre os recrutas de Katrina. Encontre Parker. Saia do Deserto.*

Katrina estava com a garrafa de bebida na mão e a virava nos lábios enquanto observava o salão. Ela me ofereceu, mas rejeitei. Nada de relâmpago branco para mim. Eu precisava me concentrar.

— Como fazemos isso? — Precisei gritar ao ouvido de Katrina para ser ouvida. — O recrutamento, quer dizer. Tem um sistema, ou algo do tipo?

— Encontre uma desculpa para tocar as pessoas — instruiu. — Se tiverem a Centelha, traga até mim e eu cuido do resto.

Isso parecia simples demais.

— Vai perguntar se elas querem ajudar a salvar o mundo? — perguntei. — Assim, do nada?

— Basicamente. Sim.

— E se disserem não?

A boca de Katrina se contraiu em algo entre um sorriso e uma expressão de escárnio.

— Isso não acontece com tanta frequência quanto você pensa. A maioria das pessoas quer fazer parte de algo maior do que suas

vidinhas insignificantes. Querem acreditar que têm um propósito maior. E os nômades... Bem, eles não são o tipo de pessoa que quer ver o mundo destruído e reconstruído pelo Profeta e seus Seguidores. — Katrina me encarou com um olhar que ressaltava a última parte. — Até agora, você foi meio que a exceção à regra. Boa caça!

Com isso, ela ergueu os braços acima da cabeça e saiu dançando pela multidão. Uma dezena de conjuntos de braços a envolveu, e Katrina sumiu.

— Katrina, espere! — gritei, mas minha voz se perdeu na batida contagiante da música.

Ótimo. Como eu a encontraria de novo, se conseguisse localizar alguém com a Centelha? E como encontraria Parker naquele aglomerado?

Eu precisava tentar. Era a única opção. Eu não sairia dali até encontrar meu irmão.

Abri caminho entre os dançarinos de dentes e olhos brilhantes. Mantive as mãos esticadas na lateral do corpo, como escovas de um lava-jato automático, e fui tocando todos por quem passava. Fiquei me perguntando se seria mais fácil sentir a Centelha se tirasse as luvas. O que eu queria mesmo era tirar todas as camadas de roupas, que já grudavam em minha pele, e me encharcar de água gelada. Nômades se apertavam ao meu redor com a pele escorregadia, e o suor tornava o ar úmido.

Vi Jude na pista de dança. Ela se movia com todo mundo, mas os movimentos eram apáticos, e o olhar, distante, como se a mente estivesse longe. Não foi difícil adivinhar em que ela estava pensando.

— Oi — falei, me aproximando. — Viu minha amiga Katrina? Foi ela... que eu pedi para falar com você sobre... você sabe.

Jude assentiu, inclinando a cabeça na minha direção.

— A Centelha — disse. — Katrina me falou.

— Você vai... se juntar? — perguntei.

— É claro.

— Mesmo? Não quer pensar melhor antes de tomar uma decisão tão importante?

— Não preciso. Assim que Katrina me falou sobre a Centelha e o que ela significa, soube que estava dizendo a verdade, que eu não estava ficando louca. Isso aconteceu comigo por um motivo. Agora faz sentido.

— Faz sentido — repeti, me perguntando se Katrina soubera ser mais convincente com Jude.

— É um alívio, na verdade — comentou a garota. — Agora que sei que tenho algo contra o que lutar, não me sinto mais tão impotente. Parecia que o mundo inteiro estava girando fora de controle, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Mas agora... — Ela sorriu. — Você entende.

— Claro — respondi, baixinho. Ela não deve ter me ouvido por cima da batida estrondosa. Eu queria dizer a verdade... que eu não tinha uma certeza sequer. Que não entendia um mínimo daquilo. Que eu me sentia mais impotente do que nunca. Em vez disso, murmurei: — Vejo você depois. — E me misturei à multidão.

Como é que Jude podia ter tanta certeza de seu papel no cenário do fim do mundo de Katrina, quando eu tinha tantas dúvidas?

A mão de alguém tocou meu ombro. De repente, a temperatura no salão — a temperatura do meu corpo — subiu. Arquejei quando o calor sobrecarregou meu cérebro e fez minha visão parecer um clarão. Deslizei e tropecei, e pensei que era certo que eu cairia no chão. Então a pressão da mão sumiu do meu ombro, e o calor diminuiu.

— Eu disse a você para ficar longe do Deserto — disse uma voz familiar, falando perto o bastante do meu ouvido para eu sentir aquele calor de novo, um fogo que me provocava, logo ali, fora de alcance. Um fogo que eu queria tocar, embora soubesse que sua fonte quis a minha morte.



Eu virei, e lá estava ele. Jeremy. Com os olhos brilhando, brancos e furiosos sob a luz negra, ele gesticulou para que eu saísse da pista de dança.

Não me mexi, lembrando-me do sonho que não era sonho, de Jeremy de pé sobre mim com aquela faca prateada.

A fúria nos olhos dele aumentou quando me recusei a seguir. Jeremy parecia mesmo querer me matar.

— Não temos tempo para isso — sussurrou ao meu ouvido. — Preciso tirar você daqui.

— Não vou a lugar algum com você.

— Ah, vai, sim.

Ele segurou meu cotovelo e me puxou para fora da pista de dança. Segui aos tropeços a seu lado, com o calor dele entrando em mim como luz do sol, e esperei a escuridão que viria a seguir. Mas, por algum motivo, ela não veio, embora desse para sentir que ela *queria*. Jeremy me soltou antes que ela conseguisse chegar, e, assim que a mão dele se foi, parei de me mover.

Estávamos na beira da pista de dança. Cruzei os braços, em parte por indignação, em parte porque precisava contê-los, evitar que fizessem o que queriam — tocar Jeremy. Sentir o calor dele. Como eu ainda conseguia pensar assim de um garoto que tinha considerado me esfaquear até a morte?

— Por favor, Mia — disse Jeremy, a raiva em sua voz se suavizando até quase virar uma súplica. — Você não pode ficar aqui.

Meus braços se cruzaram mais apertados, e recomecei a avaliar o salão.

— Não vou a lugar algum sem Parker.

O rosto de Jeremy congelou entre expressões.

— Quem... Quem é Parker?

— Meu irmão. Ele está aqui, em algum lugar da festa, e não vou embora sem ele.

— Ah.

Os ombros de Jeremy relaxaram um pouco, como se estivesse aliviado.

*Será que ele achava que eu estava falando de outro garoto? Um que não fosse meu irmão?*

Jeremy também começou a verificar o salão.

— Você sequer sabe como é meu irmão? — perguntei.

Ele assentiu.

— Já o vi antes.

Meu coração ficou pesado.

— Quando? Entrou no quarto dele? Também queria enfiar uma faca nele?

— Não! Juro que nunca cheguei perto dele. Você foi a única que eu... — As palavras foram morrendo, como se tivessem caído de um penhasco. Ele devia ter percebido que não havia um bom modo de dizer: *Você foi a única que eu considerei assassinar.*

Mas, se queria que eu morresse, por que estava tão determinado a me salvar?

Deixei que meus olhos se detivessem em Jeremy, estudando-o, tentando decidir se eu conseguia ver além do incidente da faca e confiar nele. Mas a única coisa em que eu podia pensar quando o encarava era no quanto queria continuar encarando, sem nunca desviar os olhos. Mesmo com os olhos e dentes brilhando, Jeremy parecia muito mais do que lindo, com jaqueta preta estilo motoqueiro e calça jeans branca fluorescente sob a luz negra. Os jeans brancos me deixaram um pouco desapontada, mas ficavam bem em Jeremy.

Desviei a atenção de Jeremy e fiquei na ponta dos pés para olhar por cima da massa de gente aglomerada na pista de dança.

— Vamos fingir que eu consideraria ir a algum lugar com você — falei. — Imagino que tenha um carro?

— Uma moto.

— Uma moto, uma motocicleta? — Balancei a cabeça. Não largaria Katrina, afinal de contas. — E onde meu irmão vai se sentar?

Jeremy xingou baixinho. Contraiu o maxilar. Cerrou os punhos.

— Você vai ter que ir sem ele.

— De jeito nenhum. Por que você quer que eu... — Minhas palavras morreram. Pensei no que tinha visto quando Jeremy levou as mãos aos meus olhos: eu caindo no abismo. O mesmo abismo no qual quase mergulhei naquela noite. — Alguma coisa vai acontecer, não vai? — perguntei, com os olhos arregalados. — Você viu.

Jeremy não teve chance de confirmar ou negar. Naquele momento, as portas do elevador se abriram, e um novo grupo de nômades encheu o salão.

Estavam vestidos de branco. *Completamente* de branco. Brilhavam sob a luz negra como um bando de fantasmas.

— Isso é ruim — falou Jeremy.

Os Seguidores deslizaram até a mesa dos DJs, os pés mal pareciam tocar o chão. Eram jovens. Nenhum parecia ter mais de vinte anos,

mas isso poderia ser devido ao ar de inocência que tinham nas expressões vazias.

Alguns dos nômades do lado próximo ao elevador da pista de dança tinham reparado nos Seguidores e foram diminuindo os movimentos até parar, como brinquedos de corda que perdem a força. Os dois DJs ergueram o rosto e viram a procissão seguindo direto para eles, então ficaram encarando a multidão, atônitos, esquecendo os discos. Perderam uma transição, e mais nômades perceberam. Vozes se elevaram em reclamações, mas logo diminuíram quando mais e mais pessoas viram os Seguidores.

Os dois Seguidores à frente da procissão, um garoto e uma garota, ambos tão loiros que os cabelos brilhavam tanto quanto as roupas brancas, pararam de repente à mesa do DJ. Reconheci-os de *A Hora da Luz*. Eram filhos adotivos do Profeta, os gêmeos bizarramente altos.

O restante dos Seguidores também parecia familiar. Pensei no título que li no blog de Esqui — *Onde está o décimo segundo Apóstolo?* — e contei. Havia apenas 11, mas eu tinha certeza de que eram os filhos adotivos do Profeta.

Olhei para Jeremy, para a expressão sombria em seu rosto. Será que ele sabia que os Apóstolos do Profeta estavam chegando? Será que vira, assim como me vira indo até o Deserto e caindo no abismo?

O pânico revirou meu estômago em nós dolorosos. Onde estava Parker?

Os gêmeos falaram com os DJs por um momento, tão baixo que ninguém conseguiu escutar. Houve muitos sinais negativos com a cabeça, do lado dos DJs. Mas os outros Apóstolos cercaram a mesa de som, e, por fim, os DJs deram aos gêmeos o que eles queriam.

Entregaram os microfones e desligaram a música.

O salão ficou tão quieto que senti como tivesse ficado surda de repente.

Os gêmeos encararam o público de nômades chocados com olhos brilhantes e vazios, os sorrisos erguendo os cantos das bocas de forma pouco natural.

Jeremy me cutucou e inclinou a cabeça na direção de uma porta, no outro canto do salão. Havia uma plaquinha ao lado dela com a figura de um homem-palito descendo um lance de escadas-palito.

Fiz que não com a cabeça.

— Olá — cumprimentou a gêmea ao microfone, com a voz estrondosa.

— Boa noite. — O gêmeo fez uma minúscula reverência de cabeça. — Vocês devem estar se perguntando por que interrompemos sua festa.

Silêncio dos nômades. Eu estava esperando uma revolta, mas todos pareciam em choque.

— Viemos entregar uma mensagem importante de Rance Ridley Profeta, da Igreja da Luz — falou a gêmea, com o sorriso ainda mais largo. Se ele continuasse a aumentar, com certeza ultrapassaria os limites do rosto. — Em dois dias, vocês todos morrerão.

Não achei que fosse possível que o silêncio ficasse mais profundo, mas ficou. Até que o gêmeo se pronunciou.

— *A não ser* — emendou — que venham até o Profeta com o coração penitente e entreguem suas almas à mercê dele.

— Não é tarde demais — falou a gêmea. — Vocês ainda podem ser salvos. Só precisam pedir com humildade, e ele garantirá sua bênção.

— E o fogo do inferno jamais os tocará.

— Serão protegidos no último dia da terra.

— Serão arrebatados para o paraíso.

— Deus fala com o Profeta e contou isso a ele.

— Mas, caso se recusem a ouvir este aviso... se continuarem pelo caminho da perdição... vocês...

Os gêmeos lançaram olhares pelo salão, assim como o restante dos Apóstolos. Olhei para Jeremy e vi a cabeça abaixada, os cabelos

pendendo sobre o rosto. Ele quase parecia estar rezando.

— *Vocês* — continuou a gêmea — serão os primeiros a morrer, quando o sexto selo se quebrar. Os primeiros a perecer, quando a terra se partir, as estrelas caírem do céu e a lua se transformar em sangue. Vocês serão...

— Cala a boca, sua piranha louca!

A voz ecoou como um sino e pareceu reverberar pelo salão durante segundos depois de ser ouvida.

O sorriso da gêmea diminuiu.

— Quem disse isso?

O gêmeo passou o braço ao redor do ombro da irmã.

— Quem ousa difamar minha irmã?

— Sua irmã é uma aberração, e você também!

De repente, os nômades começaram a gritar todos ao mesmo tempo. Xingando e urrando insultos. E os Apóstolos gritavam de volta. Eu não conseguia entender as palavras deles. Era como se alguém tivesse ligado centenas de liquidificadores e misturado todas as vozes.

Um dos DJs tentou pegar o microfone da mão da gêmea. O irmão dela reagiu, golpeando com o pulso e acertando o pescoço do DJ. Outro nômade, trêmulo e de olhos arregalados, com certeza sob o efeito de alguma droga, partiu para cima do gêmeo, derrubando-o de costas no chão. O nômade caiu por cima do Apóstolo e começou a socá-lo com os dois punhos. A gêmea tentou puxar o nômade de cima do irmão, e o garoto a empurrou para longe. Ela caiu e bateu com o rosto na quina da mesa do DJ, e, quando se levantou, escorria sangue da boca, de um lábio partido. O sangue descia pelo queixo e formava manchas escuras no vestido branco da garota.

Foi quando a briga começou de verdade.

Mas tudo isso era ruído de fundo em comparação com a voz nervosa que gritava em minha mente: *Encontre Parker! Encontre Parker!*

Avaliei a multidão, desesperada para encontrá-lo, mas...

Vi alguém que reconheci, seguindo na direção da confusão com um olhar determinado no rosto. Eu o segurei quando ele passou por mim.

Quentin tentou se desvencilhar. Então viu meu rosto e congelou, os olhos se arregalando.

— Mia? O que está fazendo aqui?

Ele olhou para minha mão, que segurava seu braço, e fez uma leve careta, como se eu o estivesse machucando. Não estava segurando com força, mas Quentin era um Caçador. Se eu emitia mesmo algum tipo de Centelha, não devia ser bom para ele.

— Onde está meu irmão!? — gritei. — Onde está Parker!?

Quentin balançou a cabeça, parecendo confuso.

— Como vou saber?

— Você trouxe ele para cá!

— Não trouxe, não. — Quentin balançou a cabeça com mais ênfase. — Se ele está aqui, não veio comigo. — Ele semicerrou os olhos. — Quem te disse isso?

A verdade ficou clara em minha mente.

— Katrina — falei, e Quentin assentiu.

— Parece uma das armações dela.

Ela mentiu para mim. Katrina mentiu para mim. Meu irmão não estava ali.

— Onde ela está? — perguntou Quentin.

— Espero que sendo chutada na cara por um Apóstolo — respondi. Não havia força nas palavras. Eu estava aliviada demais para sentir raiva. — Se a vir, mande-a para o inferno. Encontrei outro jeito de voltar para casa.

Dei as costas para Quentin para dizer a Jeremy que estava pronta para ir por vontade própria, mas ele não estava à vista.

Cerrei os punhos, como se quisesse me juntar à luta. Mas só havia uma pessoa que eu queria socar, bem ali.

Ele tinha me abandonado. Jeremy tinha me abandonado... mais uma vez.

Virei de volta para Quentin, querendo perguntar como ele tinha chegado na Nômade, mas vi apenas sua nuca de relance, antes de ele seguir para a confusão.

Eu estava condenada a depender de Katrina para sair do Deserto.

Tinha começado a vasculhar a multidão em busca dela quando Jeremy reapareceu, e, antes que eu conseguisse dizer uma palavra, ele me segurou, me atirou por cima do ombro e seguiu para a porta da escada.

Eu teria lutado.

Teria chutado e socado até que ele me colocasse no chão.

Mas, quase no mesmo instante que ele me tocou e seu calor tomou conta de mim, minha mente foi inundada por um branco brilhante e mergulhou na escuridão, então eu estava...

*... correndo pelo Deserto, com Jeremy ao lado. Prédios ociosos nos observavam com os olhos vazios da meia-noite pelas janelas estilhaçadas. O vento estava forte, me fustigando como se quisesse arrancar a pele.*

*Eu me segurei, seguindo contra o vento, que atirava poeira de cimento e vidro contra nós, cobrindo pele e roupas, tentando nos enterrar.*

*— Vamos! — gritei, segurando a mão de Jeremy e correndo às cegas.*

*Disparamos pelas ruas rachadas e cheias de escombros, os olhos fechados contra a poeira e o vento. Não sabia por quanto tempo tínhamos corrido nem aonde íamos. O vento parecia escolher a direção por nós, empurrando e puxando.*

*Então, de repente, o vento parou, e eu pude enxergar.*

*— Não...*

*Estávamos ao pé da Torre. Ergui a cabeça para ver o topo e ouvi música, um tom grave latejante ecoando pelo prédio, como se cada andar estivesse conectado a imensos alto-falantes.*

*Mas, quando o trovão rugiu, abafou a batida grave da Nômade.*

*Nuvens. Espessas e escuras como o céu e altas como montanhas. Elas se materializaram acima do prédio imenso.*

*O trovão destruiu meus pensamentos. Senti a carga da tempestade. A excitação da tempestade.*

— *Está na hora de eu ir — falei para Jeremy, olhando para cima, para as nuvens.*

Engasguei ao voltar para o presente. Ou achei que estivesse de volta. Meus olhos estavam abertos, mas só vi uma parede sólida e negra.

— Mia, você está de volta? — Era a voz de Jeremy.

— O que fez com ela? — Essa era Katrina.

Jeremy:

— Nada.

Katrina:

— Você não pode simplesmente jogar garotas por cima do ombro e carregá-las para longe. *Quem é você?* Por que fugiu de nós no outro dia? É um espião dos Seguidores?

Eu:

— O que está acontecendo? Onde estamos? Não estou enxergando nada.

Pisquei várias vezes. Figuras começaram a se formar na escuridão. Senti o chão. Estava frio e duro. Cimento. E a parede atrás de mim, na qual eu estava apoiada, também era de cimento. Estendi a mão e senti uma barra dura e arredondada. Metal. Um corrimão.

— Estamos na escada — respondeu Jeremy.

Usei o corrimão para me levantar. Mantive a mão apoiada nele, senti o modo como se inclinava para cima. Conseguia ouvir gritos distantes, vários andares acima de nós, por trás de uma porta fechada.

A Nômade estava lá em cima.

Parker estava lá em cima.

Comecei a subir, então me lembrei... Parker não estava na Nômade. Katrina tinha mentido. Me manipulado.

Encurrelei Katrina, embora não conseguisse enxergá-la direito.

— Adivinhe quem eu encontrei lá em cima? Quentin — falei. — E adivinhe o que ele me contou? Ah, espere, não precisa adivinhar, porque você já sabe. Sua mentirosa...

— Mia, me desculpe — interrompeu Katrina. — Eu sabia que não conseguiria fazer você vir sem alterar um pouquinho a verdade.

— Isso se chama *mentir*.

— Eu fiz o que precisava fazer! Nosso tempo está acabando, e eu precisava que você sentisse como é aqui, no Deserto e na Torre. Achei... Não sei, achei que, se eu *trouxesse* você aqui, tudo se encaixaria. E você aceitaria seu destino.

— Cala. A. Boca. — Havia uma falta de emoção surpreendente na minha voz. — Só cala a boca, Katrina. Vamos embora agora.

— Tudo bem — disse ela. — Tudo bem, vamos.

— Você não — retruquei. — Jeremy e eu. Você pode fazer o que quiser, contanto que fique longe de mim.

— O quê? Mia, não! Você não pode ir com ele! Não sabe nada sobre ele. Ele pode ser um espião!

— Você é um espião, Jeremy? — perguntei.

— Não — respondeu ele.

— Então está decidido. Vamos embora. Não me siga, Katrina.

— Mia, por favor...

— Vamos — falei para a silhueta dele.

Fui descendo para a escuridão espessa como tinta e ouvi os passos de Jeremy ecoando com os meus. Um terceiro par de passos não nos seguiu.



Sessenta e nove lances de escada são muitos degraus para descer. Antes de sequer chegarmos ao térreo, parecia que horas tinham se passado. Quando saímos para o Deserto, minhas pernas doíam, e meus joelhos pareciam ter levado algumas dezenas de marteladas, mas a dor não era nada em comparação com a sensação de eletricidade que arrepiava minha pele como uma horda de insetos querendo me comer viva.

Estendi os braços, esfregando como se estivesse com frio, desejando que o formigamento diminuísse — mas ele se recusava a ceder.

— Você está bem? — perguntou Jeremy, com a voz pesada de preocupação.

Eu não podia responder àquela pergunta. Não sabia mais o significado de “bem”.

— Eu devia ter ouvido você — falei. — Nunca devia ter vindo aqui. — Virei para ele. — Você não vai tentar me matar de novo, vai? Posso parar de me preocupar com isso?

— Sim — respondeu ele. — Quer dizer, não, não vou tentar matar você. E sim, pode parar de se preocupar.

— E você não é mesmo um espião dos Seguidores, como Katrina pensa? — perguntei, olhando para a calça branca dele. — Quer dizer, que tipo de cara tem jeans branco?

Jeremy deu de ombros.

— Pareciam adequados para a Nômade. Além disso, se eu fosse um espião dos Seguidores, não acha que teria encontrado um modo de levar você até o Profeta? Não é como se eu não tivesse tido chance.

Estudei o rosto dele por um tempo antes de aceitar a explicação. Quando terminei, tinha gravado cada feição na memória.

— Onde está sua moto? — perguntei.

Jeremy não tinha estacionado na fronteira do Deserto, como Katrina. Ele entrara por uma das rampas e dirigira quase até a Torre. Acabou estacionando a moto no Distrito dos Brinquedos, do lado leste do centro de Los Angeles, a apenas alguns quarteirões da Torre.

Não havia muitos prédios altos em Toy Town, mas a proximidade do distrito com o epicentro do terremoto ainda causara destruição em massa. Alguns dos prédios tinham desabado por completo, mas a maioria apenas perdeu pedaços de parede, deixando os interiores expostos. Lojas tinham sido saqueadas. Os lojistas de lá não vendiam apenas brinquedos, mas também eletrônicos, *video games* piratas e todo tipo de falsificação de produtos caros. Os abutres não estavam interessados em brinquedos baratos pintados com primazia e tinta de chumbo em terras distantes. O chão que Jeremy e eu percorremos para chegar à moto estava cheio de miniaturas quebradas, bonecas sem cabeça, cabeças sem corpo e animais de pelúcia rasgados sangrando algodão.

Vi uma metralhadora preta de plástico, o cano esmagado e descascando. Parei para pegar, sentindo-me um pouco mais segura,

mesmo com uma arma de brinquedo. Testei o gatilho. *Tá! Tá! Tá!* Quase morri de susto. Larguei a arma na mesma hora.

Jeremy pediu silêncio.

— As sentinelas podem ouvir.

— Desculpe — falei, me encolhendo. — Não achei que ia funcionar.

Jeremy virou a esquina e entrou em um beco escuro, o tipo de lugar por onde teria sido assustador caminhar, não fosse o fato de todas as ruas do Deserto já serem assustadoras.

— Por aqui — disse. — Cuidado onde pisa. Tem...

Meu pé pisou em alguma coisa viva. A coisa soltou um gritinho e se contorceu até que eu saísse de cima dela dando outro gritinho. O rato e eu corremos em direções opostas, mas meu pé ficou preso em uma rachadura no asfalto. Meu tornozelo torceu com força e quase caí, me segurando no braço de Jeremy. O calor me envolveu assim que nos tocamos, mas não perdi a consciência.

Olhei por cima do ombro e vi o rato se espremendo por um cano exposto, a cauda se contorcendo como espaguete sugado por uma boca. Depois que o bicho foi embora, virei de volta para Jeremy. O calor que irradiava dele dificultava o pensamento, mas eu ainda estava ali. Ainda presente. Não tinha sido levada para alguma visão estranha da Torre e da tempestade.

Embora estivesse com os pés no chão, continuei segurando o braço de Jeremy com força — e que belo bíceps, não pude deixar de reparar. A mão dele estava apoiada em meu quadril com tanta leveza que o toque poderia ter sido de um fantasma. Jeremy não era muito mais alto do que eu, então nossos narizes estavam quase alinhados. Centímetros de nada separavam as bocas. Meu coração pulsava fogo e fazia meu sangue ferver.

Eu me afastei dele, embora pudesse ver pelo movimento rápido do peito e a intensidade nos olhos que ele também sentia aquela atração por mim. Eu era bem inexperiente quando se tratava desse tipo de coisa, mas sabia que ele queria me beijar. Mas isso não

importava, não é? Se Jeremy soubesse como era minha aparência, minha aparência *de verdade*, com o corpo coberto de veios vermelhos, o desejo acabaria.

— Por que não aconteceu dessa vez? — perguntei.

— O quê? — Jeremy parecia zozó, sem fôlego.

— Você sabe. As visões, presságios, ou sei lá o quê. Costumam acontecer quando... — Mordi o lábio inferior.

— Quando toco você — terminou Jeremy, em voz baixa, um pouco hesitante, como se não pudesse recuperar o fôlego. — Em geral eu consigo controlar — explicou. — As pessoas nem sempre veem o que eu vi quando as toco, a não ser que eu queira, mas... tem sido mais difícil com você.

— Ah.

O sangue correu para minhas bochechas e para vários outros lugares. O embrulho em meu estômago foi uma distração momentânea do formigamento na pele.

Por trás do ombro de Jeremy, eu conseguia ver a moto estacionada no fim do beco. Passei por ele e atravessei os dez metros até o veículo.

Fiquei de pé ali, avaliando a máquina, e, embora não soubesse nada sobre motocicletas, não pude deixar de ficar impressionada. E assustada. Era preta, lustrosa e compacta. Mal parecia grande o bastante para uma pessoa, quem diria duas. Mas Jeremy ergueu o assento e pegou um capacete sobressalente no compartimento de carga. Ele o entregou a mim. Peguei, mas só fiquei olhando o capacete, meio abobalhada.

— Está tudo bem?

— Acho que tem que estar, não é? — Ergui os olhos para o lábio que Jeremy mordia. — E se... — Hesitei, sem saber como formular a pergunta. — E se a coisa que acontece, sabe, quando nos tocamos... E se acontecer enquanto estivermos na moto? Eu poderia cair.

— Não vai — disse Jeremy.

— Como pode ter certeza?

— Eu preciso tocar você com as mãos, para que isso aconteça. — Ele ergueu as mãos, mantendo as palmas para cima, como em rendição. — Contanto que elas fiquem no guidom, você está segura.

— Então eu posso tocar você, mas você não pode me tocar?

Ele assentiu, franzindo a testa.

— Por enquanto — disse, e a implicação fez meu sangue quente ferver de novo.

Momentos depois, eu estava presa às costas de Jeremy. A parte interna das minhas coxas estava pressionada na parte externa das coxas dele enquanto disparávamos pelo Deserto a uma velocidade que parecia suicida, considerando o estado das ruas. Mas ele manobrava a moto com experiência, como se tivesse percorrido aquelas ruas destroçadas centenas de vezes antes.

Fiquei tensa quando chegamos à rampa que levava para fora do Deserto, mas não havia sentinelas montando guarda, e passamos sem parar.

Depois disso, relaxei o máximo que pude às costas de Jeremy enquanto dirigíamos a uma velocidade fatal. Relaxei e aproveitei o calor dele que radiava em mim, dizendo a mim mesma que não tinha escolha a não ser senti-lo, então podia muito bem aproveitar, porque aquilo era o mais perto de Jeremy que eu iria chegar.



— Quer entrar? — As palavras surpreenderam até a mim, e fui eu quem as disse.

Tinha acabado de sair da moto de Jeremy, na frente de casa, e senti que precisava dizer alguma coisa, mas *obrigada pela carona e vejo você depois* não parecia certo.

Ele tirou o capacete preto, deixando os cabelos despenteados e gritando para serem ajeitados, mas consegui manter as mãos sob controle.

— Quer que eu entre? — repetiu Jeremy, e abaixou o queixo. — Mesmo depois... — Ele não precisava terminar a frase.

Decidi, lá no Deserto, que estava na hora de deixar toda aquela coisa da intenção de assassinato para trás, mas a verdade era que... eu não queria que ele fosse embora agora. Minha mãe e Parker tinham se voltado contra mim. Todos na cidade estavam doidos. Jeremy era a única pessoa em minha vida que ainda estava ao meu lado, pelo menos quando não estava tentando me matar.

— Você não estava planejando ficar por aqui mesmo? — perguntei. — Sabe, para ficar de olho em mim?

Ele me encarou por baixo do emaranhado da cabeleira solta e assentiu de um jeito tão suave que quase não notei.

— Então pode muito bem ficar onde possa me ver de verdade — argumentei.

Levei Jeremy até a entrada, para a casa escura e silenciosa, depois escada acima, até meu quarto no sótão. Meu estômago estava tão leve que parecia flutuar dentro de mim como um balão de gás hélio. Nunca tinha levado um garoto para o quarto, a não ser que contasse a noite em que Jeremy invadiu e tentou me esfaquear, mas estava tentando não pensar nisso.

Estava prestes a fechar e trancar a porta do quarto quando ouvi a voz de Parker sussurrando escada acima.

— Mia?

Meu estômago se apertou.

— Parker — falei para Jeremy, sem emitir som, e ergui o dedo antes de voltar para o primeiro andar.

— O que foi? — perguntei, em um tom casual, como se não houvesse nada estranho em chegar de fininho às quatro da manhã.

— Onde você estava? — indagou ele, sussurrando. — E quem é aquele cara?

— Que cara?

— O que vi subir as escadas até seu quarto, atrás de você.

— Ah, esse cara.

— Foi ele que fugiu da sala do sr. Kale, não foi? Os Caçadores mandaram você ficar longe dele, Mia. Disseram que podia ser um espião dos Seguidores.

— Os Caçadores dizem muitas coisas que não são verdade — disparei. — Volte para a cama e cuide da sua vida.

Parker não respondeu. Só balançou a cabeça para mim, em um reconhecimento silencioso. Então se virou e seguiu de volta pelo corredor, me deixando piscando os olhos no escuro.

Jeremy não aceitou a cama, embora eu insistisse que estava agitada demais para dormir, então improvisei um leito com cobertores e meu travesseiro sobressalente no piso de madeira. Ele se deitou com a jaqueta de motoqueiro ainda fechada até o queixo e fechou os olhos.

Eu me estiquei na cama. Minutos se passaram. Achei que podia ouvir um relógio batendo.

Eu me sentei, apoiando o corpo no cotovelo.

— Jeremy — sussurrei —, está dormindo?

Ele abriu um olho.

— Não. Sou como você. Não preciso de muito sono. Na maioria das noites, fico acordado, lendo.

— Eu também. Quer dizer, é difícil cair no sono, não que eu leia muito. Sou mais fã de filmes. Mas sei ler, e leio, sabe, às vezes. Não sou analfabeta, ou nada do tipo. Gosto de livros.

Por que eu ainda estava falando?

— Jeremy? — perguntei, hesitante.

— Sim, Mia?

O modo como ele disse meu nome, com uma formalidade e uma familiaridade combinadas, fez meus pensamentos ficarem confusos.

— Hã... Precisa de alguma coisa? Comida, água?

— Estou bem, obrigado.

— Tudo bem.

Jeremy se sentou, os cabelos ondulados sobre os olhos. Então afastou o cabelo do rosto e tirou os óculos, fechando-os e depois os colocando na minha mesa de cabeceira.

— Não consigo dormir com isso.

Era surpreendente o quanto ele parecia diferente sem os óculos grossos de Clark Kent. Mas não dava para vê-lo bem o suficiente para examinar direito. A única luz no quarto vinha da lua pálida, agora baixa no céu, com a proximidade da manhã. Eu me lembrei da outra vez que Jeremy esteve em meu quarto, mas, estranhamente, não tinha mais medo dele. Nem um pouco.

— Jeremy — falei.

Gostava de dizer o nome dele. Quase tanto quanto gostava de ouvi-lo dizer meu nome.

— Sim, Mia? — Lá estava de novo.

Mordi o lábio inferior, reformulando diversas vezes a pergunta que queria fazer.

— Como suas visões funcionam? Você chega a saber se... se alguma coisa é certa? Quero dizer, se é certo que vai acontecer, ou algo do tipo?

— Penso nelas como possibilidades. Algumas são mais prováveis do que outras. — Jeremy se deitou de novo, mas os olhos permaneceram abertos, encarando o teto. — Quanto mais tenho uma visão em especial, mais provável é que aconteça.

— E você me viu muito — falei, baixinho.

Pensei nas visões que Jeremy tinha compartilhado comigo, visões de mim, da Torre e de uma tempestade que surgia do nada. Senti o estômago se revirar de um jeito que eu não gostava.

O Garoto do Pesadelo. Foi assim que o chamei quando achei que tivesse sonhado com ele. O apelido ainda valia. No fim das contas, era ele quem sonhava comigo.

— Nos últimos tempos, você é tudo o que vejo — disse Jeremy. — Em centenas de cenários diferentes, mas sempre...

— Eu sempre acabo na Torre — terminei por ele. — Era o que ia dizer, não era? Eu sempre acabo na Torre com aquela tempestade.

Jeremy ficou em silêncio por muito tempo. Finalmente, disse:

— Sim.

Eu não sabia por quê, mas senti que havia mais coisas que ele não estava me contando.

— Então acho que essa possibilidade parece mais uma inevitabilidade — comentei.

— Talvez. Os detalhes mudam toda hora. As únicas constantes foram a Torre e a tempestade. Essas coisas... Elas nunca mudam.

— Há quanto tempo você é assim? — perguntei, baixinho.

A pausa foi tão longa que quase perguntei de novo, achando que Jeremy não tinha ouvido.

— Desde que eu era criança — respondeu. — As visões começaram quando eu tinha seis anos. Eram sempre terríveis. Sempre de pessoas morrendo ou sendo feridas. Por um bom tempo, achei que estava sonhando acordado ou ficando louco. Mas então, quando eu tinha oito anos... tive uma visão da minha mãe. — Ele cobriu os olhos. — Ela estava em um hospital. Eu mal a reconheci. Estava definhando, e os cabelos tinham sumido. Dois meses depois, ela foi diagnosticada com câncer no estômago. Os tumores cresceram rápido. Se os médicos tivessem descoberto antes... — Jeremy abaixou a mão e engoliu em seco. — As visões não são aleatórias. Sempre vêm por um motivo. Eu deveria ter ajudado minha mãe, pedido que fosse a um médico mais cedo. Mas não entendi.

Imaginei como seria se minha mãe tivesse morrido no terremoto, como seria pior saber que eu poderia ter evitado. Não acho que poderia me perdoar. Obviamente, Jeremy também não conseguia se perdoar.

— Você era criança — falei. — Não tinha como entender o que estava acontecendo.

Ele me olhou, cheio de tristeza, dor e ódio nos olhos. Eu estava começando a entender de onde vinha a intensidade de Jeremy. Mas, enquanto ele me olhava, os olhos se suavizaram.

— Sabe, a primeira visão que tive foi de você. — Jeremy sorriu um pouco. — Eram as únicas visões pelas quais eu ansiava, mas... — O sorriso sumiu. — As coisas que eu via não eram boas.

Não perguntei o que ele tinha visto da minha vida. Eu não tinha certeza se queria saber.

— Então, é por isso que tem me seguido? — perguntei. — Por isso que foi até meu quarto, naquela noite? Porque tem visões de mim e deveria... O quê, mudar o que acontece?

— Algo assim.

— Já funcionou?

— Algumas vezes.

A voz dele estava pesada. Imaginei que aquele “algumas vezes” não indicava uma frequência grande. Mas pensei em como quase mergulhei para a morte certa no Deserto. Será que o que Jeremy me mostrou mudou o resultado? Será que eu hesitei, mesmo que um pouquinho, em vez de pisar direto no abismo?

Sim, percebi. Eu me lembrei no último segundo.

Jeremy salvou minha vida.

Mas minha vida não precisaria ser salva se eu não tivesse ido até o Deserto, para começo de conversa. Se tivesse feito o que ele disse.

Jeremy estava mesmo tentando salvar minha vida.

Olhei para ele, deitado no chão do quarto, e a queimação no peito desceu até o estômago e mais para baixo, incandescente como brasas quentes. De repente, convidá-lo para meu quarto pareceu uma ideia terrível. Eu o queria demais. O desejo que sentia por ele era como algo separado do corpo, um animal selvagem com vontade própria, atacando as barras da jaula em que eu o mantinha, procurando um ponto fraco.

Fui para debaixo das cobertas, embora tivesse o hábito de dormir em cima delas, sem precisar me esquentar mais. Estar sob as cobertas fazia o calor dentro de mim crescer, mas era a única coisa que me mantinha longe de Jeremy, uma parede acolchoada e fácil de quebrar.

— Boa noite, Mia — disse ele.

— Boa noite, Jeremy — consegui responder, sem acrescentar: *Quero você, quero você, quero você.*

Fechei os olhos e fingi dormir. Não percebi quando o fingimento se tornou real até que abri os olhos na manhã seguinte e vi a cama improvisada vazia, exceto por um bilhete escrito à mão sobre o travesseiro.

## PARTE 3

*Alguns dizem que o mundo acabará em fogo,  
Outros dizem que é em gelo.  
Pelo que experimentei do desejo  
Fico ao lado dos que preferem o fogo.*  
— Robert Frost,  
“Fogo e gelo”

16 DE ABRIL

UM DIA ATÉ A TEMPESTADE...





Mia,

Então você dorme, no fim das contas. Desculpe por ter saído sem me despedir. Não quis acordar você. Tenho que resolver algumas coisas hoje, mas, depois disso, preciso ver você. Pode me encontrar depois da escola? É importante.

Jeremy

Ele rabiscou um endereço embaixo da assinatura.

Eu me certifiquei de colocar o bilhete no bolso antes de descer as escadas para tomar café.

Estava tão distraída pensando em Jeremy e em como ele “precisava” me ver que me esqueci da briga que tive com minha mãe na garagem, até entrar na cozinha e encontrá-la sentada à mesa, encarando uma torrada meio murcha e queimada, com apenas uma mordida.

Avaliei minha mãe por um momento, esperando que ela reparasse em mim. Não estava tão equilibrada quanto na manhã anterior. Ainda vestia o roupão e estava com os cabelos embaraçados de sono.

Enquanto eu observava, uma gota transparente escorreu pelo nariz dela e caiu na torrada. Minha mãe estava chorando.

— Mãe — chamei.

Ela ergueu a cabeça e limpou as bochechas depressa. Mas não conseguia apagar os olhos vermelhos e inchados.

— Mia. — A voz dela estava áspera. — Achei que tivesse saído. Parker já foi.

Pisquei, surpresa.

— Ele pegou o ônibus?

— Falou que ia pegar carona com um amigo da escola. Não disse quem. — Ela balançou a cabeça e continuou, olhando para a torrada. — Nem pensei em perguntar. Sou uma péssima mãe, não sou?

*Um amigo da escola...* Não gostei de como aquilo soou, mas a preocupação com Parker podia esperar.

Puxei uma cadeira e me sentei ao lado dela.

— Por que você está chorando?

Ela não respondeu, mas as mãos começaram a se agitar, os dedos se dobraram e se esticaram. Por impulso, estendi o braço e segurei as mãos dela nas minhas. Ela ergueu o rosto, surpresa, e me encarou. Eu a encarei, olhei *de verdade*, de um modo como talvez nunca tivesse feito, e vi uma tristeza tão imensurável ali, a mesma coisa que via no olhar torturado de Jeremy. Era como encarar o abismo em que eu quase caíra no Deserto. Ele descia, descia, e o fim não estava à vista. Percebi algo, naquele momento. Aquela tristeza... não era apenas pelo trauma sofrido durante o terremoto ou por ter perdido um homem com quem se importava. Estava se acumulando havia anos. Aquilo era devido ao pai morto de quem eu mal me lembrava, do marido que minha mãe jamais esqueceria, por quem jamais deixaria o luto. Aquilo era por causa dos anos de luta por que passara depois que seu amor foi tirado dela. Por quase ter me

perdido para os raios tantas vezes. Por ter deixado para trás tudo o que conhecia em Lake Havasu City, por começar de novo em uma cidade onde não conhecia ninguém.

Por que não percebi antes o quanto minha mãe estava infeliz? O quanto tinha sido infeliz por tanto tempo?

Porque ela escondia de mim e de Parker. Era por isso. Porque não quis colocar sobre nós o fardo dos próprios problemas. Eu entendia isso. Tinha tentado fazer o mesmo por ela.

— Mãe, desculpa pelo que disse a você, ontem. — Senti a garganta apertar. — Desculpa, de verdade.

Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. Ela apertou minhas mãos, incapaz de falar, então apenas assentiu, e eu continuei:

— As coisas vão melhorar, eu prometo. Vou fazer com que melhorem, está bem? Vamos dar um jeito. — Eram as mesmas palavras que eu tinha dito tantas vezes, mas não eram mais vazias. Não eram mais insignificantes. Eu pretendia manter a promessa, e queria que minha mãe acreditasse em mim, dessa vez.

Ela continuava assentindo.

— Está bem... Está bem.

Fiquei de pé, levantei minha mãe e me joguei em seus braços, permitindo que ela me abraçasse e me balançasse como fazia quando eu era bem mais nova, uma versão totalmente diferente de quem era naqueles tempos. Éramos edições anteriores de nós mesmas. Quem seríamos? Em quem nos tornaríamos, agora que o mundo que conhecíamos tinha desaparecido?

Eu não tinha resposta, mas estava determinada a fazer o que disse à minha mãe que faria. Eu tornaria as coisas melhores. Não sabia como, mas era o que pretendia fazer.

— Você devia ir — disse minha mãe, sussurrando em meu ouvido. A voz era pouco mais do que um sussurro. — Tchau, Mia.

Eu estava relutante em soltá-la, mas foi o que fiz. Precisava ir à escola. Faria as coisas direito, dali em diante, começaria a agir como

se tivesse um futuro, em vez de perambular pela vida esperando que o próximo relâmpago fritasse um buraco no meu mundo.

Eu tinha um futuro, um que estava certa de que não teria nada a ver com a Torre ou a tempestade. De acordo com Jeremy, meu futuro não era inescapável.

Só quando estava no carro, a caminho da escola, é que pensei em como minha mãe dissera “Tchau, Mia”, e como sua voz parecia conter um tom de fatalidade, como se aquele fosse o último adeus.

Então abri a janela do carro para tomar ar, e o vento que entrou fez minha pele se arrepiar, como se milhares de minúsculas agulhas me furassem ao mesmo tempo. Quase saí da estrada, na pressa de fechar a janela. Freei de súbito diante de uma placa de pare, bem a tempo, e fiquei sentada ali, com respirações curtas e irregulares, esfregando a pele para acalmar o formigamento latente.

Esqueci a sensação de que havia mais alguma coisa errada com minha mãe.

Tinha verificado a previsão do tempo naquela manhã, como sempre, e nada mudara. Todos os sites do tempo previam sol e mais sol.

Mas minha pele dizia que a tempestade estava mais perto do que nunca.



Alguns minutos depois de o último sinal do dia tocar, acabei enrolando um pouco para sair da sala do sr. Kale. Bem, não enrolei exatamente, eu me forcei a ficar mais tempo. Eu tinha negócios inacabados com os Caçadores, mas pretendia encerrá-los de uma vez por todas.

O sr. Kale estava sozinho perto das janelas que davam para oeste, de costas para mim. O oceano ao longe reluzia, refletindo a luz do sol, e a vista era apenas um pouco obscurecida pela fumaça que subia da Cidade das Tendas.

Deixei a porta bater atrás de mim para anunciar a entrada, mas o sr. Kale sequer se moveu. Ele se virou devagar.

— Sozinho hoje? — Fiz questão de mostrar que verificava a sala, como se seus subordinados pudessem estar escondidos sob as mesas.

O sr. Kale caminhou pelo corredor central na minha direção, demorando-se. Reparei que as mãos não estavam enfaixadas e não havia sinal da pele escura que eu deixara em seu corpo, depois de

nosso último encontro. Ele ergueu as mãos para verificar as palmas abertas, como se tentasse se lembrar do que acontecera com elas.

— Recuperação rápida — disse, naquela voz áspera. — É uma das vantagens que temos.

— Caçadores?

— Pessoas com a Centelha — explicou, olhando para cima. — Pessoas como você e eu. É a energia armazenada dentro de nós. Ela muda o modo como nossos corpos funcionam. Tenho certeza de que notou diferenças.

Dei de ombros.

— Nunca me curei muito rápido.

E eu tinha muita experiência com isso, considerando as inúmeras vezes em que fui atingida por raios. Por outro lado, eu sobrevivera ao que deveria ter me matado várias vezes. Talvez houvesse alguma verdade no que ele alegava.

— Imagino que cada um tenha habilidades únicas. — A boca do sr. Kale se contraiu para baixo, e soube que ele estava pensando em como as mãos estiveram 24 horas antes: como carne deixada por tempo demais na grelha.

— Não vim aqui para falar dessas coisas — falei para ele.

— Então por que veio?

— Não sabe? Não pode ler minha mente?

— Se você quiser, posso fazer isso.

— Eu não quero — respondi. — Pode me chamar de antiquada, mas falar me agrada bastante.

— Então fale.

E falei. Contei sobre Katrina, sobre como ela mentiu para mim e me manipulou para ir até a Nômade. Enquanto eu falava, a expressão do sr. Kale ficou sombria.

— Aquela garota — comentou, quando terminei. O professor balançou a cabeça e suspirou. Mesmo o suspiro dele parecia rouco, quase como um grunhido. — O comportamento dela não é bom para a reputação dos Caçadores. Não quero inventar desculpas por

Katrina, mas ela anda impossível de controlar desde que a mãe morreu.

Pisquei para o sr. Kale. Estava com a boca escancarada, não menos chocada do que ficaria se ele me desse um tapa.

— Quando a mãe dela morreu?

— Logo depois do terremoto.

— E-eu não fazia ideia.

— Katrina não fala sobre isso. Ela mergulhou no trabalho para tirar o acontecido da cabeça.

Contive a empatia que surgia dentro de mim. Não queria sentir pena de Katrina. Queria odiá-la.

— Sinto muito pela perda dela, de verdade, mas isso não é desculpa para o que ela fez comigo.

O sr. Kale assentiu.

— Não, não é, e, se eu soubesse o que ela estava fazendo, teria impedido. Katrina é profundamente leal aos Caçadores. É como a mãe, nesse sentido. Os Caçadores e a causa vêm antes de qualquer outra coisa, e ela fará o que for preciso para assegurar nossa vitória sobre o falso profeta, mesmo que signifique arriscar a segurança de outra pessoa. Ou a própria. — concluiu ele, em um tom amargo.

Perguntei baixinho:

— A mãe de Katrina... era sua irmã?

— Gêmea. O nome dela era Irene.

Eu me encolhi um pouco.

— Ela morreu no terremoto?

O sr. Kale balançou a cabeça.

— Precisávamos de um Caçador para se infiltrar na Igreja da Luz, descobrir sobre o Profeta e suas intenções. Irene designou a si mesma a tarefa de usar seu charme para descobrir sobre o Profeta... para entrar na vida íntima dele. Descobrir seu plano, se houvesse um.

— A vida íntima dele? Quer dizer...? — Deixei a pergunta no ar.

— Sim. A cama.

— Ah. — Mudei de posição, desconfortável. — Parece que vocês estavam atirando pelo lado errado. Nunca assistiu *A Hora da Luz*? O Profeta passa metade do tempo falando sobre como todos os “fornicadores” vão queimar no inferno.

— Como os homens agem e o que eles pregam são duas coisas muito diferentes, srta. Price. Poucos homens em posições de tanto poder quanto o Profeta conseguem controlar o apetite por muito tempo. Há uma ligação incontrolável entre sexo e poder, e minha irmã queria explorá-la, descobrir a extensão das habilidades daquele homem. Os Seguidores dizem que ele pode realizar milagres, curar doentes, expulsar demônios e, é claro, que Deus fala com ele. Não apenas fala, mas que Deus exerce Sua vontade por meio do Profeta.

— Você acha que o Profeta tem a Centelha? — chutei.

Ele assentiu.

— Irene confirmou antes de morrer. Antes de o Profeta matá-la.

As palavras do sr. Kale me fizeram gelar, e não era algo fácil de acontecer.

— Como sabe que foi ele quem a matou?

— Minha irmã era como eu, mas muito mais forte. Ela podia se comunicar sem falar, mesmo a grandes distâncias. — O professor ficou em silêncio por um momento. Quando falou de novo, a voz saiu instável e trêmula. — Quando o Profeta a matou, eu senti. Senti a faca se enterrando nela. O sangue escorrendo. Ela só teve tempo para dizer que não havia dúvida. Rance Ridley era o falso profeta.

— Sinto muito. — Foi tudo o que consegui dizer.

— Foi uma morte honrosa. Ela morreu por uma causa em que acreditava, o que é mais do que a maioria das pessoas pode dizer.

Eu me lembrei das palavras de Quentin sobre o quinto selo, a visão dos mártires.

— Ela era um dos mártires? Alguém, sei lá... *previu* a morte dela?

— Sim — falou o sr. Kale, fazendo força para não chorar. — Mas ela manteve isso em segredo. Sabia que eu teria tentado impedi-la de ir até o Profeta, mas teria falhado. Ela era nossa líder, e eu não

tinha o poder de desafiá-la. Irene caminhou para a morte por vontade própria, e o papel de hierofante passou para mim.

Eu me lembrei do que Katrina dissera no lounge, depois do corte de cabelo indesejado. Algo sobre o antigo líder ter morrido havia pouco tempo, e o sr. Kale ser novo na posição. E estava falando da morte da própria mãe como se fosse a morte de uma conhecida. Ela obviamente era muito melhor em guardar os sentimentos do que eu.

— O que é um “hierofante”? — perguntei. Nunca tinha ouvido a palavra.

— É como chamamos o líder do nosso círculo. Na Grécia Antiga, o hierofante era um sacerdote que interpretava mistérios sagrados.

— Katrina disse que você estava mais para general.

— Imagino que eu seja um pouco de cada.

Suspirei.

— Pobre Katrina — falei, antes que pudesse me impedir.

O sr. Kale me olhou de soslaio, erguendo uma sobrancelha escura.

— Katrina tem orgulho do sacrifício da mãe. Se convocada, daria a própria vida pela causa.

— Nem todos precisam morrer como mártires.

Olhei para o professor com raiva, o calor se incendiando em meu peito. De repente eu estava furiosa, mas não sabia por quê.

— Não — respondeu o sr. Kale. — Há muitas formas de morrer. Mas uma morte covarde... acho que isso seria pior.

Por que parecia que ele estava direcionando o comentário para mim? Não era a minha morte que estávamos discutindo. Mesmo assim, o fogo que vivia em meu coração ficava mais quente conforme minha raiva aumentava.

O olhar do sr. Kale sobre mim estava impassível. Ele baixou os braços nas laterais do corpo e deu um passo em minha direção.

— Katrina ainda acredita que é de você que falam as profecias de nossa fundadora, a garota marcada que sempre escolherá a Torre. A garota que será o fator decisivo para a destruição ou não do sexto selo e o início do apocalipse.

— O que você acha? — perguntei.

— Acho que aquela garota, quem quer que seja, não é covarde. Então, não, não acho que seja de você que a profecia fala.

Ele deu mais um passo na minha direção, mantendo o olhar fixo em mim, como se pudesse ler meus pensamentos — rolando por meus olhos como legendas para deficientes auditivos. Senti uma leve pressão na mente, como se alguém se inclinasse sobre ela, e uma vibração estática, chiada.

— Mesmo que você não seja a garota da Torre, seria uma aquisição importante para nós, Mia.

Mais um passo. O sr. Kale tinha pernas longas. Ele estava a um único passo de mim, e o zumbido em minha cabeça era como uma mosca presa em um jarro. A voz do sr. Kale assumira uma característica reconfortante, quase hipnótica. Não consegui evitar a vontade de ouvir. Mal reparei quando ele parou de falar em voz alta.

*Você ainda pode se juntar a nós, Mia.*

*Precisamos de você, Mia.*

*Pare de lutar contra nós.*

*Fique conosco.*

*Lute conosco.*

O sr. Kale estava tão perto que eu poderia ter estendido o braço e o empurrado. Mas não fiz isso. Não conseguia parar de olhar para o pescoço dele. O cabelo na altura do ombro ficou preso no colarinho da camisa, e a pele que sempre ficava coberta foi revelada por brevíssimos segundos. Apenas o bastante para que eu tivesse um lampejo da marca de veios vermelhos que descia pelo pescoço dele, por trás da orelha.

O sr. Kale começou a avançar outro passo na minha direção. Ele estendeu o braço para mim, como se fosse me puxar para um abraço. Vi a cicatriz circular na palma de sua mão, e a repulsa invadiu meu corpo. O feitiço — qualquer que fosse — que o sr. Kale estava lançando em minha mente se quebrou. Dei dois passos rápidos para trás, para longe de alcance. O professor franziu a testa,

e a pressão em minha mente sumiu, logo substituída por uma raiva tão forte que era como gasolina jogada no fogo do meu coração, e, dessa vez, deixei queimar.

— Sei o que você está tentando — falei. Era estranho como minha voz estava fria, pois, por dentro, eu estava incandescente. — Seus poderes vão além de ler pensamentos, não é? Pode obrigar as pessoas a *fazer* coisas, como forçou minha mãe contar a um monte de estranhos o que acontecera com ela, mesmo que ela sequer... — *Mesmo que ela sequer conseguisse contar aquilo para mim.* Afastei esse pensamento. Não queria que o sr. Kale tivesse acesso a ele. — Era por isso que me queria aqui, ontem... — continuei. — Era esse o objetivo da iniciaçãozinha, do ritual de união. Achou que a chantagem de Katrina não era o bastasse para assegurar minha lealdade, então decidiu arranjar um modo certo de me controlar.

— Não posso curvar a vontade de uma pessoa à minha — admitiu o sr. Kale. Não havia traço de culpa em seus olhos deles. — Só se parte dela quiser obedecer. Sua mãe queria contar o que tinha lhe acontecido. Caso contrário, eu jamais poderia tê-la influenciado a fazer aquilo. Mia, não existe uma parte de você que queira nos ajudar?

Balancei a cabeça. Estava na hora de acabar com aquilo.

— Se você perturbar meu irmão ou eu outra vez, se sequer olhar para qualquer um de nós de um modo que eu não goste, vou entregá-lo à polícia, ao diretor, aos repórteres e a qualquer um que queira ouvir. Vou dizer que é líder de um culto e que está recrutando alunos para se juntarem a ele. E sabe o que vai acontecer? Você vai ser demitido. Talvez até vá para a cadeia. E sabe o que vou fazer?

O sr. Kale apertou os lábios.

— O que você vai fazer, srta. Price?

— Vou seguir com a vida como se nada disso tivesse acontecido.

— Acha mesmo possível? — perguntou o sr. Kale. — Pode ignorar o que sabe ser verdade? Vi o que está dentro de sua mente, Mia. Sei o que fez. Sei sobre o homem que feriu antes de vir para Los

Angeles. Mas também sei sobre a garota que salvou. O nome dela era Janna, não era? Você a trouxe de volta, você a curou. Sei que tem medo de sua habilidade, tem medo de ferir as pessoas na tentativa de ajudar, mas isso é mais um motivo para se juntar a nós. Você precisa tanto de nós quanto precisamos de você. Se me deixar, posso ajudá-la a controlar sua habilidade.

*Vão tentar usá-la...*

Cerrei os punhos. Eu não era ferramenta de ninguém.

— Katrina me contou sobre a hierarquia — falei. — O Caçador mais poderoso fica no comando, não é? Se eu me juntasse ao círculo, seria eu, não seria? Eu tomaria seu lugar.

A testa do sr. Kale se franziu.

— Katrina disse isso a você?

— Ela me contou muitas coisas. É isso o que quer de mim? Quer que eu lidere esse seu culto?

— Não... Não exatamente.

Pela primeira vez que eu conseguia me lembrar, o sr. Kale parecia desconfortável. Ele baixou os olhos e alternou o peso do corpo entre os pés, como se tivesse sido surpreendido e não quisesse admitir.

— O que é, então!?! O que quer de mim?

— Não posso responder isso.

— Então nunca me juntarei a vocês.

Dei as costas a ele e segui até a porta, batendo os pés. Quase atravesssei, antes que me desse conta de algo que me fizesse parar de repente.

A visão dos mártires.

Senti um peso no peito, como se alguém estivesse de pé sobre ele. Mal conseguia respirar.

A visão dos mártires. As visões de Jeremy.

*Vão tentar usá-la.*

De repente, soube o que os Caçadores queriam de mim, e não era que eu os liderasse na batalha final.

Queriam que eu morresse por eles.

A porta da sala do sr. Kale bateu atrás de mim, fazendo um som tão alto quanto o disparo de uma espingarda em meus ouvidos.

Mais uma vez, me vi correndo da sala 317. Os corredores estavam vazios, então não havia ninguém no caminho. Disparei por dois lances de escadas, descendo sem reduzir a velocidade até chegar ao corredor principal no primeiro andar, então parei de repente.

Todos os armários no corredor tinham um panfleto vermelho preso à porta. Era vermelho-sangue, com letras pretas. Uma imagem dos Caçadores nos mantos vermelhos e máscaras pretas passou pela minha cabeça.

Os alunos estavam alinhados no refeitório para receber a comida racionada, e pude ver que muitos seguravam panfletos vermelhos e conversavam animados, em grupos, enquanto Seguidores de branco mantinham distância, mas observavam os outros alunos de perto.

Decidi abrir mão das rações naquele dia. Precisava sair da escola.

Corri até o armário para pegar minhas coisas e não me dei ao trabalho de ler os panfletos enquanto passava. Não queria saber o que diziam. Pela visão periférica, as folhas vermelhas de papel se misturavam em uma longa pincelada de sangue. Mas, quando cheguei a meu armário, não pude mais evitar as palavras impressas nos panfletos.

FESTA DO INÍCIO DO FIM

17 DE ABRIL

NO TOPO DO MUNDO

RÁPIDO, POR FAVOR, ESTÁ NA HORA

— Rápido, por favor, está na hora.

Virei depressa e encontrei Parker lendo em voz alta por cima do meu ombro, segurando sua caixa de mantimentos. Peguei o panfleto do armário, amassei e joguei na lixeira mais próxima.

— Vai voltar para casa comigo? — perguntei.

— Claro. Por que não voltaria?

— Achei que pegaria uma carona com quem quer que tenha trazido você para a escola, hoje de manhã.

— Não — respondeu ele.

Esperiei que dissesse mais, que me contasse com quem tinha pegado carona, mas Parker parou no “não”.

*Vão tentar usá-la...*

Eu queria contar a meu irmão o que suspeitava a respeito dos Caçadores, qual era o verdadeiro motivo para quererem que eu me juntasse à causa. Mas a verdade era que eu achava que Parker não acreditaria em mim. Ele acharia que eu estava tentando fazê-lo ficar ao meu lado outra vez.

Parker não confiava em mim mais do que eu confiava nele.

Então, não contei nada, apenas dei as costas para destrancar o cadeado do armário. Mas, quando abri a porta, alguma coisa pequena e chata flutuou até meus pés. Eu me abaixei para pegar.

Era uma carta de tarô.

Não, não *uma* carta de tarô. A carta de tarô. A carta da Torre, do baralho de Katrina.

— O que é isso? — perguntou Parker.

Coloquei a carta no bolso antes que ele pudesse ver.

— Nada — respondi, e falei sério.

Não era nada para mim.

Tivemos que passar pelo corredor dos mortos e desaparecidos para sair da escola. Estremeci ao ver as centenas de panfletos vermelhos presos às paredes. O sol da tarde brilhava pelas janelas altas e refletia no papel vermelho, pintando tudo com uma luz rubra, inclusive nós.



— Quero que fique aqui com a mamãe — falei para Parker, quando encostei o carro no meio-fio diante de casa. — Não vá para lugar nenhum. Eu volto logo.

A mão de Parker se apertou em volta da caixa de mantimentos, deixando impressões do tamanho de pontas de dedos no papelão.

— Você vai ver aquele cara, não vai? Qual é o nome dele... Jason?

— Jeremy.

— Você mal o conhece, Mia. Não deveria estar... fazendo o que quer que esteja fazendo com ele.

O sangue correu para minhas faces, esquentando-as como pequenas fornalhas.

— Obrigada pelo conselho, *Profeta*. O que faz você pensar que estamos fazendo alguma coisa?

— Eu ouvi quando ele saiu da casa hoje de manhã.

— E daí? Ele precisava de um lugar para passar a noite. Nós dois tivemos uma noite difícil.

— Ah, é? O que aconteceu? — Parker parecia casual demais.

— Imagino que você já saiba. — Era mesmo um palpite, mas o silêncio confirmou minhas suspeitas. — Quentin contou.

Meu irmão olhou para a frente, ainda segurando a caixa como se ela fosse ganhar vida e tentar saltar de suas mãos.

— Ele disse que você estava no Deserto ontem à noite, ajudando Katrina. Por que pode fazer o que quer enquanto eu preciso deixar de lado o que é importante para mim?

— Primeiro, eu não estava ajudando Katrina. Segundo... Você sabe muito menos sobre os Caçadores e o que eles querem de verdade do que pensa. Eles são perigosos, Parker.

— E daí? A cidade inteira é perigosa. O mundo inteiro é perigoso. Sabe o que é perigoso de verdade? Ficar do seu lado, Mia, mas fiz isso a vida inteira, não fiz? Sempre fiquei do seu lado... Mesmo quando uma tempestade estava chegando.

— Parker...

— Não quero mais ficar do seu lado. — A voz dele parecia angustiada, mas dizer as palavras provavelmente não doía tanto quanto ouvi-las.

— Escolha um lado, então — retruquei, lutando para conter a emoção que me destruía por dentro. — Nós ou eles. Mas não pode ter os dois.

Parker abriu a porta do carro e saiu depressa demais. A caixa no colo dele virou e o conteúdo se esparramou na calçada. Parker chutou uma garrafa de água pelo jardim, mas deixou todo o resto onde estava quando saiu correndo para dentro de casa.

Fiquei sentada ali, com o motor ligado, segurando o volante, o corpo inteiro tremendo. Fiquei ali até o calor do ódio dentro de mim esfriar e eu achar que conseguiria dirigir sem perder o controle do carro.

Tirei do bolso o bilhete que Jeremy deixara e o estiquei. Sabia que deveria entrar. Ver como estava a minha mãe. Fazer as pazes com Parker. Tantas coisas que eu *deveria* fazer, mas nenhuma delas eram

coisas que eu *queria* fazer. Além do mais, o que eu deveria fazer não tinha me levado a lugar algum até então.

Reli o bilhete. Meus olhos permaneciam fixos na palavra “preciso”. *Preciso ver você*. Ele precisava de mim. Alguém precisava de mim.

E eu também precisava vê-lo. Naquele momento, não havia nada no mundo de que eu precisasse ou quisesse mais.



Dirigi para leste pela Venice Boulevard, para longe da praia e da Cidade das Tendas, longe de casa e da minha família louca, em busca do endereço que Jeremy escrevera no bilhete. Mesmo com as janelas do carro fechadas, eu conseguia sentir o aviso da tempestade formigando na minha pele — era como se a estivesse vestindo, um casaco com alfinetes e agulhas costuradas, agindo como minha dama de ferro pessoal. Mas o céu estava limpo, sem nuvens, completamente azul.

E se eu não estivesse sentindo uma tempestade viajando pelo oceano e se acumulando sobre a água, como o usual? E se a tempestade que eu estivesse sentindo fosse como a que surgiu do meio de um céu limpo e azul no dia do terremoto?

E se o Profeta estivesse certo?

Murmurei baixinho:

— Não. Não, não, não. Não tem tempestade. Não tem tempestade.

As janelas de prédios pelos quais passei estavam cobertas com panfletos vermelhos, exatamente como aqueles que eu vira na

escola. Os postes telefônicos também. As portas das casas. Apartamentos. Árvores. Havia milhares deles, por todo lugar que eu olhava. Não precisava ler para saber o que diziam.

*Rápido, por favor, está na hora.*

— Não tem tempestade. — Continuei o mantra. — Não tem tempestade.

O trânsito nas estradas principais estava intenso, como se fossem enormes estacionamentos estreitos se estendendo por quilômetros para norte e sul. Era como se metade da cidade de repente tivesse decidido que era dia de partir. Talvez tivessem ouvido a proclamação do Profeta de que o início do fim estava programado para o dia seguinte e imaginaram que não faria mal ficar longe de Los Angeles.

— Não tem tempestade.

Deixei as estradas principais e comecei a ziguezaguear pelas ruas secundárias. Os panfletos vermelhos estavam por toda parte, cobrindo a cidade de papel. Os Caçadores deviam estar por trás daquilo. Deviam estar tentando reunir o máximo de pessoas possível para uma última Nômade. Um último esforço de recrutamento, embora fosse meio tarde, se acreditassem mesmo que a tempestade do Profeta chegaria no dia seguinte.

Balancei a cabeça.

— Não. Tem. Tempestade.

O céu estava lilás quando a encontrei. Era uma casinha rústica em uma rua sem saída em Culver City. Ficava a apenas alguns quilômetros da minha casa em Venice, mas tinha levado quase duas horas para encontrá-la.

Por fora, a maioria das casas naquela rua parecia vazia ou inabitável. Algumas tinham desabado. Em outras, as janelas estavam quebradas. Paredes estavam marcadas com tinta em spray. Os gramados estavam amarelos. Mas havia duas casas que pareciam intocadas: a que tinha o endereço que Jeremy dera e outra, do outro lado da rua, com uma placa na janela anunciando, em uma fonte antiga e difícil de ler:

## VIDENTE

ESPECIALISTA EM LEITURA DE MÃOS, AURAS E TARÔ

Tateei o bolso em busca da carta que Katrina enfiara em meu armário. Antes que percebesse o que estava fazendo, já tinha atravessado a rua e parado diante da porta da vidente. BATA à porta, dizia uma placa do tamanho de um tablete de chiclete presa acima da maçaneta. Bati.

Katrina e o sr. Kale tinham dito que a garota da Torre sempre puxaria a carta da Torre. Eu a puxei duas vezes do baralho de Katrina, o que era estranho, mas poderia ser explicado pelo acaso. Queria provar, de uma vez por todas, que não era a garota da Torre. Pediria uma leitura de tarô àquela vidente e veria o que diria um baralho diferente do de Katrina.

A porta se entreabriu e um olho espiou para fora, para mim.

— Sim? Quem é? — A voz da mulher parecia um gorgolejo grave.

Estampeei o sorriso mais caloroso que tinha.

— Eu gostaria de uma leitura de tarô.

A porta se escancarou.

— Entre — disse uma figura minúscula e corcunda, usando uma saia de veludo com camadas e um xale de crochê. O cabelo era longo e grisalho, pendendo abaixo dos seios. Parecia que ela não o penteara aquele mês.

Ótimo, pensei. De todas as videntes em Los Angeles, escolhi a que parecia ter fugido de um circo. Mesmo assim, segui a mulher para dentro.

— Como disse que era seu nome? — perguntou a velha, enquanto me levava por um corredor escuro até um quarto nos fundos da casa.

O lugar inteiro tinha cheiro de cebola e fez meus olhos se encherem d'água. Estava decorado com objetos típicos de vidente, enormes cristais dispostos em armários de vidro, contas pendendo

dos umbrais das portas, travesseiros de retalhos e cobertores por todo canto.

— Não disse — respondi. — É Mia.

— Sou Madame Lupescu. — É claro que era. — Sente-se.

Ela indicou uma pequena mesa redonda coberta por uma toalha de renda. Só faltava uma bola de cristal.

Eu me sentei, e ela se sentou diante de mim e me encarou. Então, o desconforto se estabeleceu.

— Bem — comecei, tentando preencher o silêncio —, há quanto tempo é vidente?

— Foi isso o que veio descobrir?

Os olhos dela me encararam por trás de pálpebras envelhecidas, caídas como as de um elefante.

— Não, eu só estava...

— Sendo educada. Jogando conversa fora. Desperdiçando tempo, quando há tão pouco para desperdiçar. — Ela sorriu, mostrando os dentes amarelos e gastos até a base. Então inclinou o corpo para mim, por cima da mesa, e senti cheiro de café em seu hálito, o que me fez gostar bem menos de café. — Vamos começar.

A mulher pegou uma bolsinha de veludo de um bolso da saia volumosa, abriu a cordinha e virou um baralho de cartas na mão. Parecia velho, como o de Katrina. A mulher embaralhou, os dedos retorcidos surpreendentemente habilidosos enquanto as cartas passavam por eles. Ela apoiou o baralho na mesa com a face para baixo.

— Corte para a esquerda — disse.

Obedeci. Madame Lupescu pegou o baralho e distribuiu cinco cartas, dispondo-as no formato de uma cruz de lados iguais.

Avaliei as cartas com atenção, então soltei o fôlego contido e sorri.

A carta da Torre não estava entre as que Madame Lupescu distribuía.

Eu não era a garota da Torre.

Estava livre. Podia levantar e sair naquele momento, deixar os últimos dez dólares que tinha e ir embora. Mas seria grosseiro simplesmente sair. Eu ficaria sentada pacientemente e ouviria a leitura de Madame Lupescu, ignoraria tudo e depois seguiria com minha vida.

— Arcanos maiores. — A velha assobiou, então apontou com três dedos para as três cartas no meio. — Passado, presente, futuro — Então indicou primeiro a carta da base, depois a do topo. — Razão e potencial.

Ela apontou para a carta que representava meu passado. Retratava uma orbe luminosa no céu e dois cães uivando.

— A Lua. É medo. Autoenganação. Desorientação.

Tudo bem. Justo.

A mulher indicou a carta da razão. Não gostei dela. Mostrava uma besta vermelha e chifruda com cauda bifurcada envolvendo um homem e uma mulher.

— O Diabo. É o motivo para sua Lua. Seu *medo*. Ele é restrição e ignorância. Escravidão e desesperança. Mas esta... — Ela apontou para a carta do alto: potencial. Mostrava um homem com manto vermelho que me lembrou demais dos mantos dos Caçadores. Ele estava sentado em um trono, segurando um cetro dourado e vestindo uma coroa dourada exuberante. — O Hierofante.

Minha boca ficou seca.

— O... o Hierofante? Esse é meu... — Precisei engolir em seco. — Meu potencial?

A velha assentiu.

— Ele representa poder e sabedoria e incita respeito. Senta-se no trono entre a lei e a liberdade, a obediência e a desobediência. Entre o céu e a terra.

— E quanto àquelas duas? — falei depressa, apontando para o presente e o futuro. Minha carta do presente mostrava um macaco alado empoleirado em uma roda. — Essa é a Roda da Fortuna, não é?

— Sim — confirmou Madame Lupescu. — O Destino. Marca um ponto de transformação.

Mordi o lábio.

— E quanto a meu futuro? — Senti um nó de nervoso no estômago, como se tivesse engolido algo que ainda não estivesse completamente morto.

A carta do futuro mostrava um homem e uma mulher nus de mãos dadas.

Madame Lupescu encarou a carta, pensativa. Ela puxou um dos cantos e revelou...

Fiquei sem fôlego.

— Estranho.

Madame Lupescu puxou a carta com o homem e a mulher nus de cima da outra, em que estava grudada. Então colocou as duas lado a lado.

Eu ainda não conseguia respirar.

A vidente tamborilou a unha na carta com as pessoas nuas.

— Os Amantes.

Então tamborilou a unha na carta que acabara de revelar, com o desenho de uma torre na beira de um penhasco. Um relâmpago a partia em duas. Pessoas caíam, mergulhando nas rochas pontiagudas abaixo.

— A Torre.

Balancei a cabeça, recuperando o fôlego.

— É um erro, né? Os Amantes... esse é o meu futuro.

— Ou a Torre. Você deve escolher um ou outro, mas não pode ter os dois.

— Eu tenho escolha?

— Você sempre tem escolha.

Olhei para a carta da Torre. As pessoas caíam com olhares acusatórios.

— O que ela significa? — perguntei. — A Torre.

— Para você? — Madame Lupescu avaliou meu rosto, como se a resposta estivesse estampada ali. — Desapego — disse, com um aceno forte de cabeça. — Expor o que está escondido. Ver como as coisas são em um lampejo súbito. E se desapegar. Desapegar de tudo.

Assenti.

— Quanto te devo?

— Aceito apenas doações.

Tirei a carteira da bolsa.

— Aquele cristal é bonito — falei, apontando para a caixa de vidro atrás de Madame Lupescu.

Quando ela se virou, peguei a carta dos amantes e coloquei na carteira, então deixei uma nota de dez dólares na mesa.

— Obrigada — falei, e fui sincera.

Madame Lupescu não sabia, mas havia me libertado.

Quando saí, peguei a carta dos Amantes e enfiei no bolso de trás, junto com o bilhete de Jeremy.

*Eu tinha escolha*, foi o que dissera Madame Lupescu.

Peguei a carta da Torre de Katrina e a atirei na calçada. Que outra pessoa a pegasse.

Eu tinha feito minha escolha. Conseguia vê-lo do outro lado da rua, me esperando na varanda.

E percebi uma coisa... minha pele tinha parado de formigar.

A tempestade, se é que existira, se fora.



Jeremy correu até a rua e me encontrou no meio do caminho. Seus olhos azuis me observaram como se procurassem algum sinal de que eu tivesse sido encurralada.

— Por que demorou tanto? — indagou. — Falei para me encontrar depois da aula. Isso foi há horas. Eu estava preocupado.

Minha mão estava encostada na carta de tarô escondida no bolso. Os Amantes.

O aviso formigante da tempestade na minha pele permaneceu silencioso, como se nunca tivesse existido.

Sorri e fiz que não com a cabeça.

— Não tem mais nada com que se preocupar.

*Não tem tempestade.*

Jeremy estreitou os olhos, as sobrancelhas semicerradas formaram uma linha no meio da testa.

— Tem certeza de que está bem?

— Tenho — assegurei a Jeremy. — As ruas estão completamente engarrafadas, por isso me atrasei. É como se todos que restaram na cidade estivessem tentando sair.

Todos que não eram Seguidores, Caçadores ou nômades.

Os ombros de Jeremy se curvaram, como se ele estivesse desapontado. Os cabelos pendiam sobre os olhos.

— Ei, o que foi? — Toquei o braço de Jeremy, senti o calor irradiando por sua camisa.

Ele tinha dito que eu podia tocá-lo, mas que não confiava em si mesmo para me tocar sem me arrastar para uma das visões. Mas mesmo aquele gesto fez o calor rodopiar em meu estômago e meus joelhos fraquejarem.

Jeremy balançou a cabeça, sem me encarar.

— Estraguei tudo — falou. — Não deveria ter esperado tanto. Agora é tarde demais.

A sensação de que tudo ficaria bem começou a se dissipar, mas lutei para me ater a ela.

*Não tem tempestade.*

— Vamos entrar — disse Jeremy. — Conversaremos lá dentro.

Tentei o interruptor na parede do lado de dentro, mas nada aconteceu. Estava sem eletricidade e o sol tinha se posto, deixando para trás nada além de sombras.

Jeremy caminhou pela casa escura sem dificuldade, e, um momento depois, ouvi o rascar de um fósforo. Ele passou a chama por uma longa fileira de velas na cornija da lareira. Então colocou lenha e jornal amassado no buraco, e, em alguns minutos, as chamas arderam.

Fiquei observando em silêncio até que Jeremy terminasse. Depois que o fogo se acendeu, segui mais para dentro da sala, girando em um círculo para absorver tudo. Não havia muito que ver. A única mobília era um sofá deformado com o estofamento surrado que dava para a lareira. Nada de TV, prateleiras de livros ou quadros nas paredes. O único item na sala que se destacava era uma sacola de couro preto, do tipo que se pendura na lateral de uma moto. Imaginei que pertencesse a Jeremy, que ainda estava agachado

diante da lareira, encarando as chamas. A luz laranja crepitou em seus olhos.

— É aqui que você mora? — perguntei, tentando não parecer incrédula.

Era uma casinha tão triste e vazia.

— Não. — Jeremy soprou o fogo, e as chamas aumentaram. Ele moveu a lenha reluzente com um atizador de ferro retorcido. — As pessoas que moravam aqui saíram depois do terremoto.

— Então você simplesmente decretou residência e se acomodou na casa?

Eu teria ficado irritada se alguém fizesse isso onde moro.

— Morei aqui uma vez. Há muito tempo, com minha mãe. — Ele ergueu os olhos para o teto, como se pudesse ver alguma coisa ali que eu não podia. — Esta era nossa casa, antes de ela morrer. Voltei para ver como estava depois do terremoto, para me certificar de que ainda estava de pé. Estava vazia, então comecei a vir aqui. Para escapar.

Sentei no sofá deformado.

— Do que está tentando escapar? — perguntei.

O pescoço de Jeremy se esticou até que eu conseguisse ver os tendões dos músculos repuxando sob a pele.

— Da minha família — respondeu. — Principalmente do meu pai. Odeio ele. Odeio todos eles.

Jeremy falava através dos dentes trincados, com tanta amargura que achei que fosse cuspir nas chamas, entre as palavras. Ele agarrou o atizador com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos, e fiquei preocupada que pudesse começar a golpear o fogo com o objeto. Mas então olhou para mim e deve ter percebido, pela minha expressão, que a reação tinha me deixado alarmada. Minha mãe e Parker tinham me levado além do limite mais de uma vez, nos últimos dias, mas não daquela forma. Nunca, em momento algum, *odiei* nenhum deles.

— Desculpe.

Jeremy soltou o atizador e se sentou ao meu lado no sofá, perto o bastante para que eu pudesse sentir seu calor, como se estivesse sentada diante de uma fogueira. Meu corpo queria derreter no dele.

— Não precisa pedir desculpas — falei. — Toda família tem seus problemas.

— Nós com certeza temos muitos “problemas”, mas não foi por isso que pedi para você vir aqui.

Jeremy ficou em silêncio por um minuto. Eu quase podia ouvir seu cérebro funcionando, tentando descobrir como dizer o que queria dizer. O que quer que tivesse esperado tanto tempo para revelar.

— Tem algo que quero pedir a você.

Jeremy se virou para mim. Nossos rostos estavam próximos. Por uma fração de segundo, achei que ele fosse tentar me beijar. Enrijeci o corpo, querendo e não querendo. Eu não veria a Torre se ele não pusesse as mãos em mim, não é mesmo? Ou talvez eu nunca mais veria a Torre de novo, agora que tinha escolhido os Amantes. Madame Lupescu dissera que eu tinha escolha, e eu escolhera. Eu roubara a carta.

— Peça — falei, aproximando-me até que nossos lábios estivessem a um suspiro um do outro.

Esperei que ele encurtasse a distância.

— Quero que você...

Senti o ar de suas palavras em meus lábios. Um calafrio percorreu meu corpo.

— Quer que eu... — repeti, inspirando Jeremy.

*Os Amantes, pensei. Esta é a minha escolha. Este é o meu futuro.*

— Quero... você...

Não deixei que ele terminasse. Aquelas duas palavras era só o que eu queria ouvir. *Quero você.*

Eu me aproximei um pouco e meus lábios tocaram os dele. Quentes. Tão quentes. Ficamos daquele jeito por um instante, imóveis, os lábios apenas se tocando. Então ele deixou a boca se

abrir, e abri a minha também. Jeremy gemeu baixinho dentro de mim, com algo que parecia alívio. Deixei a língua fazer o que quisesse, sentir o gosto da dele, então algo se rompeu dentro de mim, dentro de nós dois, e nos beijamos com desespero e fervor.

As mãos de Jeremy encontraram os lados do meu rosto, e os dedos afundaram em meu cabelo, puxando minha boca com mais força para a dele. Os lábios estavam quentes o bastante para queimar. Eu queria pedir a ele que tirasse as mãos de mim, que não me arrastasse para uma das visões, mas tive medo que ele parasse de me beijar. E queria saber...

Querida saber se meu futuro ainda continha a Torre.

Não pedi a Jeremy que parasse, mesmo quando a visão começou a embaçar, como hálito quente contra uma janela fria.

Eu me enchi de uma explosão de calor. Minha visão ficou branca, então clareou.

*O vento me açoitava e parecia vir de todos os lados, como se não conseguisse decidir de que direção soprar. Eu mal podia ver por trás dos cabelos que batiam nas minhas bochechas.*

*Havia música, uma batida grave, uma sinfonia envolvente e caótica de sons eletrônicos. Mas a música sumiu quando o trovão rugiu no céu. Era o som da fome, profundo e incontrolável. Acima, nuvens de tempestade se enroscavam e se acumulavam, como os punhos de um exército de deuses coléricos, pronto para socar o mundo. Aquelas nuvens estavam tão próximas, eu quase podia estender a mão e tocá-las.*

*A Torre. De novo. Sempre. De pé no telhado da Torre, cercada de todos os lados por corpos se sacudindo e agitando os braços no ar, ao som da música estrondosa.*

*Um pedaço de papel flutuou pela noite e me acertou. Eu o peguei antes que fosse soprado para longe e o estendi para ler.*

FESTA DO INÍCIO DO FIM

17 DE ABRIL  
NO TOPO DO MUNDO  
RÁPIDO, POR FAVOR, ESTÁ NA HORA

*O trovão estalou, estremecendo meus ossos. O ar estava elétrico, e meu sangue cantava em harmonia com a vibração dele. Minha pele dançava, como se cada célula estivesse no processo de trocar de lugar. Queimava, mas ao mesmo tempo eu nunca tinha me sentido tão viva, como se a tempestade estivesse dentro de mim.*

*Uma luz marrom pulsava, acendendo e apagando nas nuvens preto-azuladas, e meu sangue, que cantava, começou a gritar, chamando os raios. Os raios tão vermelhos quanto as cicatrizes que se espalhavam pela minha pele. Senti os braços se levantando. Tentando alcançar. Deixei que o vento levasse o panfleto quando ergui o rosto, encarando as nuvens.*

— Mia.

*Pelo véu de cabelos que cobriam meus olhos, vi Jeremy atravessando a multidão de corpos, vindo na minha direção.*

— *Você não devia ter vindo — disse, e, embora sua voz estivesse baixa, ouvi muito bem. — Você é o elemento que está faltando. É por você que ele está esperando.*

— *Quem? — perguntei.*

— *Ele.*

*Os olhos de Jeremy se concentraram em alguma coisa atrás de mim. Alguém.*

*Virei e me vi a centímetros de um par de olhos leitosos.*

— *Rápido, por favor, está na hora.*

— *Não! — Virei de volta para Jeremy. — Me mostre outra coisa! Não quero a Torre.*

*Um relâmpago partiu o céu acima de nós. Eu o vi refletido nos olhos torturados de Jeremy, e o trovão que se seguiu estremeceu meus ossos com tanta força que achei que fossem se partir.*

— *Rápido, por favor, está na hora. — A voz sussurrou em meu ouvido.*

*Agarrei o rosto de Jeremy e o puxei a centímetros do meu.*

*— Não vou sair daqui até você me mostrar um futuro diferente. Mostre o que escolhi!*

*— Não sei como — disse ele, arrasado. — Isto é tudo o que há.*

*— Não. Os Amantes. Eu escolho os Amantes. Escolho você.*

*Esmaguei a boca de Jeremy em um beijo violento, uma exigência.*

*Mostre outra coisa. Mostre outra coisa. Mostre outra coisa.*

*Então estávamos caindo. Jeremy e eu, caindo da Torre, disparando para o chão cada vez mais rápido, mergulhando para um dos abismos, tão profundo, tão imensuravelmente profundo, então...*

*O vento me açoitava e parecia vir de todos os lados, como se não conseguisse decidir de que direção soprar. Eu mal podia ver por trás dos cabelos que batiam nas minhas bochechas.*

*Começou de novo. E terminou. E começou.*

*E terminou.*

*E...*

Meus olhos se abriram de repente e encontraram uma silhueta pairando acima de mim em uma sala escura. Puxei o ar para gritar.

— Você está acordada! Mia, desculpe. Eu não deveria ter tocado você daquele jeito. Eu não estava pensando.

Jeremy. A silhueta escura era Jeremy. Não estávamos mais no Deserto, e eu não precisava gritar.

Expirei com força e me sentei, talvez rápido demais, porque minha cabeça começou a girar. Senti como se meu cérebro estivesse sendo sugado para um redemoinho. Apertei os olhos com as palmas das mãos.

— O que aconteceu? Por que está tão escuro?

— O fogo apagou.

Olhei na direção da lareira. Uma única vela ainda estava acesa acima dela, mas o fogo crepitante que Jeremy acendera já tinha esfriado. Nem mesmo as brasas brilhavam.

— Você ficou desmaiada por horas — falou Jeremy. — Fiquei tentando acordar você, mas não consegui. Mia, me desculpe. Já prendi pessoas em visões antes, mas nunca por tanto tempo, e nunca sem querer.

— Não é culpa sua — respondi, lembrando-me da minha recusa em deixar a visão até conseguir o futuro que queria.

Mas não consegui. Era o mesmo círculo, diversas e diversas vezes.

A Torre e a tempestade. A Torre e a tempestade.

A Torre e a tempestade... e o Profeta.

*Não tem tempestade!*

Fiquei de pé, zozona. Jeremy parecia furioso consigo mesmo por não ter conseguido me ajudar. Tinha cerrado os punhos ao lado do corpo, onde as mãos pendiam, inúteis.

— Aonde vai?

Cambaleei pela escuridão na direção da porta e a abri. O ar atingiu minha pele e meu sentido do tempo começou a latejar com nova intensidade, fazendo a pele vibrar como se eu fosse algum tipo de diapasão humano.

A tempestade... Estava de volta, e tão próxima.

Mas o céu ainda estava limpo.

Enquanto eu estava de pé ali, uma brisa começou, e os alfinetes e agulhas que perfuravam minha pele se multiplicaram. Um pedaço de papel vermelho flutuou pela calçada. Corri pelas escadas e o peguei antes que fosse soprado para longe.

— Mia?

Sobressaltadas, minhas mãos se moveram e quase rasguei o panfleto em dois. Entreguei a Jeremy e observei a cor sumir de seu rosto e o maxilar se contrair enquanto ele lia.

— *Rápido, por favor, está na hora* — falei, sussurrando. — Hora de quê?

— É um verso de um poema — explicou Jeremy. — *A terra desolada*. De T.S. Eliot.

E então entendi.

Ergui o olhar para ele.  
— Precisamos sair de Los Angeles.



Sacudi o panfleto na frente dele.

— O Início do Fim no Topo do Mundo. É a Torre não é?

Jeremy passou a mão pelos cabelos.

— Pode ser.

— Só pode ser! Essa frase de T.S. Eliot é a senha para entrar na Nômade, e quem quer que tenha feito o panfleto está entregando a todos. A Nômade não é divulgada. Exclusividade é parte da atração.

— Tamborilei o dedo nas palavras, pensando. — Katrina disse que um ricaço comprou a Torre e ofereceu o lugar para realizar a Nômade. E Esqui escreveu no blog dele alguma coisa sobre o Profeta estar comprando propriedades no Deserto. Só pode ser ele! Os gêmeos... os Apóstolos... disseram que se os nômades não se arrependessem, seriam os primeiros a morrer. O Profeta — continuei, com a garganta apertada. — Ele planejou isso tudo, a Nômade na Torre. Os panfletos.

Percebi que estava soltando palavras a esmo, mas não conseguia reduzir o ritmo para me recompor. Precisava dizer, para ver como soava. Até então, soava insano... mas possível. Mais do que possível.

— Vai começar na Torre — falei. — Talvez o Profeta tenha colocado explosivos no lugar inteiro, ou algo do tipo. Na cidade inteira! Quem sabe do que esses fanáticos são capazes! Ou talvez... — Mordi o lábio, sem querer admitir o que estava considerando. Inspirei e fui em frente. — Katrina me disse que tem algo no Deserto, uma energia, como a Centelha, só que maior. Foi descoberta durante o terremoto, e agora está exposta.

— Eu senti — concordou Jeremy. — É mais forte na Torre.

Assenti.

— Como se aquele lugar fosse algum tipo de... não sei, como um centro de energia. Se tiver outra tempestade se aproximando, aquela energia pode puxar ainda mais relâmpagos do que da última vez. Pode haver outro terremoto, um terremoto *pior*, e os nômades serão os primeiros a morrer. São as únicas pessoas na cidade que desafiaram abertamente o Profeta, e muitos têm a Centelha. A oposição do Profeta seria eliminada na mesma hora.

Jeremy fechou os olhos, como se fosse doloroso demais mantê-los abertos.

— Então, o que quer fazer?

— Fazer? — Ergui os braços. — Não há nada que *possamos* fazer. É tarde demais. — Balancei a cabeça, sentindo vergonha por estar desistindo, mas não via outra escolha. — Vou tirar minha família de Los Angeles — falei.

— E as estradas? — perguntou Jeremy, tão baixo que eu mal consegui ouvir.

As palavras dele ecoaram em meu cérebro.

*Estraguei tudo. Não deveria ter esperando tanto. Agora é tarde demais.*

Eu o encarei.

— Era isso que queria me pedir, para eu deixar a cidade... com você.

Ele assentiu, os olhos voltados para o chão.

— Não achei que fosse aceitar, mas...

— Sim — falei. — Sim, vamos sair desta cidade. Nós dois, juntos. Vamos encontrar um jeito.

Jeremy ergueu os olhos para mim. Ele tinha cerrado os punhos outra vez, deixando as mãos caídas nas laterais do corpo, para que eu soubesse o que ele queria fazer, que queria me tocar. Lembrei-me do calor dos lábios de Jeremy nos meus e desejei que pudesse permitir.

Mas nosso tempo para essas coisas tinha acabado.

Deixamos o carro para trás e pegamos a moto de Jeremy, ziguezagueando pelo trânsito como estivéssemos em uma pista de obstáculos. Mantive os olhos fechados na maior parte do caminho e me segurei a ele com tanta força que fiquei surpresa por Jeremy não acabar com algumas costelas quebradas.

Embora tivéssemos conseguido evitar paradas por conta dos engarrafamentos nas estradas, já tinha passado das 23h quando chegamos à minha casa.

Meu coração estava batendo forte no peito quando corremos para a porta. E se minha mãe ou Parker se recusassem a ir conosco? Como eu poderia fazer com que entendessem?

Pelo visto, eu não precisava ter me preocupado.

Assim que pisei na casa, soube que estava vazia. Não precisei verificar para ver se o carro da minha mãe estava na garagem. Não precisei gritar por ela e por Parker ou correr de quarto em quarto tentando encontrá-los. Fiz tudo isso mesmo assim, mas às vezes a gente sabe quando foi deixada para trás, mesmo antes de reparar no bilhete explicando os motivos.

Parker deixou o bilhete em um envelope em cima de sua cômoda com meu nome em cima. Abri o envelope com os dedos trêmulos e tirei de dentro um pedaço de folha de caderno, picotado na lateral em que tinha sido destacado.

Mia,

Sei que vai ficar com raiva de mim. Sei que não entende por que estou fazendo isso. Queria que entendesse. Eu me juntei aos Caçadores e passei pelo ritual de união, então não tem mais volta, e não tem problema para mim. Era a coisa certa a fazer. Por favor, não venha atrás de mim, a não ser que queira se juntar à causa. Amo você e nossa mãe. Sinto muito pelas coisas precisarem ser dessa maneira. Se vencermos, a gente se vê quando terminar.

Parker.

Amassei o bilhete em uma bola e o joguei no espelho da cômoda. Queria gritar.

— Eles se foram — falei, quando voltei para onde Jeremy esperava, na sala. — Parker se juntou aos Caçadores. Minha mãe...

Pensei em como ela se comportara naquela manhã, no modo como falara *Tchau, Mia* com tanta segurança.

Sabia exatamente para onde ela tinha ido.

Jeremy deu um passo na minha direção e parou. Mais dois passos, e ele poderia ter estendido o braço e me tocado, e eu queria muito, muito mesmo que ele me tocasse. Queria o conforto de seu calor. Queria isso mais do que qualquer coisa.

Mas ele ficou onde estava.

— Preciso buscar minha mãe e trazê-la para casa — falei para Jeremy.

— Sabe onde ela está? — perguntou ele, e assenti.

— Ela foi para a Tenda Branca.

Segui para a porta, mas Jeremy não se moveu.

— Vamos — falei. — É quase meia-noite. Precisamos ir.

— Mia... E se sua mãe não quiser sair?

Estendi as mãos no ar. Não tinha resposta.

— Você vem ou não?

Ele passou a mão pela boca, olhando para o chão.

— Vou com você, mas... — Jeremy me olhou de cima a baixo. — Primeiro precisamos trocar de roupa.

Jeremy tinha levado a sacola de couro para casa, para que não fosse roubada pelos Desalojados. Ele foi até o quarto de Parker para se trocar. Pelo visto, tinha levado alguns bens essenciais para o caso de eu concordar em sair da cidade, e o jeans branco estava entre eles.

Sempre evitei usar branco, mesmo antes de os Seguidores a tornarem minha ausência de cor menos querida. Ficava preocupada que o vermelho das cicatrizes pudesse transparecer pelas roupas claras. Minha mãe tinha uma calça jeans branca que coube bem, e encontrei uma blusa de gola rulê branca no fundo de uma de suas gavetas, algo que minha mãe não usava há anos, desde a última vez em que foi esquiar. Sem luvas brancas disponíveis, não tive escolha a não ser me ater ao preto de sempre.

Quando terminei de me vestir, bati à porta fechada do quarto de Parker. Não houve resposta, então abri.

— Jeremy, você está... ah...

Ele estava de costas para mim, nu da cintura para cima. Meus olhos percorreram seu corpo, suas costas longas e esguias. Então Jeremy vestiu uma camisa branca de manga comprida e a abotoou.

Então se virou para mim. Seus olhos me examinaram de cima a baixo, e os meus fizeram o mesmo com ele.

— Que bom que comprou esse jeans branco — comentei.

Ele assentiu. Achei que poderia perguntar por que eu não tinha tirado as luvas pretas, mas, se tinha perguntas, Jeremy as manteve para si.



Fogueiras brilhavam a intervalos ao longo da praia, e o fogo dava às paredes da Tenda Branca uma cor alaranjada bizarra. Centenas de figuras de branco fluíam como um rio de leite sobre a areia, avançando em direção à tenda.

— Entramos e saímos sem chamar atenção, está bem? — indagou Jeremy, em um tom que só eu conseguia ouvir. — Se encontrarmos sua mãe, é importante não fazer escândalo.

— *Quando* — falei. — Não *se*. Sei que ela está aqui.

Jeremy parou de andar e me encarou.

— Estou falando sério, Mia. Precisamos tomar cuidado.

Estreitei os olhos para ele.

— Você age como se já tivesse vindo aqui.

— Ouvi coisas, só isso.

Passamos do asfalto para a areia. Meus pés afundaram até os tornozelos. Os Seguidores tiraram os sapatos e seguiram descalços, e os cidadãos imundos e quase selvagens da Cidade das Tendas surgiram como pássaros, pegaram os sapatos e correram para longe.

Apesar do meu desconforto, cercada por tantas centenas de Seguidores, me senti mais segura entre eles do que teria se estivesse usando as roupas normais. Moradores da praia ladeavam o rio de Seguidores, gritando ofensas, atirando punhados de areia nos rostos do grupo.

Mantive a cabeça abaixada e fiquei perto de Jeremy. Estávamos quase na Tenda Branca quando senti a mão de alguém segurar meu braço e me puxar para longe da procissão. Eu me vi cara a cara com um homem de olhos arregalados que fedia a suor azedo e fumaça de acampamento. A pele dele estava tão suja que era cinza, salpicada com pontos granulados de areia.

Tentei me afastar, mas o homem me segurou com força pelos braços. As unhas dele precisavam ser cortadas. Eu as senti se enterrando nas mangas da blusa.

— Dê uma mensagem ao seu falso profeta por mim — gritou o homem, falando bem perto do meu rosto. — Diga a ele que Jesus era amigo das prostitutas, dos ladrões e dos pecadores. Diga a ele que seu Deus do Velho Testamento está morto. Deus não pune os impuros e salva os puros. Deus é amor!

— Solte ela — falou Jeremy, com calma, parando ao meu lado.

Por um momento, o homem apenas segurou com mais força.

— Deus é amor — sussurrou. — Diga ao falso profeta que Deus é amor.

Então perdeu a determinação e me soltou, deixando as manchas de impressão digital nas minhas mangas brancas.

— Falso profeta — murmurou o homem sozinho, enquanto seguia caminhando. — Falso Deus.

Jeremy me guiou de volta para a fila.

— Está bem?

— Sim — respondi, abalada.

Chegamos à aba que servia de porta para a Tenda Branca do Profeta. Dois Seguidores estavam de cada lado, falando com cada pessoa antes de admiti-las lá dentro.

— Você aceitou a Palavra de Rance Ridley Profeta como a Palavra de Deus? — perguntou um deles, um homem com a careca lisa e lustrosa e uma sobrelha de Cro-Magnon.

Olhei para Jeremy, nervosa.

— S-sim — falei, tropeçando na palavra.

— Sim — falou Jeremy, com mais confiança. — Nós dois aceitamos.

O Cro-Magnon deu um sorriso caloroso, afastou a aba para o lado e nos deixou entrar.

— Bem-vindo, Irmão. Irmã.

Entramos na Tenda, e meu coração afundou até o estômago. Devia ter umas quinhentas pessoas lá dentro, e mais chegavam a cada segundo.

Fiquei na ponta dos pés, verificando a multidão. Equipes de TV estavam espalhadas, algumas com as câmeras apontadas para o palco, outras conduzindo entrevistas com membros da congregação. O lugar zumbia com a energia de uma colmeia. O calor úmido criado por tantos corpos fez minhas roupas brancas grudarem na pele como filme plástico.

Havia um palco alto no centro da tenda, como um ringue de boxe sem cordas. Diversos microfones em pedestais estavam alinhados pelo palco. O Profeta não estava à vista, mas o gêmeo homem estava na plataforma, liderando a multidão em um hino agitado que mais parecia uma marcha de batalha do que uma ode a Deus. Música de piano vinha de algum lugar, embora eu não conseguisse ver nem o instrumento nem o músico.

Observei o rosto do gêmeo em busca de hematomas, pensando que ele deveria ter um olho roxo, lábio cortado ou algo do tipo, depois da briga na Nômade. Nada. A pele estava milagrosamente impecável, como a do sr. Kale, depois que eu fritei as palmas de suas mãos.

— Vamos dar a volta pela borda da tenda — sugeriu Jeremy. — Se não a encontrarmos, chegamos mais perto do palco.

Cada passo era uma luta, os sapatos afundando na areia, a tenda ficando mais lotada a cada segundo, todos se empurrando na direção do palco. Levamos o que pareceu uma hora e alguns punhados de dedos esmagados para dar a volta na tenda. Havia tantos rostos, tanta gente vestida de branco, que tudo começou a se misturar em uma enorme massa.

Fomos mais para dentro da multidão. Mas, assim que chegamos a seis metros do palco, nos deparamos com uma muralha sólida de corpos. Não conseguíamos ir mais adiante sem empurrar os Seguidores.

Xinguei, frustrada, e uma dezena de olhos se voltaram para me olhar com reprovação.

— Desculpe — murmurei.

— Você prometeu que não chamaria atenção para nós — sussurrou Jeremy em meu ouvido.

A música parou naquele momento, e o gêmeo no palco anunciou que o “programa” estava prestes a começar.

— Não vamos encontrar sua mãe assim — falou Jeremy. — Deveríamos voltar para sua casa e esperar. Ela precisa voltar para casa em algum momento.

Eu me afastei dele, irritada com a sugestão.

— Se quiser ir embora, pode ir. Suma de novo. Você é bom nisso.

Não falei sério. A última coisa que eu queria era que Jeremy me deixasse ali sozinha.

— Mia... — Jeremy estendeu a mão para mim, mas, sabendo o que aconteceria caso ele me tocasse, dei outro passo para trás. Nesse momento, a multidão se aproximou como uma onda e se fechou ao meu redor, e Jeremy sumiu, uma parede impenetrável de pessoas entre nós. Fiquei na ponta dos pés, procurando por ele, mas só vi estranhos.

Então um som de batidas abafadas veio pelos alto-falantes. Alguém pigarreou.

Eu me virei para o palco e vi um homem de pé no centro... Um homem com cabelos longos, espessos e perfeitamente brancos, e olhos da cor da névoa.

O Profeta.

O gêmeo passou para um dos lados, e a gêmea ocupou o lugar oposto ao do irmão. Onde estavam os outros filhos adotivos do Profeta?, fiquei me perguntando. Será que o décimo segundo faria uma participação nesse culto? Era uma noite especial. De acordo com o Profeta, o mundo não existiria depois do dia seguinte.

O homem sorriu e segurou o microfone com força enquanto se inclinava para a frente e começava a falar.

— Irmãos e irmãs — disse, em uma voz gentil e autoritária, tranquilizante e assustadora. — Dou-lhes as boas-vindas nesta hora sombria, e rogo a vocês, os puros, que levem a luz para onde ela não existe. Que brilhem com a glória que nosso Deus deu a vocês. Uma luz como a de vocês faz a escuridão parecer frágil. Então, vamos brilhar! Vamos trazer não apenas uma única hora de luz, mas uma noite inteira dela, nesta nossa última noite na terra!

Vivas irromperam da multidão como milhares de pássaros gritando em voo. Levei as mãos às orelhas e as mantive ali até que o barulho sumisse. Quando as abaixei, o Profeta estava falando de novo.

— Alguns de vocês vieram aqui esta noite em busca de conforto — disse. — Alguns desejam ser curados, ou querem apenas ficar ao lado de pessoas de ideias semelhantes. Alguns querem ouvir que tudo vai ficar bem. Que o nosso mundo desgraçado vai se curar.

O Profeta fechou os olhos com força por um momento e inspirou fundo. O som da respiração dele era como vento saindo dos alto-falantes.

Ele reabriu os olhos e girou lentamente, como se para encarar cada pessoa na multidão. Imaginei o que ele via quando olhava ao redor. Anjos embaçados, ou nada além de uma névoa borrada?

As pessoas fechavam os olhos quando o olhar do Profeta recaía sobre onde estavam, algumas levavam as mãos ao coração, mantendo os dedos unidos em oração, murmurando sozinhas. Lágrimas escorriam pelas bochechas. Soluços perturbavam o silêncio.

Quando o Profeta se virou para onde eu estava, seus olhos pareceram se deter nos meus, e percebi que queria abaixar o olhar. Queria, mas não o fiz. Não havia o que temer. Eu era apenas mais uma forma indistinta entre muitas.

— Queria poder dizer as coisas que vocês querem ouvir — continuou o Profeta, ainda se virando em círculo, os gêmeos acompanhando o movimento, como se estivessem no mesmo eixo. — Mas sou um mero condutor das palavras de Deus, e temo que Ele tenha outros planos para este mundo. Nossa terra foi ferida pelo ódio. Pelo pecado. Pelo desmazelo e ganância e apatia. A ferida permaneceu negligenciada por muito tempo. Infecção se estabeleceu, e agora só existe uma solução: amputação.

Houve um inspiro coletivo, e a multidão segurou o fôlego. No silêncio que se seguiu, a voz do Profeta ressoou.

— Mas podem ter certeza, irmãos e irmãs, que Deus sabe quem está ao Seu lado e quem está contra Ele. Deus está conosco esta noite, e conhece cada um de seus rostos. Ele sabe que escolheram o caminho Dele, e escolheram com sabedoria. Não temam, pois é sempre mais escuro antes do alvorecer. Neste momento, as coisas estão muito sombrias no mundo inteiro, mas especialmente aqui, na suposta Cidade dos Anjos. Cidade dos Anjos... — O Profeta balançou a cabeça, parecendo enojado. — Pode haver anjos nesta cidade, mas são a minoria. Demônios têm o poder aqui. Já ouvi alguns chamarem isso aqui de Inferno, e como estavam certos. Este é o inferno, onde demônios fabricam seu veneno e distribuem pelo mundo via satélite, pela televisão e pelo teatro, pela internet. O mal começa aqui, irmãos e irmãs, mas também vai começar a acabar por aqui. Uma tempestade se aproxima! Uma tempestade como

nenhuma outra. A terra tremerá, e o sol se tornará cinzas, a lua será sangue. As estrelas do céu cairão sobre a terra, e cada montanha e ilha serão movidas de lugar. É a Palavra do Senhor!

O Profeta segurou as mãos dos gêmeos e ergueu os braços deles no ar formando um M, e os três pareciam mesmo brilhar com algum tipo de luz. Eu não queria ver, mas ela os envolveu como um halo. Outro grito ensurdecedor de aprovação veio dos Seguidores, mas dessa vez não me incomodei em cobrir as orelhas. Eu me senti entorpecida. Imóvel.

— Deus falou comigo, irmãos e irmãs! — vociferou o Profeta ao microfone, tentando ser ouvido por cima do rugido de vivas e palmas. A multidão começou a se calar quando ouviu a voz dele, centenas de pessoas fazendo “shhh” para centenas de outras, o que soou quase tão alto quanto os vivas. O Profeta abaixou os braços, mas continuou segurando as mãos dos gêmeos com força nas laterais do corpo. — Deus falou comigo — repetiu, mais baixo agora. — E me contou Seu plano, que é maravilhoso e terrível. Mas Ele também disse que protegeria aqueles que viessem a Ele para serem salvos. Digo a vocês que Deus está presente aqui hoje à noite. Ele está aqui para oferecer Sua bênção e proteção àqueles que se renderem a Ele com corações e mentes abertos. Vocês se renderão a Ele?

— Sim! — rugiu a multidão.

— Então que o primeiro de vocês suba ao palco para se render e receber a bênção Dele!

Braços oscilaram no ar, como lâminas de grama alta ao vento de um furacão. Figuras cortavam o campo de braços, reconheci um rosto, dois, três que tinha visto em *A Hora da Luz* e na *Nômade*... os Apóstolos, movendo-se entre os Seguidores, escolhiam suplicantes que ainda não estavam vestindo branco e os levavam para o palco. A multidão se abriu para deixá-los passar.

Os gêmeos levaram um homem para a plataforma. Mesmo de longe, eu conseguia ver que os lábios e pálpebras dele estavam

incrustados com as feridas que resultavam da febre do vale, e a postura era curvada, como se os ossos fossem feitos de alguma coisa menos consistente do que o normal.

— Está pronto para se render e ser salvo? — perguntou o Profeta.

O homem assentiu com fervor e caiu de joelhos diante do Profeta, soluçando.

— Minha mulher morreu no terremoto — choramingou. — Ela era tudo para mim. Não posso viver assim! Não posso viver sem ela!

O Profeta levou a palma da mão à testa do homem, que se sobressaltou, como se estivesse passando por uma desfibrilação.

— Sua mulher foi aceita no reino dos céus — disse o Profeta. — E você se unirá a ela um dia, mas não hoje. Deus precisa de você aqui, para ficar de pé em Seu campo de batalha e lutar. Você está salvo, irmão.

O Profeta afastou a mão e o homem se levantou, tremendo, com os olhos arregalados e úmidos. Os gêmeos o levaram para fora do palco, e outro conjunto de Apóstolos o recebeu. Meus olhos permaneceram no rosto do homem. Alguma coisa a respeito dele tinha mudado.

Ele limpou as lágrimas, e eu pisquei, sem saber se via mesmo o que achei que via. As feridas se soltaram dos olhos dele e flutuaram até o chão, como se não passassem de maquiagem de palco colada ao rosto. Só podia ser. Mas as feridas ao redor dos lábios... pareciam mais claras, como se estivessem sumindo, secando.

— Música — gritou o Profeta. — Cantemos! Regozijemo-nos na glória da Luz de Deus!

O pianista invisível começou as primeiras notas de uma melodia familiar, e então a multidão inteira começou a cantar e se balançar enquanto uma mulher grávida era levada para cima do palco, a barriga inchada se estendendo diante do corpo como uma mão pronta para o cumprimento.

— Serei mãe solteira — anunciou a mulher para o microfone, as bochechas vermelhas de vergonha. — Fui pecadora a vida inteira.

Não quero que meu filho sofra pelos meus pecados. Por favor, profeta, dê sua bênção a ele. Dê a bênção de Deus a ele.

O Profeta colocou a mão na barriga da mulher grávida. Ela jogou a cabeça para trás e estremeceu, gritando em êxtase.

Meu estômago parecia estar em um elevador, subindo até a garganta. Engoli em seco várias vezes, mas o enjoo não descia. Queria sair, mas a multidão me esmagava, e minha mãe estava ali em algum lugar. Não podia ir sem ela. Não podia deixá-la com aqueles loucos, não importava o quanto ela quisesse estar entre eles.

Comecei a procurar na multidão de novo. Eu era a única na Tenda Branca que não tinha os olhos grudados ao palco.

Então vi pelo canto do olho o próximo suplicante que os Apóstolos levavam para a plataforma, e o sangue começou a latejar tão forte em meus ouvidos que abafou todo o resto.

O homem que subia o curto lance de escadas quase precisou ser carregado, mas não contra vontade. Estava ferido. Deveria estar em um hospital. Na ala dos queimados.

Deveria estar morto.

O rosto do Traficante estava retorcido de um lado, como uma vela derretida, e tinha mais tecido vermelho exposto do que pele. Os ferimentos minavam um fluxo constante de líquido amarelado, descendo pela pele queimada, encharcando as ataduras sujas que envolviam os ombros e o tronco.

Depois do arquejo coletivo da multidão ao ver o rosto destruído do Traficante, um novo silêncio, mais profundo do que nunca, se abateu sobre nós como um cobertor.

Mas o Profeta não conseguia ver o Traficante. Ele se aproximou do homem como faria com qualquer outro suplicante que fosse até ele.

— Por que veio até mim, irmão? — perguntou o Profeta. — Deseja entregar sua alma a Deus?

— Eu... — começou o Traficante, e até proferir aquela única sílaba o fez gemer de agonia. — Soube que você poderia me curar — concluiu, com uma pressa que o fez se contorcer, então soluçou de

um jeito tão patético que até eu, que conhecia as circunstâncias que envolviam o ferimento, senti pena.

O Profeta se aproximou do Traficante.

— Ofereço cura a meus Seguidores, sim. Mas você não é um deles, é?

— N-n-não — soluçou o Traficante.

O Profeta se virou.

— Então não posso fazer nada por você.

— Espere! Vou entregar minha alma a Deus, qualquer coisa, apenas me cure, por favor, me cure! — Outra torrente de palavras que, dessa vez, deixaram o Traficante arrasado demais pela dor para sequer soluçar. Apenas um som que parecia um grito abafado passou por seus dentes expostos.

O Profeta se virou devagar para o homem. Ele estalou os dedos, e os Apóstolos espalhados pela multidão voltaram como pombos-correios.

— Fique parado, irmão. Haverá dor, mas será breve, se comparada com o que sua alma teria sofrido pela eternidade no inferno. — O Profeta colocou a mão com cuidado na cabeça do Traficante, e o grito quase silencioso dele aumentou de volume. O Profeta deu a outra mão ao gêmeo, e o restante dos Apóstolos deu as mãos em um círculo ao redor do Traficante e do Profeta, até que os dois estivessem completamente fora de vista.

Mais círculos, pensei. Exatamente como os Caçadores. Parecia que os Caçadores e os Seguidores tinham mais em comum do que o sr. Kale queria admitir.

— Em nome de Deus, aceito a alma deste homem — falou o Profeta. — Que ele seja curado!

Eu não conseguiria respirar, nem se tentasse.

Os Apóstolos fecharam os olhos. Suas mãos unidas se apertaram com força. Um zumbido pareceu preencher meus ouvidos, tão alto que eu quase não consegui ouvir o gemido esganiçado do Traficante.

O ar ao meu redor parecia vibrar, como se estivéssemos todos dentro de um sino que alguém tinha tocado.

E então acabou, e os Apóstolos soltaram as mãos e recuaram, e lá estava o Profeta, com a mão ainda apoiada na cabeça do Traficante, e, ah, meu Deus.

O Profeta puxou a mão de volta para a lateral do corpo e gritou:  
— Olhem! Este homem foi salvo!

O rosto do Traficante estava inteiro de novo. As queimaduras tinham sumido. Não havia sequer um traço de cicatriz. Era como se as queimaduras nunca tivessem existido.

Os olhos dele ficaram assombrados quando as mãos tatearam o rosto. O homem começou a rir, baixinho a princípio, mas aumentando até que gargalhasse alto. O Traficante arrancou as ataduras que enfaixavam os braços e o tronco até ficar nu até a cintura, a pele ilesa. Perfeita.

— Sou um homem novo! Um homem mudado! — gritou o Traficante, os olhos brilhando e estranhamente vazios ao mesmo tempo. — Deus é bom!

A multidão irrompeu em vivas e gritos, entoando:

— Deus é bom! Deus é bom!

— Quem mais deseja ser salvo? — gritou o Profeta, e, se a multidão estava em frenesi antes, não era nada em comparação com a histeria que tomou conta dos Seguidores depois daquilo.

Um Apóstolo levou o Traficante para baixo da plataforma, e os outros se dissiparam na multidão. A música do piano e a cantoria recomeçaram.

Eu não conseguia parar de encarar o palco. Encarar o Profeta em seu terno branco, com cabelo e olhos brancos.

Era um milagre. Eu tinha acabado de testemunhar um milagre genuíno de Deus. O Profeta não poderia ter fingido aquilo. Os ferimentos do Traficante eram reais. O milagre fora real.

Era real. Tudo aquilo.

— Mia Price? É você, não é?

Mal ouvi meu nome por cima da cantoria. Eu me virei, torcendo, talvez até rezando, para que encontrasse o rosto da minha mãe por perto.

Mas não tinha sido minha mãe quem falou. Era a gótica reformada, Rachel, a alguns metros de mim. Ela deslizou na minha direção pela multidão. De alguma forma, não teve problemas para fazer aquilo. Ninguém pareceu bloquear seu caminho.

O sorriso de Rachel ocupava metade do rosto. Ela parecia bêbada, com olhos sonhadores e assombrados.

— Não é incrível? — perguntou. — A energia de tantas pessoas boas. Consegue sentir?

Eu só sentia náusea.

— Sua amiga gostou do novo corte de cabelo? — perguntou Rachel, rindo.

Tentei me afastar dela, voltar pela multidão, mas Rachel avançou até mim. Lembrei-me do quanto suas mãos eram fortes. Ela me pegou e segurou com força.

— Veio nos espionar, Mia Price? Trouxe algum dos seus amigos Caçadores?

— Você é louca — respondi.

— Não — disse ela, balançando a cabeça devagar. — Fui salva.

Então a irmã Rachel começou a gritar por cima da música:

— Falsária!

Rachel me empurrou na direção do palco. A multidão se abriu ao nosso redor.

— Esta garota é uma espiã! Uma falsária!

O Profeta ergueu as mãos para pedir silêncio, e conseguiu. Quando Rachel gritou “Falsária” pela última vez, a palavra ecoou pela tenda.

Meu sangue estava incandescente, a respiração vinha forte e rápida. Irmã Rachel finalmente me soltou, mas eu estava zonda demais para me mover. Queria correr, mas estava aprisionada por aquela muralha de pessoas.

Os Apóstolos se juntaram ao meu redor.

O Profeta gesticulou com um estalar de dedos para que os gêmeos me levassem ao palco. Eles me encararam como falcões que tinham encontrado a presa e mal podiam esperar para despedaçá-la. Balancei a cabeça, me esforçando para recuar pela multidão, mas os Seguidores avançaram contra mim, me empurrando para a frente.

Os gêmeos me alcançaram.

Ergui as mãos em rendição. Não queria que me tocassem. Mais do que isso, estava *apavorada* com o que sentiria caso me tocassem... E com o que eles sentiriam em mim.

Tropecei ao subir pelo curto lance de escadas para a plataforma, mantendo distância dos gêmeos de cabelos claros. Eles não tinham cílios, percebi, ao vê-los de perto. As pálpebras eram perfeitamente lisas.

O Profeta se virou para mim, e não consegui conter um estremecimento ao ver aqueles olhos leitosos. Ele me encarou por um bom tempo. Inspirei fundo, tentando ficar calma, mas o fogo em meu sangue queria me controlar.

— Quem é você, Irmã? — perguntou Profeta, por fim. — Veio nos espionar?

Olhei ao redor, percebendo que as centenas de pares de olhos sobre mim não eram os únicos que testemunhavam aquele momento. Todas as câmeras estavam apontadas para mim.

Aquilo era um pesadelo. E agora seria um pesadelo televisionado.

Será que Parker estava assistindo e pensando “Se ao menos ela tivesse me ouvido...”

E quanto a Jeremy? Onde ele estava? Procurei na multidão, mas não o vi. Eu estava sozinha. Nada de Caçadores. Nada de Jeremy.

Apenas eu.

— Não quis atrapalhar seu... seu programa — falei para o Profeta. — Não sou espiã. Só vim procurar uma pessoa. — Minha voz estava surpreendentemente tranquila, considerando as circunstâncias. Considerando que me sentia à beira da combustão.

— Não dê atenção a ela — gritou uma voz familiar da multidão. O Traficante apontou para mim. — Não pode confiar nela. Foi ela quem me queimou. É uma pecadora, uma viciada.

— Não sou, não. — Balancei a cabeça. Olhei para a multidão e vi como os olhos ficaram frios. — Não sou viciada!

Havia um zumbido familiar em minha têmpora, a mesma sensação que tive antes de o sr. Kale invadir meus pensamentos.

*Mas você tem um vício, não tem?*

A voz que falou em minha mente não me pertencia.

*Sua droga preferida é única, continuou a voz. Assim como você é única.*

Olhei para o Profeta e vi que ele estava me encarando fixamente, como se pudesse me ver com clareza pela névoa que cobria os olhos. O zumbido continuou em minhas têmporas.

— Quem veio procurar, se não a si mesma? — perguntou o Profeta.

Eu não queria contar a ele. Não contaria a ele.

Aquele zumbido de novo.

— Sua mãe — adivinhou o Profeta. Ou não teria adivinhado? Aquela voz que falou em minha mente era exatamente como a dele. — Ela quer ser salva?

— Não — respondi com firmeza, mas outra voz gritou de algum lugar na tenda:

— Sim! Sim, eu quero!

— Mande-a para cá — ordenou o Profeta.

A multidão se abriu, e eu a vi... Vi minha mãe caminhando pela areia na direção do palco. Meu coração deu um pulo.

Eu precisava impedir aquilo.

De alguma forma, precisava impedir aquilo.

Mas só consegui ficar ali de pé, com os pés presos ao chão, observando-a se aproximar.

Os gêmeos levaram minha mãe para o palco, segurando cada um uma das mãos dela. Minha mãe mal os viu, ou melhor, mal *me* viu. Os olhos dela estavam voltados para o Profeta. O rosto estava corado de animação, fazendo com que as cicatrizes se destacassem, brilhantes e rosadas.

— Mãe e filha — considerou o Profeta, em voz alta. Os olhos dele avaliaram minha mãe. Ele estendeu a mão. — Venha a mim, Irmã.

Os gêmeos soltaram as mãos dela, e minha mãe se aproximou do Profeta. Instintivamente, minha mão disparou para impedi-la, incitando um arquejo indignado e alguns gritos de protesto da multidão.

Ela finalmente olhou para mim.

— Me solte, Mia.

— Não — implorei. — Mãe, por favor. Você não precisa fazer isso.

Ela se desvencilhou de mim.

— Preciso, sim. Eu quero.

— Ele não pode salvar você — falei, a voz saindo mais alta do que pretendi. Os microfones a captaram e ecoaram pelos alto-falantes.

— Você precisa salvar a si mesma, mãe. Por favor, ouça. Vamos para casa.

— Não posso, Mia — disse ela, baixinho, a voz quase parte do silêncio. — Nunca mais vou poder ir para casa. Não me resta nada além disso.

Minha mãe deu as costas para mim, voltando-se para o Profeta, e ficou diante dele enquanto ele tocava sua testa.

— Fui enterrada viva durante o terremoto — disse minha mãe. — Fiquei lá durante dias, esperando que a morte me levasse, e ela quase levou. Não havia nada — continuou ela, em um tom quase inaudível. — Achei que haveria uma luz... conforto... alguma coisa. Mas não havia nada depois desta vida para mim. Apenas escuridão. Mas Deus me deixou viver. Ele me deu outra chance de encontrar a luz.

— Deus tinha outros planos para você — falou o Profeta, assentindo com uma certeza perfeita.

Seus polegares apertaram as têmporas da minha mãe, e ele a puxou para si. Ela fechou os olhos, mas os olhos do Profeta permaneceram arregalados e brancos enquanto ele tocou de leve os lábios da minha mãe com os dele. Vi os músculos do pescoço dela se tensionarem, então relaxarem. O Profeta a pegou nos braços e a abraçou. Os olhos dele me encontraram por cima do ombro da minha mãe.

— Filha — disse o Profeta.

Eu queria ignorá-lo, mas senti uma pressão na mente, um zumbido familiar, e... não ignorei. O Profeta soltou minha mãe, mas a manteve ao seu lado. As bochechas e os olhos dela estavam úmidos, mas brilhavam. Felizes. Olhar para ela me fez parar. Minha mãe estava transformada. A tristeza que eu vira nela naquela manhã... não estava mais ali. Será que o Profeta tinha feito aquilo? Tinha tirado a tristeza dela? E se eu estivesse errada a respeito dele? A respeito de tudo? Será que eu também precisava ser salva? Será que meus olhos brilhariam daquela forma, se eu deixasse que o Profeta colocasse as mãos em mim?

*Sim*, sussurrou uma voz que não me pertencia em minha mente. *Vou revelar a luz dentro de você.*

— Venha a mim, Filha — disse o Profeta. — Chegue mais perto.

Balancei a cabeça, mas de um jeito fraco. Senti aquela pressão na mente de novo. O zumbido da mosca presa, mas o bicho parecia maior agora. Não era uma mosca doméstica comum, era uma varejeira, ou algo ainda maior. Um avião bimotor, talvez.

Então senti um puxão, como se alguém tentasse abrir uma porta dentro de mim.

— Não — falei.

Mas senti meus pés se arrastarem na direção do Profeta. Parei à distância de um braço dele. O homem estendeu a palma da mão aberta na direção da minha testa, e inspirei fundo quando vi a marca

na pele dele. Linhas vermelhas irregulares, gravadas na palma da mão.

Cicatrizes de raio.

*Renda-se*, disse uma voz na minha mente. *Desapegue-se e seja salva.*

*Não lute contra mim.*

Recuei, fugindo daquela mão que vinha em minha direção, mas era tarde demais. Os dedos dele seguraram minhas têmporas. A mão era enorme e forte, e a Centelha... a Centelha dele era como um relâmpago, um clarão intenso e quente iluminando minha mente, queimando dentro dela.

Senti o Profeta se expandir na minha mente, dominando o espaço.

*Não!* Eu o afastei, tentando tirá-lo da cabeça.

*Você é a peça que está faltando*, disse uma voz, a voz dele.

*Deus me disse que você viria.*

*Saia da minha cabeça!*

Abri os olhos. Só vi branco, como se estivesse perdida em uma nevasca.

— Tenho uma mensagem para você — falei, a voz sumindo.

— O que é, criança? — Era a voz dele. Forte. Determinada. Como a voz de Deus.

— Deus é... Deus é amor. E você é um falso profeta.

— Shhhh — cantarolou o Profeta.

*Hora de ir dormir. Durma e seja salva.*

O branco era total. Ofuscante.

Eu tinha desaparecido.

Fora salva.

Estava, finalmente, dormindo.

Estava, finalmente, em paz.

## PARTE 4

*Quando não há mais o que queimar  
É preciso atear fogo a si mesmo.*  
— Desconhecido

17 DE ABRIL  
A TEMPESTADE





Acordada. Era o que eu estava. Eu estava acordada, e era um novo dia, e eu era uma nova pessoa. Meu velho eu... ainda estava ali, mas calada. Todos os medos antigos, as preocupações e dúvidas intermináveis, o ódio e a escuridão, e os desejos... eles... não tinham sumido. Estavam dormentes. A Velha Mia ainda estava dormente.

A Nova Mia estava acordada, e seus olhos estavam abertos.

Virei a cabeça para observar o que me cercava. Tudo estava branco. Tudo era bom, limpo e seguro.

Eu estava deitada na nuvem de uma cama queen-size, sobre lençóis de algodão egípcio cor de creme que pareciam imunes a dobras. Eu me sentei. O quarto não era familiar, mas era lindo, com tons de marfim e neve. Uma porta de correr de vidro dava para uma varanda. E, depois da varanda... o oceano, estendendo-se para um horizonte oculto pela névoa.

Era manhã. Ainda cedo. Ainda um pouco cinza.

Uma batida à porta. Não me assustou. Eu estava calma. Estava em paz, e tudo estava certo no mundo. Não conseguia me lembrar de quando me senti daquela forma. Tão segura. Tão protegida.

— Entre — falei.

A porta se abriu e o Profeta entrou, todo vestido de branco, a camisa de botão aberta no colarinho, e calça branca casual. A avalanche de cabelos brancos como a neve estava caída em ondas suaves sobre os ombros. Os olhos leitosos não me incomodavam como quando eu era a velha eu, aquela que temia e odiava o que não entendia. A nova eu via o Profeta como ele realmente era... uma dádiva de Deus. Uma bênção. Talvez até um salvador.

— Bom dia, Mia — disse ele. — Dormiu bem?

Assenti, sorrindo.

— Devo ter dormido a noite toda — falei. — Nunca faço isso.

— Você estava exausta, é compreensível. Passou por tanta coisa nos últimos dias. Posso me sentar com você um pouco? Gostaria de conversar.

Havia uma cadeira perto da parede, a alguns metros da cama. O Profeta devia saber exatamente onde ela estava, porque seguiu direto para lá. Ele a puxou para o lado da cama e se sentou, cruzando as pernas e apoiando os cotovelos nos joelhos, fechando as mãos sob o queixo.

Olhei para minhas mãos, não mais vestidas nas luvas de couro habituais. Elas tinham sido substituídas por luvas macias de algodão branco. O que significava que alguém tinha visto minhas mãos. Minha pele. Minha cicatriz.

Senti uma pontada de ansiedade.

*Não importa mais. Este é um lugar seguro. Aqui você não precisa esconder o que é.*

— Onde estou? — perguntei ao Profeta.

— Trouxe você para minha casa — disse ele.

— Ah... por quê?

— Porque você é especial. Única. E preciso de você.

— E minha mãe? — perguntei, lembrando-me de como os lábios do Profeta tinham tocado os dela e de como ele a abraçou e a manteve ao lado. — Onde ela está?

*E Jeremy, imaginei, para onde teria ido?*

O Profeta sorriu, exibindo dentes brilhantes.

— Trouxe sua mãe para cá. Achei que fosse querer vê-la, quando acordasse. Ela é uma mulher maravilhosa, Mia. Me afeiçoei muito a ela enquanto você estava dormindo. Ela me contou sobre você. Pelo visto, temos algo em comum, você e eu.

Ele descruzou as pernas e começou a desabotoar os punhos da camisa. Observei com a testa franzida. O Profeta puxou as mangas até a altura dos cotovelos. Então estendeu os braços, com as palmas voltadas para mim. Cicatrizes de raios floresciam nas palmas das mãos dele como fogos de artifício, tendões descendo pelos punhos.

— Você também tem — falei, sem fôlego.

— São uma dádiva de Deus. Uma marca de que estamos destinados a fazer Seu bom trabalho aqui na terra, do poder que Deus confiou a nós.

Pensei nas cicatrizes de raios que se estendiam e cobriam minha pele inteira e senti um calor no peito.

— Quantas vezes você foi atingido? — perguntei, animada.

O sorriso do Profeta hesitou, e soube que tinha dito algo errado.

— Três — respondeu.

— Ah.

O Profeta estampou o sorriso de novo, mas agora não chegava aos olhos.

— Mas você, Mia... você foi atingida inúmeras vezes. Foi o que sua mãe me contou.

Assenti, abaixando os olhos. Queria ser humilde. E daí que tinha sido atingida mais vezes do que o Profeta. Ele era o *Profeta*. Era o porta-voz de Deus.

— Você tem um grande poder, Mia — disse ele. — Não é algo de que se envergonhar. A não ser que use esse poder para propósitos errados.

Inspirei fundo e soltei o ar quando ergui o olhar para encontrar o dele.

— Eu feri pessoas — falei.

— Sim, sua mãe também me contou isso. E eu vi.

— Você... você viu o que aconteceu... na ponte?

— Posso ver dentro de você, Mia. Dentro de sua mente. Sua mãe não precisava me contar nada. Eu sei de tudo. Não foi sua intenção fazer o que fez. Não sabia como controlar o poder que Deus lhe deu. Talvez seja grande demais para você controlar. Por isso precisa de alguém como eu... para colher esse poder. Para fazer bom uso dele.

Assenti. Era verdade. Eu precisava ser controlada. Precisava do Profeta.

— Como o senhor sabe tanto? — Abaixei os olhos, envergonhada.

— É como o sr. Kale? — Imaginei que ele soubesse quem era o sr. Kale, se sabia mesmo tudo sobre mim.

Profeta fez uma careta de desgosto, mas assentiu de leve.

— Nosso poder é semelhante, sim.

Pensar no sr. Kale me fez lembrar do que ele contou a respeito da irmã. A mãe de Katrina. Será que o Profeta tinha mesmo assassinado a mulher? Não, decidi. O sr. Kale devia ter mentido. O Profeta era bom, e eu me sentia segura com ele.

Outra pontada de ansiedade. Se o sr. Kale era um mentiroso, e Parker tinha se tornado um Caçador... então meu irmão estava do lado errado.

O Profeta me observou, e senti aquela pressão irritante, o zumbido na mente.

*Quando vir seu irmão de novo, as coisas serão diferentes entre vocês,* informou a voz do Profeta. *Ele não é mais seu irmão. Você tem uma nova família, agora. Uma família de pessoas exatamente como você.*

Balancei a cabeça. Fiz isso porque a Velha Mia ainda estava dentro de mim, e ela estava tentando acordar, tomar controle, o que não me dava uma sensação boa no estômago.

— Sabe que estou certo, não sabe, Mia? — perguntou o Profeta.

— Seu irmão agiu contra a vontade de Deus. Contra Seu plano. O

mundo deve ser purificado e refeito de bondade e luz, e seu irmão e os Caçadores tentarão impedir isso.

O Profeta parou de falar e inclinou a cabeça, parecendo prestar atenção a uma voz que só ele podia ouvir.

*Deus fala com ele, pensei.*

O Profeta balançou a cabeça com tristeza.

— Seu irmão é agora o inimigo. Ele está perdido para você.

O ar ficou preso na garganta.

— Não... — Balancei a cabeça. — Não! Não, não, não.

— Sim — insistiu o Profeta.

*Sim. Ele traiu você, abandonou você. Ele a rejeitou por causa de quem você é, do que é.*

A Velha Mia se agitou dentro de mim. Não gostava do que estava acontecendo, não gostava do que o Profeta estava dizendo a respeito de Parker. Não gostava nem um pouco.

A sensação de paz que tive quando acordei estava sendo corroída. A Velha Mia estava estragando tudo. Ela estava voltando, e estava com raiva. A luz quente de Deus em meu coração queimava com fúria.

— Você está chateada — falou Profeta.

— Acha mesmo? — grunhi.

O Profeta ficou de pé e se inclinou sobre mim, na cama.

— Parker não me traiu. Ele só estava fazendo o que achou que fosse certo.

Eu me encolhi para longe do Profeta, mas não tinha onde me esconder. Ele colocou as mãos em minha cabeça e senti como se a luz de Deus estivesse brilhando sobre mim. Na mesma hora, fiquei mais calma.

— O que você fez? — perguntei.

— Abençoei você.

— Obrigada. Me sinto melhor agora.

— Está com fome? — perguntou o Profeta. — Está na hora do café da manhã, e gostaria que você conhecesse sua nova família. —

Ele ficou de pé. — Vou lhe dar tempo para se arrumar. Desça para a sala de jantar quando estiver pronta. Leve o tempo que precisar. Mas não muito. — Ele sorriu. — Não nos resta mesmo muito tempo.

Quando fiquei sozinha de novo, saí da cama e abri a porta de vidro para a varanda. O ar estava frio e tinha cheiro de maresia, sal e todas as coisas do mar. Minha pele formigou dolorosamente, como aviso. Eu conseguia sentir a tempestade começando a tomar forma, a se condensar conforme reunia força. Senti que devia estar preocupada, mas... não estava.

*Se é a vontade de Deus que uma tempestade venha para Los Angeles, então que seja.*

Eu me recostei no parapeito da varanda e encarei a praia. Sabia onde estava: em uma das casas luxuosas da praia de Santa Monica que ficavam na areia, ao longo da Pacific Coast Highway. Ao olhar para baixo, por cima do parapeito de ferro, contei três andares abaixo de mim e assobiei. Uma casa de praia de quatro andares... era um imóvel bem caro, devia valer milhões. Por outro lado, os valores dos imóveis tinham caído desde o terremoto, e casas na praia deviam ser vendidas por bem menos esses dias, considerando que a Cidade das Tendas ficava entre elas e o oceano.

À luz tênue da manhã, silhuetas se agitavam entre as tendas na praia, cuidando de fogueiras e cozinhando o café da manhã em frigideiras sobre o carvão quente. Ao sul, consegui ver o píer de Santa Monica envolto em névoa. E pude ver a Tenda Branca, na qual o culto do Profeta acontecera. Quando foi isso? Na noite anterior? Parecia décadas atrás. O tempo era diferente depois de uma noite de sono plena. Senti como se tivesse perdido algo importante, como se tivesse dormido durante a cena crucial de um filme. Mas não tinha problema. A bênção do Profeta me consertara, me transformara em uma nova pessoa.

Havia uma escova de dente nova e um tubo de pasta de dente fechado esperando no banheiro, junto com xampu, condicionador e

uma pilha de toalhas brancas felpudas.

Escovei os dentes e tirei as roupas para um banho rápido. Abri a água fria e deixei que corresse, gelada, me olhando no espelho. No banheiro branco, as cicatrizes de raios pareciam mais vermelhas do que nunca, vermelhas como sangue, mas não tinha problema. O Profeta também as tinha, embora não tantas. Ele não gostava que eu tivesse sido atingida mais vezes do que ele. Eu não gostava de deixá-lo com inveja. Se ser atingida era uma dádiva de Deus, isso significava que Deus me favorecia mais do que ao Profeta... isso não fazia sentido.

*Não pense nisso.*

Quinze minutos depois, eu tinha tomado banho e estava vestida outra vez com o branco dos Seguidores. Desejei ter uma muda de roupas. Havia impressões digitais escuras e borradas nas mangas da minha blusa, onde o homem na praia me segurara para dizer... o que ele dissera? Algo sobre amor?

*Não pense nisso.*

Sim, era melhor assim. Pensamentos podiam ser perigosos, se fossem errados, e eu estava pensando os pensamentos errados havia uma vida. Mas o Profeta me ajudou a pensar as coisas certas. Ele era como o sr. Kale, mas melhor em todos os sentidos, porque o Profeta sabia qual era o plano de Deus e podia me guiar.

Agora eu me sentia calma... O tipo de calma que vinha depois de uma tempestade.

Ou seria antes?

\* \* \*

Deixei o aposento no quarto andar e descí vários lances de escadas até chegar ao primeiro, onde ouvi música clássica e vozes.

O cheiro de comida era como entrar em uma padaria de manhã cedo. Meu estômago fez sentir sua presença com roncos altos. Segui a música, as vozes e os cheiros de comida até chegar a uma sala altíssima, com pé-direito de dez metros e paredes de vidro que

davam para a água, como se estivéssemos em um barco no meio do mar. Tudo o que eu conseguia ver da Cidade das Tendias eram colunas enevoadas de fumaça erguendo-se no ar.

Havia uma enorme lareira com um fogo crepitante queimando, e uma mesa de madeira crua que se estendia por quase todo o comprimento da sala. Como a mesa da Última Ceia, pensei, completa com os Apóstolos. Doze deles. Eu os reconheci da TV, da Nômade e do culto, embora vê-los não me enchesse mais de ansiedade. Os gêmeos, com cabelos pálidos e olhos sem cílios, estavam sentados lado a lado. O garoto sorriu. A garota não.

O Profeta estava sentado à cabeceira, mas virado para uma mulher com cabelos loiro-escuros que caíam em seu rosto, escondendo-o. Não era um Apóstolo. A mão do Profeta estava sobre a da mulher, acariciando de leve. Quando entrei, a mulher se virou para me olhar. Ela sorriu ao me ver, e, mesmo com as cicatrizes que marcavam o rosto, parecia estranhamente linda, um anjo ferido com um vestido amplo de linho branco.

— Mia — disse ela, então ficou de pé e foi até mim.

A mulher pegou minhas mãos. Por um longo momento, apenas nos encaramos. Então ela me puxou em um abraço apertado.

— Estou tão feliz por você estar aqui — disse minha mãe. — Estou tão *feliz*. Nunca achei que pudesse me sentir assim. Tão... em paz.

— Eu também — falei.

Por cima do ombro dela, pude ver o Profeta e os Apóstolos nos observando. Havia um Apóstolo em especial que me chamou a atenção. Ele tinha cabelo escuro, perfeitamente dividido e preso atrás das orelhas e olhos azul-escuros. Levei um momento para reconhecê-lo sem os óculos de Clark Kent, mas, depois que reconheci, inspirei profundamente, como se um punho me acertasse no estômago.

O décimo segundo Apóstolo que faltava.

Jeremy. O Judas. O Traidor.

Mas a quem ele traía, o Profeta ou a mim?

— Mia, alguma coisa errada? — perguntou minha mãe, sentindo que eu estava tensa.

Ela me soltou e me afastou.

— Jeremy — falei. — O que está fazendo aqui?

Aquela pergunta de novo, aquela que eu sempre fazia a ele.

— Eu trouxe você aqui — respondeu ele. — Meu pai queria você, e eu te trouxe para ele.

O Profeta colocou a mão no ombro de Jeremy.

— Você nunca me desaponta, filho.

— Obrigado, pai.

O Profeta ficou de pé.

— Filhos — disse —, vamos dar as boas-vindas a Mia em nosso lar. Deus a escolheu, assim como escolheu vocês, e a presenteou com Seu poder... Um poder do qual precisamos para levar adiante o plano que Deus incumbiu a mim. Mia Price vai completar nosso círculo como o 13º Apóstolo.

A gêmea se virou para o Profeta.

— Mas, Pai... treze! É um número impuro! E ela... — Os olhos da garota desviaram para mim. — Ela ainda não se provou. Como sabe que pode confiar nela?

O Profeta deu um sorriso gentil para a garota, mas tinha estreitado de leve os olhos brancos.

— Iris — disse o Profeta —, quando foi que perdeu sua fé?

A gêmea, Iris, enrijeceu na cadeira, como se tivesse sido tomada por uma paralisia súbita.

— Você tem a minha fé, Pai — murmurou.

O Profeta olhou para o restante dos Apóstolos.

— Não tememos um número, muito menos o número 13. Um número não tem poder. O poder está em nossas mãos.

Ele estendeu as mãos, exibindo os veios de cicatrizes de raios nas palmas.

— O poder está em nossas mãos — concordaram os Apóstolos em unísono.

Cada um deles levou a mão direita a um lugar diferente do corpo. Iris levou a mão direita ao topo da cabeça. O gêmeo a levou ao ombro esquerdo. Jeremy tocou o coração. Eu o vi olhando para mim de novo, mas dessa vez, seus olhos se estreitaram de leve enquanto ele avaliava meu rosto.

— O poder está em nossas mãos, e com nossas mãos fazemos o trabalho de Deus — disse o Profeta.

— O poder está em nossas mãos, e com nossas mãos fazemos o trabalho de Deus — repetiram os Apóstolos.

Iris, ainda com a mão no topo da cabeça, olhou para mim.

— Onde a Luz de Deus entrou em você? — perguntou ela, o tom de voz ainda envolto em um toque de amargura, uma gota de veneno.

Balancei a cabeça, confusa.

— A Luz de Deus? — perguntei.

— O relâmpago.

Meus olhos se arregalaram.

— Todos você foram atingidos?

— Fomos *escolhidos* — corrigiu Iris. — Escolhidos por Deus.

O gêmeo assentiu.

— Deus mandou Sua Luz sagrada para nos dotar de poder, para podermos executar Seu plano. Ele deu a cada um de nós um dom.

— Está falando da Centelha? — chutei, hesitante.

Os Apóstolos se entreolharam, franzindo a testa e unindo as sobrancelhas, balançando a cabeça, murmurando. Eu tinha dito algo errado de novo. Tentei ignorar a frustração crescente dentro de mim, mas ela estava ali. Aqueles Apóstolos estavam estragando minha paz.

— Shh, filhos — interrompeu o Profeta. — Mia é nova em nosso lar. Ela aprenderá. — Então olhou para mim. — Mia, sente conosco. Vou explicar.

Fiz como foi dito, ocupando o assento livre à esquerda dele, enquanto minha mãe voltava para o assento à direita do Profeta. Ele se virou para mim. Como acontecia com Jeremy, eu conseguia sentir a Centelha do Profeta, ou como quer que a chamassem, sem tocá-lo. Era como ficar ao lado de uma fogueira.

Uma fogueira sagrada.

— Mia — começou o Profeta —, você já se deparou com os Caçadores. Sei disso.

Baixei os olhos. Não havia sentido em negar. O Profeta vira o interior da minha mente... Ele devia saber.

— Sim — admiti.

Mais murmúrios dos Apóstolos, mas o Profeta os silenciou com um gesto suave.

— Então sabe qual é o objetivo deles — falou. — Desafiar a vontade de Deus de que a terra seja partida ao meio e refeita em paz e beleza. Destruir nossa esperança de um Novo Éden.

— Sim — falei, baixinho.

— Os Caçadores querem se certificar de que o mundo continue a apodrecer, até que não sobre nada além de um câncer negro e bolorento. Uma doença sem cura. Mas nós temos a cura, Mia, e ela deve ser administrada agora, antes que seja tarde demais.

Assenti, mas estava com a testa franzida.

— Os Caçadores têm esperança para nosso mundo — falei. — E esperança é... ruim?

Bem no fundo do meu ser, eu sentia a Velha Mia se debatendo e revirando, inquieta.

O sorriso do Profeta era carinhoso e paternal mesmo sob aqueles olhos vazios.

— Não, esperança não é ruim, Mia. Neste caso, é apenas falsa. Está perdida. A ofensa seria desobedecer à vontade de Deus e entreter tamanha falsa esperança.

— Ah.

— Se Deus quisesse que os Caçadores tivessem o poder de desafiar Sua vontade, o teria entregado a eles, como fez conosco. Nosso poder, nosso *dom*, vem de Deus e por isso é divino. Os Caçadores, em sua arrogância, negam a Luz de Deus. Pretendem tomar o controle desse poder, voltar aqueles que não têm fé contra o Deus que os presenteou.

— Eles mentem — falou Iris, me perfurando com um olhar raivoso.

— Sim, eles mentem — concordou o Profeta. — Então, entenda, não insultamos o dom de Deus chamando-o pelo nome que o inimigo usa. Eles podem ter a Centelha. — O Profeta sorriu. — Nós temos a Luz.

As mãos dele encontraram meu rosto, os polegares apertaram minhas têmporas, e foi como um nascer do sol em minha mente. Não pude evitar um arquejo. Senti que me abria para aquela luz, como uma flor acordando de manhã. Conectada a ele, eu podia sentir outra energia ao meu redor, a luz dos Apóstolos. Eu podia me conectar a eles dessa forma, percebi, porque éramos iguais. Era ali que eu pertencia, entre pessoas cuja energia complementava a minha.

Mesmo assim, nenhuma luz tinha a mesma sensação da de Jeremy. Ele e eu tínhamos nos conectado de uma forma diferente.

*Não pense em Jeremy*, avisou uma voz dentro de mim.

Desliguei os pensamentos a respeito de Jeremy e me concentrei no que o Profeta estava dizendo.

— É por você que tenho esperado. Aquela que Deus disse que viria. Você é a peça que faltava no plano, o último elo de que precisamos para completar o círculo que trará a tempestade divina.

O último elo no círculo? Eu não tinha certeza do que ele estava falando, mas não tinha problema. Eu não precisava entender. Só precisava fazer o que o Profeta queria.

O Profeta abaixou as mãos, e a luz diminuiu em minha mente, mas não em minha alma e meu coração.

Mas ainda havia lugares em mim onde a escuridão espreitava por trás de portas trancadas... E, por enquanto, eu os manteria daquela forma até descobrir o que Jeremy estava tramando.

— Agora — falou profeta —, vamos aproveitar esta refeição abundante. Precisamos de forças para o que está por vir. Esta noite, executaremos o plano de Deus até o fim. — Ele apoiou as palmas das mãos na mesa. — Esta noite, traremos a tempestade da ira de Deus para a cidade.

Ao ouvir as palavras dele, o fogo em meu coração se acendeu.

*O Fogo de Deus está em mim, pensei. A Luz de Deus.*

E, por fim, entendi.

A tempestade pela qual eu estava esperando... Ela não estava além do horizonte.

A tempestade estava em mim.



O café da manhã foi um banquete, com bandejas fumegantes de ovos com batatas, torradas pingando com manteiga, fatias de melão e morangos, suco de laranja fresco e leite espesso e frio, além de minúsculos waffles belgas com xarope de bordo e chantilly.

Eu me senti culpada por comer um café da manhã tão luxuoso enquanto, lá fora, havia gente morrendo de fome. Mesmo assim, comi como se fosse minha última refeição. Não pude evitar. A ansiedade que revirava meu estômago em nós finalmente sumira. Sentia como se não comesse há um mês.

Um a um, os Apóstolos deram a volta na mesa e se apresentaram. Nunca fui boa com nomes, e esqueci a maioria assim que foram ditos. Os gêmeos, Iris e Ivan, eram os únicos Apóstolos de cujos nomes lembrei.

— Vi vocês — falei para eles — na Nômade, na outra noite, quando houve a briga. Por que não têm hematomas ou cortes? Você os curou, Profeta, como fez com o Traficante?

— O Traficante? — perguntou ele.

O calor subiu às minhas bochechas, e olhei para o prato, com vergonha de conhecer tal pessoa.

— O cara que curou ontem à noite, aquele com as queimaduras.

— Era isso o que o afligia? — perguntou o Profeta, em um tom de leve curiosidade. — Não reparei. Mas, não, não curei as feridas dos meus Apóstolos. Não há necessidade.

Iris riu para mim, com escárnio.

— Quando foi a última vez que teve um hematoma simples ou um corte que levou mais de um dia para melhorar?

Eu me lembrei do que o sr. Kale tinha dito, que uma das vantagens de ter a Centelha — a *Luz*, eu precisava me lembrar disso — era a habilidade de me curar depressa. Então, ignorei a afirmativa, mas, agora que pensava a respeito, as únicas vezes em que eu me lembrava de estar ferida eram depois de ser atingida por um raio. Mas, mesmo então, as queimaduras severas que eu às vezes tinha se curavam em alguns dias, e as únicas cicatrizes que me restavam eram as dos raios. Até meu cabelo parecia crescer de novo mais rápido do que o comum.

— É parte da dádiva de Deus para nós — explicou Ivan, e aceitei aquela simples resposta.

Os Apóstolos eram amigáveis, exceto Iris. Mas nenhum deles me recebeu com braços abertos, e pude ver que estavam desconfiados. Eles emitiam uma vibração defensiva, como se achassem que eu podia roubar alguma coisa. E também havia uma certa inveja misturada. Eu não negava a eles o direito de um pouco de inveja. Eu era o ingrediente que faltava, afinal de contas. Era de mim que o Profeta precisava para fazer a tempestade de Deus, para executar o plano, embora eu ainda não tivesse entendido exatamente qual era ele.

Conforme as apresentações seguiram, senti os olhares furtivos de Jeremy. Parecia que ainda conseguia sentir o calor dele do outro lado da mesa, e tive o desejo de estar ao seu lado, de tocá-lo. Aqueles sentimentos eram errados. A Velha Mia podia sentir o que quisesse

por ele, mas a Nova Mia devia ter os desejos mais primitivos, o sangue quente, sob controle.

— E, é claro, você conhece Jeremiah — falou o Profeta, sorrindo para o filho adotivo.

Eu não podia mais evitar olhar para Jeremy. Voltei os olhos para ele, sentindo algo como uma náusea alegre no estômago.

*Você nem sequer sabia o nome dele*, pensei. Não há nada entre vocês. Nada real.

Assenti, abaixando os olhos e brincando com garfo.

— Jeremiah foi de grande ajuda para mim — disse o Profeta. — Deus fala comigo, mas mostra a Jeremiah imagens do que está por vir. Tenho certeza de que ele lhe contou as revelações que teve sobre você durante tantos anos. Eu o enviei para que a encontrasse.

Minha mão recuou e o garfo arranhou o prato. Observei o rosto de Jeremy. Os olhos, em geral revoltados, estavam tão serenos que pareciam pertencer a uma pessoa diferente. Era verdade? Será que ele só tinha ido atrás de mim porque o Profeta mandou? Será que o Profeta tinha dito a ele que me matasse?

Não. O Profeta precisava que eu levasse adiante o plano. Ele não teria ordenado meu assassinato.

Pigarreei e olhei ao redor, para os outros Apóstolos.

— Então, vocês têm dons, assim como... como Jeremiah?

— E como você, Mia — disse o Profeta. — E é um dom muito poderoso. A habilidade de conter a Luz de Deus dentro de você. De liberá-la quando necessário. É claro que ainda não aprendeu a controlar seu dom. É por isso que é tão importante que tenha vindo até mim. Cada um dos meus filhos recebeu um dom pela Luz de Deus, mas você é especial.

Se o olhar de Iris antes estava frio, agora era praticamente a Sibéria.

Evitei os olhos dela e sorri, mas o sorriso pareceu forçado. Um dom? Era mesmo aquilo o que eu tinha? A única coisa que eu tinha

feito com o raio fora ferir as pessoas. Bem, isso não era verdade. Eu tinha ferido Janna, mas depois aquilo a ajudou.

— Pai — falou Jeremy —, conte a Mia e à mãe dela como Deus presenteou  *você*.

Olhei para minha mãe, observando a expressão de admiração em seu rosto enquanto esperava pela resposta do Profeta.

O Profeta colocou a mão sobre a de minha mãe e se inclinou na direção dela até que suas testas se tocassem. Então ergueu a outra mão até a bochecha da minha mãe e segurou o rosto dela em concha enquanto a beijava suavemente.

— Esta boa mulher já sabe tudo o que precisa saber sobre mim — disse, quando se desvencilhou do beijo. — Mas, muito bem. — O Profeta pegou a mão da minha mãe e a segurou quando se virou para mim mais uma vez. — Deus achou justo me dar três dons, Mia. Na primeira vez em que fui atingido, Ele levou minha visão, mas me deu a habilidade de ouvir Sua palavra sagrada. Na segunda vez em que fui atingido, o Senhor colocou em minhas mãos o poder de espalhar Sua palavra entre os perdidos e impuros e de fazer com que acreditassem. Na terceira vez, Deus me presenteou de novo com o poder de unir minha Luz à de meus Apóstolos. De nos conectar, para que não haja nada que não possamos realizar. Então, podemos combinar nossos poderes únicos para criar a tempestade divina. — O Profeta se virou para mim. — E eu passei esse dom para  *você*, Mia. Despertei  *você* e abri seus olhos para nós. Agora,  *você* pode compartilhar seu poder com todos nós.

O Profeta apertou a mão da minha mãe, que suspirou, feliz.

— Agora Deus me deu um quarto presente:  *você*, Sarah Price.

Olhei para Jeremy — ou Jeremiah, ou como ele quisesse ser chamado. Fiquei me perguntando o que ele queria que eu entendesse com as palavras do Profeta. Fiquei me perguntando se ele podia sentir a raiva silenciosa da Velha Mia bem abaixo da superfície.

Depois do café da manhã, pedi licença e voltei para o quarto. Saí para a varanda para pensar, embora pensar fosse... desconfortável. Havia tantas coisas que eu não deveria pensar, e sempre que um daqueles pensamentos proibidos tentava encontrar o caminho para minha mente, eu me sentia errada, como se estivesse traindo o Profeta. Mas eles ficavam tentando entrar: pensamentos sobre minha mãe e o Profeta e sobre como ele a beijara. Ou sobre Parker ser meu inimigo. Sobre Jeremy e como ele parecera exposto, com os cabelos para trás das orelhas e sem os óculos, sem o disfarce. Eu queria o outro Jeremy de volta. Mas aquilo era ruim! Jeremiah, aquele de branco, sem os óculos de Clark Kent, era um traidor para o Profeta e para a causa. O outro Jeremy era um garoto misterioso que poderia ter tornado as coisas muito mais fáceis ao me matar, mas não conseguiu fazer isso. Um garoto que cuidara de mim, que tentara me proteger de um futuro que eu não queria, cujo toque despertava coisas dentro de mim que eram muito, muito ruins.

Eu me recostei no parapeito da varanda e abaixei a cabeça nas mãos. O ar que soprava do oceano fez minha pele formigar em alerta, embora eu soubesse que não havia tempestade esperando além do horizonte. Era a tempestade dentro de mim que queria sair. Eu tinha um propósito, e estava quase na hora de realizá-lo. Este era o plano divino: despedaçar o mundo como se não passasse de um esboço em papel, descartado sem o menor problema, para podermos começar de novo, do zero.

Se eu podia acreditar no Profeta — e é claro que podia — então aquela era a vontade de Deus.

Então, por que parecia que estava tudo errado?

— Mia?

Eu me virei.

— Mãe?

— Não quis assustar você — disse ela, aproximando-se de mim e me envolvendo com o braço magro.

— Tudo bem. — Eu conseguia sentir suas costelas, por causa de todo o peso que ela perdera, e não encontrei o conforto que costumava sentir. Minha mãe não estava tão forte quanto costumava ser. — Mãe, o que acha de tudo isso?

— De tudo isso?

— É, das... das coisas esquisitas. Da Luz e da tempestade e todo o resto de que o Profeta falou.

— O que eu acho...? — perguntou minha mãe, proferindo as palavras devagar.

Ela soava do mesmo modo como quando estava tomando os remédios. Drogada. Sedada. Distante.

Eu me afastei, para poder encará-la.

— Acho — respondeu, por fim —, que Deus trabalha de formas misteriosas, e que Ele fala com Rance. — Minha mãe sorriu e levou a mão à boca, como se tivesse deixado escapar algum segredo. — Quer dizer, com o *Profeta*, e que o Profeta entende a vontade de Deus. Precisamos obedecer a ele, se quisermos caminhar na Luz divina.

— E quanto a Parker? — perguntei. — Você não está preocupada porque o Profeta não vai mais permitir que você o ame, agora que é nosso inimigo?

Ela franziu bem a testa, e a preocupação em seus olhos parecia finalmente verdadeira.

— Sempre amarei Parker.

Uma onda de alívio percorreu meu corpo.

— Mesmo?

— É claro. — A linha franzida entre os olhos dela se aprofundou. — Não quero pensar em Parker. É confuso demais. — Minha mãe se virou e me segurou pelos ombros. — Mia, qual é o problema?

Não queria falar sobre o que estava errado. O que estava errado na minha cabeça. Na cabeça da Velha Mia.

Mudei de assunto.

— O que está acontecendo entre você e o Profeta? Vocês parecem... próximos.

— Estou apaixonada por ele — falou minha mãe, simplesmente. Dei um passo rápido para trás, e ela abaixou os braços.

— Mas você só o conhece há um dia.

Um lampejo de desprezo cruzou o rosto dela, então minha mãe disse:

— *Você não ama o Profeta?* — A pergunta pareceu um empurrão.

— Sim, amo — respondi, mais do que depressa. — Ele é o Profeta. O Profeta. É o mensageiro de Deus.

— Ele é mais do que isso. — Minha mãe levantou a mão, e seus dedos encontraram as linhas de cicatrizes no rosto. — Ele só vê o bem em mim. Nada da feiura.

Pensei nas cicatrizes de raios que cobriam meu corpo e assenti.

— Isso parece bom.

— Ele diz que me quer ao lado dele o tempo todo. Não quer que eu saia de perto nunca. Precisei fugir para ver você enquanto ele conversava com os Apóstolos. — Minha mãe franziu um pouco a testa. — Não sei se percebeu que saí. Eu deveria voltar para ele. Profeta me quer ao seu lado o tempo todo.

— Você já disse isso.

Observei minha mãe obrigar a boca a sorrir de novo.

— Eu disse, não foi? É que estou tão animada com esta noite. Está acontecendo tão rápido.

— Está falando da tempestade?

Ela balançou a cabeça, e seu sorriso se tornou misterioso.

— O Profeta é um homem maravilhoso.

Abri a boca para concordar, mas nada saiu. Fui salva por uma batida à porta.

O que estava acontecendo com a Nova Mia? Precisava de outra bênção, decidi. Precisava que o Profeta consertasse minha mente.

Fiquei me perguntando se havia um jeito de colocar a Velha Mia em coma. Um coma permanente.

Hesitante, Jeremy — Jeremiah — abriu a porta. Ele não olhou para mim, mas para minha mãe.

— Sra. Price — disse —, meu pai pede que volte para ele agora. Minha mãe me olhou.

— Ele me quer ao seu lado o tempo todo — repetiu.

Então correu porta afora, deixando Jeremy e eu sozinhos.

Jeremy fechou a porta atrás de si.

E trancou.

— Precisamos conversar — disse.

— Não quero falar com você — falei. — É um traidor.

O ódio estava de volta a seu lugar, nos olhos de Jeremy. Ele atravessou o quarto até chegar a mim e ficou de pé na minha frente. Meu corpo se iluminou com a proximidade dele. Jeremy segurou a parte de trás de minha cabeça e seus dedos se afundaram em meus cabelos. O toque dele era áspero, mas carinhoso. Era contraditório.

E o beijo dele era igual.

A boca dele abriu a minha.

A boca dele sentiu o gosto da minha.

O calor entre nós era nuclear. Derretíamos um ao outro, derretíamos um no outro, então...

O mundo sumiu.

O quarto sumiu.

Jeremy sumiu.

E...

*Abri os olhos no topo do mundo, no telhado da Torre, perto o bastante para tocar a noite. Centenas de nômades lotavam o telhado, a energia frenética deles fazia o ar fervilhar, braços se agitavam e corpos estremeciam no ritmo da batida louca.*

*Eu estava no centro do caos, as mãos presas às dos jovens Apóstolos de cada lado meu, 13 de nós de mãos dadas, formando um círculo perfeito.*

Jeremy me encarou, e a tristeza em seus olhos teria despedaçado meu coração, se eu fosse capaz de sentir alguma coisa naquele momento além da felicidade da minha Luz unida à dos outros Apóstolos.

— O poder está em nossas mãos — entoamos. — O poder está em nossas mãos, e com as nossas mãos fazemos o trabalho de Deus.

Nossas vozes eram absorvidas pela batida envolvente que ecoava dos altofalantes, e os nômades continuavam dançando, alheios ao que estava chegando.

O que estava ali.

A tempestade.

O ar começou a mudar... A se mover, ficar mais espesso. Senti cheiro de ozônio, vento e fogo... Alguma coisa queimava. Um fogo elétrico. A pressão caiu. Vimos os rostos para o céu e observamos as nuvens negras ferverem onde antes havia uma noite limpa e aveludada.

Meu coração pulsava fogo, e a luz que pulsava nas nuvens se igualava às batidas do meu coração. Um trovão estalou, uma explosão que abafou a música dos nômades. Mas o trovão só aumentou o frenesi. Eles dançavam, gritando para o céu, provocando a tempestade.

Olhei para Jeremy e vi que ele não era mais parte do círculo. Estava na beira do telhado, com Profeta atrás, segurando uma faca prateada reluzente contra seu pescoço. A mesma faca que Jeremy levara para meu quarto.

— Jeremy! — gritei, por cima da música e do trovão. Lutei para desvencilhar as mãos dos Apóstolos que as seguravam, mas os apertos pareciam ter se fundido. As mãos pareciam soldadas. Gritei para o Profeta enquanto tentava me desvencilhar do círculo: — Deixe ele em paz!

O Profeta balançou a cabeça, a boca curvada com tristeza.

— Ele me traiu. Eu o amava como a um filho. Confiava nele, e ele deu as costas para mim.

Um relâmpago partiu o céu com luz vermelho-sangue.

Os nômades, finalmente impressionados, gritaram. Por um momento, o relâmpago me cegou. Então pisquei, e as cores escorreram de volta para o mundo. Olhei para Jeremy de novo e vi vermelho. A princípio, achei que fosse

*apenas a impressão do relâmpago carmesim. Mas não, era mais escuro. Líquido. Sangue escorria de um corte profundo na garganta dele, e a faca na mão do Profeta estava vermelha, em vez de prateada. Gritei e me desvencilhei do círculo, correndo na direção de Jeremy. O relâmpago partiu o céu ao nosso redor, o mundo se rachava como um ovo. Havia tanto sangue. Tanto sangue.*

*— Este é o fim — disse o Profeta. — Agora começaremos de novo.*

*O Profeta ergueu o corpo de Jeremy. Os olhos dele não deixaram os meus, até que o Profeta o jogou da beira da Torre.*

*— Nãããã!*

*Cheguei à beira e vi Jeremy caindo quando o relâmpago partiu o ar ao redor dele. Bem abaixo de nós, o relâmpago castigava o chão, galhos vermelhos e incandescentes se estendiam para os abismos onde a terra tinha sido aberta durante o terremoto. Então, o mundo começou a tremer violentamente, e o tremor aumentou, até virar convulsões. A Torre começou a oscilar, então a ceder, ruindo na direção da terra. A tempestade continuou rugindo, e os raios continuavam martelando o chão, e eu soube que tinha feito aquilo acontecer, mas não podia impedir.*

*Era tarde demais.*

*Era o fim.*

Senti um estalo dentro do crânio, como se algo tivesse se esticado além da capacidade, partindo-se em dois. A dor era imensa, como ter as duas metades do cérebro rasgadas e separadas. Aninhei a cabeça entre as mãos, mantendo os olhos bem fechados. Ainda conseguia ver raios no fundo dos olhos, veios vermelhos de fogo. Apertando as têmporas, abri os olhos e me vi ainda nos braços de Jeremy, a boca dele tão próxima da minha que eu conseguia sentir seu hálito quente. Jeremy estava com as mãos em meu cabelo. O beijo ainda parecia quente em meus lábios. Mas a visão tinha terminado.

Minha cabeça estava limpa.

A Velha Mia estava de volta. Jeremy a despertara com um beijo e um pesadelo. A paz que o Profeta me concedera tinha sumido, substituída por medo, ódio, raiva e desespero, me enchendo por dentro até que eu sentisse como se pudesse explodir devido à pressão. Fechei os olhos bem apertados de novo e enterrei o rosto no peito de Jeremy. Ele me segurou com tanta força que era quase doloroso, me esmagando contra seu corpo. Em algum momento, Jeremy me levou para a cama e me sentou a seu lado. Jeremy manteve os braços ao meu redor, e seu calor me banhou como luz do sol, mas não trouxe mais visões.

— Você morreu — falei, a voz rouca. — Ele matou você. Seu pai matou você.

— Eu sei — disse Jeremy.

— Isso não pode acontecer!

— Shh. Não vai.

— Mas aconteceu! Eu vi! Ele vai descobrir a verdade! — E qual era a verdade? Ela surgiu para mim quando falei. — Ele vai descobrir que você o traiu. Que tentou me manter longe dele, não me trazer até ele.

— Não, não vai. Não mais.

— Por que não?

Jeremy virou o rosto.

— Porque você não vai contar a ele.

— Não... Eu não teria contado. — Balancei a cabeça, mas sabia a verdade.

Em algum momento, eu teria contado ao Profeta que Jeremy era um traidor.

Mas ainda havia tanto que eu não entendia. Como Jeremy se tornara um Apóstolo? Quando se voltara contra o Profeta, e como se libertara do domínio do Profeta sobre ele? Como evitara que o Profeta descobrisse que era um Judas entre os Apóstolos? E, o mais confuso de todos, como o Profeta não tinha tirado a verdade de nossas mentes?

A fila de perguntas prosseguia. Não percebi que as fazia em voz alta até estender as mãos.

— Não temos muito tempo — falou. — Os outros vão começar a imaginar o que estou tramando, se eu não descer logo.

— Eles não confiam em você — chutei.

Jeremy levantou as mãos para acertar os óculos antes de perceber que eles não estavam ali. Sempre achei ridículo ninguém reconhecer Clark Kent quando ele era o Super-Homem. Agora que tinha sido enganada por um disfarce tão simples, não parecia tão ridículo. Não era à toa que minha mãe ficara obcecada por ele, quando o viu pela janela. E não era surpresa que Jeremy fora tão relutante em me acompanhar até o culto. Mas *acompanhou*. Por mim. Porque o único modo de conseguir me impedir era me matar.

Talvez tivesse sido melhor se tivesse matado. Mais seguro para todos. Para o mundo inteiro.

— Eles sentem que tem algo diferente a meu respeito — falou Jeremy. — Iris é a pior. Ela não confia em ninguém além de Ivan e do Pai.

— Percebi — falei, estremeendo ao me lembrar do café da manhã, de como tinha dito a mim mesma que Iris conheceria a nova Mia e me aceitaria.

O ódio se acumulou dentro de mim pelo que o Profeta tinha feito: uma transformação tão profunda que quase sumi. E minha mãe... a mente dela estava tão frágil. Seria possível que ela retornasse da lavagem cerebral do Profeta?

Jeremy continuou.

— Iris tem motivos o bastante para não confiar em mim. Tenho ficado muito sumido, ultimamente, e ela ainda está furiosa pelo que aconteceu na Nômade.

— Com a briga? — perguntei.

— Porque não apareci para a demonstraçãozinha deles. Pelo que ela sabe, de toda forma. Iris acha que estou perdendo a fé. Ela não sabe de nada.

— O que o Profeta e os Apóstolos acham que você estava fazendo? — perguntei. — Nesses dias em que não apareceu para *A Hora da Luz*, ou quando não voltou para casa à noite? O Profeta... ele sabia que você estava comigo?

Jeremy balançou a cabeça.

— O Pai fala como se tivesse acesso a todos os pensamentos que temos, mas há coisas demais na mente de uma pessoa, confusão demais, para que ele filtre tudo. Ele capta o bastante para nos fazer acreditar que conhece cada segredo, mas é mentira.

Respirei um pouco mais aliviada.

— Então é possível esconder coisas dele.

— Sim. Mas não é fácil. Quando se tenta não pensar em algo, isso vira a única coisa em que se pensa. Quanto a onde o Profeta achou que eu estava quando eu estava com você... Na maior parte do tempo, vou e volto o quanto quero. Sempre fui o preferido. — O tom de voz de Jeremy estava amargo. — Ele me dá permissões que não dá para os outros. Mas, quando saí ontem... — Jeremy me encarou. — Não planejava voltar.

Senti uma pontada de culpa no estômago.

— Não é culpa sua — disse Jeremy, compreendendo o desapontamento em meu rosto. — Eu nunca deveria ter deixado você ir ao culto, para começo de conversa. Se tivesse sido sincero desde o início, as coisas poderiam ter sido diferentes. Talvez tivéssemos saído da cidade há dias, com sua mãe e seu irmão, e nada disso estaria acontecendo. — Jeremy balançou a cabeça, com um olhar torturado no rosto. — Mas tive medo de contar a verdade. Medo do que você pensaria de mim.

Ergui o olhar do chão e o encarei.

— Por quê? — perguntei.

Jeremy cerrou os punhos com força, e senti a luz que emanava dele começar a mudar. Ela diminuiu, como sol obscurecido pela neblina. Jeremy avaliou meu rosto. Não sabia o que ele estava procurando, mas torcia para que encontrasse.

— Quero que entenda por que deixei que o Profeta me usasse dessa forma. As previsões dele... não eram totalmente dele. Eram minhas. Ou em parte minhas. Eu via essas coisas terríveis que iam acontecer, e o Pai ouvia uma voz que dizia ser de Deus, contando *quando* aconteceriam, e... — Jeremy parou de falar, parecendo arrasado.

— Vocês eram um time — falei, baixinho.

Jeremy abaixou os olhos.

— Se não fosse por mim, ele nunca teria ficado tão poderoso. Mas você precisa entender que, por um bom tempo, eu o amei como se fosse meu verdadeiro pai. Eu o coloquei em um pedestal. Na verdade, eu me odeio por isso, ainda mais do que odeio a ele. Depois que minha mãe morreu, eu entrei e saí de lares adotivos. Quando Rance me acolheu, me salvou de umas pessoas bem ruins. Logo percebi que o único motivo pelo qual ele decidira me adotar era porque eu tinha sido atingido por um raio, por causa da minha habilidade, mas não me importava. Ele me fez sentir seguro. Protegido. — Jeremy me encarou. — Entende como é? O que ele pode fazer com sua mente?

Assenti, e Jeremy respirou fundo antes de continuar.

— No início, a vida com Rance era melhor do que qualquer coisa que eu tivesse conhecido, mesmo com minha mãe verdadeira. Pela primeira vez, eu tinha uma família. Não apenas uma família, mas toda uma congregação que parecia me amar. Minha nova vida girava em torno de estudos da Bíblia e da Igreja da Luz, mas eu não me importava. Quando fiquei mais velho, as coisas começaram a mudar. Comecei a ver as coisas de uma forma diferente.

“O Pai tem um modo estranho de interpretar as passagens da Bíblia. As noções dele sempre tendiam para a ideia de que, a cada mil anos mais ou menos, as pessoas do mundo se tornavam tão más e corruptas que não havia como salvá-las, e o único modo de evitar que o mundo se transformasse no inferno era Deus trazer algum tipo de limpeza. Já tinha acontecido, com Noé e o dilúvio. Os outros

na igreja, e principalmente meus irmãos e irmãs adotivos, se atinham a cada palavra do Pai. Eu não queria ser o dissidente, então fiquei em silêncio por muito tempo, mas, por fim, não pude mais suportar. Durante um dos sermões, ousei discordar dele. — Jeremy parou, inspirou e expirou. — Isso não terminou muito bem. O Pai ficou muito quieto, e então, por fim, me mandou para o quarto. Fiquei lá até que ele foi me ver. Ele me disse que eu precisava dar o exemplo aos outros, e, ao contradizê-lo, tinha minado sua autoridade. ‘Não pode acontecer de novo’, disse ele, e então... me deu uma bênção para fortalecer minha fé.”

Meu estômago se revirou. Eu sabia aonde aquilo chegaria.

— Ele fez uma lavagem cerebral em você.

— Estava fazendo desde sempre, de modos sutis, mas eu não tinha percebido até então.

— E as sugestões só funcionam se parte de você quiser obedecer — falei.

Jeremy assentiu de novo.

— Parte de mim queria. Eu queria ser um bom filho. Não queria minar a autoridade dele. Então, a cada poucos dias, ele me dava uma bênção, e eu me comportava como ele queria.

— Como quebrou o ciclo? — perguntei.

Jeremy apoiou os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos para massagear as têmporas.

— Desde o início, ele me disse que eu sempre deveria ir até ele depois de ter uma “revelação” e contar tudo em detalhes precisos. Então era o que eu fazia. Tinha começado com o programa a essa altura, mas *A Hora da Luz* não deslançou até ele começar a usar minhas revelações. Não tinha problema. Estávamos fazendo algo bom. Religião era a ferramenta perfeita para ocultar o que estava acontecendo de verdade e fazer com que as pessoas ouvissem. E nossas previsões salvaram milhares de vidas.

Jeremy engoliu em seco e levantou a mão para arrumar os óculos de novo. Mas os óculos, o disfarce, não estavam ali. Era apenas ele,

agora.

O garoto me encarou com toda a tristeza e a raiva que uma pessoa pode conter sem perder a cabeça.

— Tive uma visão do terremoto Puente Hills. Vi uma tempestade surgir no céu acima do centro, e um raio atingir o chão. Então tudo começou a tremer e as... as torres, exceto uma, caíram.

Minha respiração ficou mais lenta. Assenti.

— Tive essa visão uma semana antes de o terremoto acontecer.



Levei um momento para encontrar a voz.

— Mas o Profeta não avisou sobre o terremoto até...

— Até ser tarde demais. — O corpo inteiro de Jeremy estava tenso, tremendo de ódio como se ele estivesse vivenciando um terremoto particular. — Assim que acordei da visão, fui até o Pai contar o que tinha visto. Exigi que ele informasse o prefeito primeiro, antes de anunciar em *A Hora da Luz*, para que a cidade começasse os procedimentos de evacuação. Ele concordou em fazer a ligação, mas antes de tudo, queria me dar uma bênção. Eu estava chateado, e ele estava com medo que eu pudesse fazer alguma coisa precipitada, sair correndo pelas ruas gritando para que as pessoas saíssem da cidade. — A tremedeira de Jeremy parou de repente. — Quando dei por mim, estava acordando, e o terremoto tinha acabado. A cidade estava em ruínas, e tantas pessoas... tantas estavam mortas. Era exatamente o que eu tinha visto. O que eu deveria evitar.

— Jeremy...

Não consegui pensar em nada para dizer. Não *havia* nada a dizer.

— Quando descobri o que o Pai tinha feito, perdi a cabeça. Meus irmãos me seguraram enquanto o Pai explicava que não cabia a ele, que Deus tinha exigido que não dissesse nada sobre o terremoto até logo antes de acontecer. Ele disse que Deus queria que o povo de Los Angeles fosse humilde. Mas eu *sabia* que ele agira por vontade própria, mesmo que não quisesse admitir. Esse foi o fim, para mim. Qualquer domínio que ele tivesse sobre mim tinha se quebrado. Não havia mais nenhuma parte de mim que pudesse ser controlada.

“Fingi perdoá-lo. Não sabia mais o que fazer. Se fosse contra ele... Sabia que me colocaria em perigo. Já o vi com raiva. Sei que não está imune a ferir as pessoas que o contrariam. Teve uma mulher que se juntou à Igreja da Luz depois do terremoto. Eu gostava dela, mas com certeza tinha alguma coisa errada. Embora usasse o branco dos Seguidores, nunca pareceu ser uma, não no olhar, pelo menos. Ela estava sempre perto do Pai, elogiando-o, flertando. Então, um dia, ela sumiu. Quando perguntei ao Pai o que tinha acontecido, ele sorriu. Nunca respondeu à pergunta. — Jeremy balançou a cabeça. — Queria poder me lembrar do nome dela.”

— Irene — respondi, baixinho. — Ela era uma Caçadora.

— Era.

Jeremy cobriu os olhos.

— Conte o resto — pedi.

Jeremy assentiu, levando um segundo para organizar os pensamentos.

— Como contei antes, sempre tive visões com você. Mas, depois do terremoto, a frequência delas aumentou. Teve um dia em que não consegui sair da cama, de tão rápido que as visões vinham. Parei de ver qualquer outra coisa. Só via você. Diversas vezes.

— E a Torre — falei.

— Isso, mas também vi outras coisas. Lampejos da Skyline e da sua casa, sua mãe e seu irmão. As visões me levaram até você, e contei que sempre tenho as visões por um motivo.

— Para poder mudar as coisas.

— O Pai só conseguia ler fragmentos dos meus pensamentos, o bastante para saber que eu estava me aproximando de você. Então me disse para trazê-la até ele, disse que precisava que você criasse a tempestade de Deus. Eu... eu pensei que se...

— Se livrasse de mim? — sugeri, tentando um tom de voz despreocupado que só fez Jeremy encolher o corpo.

— Sim — concordou ele. — Mas depois que vi você de verdade, viva, bem na minha frente, não só uma imagem em uma visão... Não consegui seguir com o plano. Mas também não podia dar as costas. Precisava mantê-la em segurança. Mantê-la longe dos Caçadores, longe da Torre, e, principalmente, longe do Pai. A tempestade que surgiu no dia do terremoto foi inspiração dele.

— Para criar a própria tempestade, e o próprio terremoto? — falei, em dúvida. — Acha que é mesmo possível?

— Muitas das coisas que ele faz são impossíveis, mas ele as faz mesmo assim. Mas não consegue fazer sozinho. Precisa dos Apóstolos e dos Seguidores, principalmente os que têm a Luz dentro de si e que juraram lealdade a ele. E precisa de você mais do que de todos. É com você que está contando para dar relâmpago à tempestade. E o relâmpago vai partir o sexto selo.

— Mas achei que os selos fossem apenas presságios — falei. — Não selos de verdade. Foi o que os Caçadores me contaram.

— O sexto é diferente. É a falha de Puente Hills, e, se houver um terremoto violento, um efeito dominó começará, algo que será sentido pelo mundo. A falha de Puente Hills vai disparar a falha de San Andreas, que vai disparar outra, e depois outra. E terremotos não serão o único efeito. Vulcões e caldeiras entrarão em erupção, e tsunamis devastarão cidades inteiras. Destruição levando a mais destruição. Esse, de acordo com o Pai, é o plano de Deus para limpar a terra.

Jeremy parou de falar, e ficamos um tempo sentados, em silêncio, antes de ele dizer:

— Eu entendo se você me odiar.

Eu o encarei.

— Por que eu odiaria você?

A boca de Jeremy se contorceu nos cantos.

— Tantos mortos — disse. — E sua mãe quase esteve entre eles.

— Não foi culpa sua! Se você tivesse tido uma visão com o Profeta o colocando para dormir para que ficasse fora do caminho, não teria contado a ele sobre o terremoto. Mas não teve essa visão. Talvez não possa mudar algumas coisas, não importa o quanto queira.

Jeremy trincou os dentes. Estava tremendo de novo.

— Não deveria ter precisado de uma visão. Eu sabia quem meu pai era, mas não queria admitir *o que* ele era.

— Você queria acreditar que ele era melhor do que isso. Não pode assumir a responsabilidade pelo que o Profeta fez. Ele manipulou você. Usou você. Ele fez isso. Você não pediu para ter essas visões, não mais do que eu pedi para ser uma... o que quer que eu seja. E ainda podemos mudar as coisas, certo? Não é tarde demais.

Jeremy assentiu devagar, e um peso se levantou de dentro de mim.

— Os Caçadores virão atrás de você — disse Jeremy. — O culto de ontem à noite foi televisionado. Saberão o que aconteceu.

*Eles vão tentar usá-la...*

— Tem certeza? — perguntei a Jeremy. — Deixei bem claro que não queria ter nada com eles.

Jeremy assentiu, mas havia algo escondido em seus olhos.

— Eu vi. Meu pai vai fazer um último culto ao pôr do sol para todos os Seguidores, para reuni-los na praia, onde alega que estarão a salvo do terremoto que acha que está vindo. Mas, sem você, ele não conseguirá criar uma tempestade elétrica forte o bastante para trazer o terremoto. Os Caçadores virão buscá-la no culto. A não ser que algo mude — acrescentou, parecendo distante.

— Por que eles não vêm agora? — perguntei. — Não seria mais fácil?

Jeremy fez que não com a cabeça.

— Duvido que saibam onde você está. O Profeta tem tantas propriedades, sob tantos nomes diferentes. As mentes não são a única coisa que os Seguidores entregam a ele. Muitos abrem mão de tudo, inclusive das escrituras das casas e quaisquer economias que tenham.

— E quanto a minha mãe? — perguntei. — E quanto a você? Os Caçadores vão resgatar todos nós, certo?

Jeremy estendeu as mãos.

— Só vejo você, mas isso não quer dizer que sua mãe e eu não vamos escapar junto. A única coisa de que tenho certeza é que os Caçadores virão esta noite.

Ele forçou um sorriso que não chegou aos olhos assombrados. Pensei nas cartas que Madame Lupescu tinha tirado para mim. Meus possíveis futuros. Os Amantes ou a Torre. Madame Lupescu tinha dito que eu precisava fazer uma escolha, e eu fiz, e estava me atendo a ela.

Os Amantes.

Eu me inclinei na direção de Jeremy até conseguir sentir o calor dele contra o meu. Então abri a boca apertada na dele e o beijei com tanta intensidade que senti como se tivesse caído em uma fogueira e queimava sem dor. Jeremy manteve as mãos na lateral do corpo, mas eu ainda sentia a luz dele tentando roubar meu fôlego. Eu me recusei, me concentrando na sensação de Jeremy. Na vivacidade de sua pele. Nos lábios.

Nós nos beijamos até nos esquecermos de respirar, e, quando finalmente nos separamos, estávamos sem fôlego. Reparei que vários botões da camisa dele tinham se desabotoado — será que eu fiz aquilo? — e pude ver a marca vermelha irregular impressa em sua pele, como se pintada pela mão trêmula de alguém.

Os veios de uma cicatriz de raio.

Jeremy viu o modo como meus olhos se fixaram na cicatriz.

— Quer ver? — perguntou.

Senti seu hálito em meu rosto, quente o bastante para queimar o oxigênio que eu estava tentando recuperar.

Minha boca se abriu, mas eu ainda estava tentando tomar fôlego, então apenas assenti. Os dedos dele foram até os botões e abriram mais três, então puxaram a camisa. A cicatriz de raio era como uma rosa estranha, alienígena. Encostei nela com os dedos enluvados.

— É linda — falei, e fui sincera.

Nele, era lindo. Nele, tudo era lindo.

Jeremy apontou para as luvas.

— Pode tirar as luvas agora, sabe. Não precisa se esconder de mim.

Sem pensar, afastei a mão.

— Não — falei, e Jeremy pareceu desapontado. — Desculpe. Ainda não estou pronta.

— Tudo bem — disse ele, mas pareceu magoado. Tinha deixado que eu visse a cicatriz dele, e agora eu estava escondendo a minha. — Eu deveria ir, antes que os Apóstolos venham atrás de mim. Já fiquei tempo demais.

Ele ficou de pé e abotoou a camisa. Então se virou para a porta.

Eu me levantei então, tirando as luvas e jogando-as no chão.

— Jeremy — falei, e, quando ele se virou para me olhar, eu estava estendendo as mãos com veios vermelhos incandescentes nas palmas, linhas da vida e do amor irregulares.

Jeremy voltou para mim, então olhou para minhas mãos.

— São adoráveis — disse.

Nunca ouvi um garoto da minha idade dizer a palavra “adoráveis” daquele jeito.

Balancei a cabeça, imaginando o que Jeremy pensaria se visse meu corpo inteiro coberto de veios vermelhos, então parei de pensar quando seus braços me envolveram e ele me puxou para si, os lábios queimando nos meus.

Interrompemos o beijo antes que outra visão irrompesse em minha consciência.

Ouvi passos nas escadas que davam para o quarto andar. Meu corpo inteiro ficou tenso e minha coluna enrijeceu.

Jeremy abriu a porta e encontrou Iris do outro lado, estendendo a mão para a maçaneta. A gêmea olhou desconfiada para ele

— Irmão Jeremiah — falou Iris, então olhou para trás de Jeremy, onde eu estava.

Ofereci o sorriso mais fraternal que tinha.

— Olá, Irmã Iris — falei, adotando o tipo de tom casual e olhar levemente inexpressivo com o qual tinha perambulado a manhã inteira.

— Irmã Mia — cumprimentou Iris. Ela estreitou os olhos de leve antes de se voltar para Jeremy. — Alguns de nós vamos sair para pregar para os Desalojados na praia. Gostaria de se juntar a nós, irmão? Faz tempo que não nos agracia com sua presença. — Ela falou com um tom acusatório disfarçado, mas Jeremy agiu como se Iris fosse bastante civilizada.

— É claro — disse, e saiu para o corredor.

— E quanto a mim? — perguntei, pensando que, se Jeremy e minha mãe fossem para a praia, poderíamos fugir. Não precisaríamos esperar que os Caçadores viessem ao nosso resgate. Mas seria difícil arrastar minha mãe para longe. Ela lutaria, nos deteria.

Mas Iris respondeu:

— Meu pai quer falar com você no escritório. — Ela sorriu, então acrescentou: — Em particular.



*Ele vai saber.* Era o único pensamento em minha mente enquanto eu seguia para o escritório do Profeta. Ele saberia que eu não estava mais sob efeito da lavagem cerebral, e então... o que faria? Não podia me matar. Precisava de mim. Mas minha mãe... Ele não precisava dela.

Pensei no que minha mãe dissera repetidas vezes. *Ele me quer por perto o tempo todo.*

Estava começando a entender por que o Profeta a levava até lá. Não tinha nada a ver com amor, e sim com controle. Ela era uma salvaguarda. Mesmo que minha lavagem cerebral psíquica falhasse, ele sabia que eu não deixaria minha mãe para trás, e, se as coisas piorassem, poderia usá-la como escudo humano.

Eu precisava torcer para que as coisas não piorassem.

Bati à porta do escritório e esperei que o Profeta me chamasse para dentro. Em vez disso, a porta se abriu e minha mãe estava ali, reluzente em um vestido de cetim longo com mangas e corpete de renda, pérolas e...

Ah, Deus.

Era um vestido de casamento.

— O que acha? — perguntou minha mãe, o que me levou a crer que ela confundira o horror em meus olhos com surpresa.

— Mãe, é... De onde veio? — perguntei.

— Rance mandou comprarem esta manhã. — O sorriso dela diminuiu um pouco. — Não gosta?

Deixei o olhar inexpressivo e tornei a voz mais calma e passiva.

— Gosto — falei, lutando para não encolher o corpo. — É muito modesto. E clássico. Classudo. Todas as opções anteriores. — *Cale a boca!*

Minha mãe sorriu e gesticulou para que eu entrasse no escritório do Profeta. Olhei em volta. Não era o que eu esperava, um altar para o Deus do Velho Testamento do Profeta. Era simples. Havia prateleiras de livros nas paredes, do chão ao teto, mas não havia livros. A única mobília no escritório era uma mesa de mogno com uma cópia grande da Bíblia, com encadernação de couro, aberta. Eu conseguia ver as letras, e com certeza não eram Braille. O Profeta devia ter as passagens que o interessavam na memória.

Ele estava sentado em uma poltrona de couro imensa atrás da mesa, de costas para nós, olhando pela janela que dava para a praia e para o oceano.

Na parede atrás da mesa havia uma caixinha transparente vazia, mas, se era para adivinhar o que deveria conter, um objeto brilhante com uma ponta afiada perigosa vinha à mente. A faca que Jeremy levava para meu quarto algumas noites antes, que eu vira o Profeta usar para cortar o pescoço dele em uma visão. Onde estaria a faca agora?, me perguntei.

Minha mãe deu a volta na mesa para ficar ao lado do Profeta, como um bom e leal bicho de estimação. Ele girou a cadeira para me olhar.

— Mia — falou o Profeta, como um cumprimento.

Seria minha imaginação, ou havia algo diferente no modo como ele dizia meu nome? A voz estava mais fria, mais distante, como

se...

*Não. Não pense nisso. Seja a outra Mia. Aquela que ele quer que você seja.*

— Boas notícias — disse o Profeta. — Sua mãe e eu decidimos nos casar.

— Uau — falei, me obrigando a manter a voz tranquila, a não trair nada do pânico que ameaçava tomar conta de mim. — Vocês dois só se conheceram ontem à noite.

Seria impressão ou o sorriso da minha mãe parecia rígido?

— É meio repentino, mas...

— Sua mãe e eu sentimos como se estivéssemos juntos há anos — interrompeu o Profeta. — Eu diria que foi amor à primeira vista, mas, bem...

Ele sorriu da própria piada. Minha mãe também. Levantei os cantos da boca o máximo que consegui, mas eles resistiram.

— Então... quando é o grande dia?

— Hoje à noite — falou o Profeta —, no culto.

Meu estômago se revirou.

— Esta noite? Não... sabe... depois da tempestade, quando as coisas tiverem se acalmado um pouco?

— Deus deseja que nossa união aconteça hoje à noite. Ele foi muito claro com relação a isso.

— Ótimo — falei. — Maravilhoso.

Olhei para minha mãe, buscando em seus olhos algum sinal de que parte dela sabia que aquilo estava errado.

— Alguma coisa a incomoda, Mia? — perguntou o Profeta, como se pudesse ver a verdade estampada no meu rosto.

Ou ler os pensamentos que eu tentava esconder sem sucesso. Mas eu saberia se ele tentasse ler minha mente, não? Sentiria aquela pressão na mente, o formigamento, como uma mosca presa em meu crânio. Continuei esperando pelo zumbido, mas, até então, eu era a única entidade que ocupava minha mente.

— Não dá azar o noivo ver a noiva de vestido antes do casamento? — perguntei, então quis dar um tapa da própria testa.

O Profeta piscou os olhos leitosos para mim devagar, como um lembrete.

— Não acreditamos em sorte, boa ou má — respondeu. — Existe apenas a vontade e o plano de Deus, e isso é parte do plano.

— Mia, quero que você seja minha madrinha — falou minha mãe. Havia um porta-vestido pendurado em uma das prateleiras vazias. Ela o pegou e carregou até mim. — Rance pediu este especialmente para você, e fez com que trouxessem às pressas.

Ela colocou o porta-vestido em meus braços. Era pesado, como se o vestido fosse feito de chumbo, ou algo do tipo.

— Obrigada — falei, as palavras mal saíram por meus dentes.

— Obrigada, *Pai* — corrigiu o Profeta.

Eu o encarei e, por trás das cataratas espessas, pude ver as pupilas cinzentas do Profeta transformadas pelo branco, e tive uma vontade incontrolável de arrancar o coração de dentro do peito dele. Não para matá-lo, mas para liberar sobre ele o fogo do meu próprio coração e queimá-lo até torrar.

*Você poderia*, disse uma voz dentro de mim. *Poderia matá-lo agora. Use o fogo dentro de você, como fez na ponte. Acerte o Profeta e acabe com isso.*

Mas minha mãe estava ao lado dele de novo, e não havia como garantir que eu fosse atingir o homem sem acertar minha mãe também. Não era como se eu estivesse praticando. O Profeta estava certo. Eu não tinha controle sobre minha Centelha, minha Luz, ou que fosse.

Então, esperaria.

— Obrigada, *Pai* — murmurei.

Ele sorriu.

— Vá experimentar o vestido. Espero que caiba.

Coube perfeitamente; um longo vestido branco de cetim com colarinho alto e luvas de cetim longas combinando e — ai, deus,

quem diria ser possível? — botinhas de cetim branco na altura dos tornozelos. Odiei, mas, depois que vesti, não tirei. Deitei na cama e observei a luz mudar no teto enquanto o sol mergulhava no horizonte.

Jeremy foi me encontrar pouco depois do pôr do sol.

Estendi os braços.

— Imagino que seja isso o que acontece quando um cego escolhe um vestido para você.

Queria que ele risse. Nunca tinha ouvido Jeremy rir. Talvez ele tivesse perdido a habilidade.

Em vez disso, Jeremy roçou os nós dos dedos na manga de cetim do vestido.

— Mia, o que quer que aconteça esta noite, a única coisa que importa é que você fique o mais longe possível do Profeta. Quando a hora chegar, não hesite, mesmo que signifique me deixar para trás ou... sua mãe.

Balancei a cabeça.

— Ou vamos todos ou ninguém vai.

Jeremy trincou os dentes, como se sentisse dor. Os músculos do pescoço ficaram tensos.

— Talvez essa não seja uma opção. Lembre-se do que está em jogo. Prometa que nos deixará para trás, se precisar.

— Jeremy...

— Prometa!

Ele estava tremendo, os olhos revirados de leve, os cílios trêmulos.

— Prometo — falei, percebendo de repente o que estava acontecendo.

Ele estava no meio de uma visão, e, o que quer que tivesse visto, dependia da minha decisão de partir sem Jeremy e minha mãe, caso chegasse a esse ponto.

Cheguei mais perto dele, de modo que nossas bocas se tocaram.

— Prometo — falei de novo, e, na mesma hora, ele parou de tremer.

Jeremy me encarou com assombro nos olhos.

— Está na hora — disse.

O sol incendiava o horizonte quando nossa procissão de casamento saiu pela praia, entre a Cidade das Tendas. Fogueiras e fogos para cozinhar estavam sendo acesos, e um cheiro de fumaça oleosa e carne chamuscada pairava pesado no ar. Todos nos observavam, Seguidores e Desalojados, como se fossem realeza tomando um atalho por sua cidadezinha patética.

Imaginei quantos daqueles Seguidores teriam a Centelha. Quantos o Profeta teria recrutado durante os cultos? Mais do que os Caçadores tinham encontrado durante duzentos anos de busca? Será que Parker tinha conseguido recrutar alguém na única noite em que tivera para fazer isso?

O céu desbotou de rosa para lavanda e então azul, e a névoa começou a flutuar do oceano. Ela parou ao redor dos ombros dos Seguidores, como uma assombração. Havia milhares deles na praia. Dezenas de milhares, talvez. De maneira alguma caberiam na tenda. Mal cabiam na areia.

O Profeta, com terno branco e gravata branca de seda, caminhou pela praia de braço dado com minha mãe, o vestido dela esvoaçando ao redor dos pés. À luz incandescente do sol poente, a pele dela brilhava vermelha, e as cicatrizes em seu rosto eram quase invisíveis. Minha mãe fechou os olhos e recostou a cabeça no ombro do Profeta, então deixou que ele a levasse.

Jeremy e eu seguimos atrás de minha mãe e do Profeta. O restante dos Apóstolos nos seguiu, dois a dois, Iris e Ivan logo atrás de Jeremy e eu. Dava para sentir o olhar de raiva de Iris em minhas costas, como raios laser tentando me perfurar.

Mais à frente, a Tenda Branca do Profeta já se enchia de Seguidores. Ele tinha feito a última transmissão de *A Hora da Luz* e

anunciara os planos de se casar. Todos os Seguidores de Los Angeles estariam ali, naquela noite. Tudo fazia parte do plano do Profeta.

Pensei no que Parker dissera sobre o misticismo religioso e os rituais africanos que faziam chover durante a seca, e em como, reunindo-se pessoas o suficiente que acreditam na mesma coisa, milagres poderiam acontecer. Que a questão era energia, concentração e criar uma consciência coletiva. E se você entulhasse milhares de pessoas em um lugar, pessoas que tinham sofrido lavagem cerebral psíquica para acreditar que uma tempestade se aproximava e o mundo acabaria? E se um monte dessas pessoas possuísse algum tipo de poder místico? E então? Será que um milagre aconteceria? Será que elas, pelo poder do pensamento, da energia e da intenção, criariam o futuro em que acreditavam?

Eu estava prestes a descobrir.

Embora houvesse milhares de olhos sobre mim, tive a sensação de formigamento de ser observada por um par em especial. Busquei na multidão e vi o rosto de um garoto olhando para mim de uma das tendas. Um rosto emoldurado pela cascata de cabelos loiros.

O menino assentiu para mim.

Desviei os olhos antes que alguém notasse para onde eu olhava.

Imaginei que não deveria ter ficado surpresa por vê-lo. Parker não perderia o casamento da nossa mãe. Por nada no mundo.



A Tenda Branca já estava lotada quando entramos. Sussurros percorreram a multidão quando o povo nos viu, e os Seguidores se separaram, abrindo caminho até a plataforma elevada no centro da tenda.

Naquela noite, a mídia não recebeu permissão de entrar, mas o pianista estava presente, e a música já tinha começado. Percebi que entrava no ritmo da música, fazendo a tradicional caminhada de madrinha. Estampeei uma expressão serena no rosto enquanto olhava ao redor para os Seguidores, sorria e assentia para eles, interpretando o papel de Apóstolo escolhido por Deus. Meus olhos caíram sobre Rachel e a gangue de seguidores dela, da Skyline. Os cabelos dela estavam para trás, particularmente repuxados para a ocasião, o que fazia com os olhos já esbugalhados se projetassem como os de um pug. Mas, quando ela me viu participando da cerimônia de casamento, arregalou ainda mais os olhos. Exibi muitos dentes para ela, mas não estava sorrindo.

— Parabéns para você e sua mãe — sussurrou uma voz aguda em meu ouvido.

Minha cabeça virou na direção da voz e encontrei o rosto do Traficante tão perto do meu que pude sentir seu hálito.

Encolhi o corpo, meu coração acelerando. Jeremy me segurou pelo cotovelo para me levar com ele, observando o Traficante como se ele fosse uma cobra cujas presas tinham sido removidas, mas que ainda encontrava formas de injetar veneno.

Subimos os degraus para a plataforma. O Profeta sussurrou algo para minha mãe, que assentiu e o levou até o microfone. Como uma revoada de pássaros entrando em formação, os Apóstolos formaram um semicírculo atrás do Profeta e da minha mãe, garotos de um lado, garotas do outro, e Jeremy e eu fomos forçados a nos separar para que ele pudesse ficar bem ao lado do Profeta, e eu, da minha mãe. O padrinho e a madrinha. Percebi que ainda estava conectada aos Apóstolos da mesma forma que os Caçadores, unidos como condutores da energia um do outro. Quando estávamos juntos, nos movíamos como um. O que quer que o Profeta tivesse feito conosco, nos ligara, e essa ligação não fora cortada no mesmo momento em que a lavagem cerebral se encerrara. Imaginei se a ligação seria permanente. Não gostei dessa ideia, nem um pouco.

O Profeta fez um gesto de corte com a mão, e a música parou. Um silêncio pesado pairou no ar. A multidão estava quieta, milhares de rostos nos encarando. Observei os rostos em busca dos Caçadores, de Katrina e do sr. Kale, de Esqui e de Quentin, e também do meu irmão. Será que estavam por lá naquele momento, vestidos de branco para não chamarem atenção para si mesmos até o momento certo?

O silêncio se estendeu. Eu conseguia ouvir o oceano além da tenda, onda após onda quebrando contra a praia. Do lado de fora, uma ventania começara, uivando e açoitando a Tenda Branca, fazendo as paredes de pano esvoaçarem. Eu conseguia ver as chamas de fogueiras contra as paredes brancas, flores laranja de tamanho monstruoso tremeluzindo por trás da lona, projetando a luz nela.

*Vamos lá, Caçadores... O que estão esperando, que um padre pergunte se alguém se opõe?* Não havia padre à vista, mas imaginei que o Profeta, por ser quem era, conseguiria cuidar da cerimônia sozinho.

— Irmãos e irmãs — falou, ele ao microfone, por fim, a voz ressoante preenchendo a ampla tenda. — Dou-lhes boas-vindas de todo o coração. Não há ninguém no mundo com quem eu gostaria de compartilhar minha alegria além de vocês, os verdadeiros Seguidores de Deus. Nesta nossa última noite na terra como a conhecemos, peço que deem as mãos, cada um de vocês, e compartilhem sua luz conosco. Deixem a luz brilhar de seus corações e das mãos até que se torne uma fogueira. A fogueira sagrada de Deus!

Eu esperava vivas, mas só ouvi o farfalhar de pés se movendo na areia, de tecido roçando contra tecido e pele roçando contra pele enquanto milhares de Seguidores davam as mãos, as expressões uma mistura de reverência e ansiedade. Os olhos estavam animados com intensidade fervorosa.

— Esta noite — gritou o Profeta —, em minha noite de núpcias, a Igreja da Luz se torna a Igreja do Fogo! Deem sua luz para mim, pessoas de bem! Deem seu fogo! Se derem as mãos, seu fogo queimará, e vocês estarão protegidos quando a tempestade chegar!

Tentei não parecer preocupada, mas tinha certeza de que a máscara de serenidade estava ruindo. Era ruim o bastante a tenda estar tão lotada que as pessoas tinham que ficar ombro a ombro, mas agora todos estavam de mãos dadas, formando camadas e mais camadas de uma cerca humana que envolvia a plataforma.

*Fique calma, instruí a mim mesma. Jeremy viu os Caçadores resgatando você. Eles virão. Eles estão aqui.*

Mas as coisas que Jeremy via nem sempre aconteciam. Estavam sempre mudando.

Eu tinha visto Parker, então sabia que os Caçadores estavam por perto, mas isso não queria dizer que conseguiriam chegar até nós passando pelos Seguidores de mãos dadas.

O Profeta continuou.

— Deus me abençoou com o amor desta boa mulher, Sarah Price, cuja mão tomarei em matrimônio esta noite... — Ele pegou a mão da minha mãe e a puxou para perto. — Mas Deus também me abençoou com a filha dela... Mia.

Os olhos leitosos do Profeta me encontraram, e senti a atenção da tenda se voltar para mim. Queria me encolher até ficar minúscula, sumir e deixar o vestido de madrinha horroroso no meu lugar, na plataforma.

— Peço que Mia estenda as mãos para formar um círculo com o restante dos meus filhos enquanto Sarah e eu trocamos nossos votos.

Pisquei em câmera lenta. Olhei para Jeremy e vi seus olhos se arregalarem em choque, então em percepção e depois, pesar. Ele balançou a cabeça devagar, como se para negar o que estava pensando. O que nós dois estávamos pensando.

Na última visão que ele me mostrou, havia um círculo de Apóstolos no alto do telhado da Torre e nossas mãos estavam unidas, o poder vibrando de nós, até o ar se tornar espesso. Então a tempestade surgiu acima de nossas cabeças. Mas não deveria acontecer ali, na praia. Deveria acontecer na Torre!

Os Apóstolos deram as mãos, o semicírculo crescendo ao nosso redor.

Minha mãe sorriu para mim.

— Vá em frente — disse, baixinho. — Junte-se ao círculo, Mia.

Os olhos do Profeta brilharam sobre mim.

*Junte-se ao círculo, Mia, disse a voz dele em minha mente. Preciso de sua Luz. Preciso de seu Fogo.*

Ah, não. Deus, se você existe, não. Não faça isso comigo.

*Junte-se a eles! Dessa vez, o Profeta gritou a ordem em minha mente. Faça isso, ou vou tirar a vida de sua mãe e mandar a alma dela de volta para a escuridão. Não duvide de mim.*

Meus olhos se moviam de um jeito insano, buscando ajuda na multidão, procurando os Caçadores, a quem eu deveria ter ouvido quando tive a chance. Mas, se estavam presentes, eles não se levantaram para dizer que se opunham.

— Mia? — O sorriso da minha mãe fraquejou. — Vá em frente. Pegue as mãos deles.

Meu olhar caiu sobre Jeremy, e vi que ele estava de olhos fechados, com os músculos do pescoço tensos, os cílios tremendo, os olhos se movendo por trás das pálpebras.

Então os olhos de Jeremy se arregalaram e encontraram os meus, e neles vi que tínhamos cometido um erro.

Tinha havido uma mudança de planos.

Não me movi. A multidão começou a murmurar.

*Feche o círculo, exigiu o Profeta. Ou verá sua mãe morrer esta noite, e saberá que aconteceu por culpa sua. Porque você se recusou a fazer sua parte.*

Eu era o ingrediente que faltava para fazer a tempestade. Se eu me recusasse a obedecer, não haveria tempestade. Nada de início do fim. O mundo continuaria.

Minha mãe parecia decepcionada. Ela me encarou, os olhos cheios de lágrimas.

— Por favor, Mia — implorou, sussurrando. — Faça como seu pai diz.

Balancei a cabeça.

— Ele *nunca* será meu pai.

Os lábios do Profeta se retraíram mostrando os dentes mais do que brancos, mas, antes que ele conseguisse dizer uma palavra, algo do lado de fora explodiu, e uma luz laranja acendeu a lateral da tenda. Gritos surgiram na multidão enquanto chamas famintas começaram a consumir a lona.

— Começou! — vociferou o Profeta no microfone. — Fiquem onde estão, irmãos e irmãs! Não corram do fogo de nossos inimigos, pois o fogo deles é fraco e terreno! Não soltem a mão de seus

vizinhos! Devemos ficar juntos, como uma frente unida contra aqueles que desafiariam a vontade de Deus!

Mais explosões, de todos os lados. Eram as fogueiras, percebi. As fogueiras aumentavam em explosões imensas, então retrocediam. Aumentavam e retrocediam, como se as pessoas estivessem atirando galões de gasolina nas chamas. Não sabia se era mesmo isso que estava acontecendo lá fora, mas tinha certeza de uma coisa.

Os Caçadores tinham vindo me buscar.

Agarrei a mão da minha mãe e a puxei para longe do Profeta, disparando na direção da beira da plataforma. Meus olhos dispararam para Jeremy, para me certificar de que ele me acompanhava, mas ele ficou onde estava. Levei um segundo para perceber por quê.

Os Apóstolos tinham fechado o círculo ao nosso redor. Eu conseguia sentir o poder combinado deles agitando o ar até se condensar como névoa... como nuvens. A pressão no ar tinha caído, como antes de uma tempestade, e eu conseguia sentir cada pelo do corpo se arrepiar em alerta. Meus tímpanos estavam prestes a se romper. Os Apóstolos tinham começado sem mim. Mas estavam sem um elemento. Eu era o ingrediente final. Eu era o raio.

Pensei na brincadeira que costumava fazer quando criança... de quebrar a corrente na ciranda.

A criança dentro do círculo tinha que tentar separar as mãos das pessoas em roda e passar.

Será que conseguiríamos partir aquelas conexões?

E mesmo que conseguíssemos, será que conseguiríamos passar pelos Seguidores? Os rostos deles estavam determinados, e as mãos, mais unidas do que nunca.

Estávamos presos.

Mais explosões de fogo e luz do lado de fora. As paredes da tenda estavam queimando devagar. Deviam ter sido tratadas com retardador de incêndio, o oposto da tenda do Traficante, mas isso não significava que a tenda era à prova de fogo. Mesmo assim, a

maioria dos Seguidores não parecia preocupada. Eles pareciam em paz com a ideia de que talvez queimariam até a morte dentro da Tenda Branca... encontrariam o fim antes de o mundo ter a chance de ser destruído por seu Deus revoltado e pessimista.

O único Seguidor que parecia menos do que feliz em fritar com os colegas era o Traficante. Seus lábios estavam repuxados, os olhos, arregalados. Logo ele era todo dentes e pupilas. Mas não poderia fugir, mesmo se quisesse. Estava preso, cercado com o restante de nós.

Nuvens cinzentas e pesadas se formavam dentro da tenda. Qualquer um que não soubesse o que estava acontecendo poderia pensar que era fumaça das paredes incandescentes, mas não era. Era a umidade do ar se condensando em nuvens.

Houve uma comoção perto da entrada da Tenda Branca. Vi o Seguidor careca que parecia um Cro-Magnon empurrando alguém, gritando. Mas ele era um dos poucos Seguidores que não estava unido pelas mãos com o restante, e nenhum dos outros desobedeceria ao Profeta para quebrar o círculo e ir ajudar. O Cro-Magnon foi empurrado para o lado, e recém-chegados começaram a entrar na tenda. Não eram Seguidores.

E eles entraram, dezenas de Caçadores de manto vermelho e máscaras negras sem emoção, deslizando pela areia. Era uma visão intimidante, mas os Seguidores não soltaram as mãos, e havia muitos mais branco do que vermelho. Mas os Caçadores continuaram entrando, até formarem o próprio círculo vermelho ao redor da massa de branco.

Onde estava Parker? Torci para que ele estivesse seguro do lado de fora das paredes incandescentes da Tenda Branca — isso se ainda havia algum lugar seguro.

Um dos Caçadores falou, gritando para ser ouvido acima do rugir das chamas. Reconheci o grunhido áspero na mesma hora, apesar da máscara negra que escondia seu rosto.

— Liberte seus Seguidores, falso profeta — gritou o sr. Kale. — O papel deles nisto acabou.

O Profeta apenas sorriu.

— A fé não pode ser abalada. Eles sabem que sou o verdadeiro profeta de Deus.

Em resposta, o sr. Kale saiu do círculo, e os dois Caçadores que estavam ao seu lado colocaram as mãos nos seus ombros. Senti a energia no salão vibrar na minha pele. Os Caçadores pareciam brilhar com uma luz avermelhada esquisita, algo que eu só conseguia ver se não fizesse esforço para captar. Mas, se examinasse pelo canto do olho, estava ali.

Um murmúrio nervoso irrompeu na multidão de Seguidores.

O sr. Kale colocou as mãos na cabeça de dois deles. O Profeta devia ter sentido alguma coisa acontecer que não era parte do plano; o sorriso agora era formado por dentes trincados.

— Pode chamar isso de teste de fé — gritou o sr. Kale, e as mãos dele apertaram com força a cabeça dos Seguidores.

Eles cederam e tentaram recuar, mas o sr. Kale os manteve presos. O brilho de luz vermelha que vinha dos Caçadores se intensificou por um segundo, e de repente a mesma luz pulsou sob as mãos do sr. Kale. Todo o círculo exterior de Seguidores, não apenas aquelas duas cabeças que o sr. Kale tocou, se contorceu e gritou. Alguns gritaram de dor, um grito tão lancinante que eu quis cobrir as orelhas para abafar o som.

Então o círculo exterior soltou as mãos. Os Seguidores libertos se entreolharam, zonzos, e viram as chamas devorando as paredes da tenda.

E correram.

— A fé deles não é tão forte quanto você pensa — gritou sr. Kale para o Profeta. — Eu vim atrás de você.

O sr. Kale pegou outro conjunto de cabeças e fez o mesmo, libertando outra camada de Seguidores. Só faltavam mais umas cinquenta. Eu não sabia se ele estava quebrando o domínio do

Profeta sobre aquelas pessoas ou apenas ordenando que fizessem o que parte delas queria fazer, que era sair daquela armadilha mortal em chamas. Não me importava, contanto que ele fosse rápido. O fogo estava subindo pelas paredes, o ar estava escuro com a fumaça reunida e as nuvens que ainda se condensavam no ar. Eu mal conseguia ver os Caçadores. Mas, embora as nuvens estivessem subindo, atravessando o teto da tenda para se erguer aos céus, a fumaça estava presa do lado de dentro. O teto era alto, mas não levaria mais do que alguns minutos para que a fumaça se espalhasse até nós. Meus olhos já estavam queimando e os pulmões começavam a rejeitar o ar que eu respirava.

O Traficante esticou o pescoço para ver o que estava acontecendo perto da entrada. Vi um olhar de alívio no rosto dele quando percebeu o que o sr. Kale fazia. Mas o sr. Kale ainda estava longe, e o Traficante estava ligado a um dos círculos mais próximos da plataforma. A fumaça descia e o interior da tenda esquentava como um forno.

Um grito súbito e selvagem escapou dos lábios do Traficante. A lavagem cerebral devia ter sido fraca, porque ele se desvencilhou das mãos dos Seguidores de cada um dos lados e correu para a saída.

Não foi muito longe.

— Covarde! — gritou um dos Seguidores cuja mão o Traficante tinha largado, uma mulher gorducha de meia-idade com um rosto arredondado e meigo, mas os olhos mais mortos que eu já tinha visto. Ela chutou o Traficante bem na virilha, e ele caiu de joelhos. — Depois que o Profeta curou você! Traidor! — gritou a mulher.

Ela deu as mãos ao outro Seguidor que o Traficante soltara, e os dois golpeavam o homem com os pés descalços, esmagando-o com os calcanhares. Outros Seguidores ao alcance se juntaram à diversão. Rachel estava entre eles. Ela chutou o Traficante com um sorriso maníaco nos olhos esbugalhados.

— Isso é o que acontece quando você desafia o Profeta! — gritou Rachel, mas atirou as palavras para mim, em vez de para o homem

em quem acabava de pisar.

O Traficante se contorceu na areia e começou a estremecer, até que, por fim, ficou imóvel.

Como sairíamos dali? O sr. Kale não conseguiria desprogramar todos antes de sufocarmos. Mesmo que eu conseguisse passar pelos Apóstolos, teria centenas de Seguidores contra os quais lutar. Eles nos espancariam até a morte antes de nos afastarmos da plataforma.

Pisquei para afastar o ardor dos olhos, e, quando eles ficaram limpos, finalmente vi a pessoa que estava procurando naquele ar úmido e quente. Ele entrou na tenda com diversos outros Caçadores de manto vermelho, e, quando me viu, abaixou a máscara e mostrou o rosto. Mostrou que estava ali por mim.

— Parker! — gritei, puxando o braço da minha mãe outra vez. — Mãe, venha. Parker está aqui!

Distraída pela visão do meu irmão, devo ter afrouxado o aperto no braço da minha mãe. Ela se desvencilhou de mim. Virei e a vi correndo de volta para o lado do Profeta. Ele passou um braço ao redor dela com delicadeza, como se a estivesse esperando. Sua outra mão foi para dentro do blazer branco. Vi um lampejo de prata quando o Profeta puxou aquela faca familiar com a lâmina terrivelmente afiada. Minha mãe continuou agarrada ao Profeta, mesmo quando ele apertou a lâmina no seu pescoço. Ela chegou a suspirar e inclinar a cabeça para cima, revelando mais da pele vulnerável.

*Parte dela quer isso. Parte dela quer morrer.*

— Não!

Eu me recusei a deixar que minha mãe se fosse, a deixar que ela desistisse.

Avancei na direção dela, mas ou o Profeta sentiu meu movimento, ou viu o borrão pela visão embaçada. Ele deslizou de leve a lâmina da faca no pescoço da minha mãe, o sangue apareceu e escorreu pela garganta, e então pingou no vestido de cetim, formando pérolas escuras em meio ao branco.

Algumas pessoas na multidão arquejaram, chocadas, mas ficaram onde estavam. Mesmo ver o amado Profeta com uma faca no pescoço de uma mulher inocente não quebrou o domínio que ele tinha sobre elas.

A visão do sangue da minha mãe fez uma bomba explodir dentro de mim. Fogo disparou pela minha corrente sanguínea até se acumular em minhas mãos. Senti o ar ao meu redor começar a estalar com a energia.

— Junte-se ao círculo — mandou o Profeta, dessa vez em voz alta, e deslizou mais a faca pela garganta da minha mãe, serrando a pele.

Mais sangue escorreu. Minha mãe estava sorrindo. Encarando os olhos leitosos do Profeta e sorrindo.

— Amo você — disse.

Em resposta, o Profeta aprofundou o corte.

— Mia. — Jeremy encarava minhas mãos.

Olhei para baixo e vi. Minhas mãos estavam em chamas.

Não. Não em chamas. Estavam brilhando com uma luz cor de sangue, e muito quentes. Muito, muito quentes. Fiapos vermelhos de energia emergiam e se contorciam, como se buscassem algo para atacar. Halos de luz vermelha brilhavam ao redor das palmas.

— Junte-se ao círculo — mandou profeta de novo, com determinação na voz, e eu soube que era a última vez que ele repetiria.

— Mia, não faça isso — implorou Jeremy. — Sabe o que vai acontecer.

Encarei Jeremy, mas apenas por um momento antes de precisar desviar o olhar, antes de estender a mão para os Apóstolos, com o coração explodindo de fúria e desespero. O Profeta cortaria a garganta da minha mãe se eu não fizesse aquilo, e eu a veria morrer. Não podia deixar aquilo acontecer. Não podia ficar olhando minha mãe morrer, saber que tinha fracassado em salvá-la. Falhado com ela uma última vez.

Então, em vez disso, eu falharia com o mundo.

*Talvez a tempestade não trouxesse outro terremoto, pensou parte de mim. Talvez o plano do Profeta falhasse, mesmo se eu desse o relâmpago a ele.*

Mas parte de mim sabia a verdade, sabia que o plano do Profeta funcionaria, porque Jeremy o vira em ação milhares de vezes.

Os Apóstolos abriram o círculo e me receberam, e, quando minhas mãos se uniram às deles, senti o estalo da tempestade irromper do meu coração, percorrendo os braços até a mão, até o círculo. Ivan e Iris, os Apóstolos à minha direita e à esquerda, gritaram de dor quando eu os queimei, mas não soltaram. Não poderiam, nem se quisessem. Eu os soldara a mim. Fios de energia vermelho-sangue envolveram seus braços, cresceram e se estenderam, esticando-se como minhas cicatrizes de raios para envolver os Apóstolos. Havia terror nos olhos deles enquanto a energia se enroscava em seus braços e corpos, cobrindo-os por completo. Encapsulando os Apóstolos em raios de sangue.

Senti a carga na pele enquanto a névoa de tempestade acima de nós ficava mais espessa e se unia, nuvens escureciam até ficarem cor de nanquim, permeadas com eletricidade. Com a *minha* eletricidade. As nuvens preencheram a tenda e empurraram o teto, então saíram para o ar lá fora. A chuva começou a cair no teto da tenda.

E então uma luz carmesim irrompeu no céu, e um trovão estourou.

— Esse será seu fim!

Um sorriso maníaco surgiu no rosto do Profeta quando o relâmpago iluminou o céu e o trovão ecoou de novo. E vi que eu também estava sorrindo, envolta na agitação do relâmpago, sentindo-o em minha pele, sentindo-me mais viva do que nunca, querendo que aquilo continuasse para sempre. Aquilo não era uma tempestade normal. Aquela era a *minha* tempestade, e estava esperando havia muito tempo para sair.

— Mia!

Mal percebi a voz escondida por baixo do som do trovão. Se não fosse uma voz que eu conhecia melhor do que qualquer outra, talvez não tivesse ouvido.

— Parker. — Minha voz pareceu vir de milhares de quilômetros.

Virei a cabeça para olhar por cima do ombro e o vi ali. Meu irmãozinho, se aproximando da plataforma por trás do resto dos Caçadores enquanto o sr. Kale abria caminho. Mas vinha devagar. Devagar demais.

Era tarde demais. A tempestade já havia começado, e agora estava em movimento. Eu mal conseguia senti-la viajando para longe de nós, e depressa, como se algo a puxasse, atraindo-a.

O Deserto. A energia lá, zumbindo como uma usina de energia subterrânea... era como a Centelha ou a Luz. O nome não importava. Era energia, e certos tipos de energia se atraem. Uma carga positiva atrai uma carga negativa. Eu tinha entregado minha energia, a energia armazenada dentro de mim, para a tempestade, mas as nuvens não eram um reservatório eficiente. Nuvens procuravam descarregar a energia, se conectar à fonte certa.

E elas encontrariam essa fonte no Deserto, bem no fundo dos abismos que rachavam a superfície da terra.

O sexto selo. A falha de Puente Hills.

Mas ver Parker quebrou o transe que o relâmpago impunha sobre mim, e Jeremy, ao detectar a mudança, deu dois passos e ficou diante de mim. Luz vermelha banhou seu rosto. Meu coração... o incinerador que era meu coração... doía, pedindo por ele. Eu não queria causar mais dor a Jeremy, mas parecia destinada a fazer isso.

— Mia, solte eles — pediu, baixinho.

Assenti, mas, quando tentei puxar as mãos para quebrar o círculo, vi que era impossível. Eu tinha me fundido aos Apóstolos.

— Eu sabia que não dava para confiar em você — falou Iris, apesar da dor de estar ligada a mim. — Mas interpretou seu papel mesmo assim, não foi? Deu ao Pai o que ele queria.

O sorriso dela era de ódio. De triunfo.

Tentei puxar os braços de novo e quase desloquei o ombro. Apenas puxar as mãos não adiantaria. Eu precisava retrair minha energia, puxá-la de volta para dentro de mim. Mas não tinha ideia de como fazer isso.

O céu se acendeu, tão forte que fiquei momentaneamente cega. Um trovão soou, com um estalo de estourar os tímpanos.

Quando minha visão retornou, vi o Profeta atrás de Jeremy, os olhos selvagens com deleite. Ele ainda segurava a faca grudada ao pescoço da minha mãe.

— É tarde demais — gritou, e não precisou do microfone para se fazer ouvir pela tenda. — A tempestade está se movendo para o Deserto! Logo, o chão vai tremer, e a última Torre vai cair, e as crias do mal desta cidade cairão com ela. É aqui que o fim começa!

O Profeta apertou minha mãe enquanto falava, e, com as últimas palavras, sua mão estremeceu em exaltação. A lâmina da faca, ainda pressionada com força no pescoço dela, se enterrou profundamente, os olhos dela se arregalaram e sangue, muito sangue, jorrou de sua garganta.

— Nããã! — gritei, e, com uma descarga dolorosa, puxei de volta a energia que envolvia os Apóstolos, desvencilhei as mãos e parti o círculo.

Uma enorme descarga de energia subiu, como uma nuvem-cogumelo, e os Apóstolos gritaram e caíram para trás, cambaleando pela beira da plataforma para os Seguidores. Doía como se meus ossos estivessem quebrando e meus músculos, se partindo. A dor percorreu meu corpo, mas ela não importava.

Jeremy me segurou e me conteve. Lutei e chutei para me soltar, mas ele não soltou.

O corpo da minha mãe estava inerte nos braços do Profeta, de boca aberta em confusão. Percebi que ele não sabia o que tinha feito, não entendia por que minha mãe tinha se transformado em uma boneca largada em seus braços. Ele não conseguia vê-la.

Então deve ter sentido o sangue que ensopava o vestido dela, se espalhando até que ficasse mais vermelho do que branco, porque balançou a cabeça e seus lábios formaram a palavra “não”.

Os olhos da minha mãe ainda estavam abertos. Ela me olhava. *Ela*. A mãe que eu conhecia. A que existia antes do Profeta. Antes do terremoto. Aquela que eu achei que tivesse sumido para sempre.

E que, agora, sumiria de verdade.

Minha mãe abriu a boca, como se para falar, mas as cordas vocais deviam ter sido cortadas, porque nada saiu. Ela desabou, um peso morto nos braços do Profeta.

Os olhos do Profeta ergueram na direção de um céu que vibrava com eletricidade.

Tudo em mim brilhou em vermelho. Lutei contra os braços de Jeremy e, de repente, me desvencilhei. Ele caiu no chão, os olhos estremecendo por trás das pálpebras quando uma visão o tomou.

Eu o deixei caído ali e me aproximei do Profeta.

— Olhe para mim — falei.

O Profeta voltou os olhos cegos na minha direção.

— Isso não era parte do plano — disse. — Ela não deveria morrer.

Ergui as mãos, o calor fervendo e estalando nas palmas. Aquela luz vermelho-sangue queimara as luvas de cetim branco. Novos veios de luz que pareciam fios incandescentes cresciam das minhas mãos.

— Não tenho um plano — falei.

Concentrei cada grama de vontade nas palmas das mãos, e então... soltei.

Todos os anos que passei me segurando, lutando para me controlar, com dificuldade em manter o fogo preso dentro de mim... soltei. Tudo que eu não entregara à tempestade foi para o Profeta.

Galhos vermelhos de luz, espessos como corda, dispararam de minhas mãos e entraram no corpo do Profeta. Ele soltou minha mãe e deixou que ela caísse no chão, mas não antes que alguns veios de luz perdidos também entrassem nela e a fizessem estremecer. As

costas dela se arquearam por um instante quando os veios a envolveram e afundaram para dentro de seu corpo.

Ela deslizou dos braços do Profeta e caiu em uma poça crescente do próprio sangue.

Então os raios eram apenas para aquele homem.

A boca do Profeta gritou sem emitir som, mas os Seguidores, tantos milhares e milhares de Seguidores, gritaram por ele. A tenda se encheu de gritos ensurdecedores, agudos como os de um demônio. A cabeleira espessa de urso polar tinha queimado até virar cinzas e caía como neve de sua cabeça. O terno branco explodiu em retalhos de tecido chamuscado, e a pele dele se transformou em carvão, então se partiu e revelou o sangue e os músculos por baixo da pele carbonizada.

Descarreguei mais e mais energia, até que o Profeta não pudesse ser reconhecido como qualquer coisa que um dia fora humana. Soltei meu fogo até que não restasse nada.

Então o raio sumiu, e, apesar das chamas que consumiam as paredes da tenda, tudo parecia escuro.

A paralisia coletiva da congregação se quebrou. Seguidores correram para salvar as próprias vidas. Vi Iris caída. Ivan tentava ajudá-la a se levantar, então caiu também, e não vi mais nenhum dos dois. Rachel, com a gangue da Skyline, tentou incitar as pessoas a ficarem e lutarem, mas a gangue logo desertou, depois o restante dos Seguidores a empurrou para o lado. O domínio do Profeta sobre eles acabou, e tudo era caos e confusão.

Por fim, Rachel pareceu perceber que não estava mais sob controle do Profeta e também disparou para a saída.

Os Caçadores lutaram para abrir caminho na direção da plataforma, as mãos não mais unidas.

Registrei tudo isso, mas não me importei.

Caí de joelhos ao lado do corpo da minha mãe e a puxei para mim. Ela estava tão leve, mas o sangue fazia o vestido de noiva pesar como se tivesse pedras costuradas à bainha.

Eu deveria estar chorando, mas não estava. Senti como se estivesse vazia por dentro, como se alguma parte essencial de mim, talvez a alma, tivesse ido embora com o raio. Eu estava vagamente ciente de que minhas mãos nuas agora estavam de fato nuas. As cicatrizes tinham sumido. Imaginei se teriam sumido do corpo inteiro, agora que eu finalmente tinha liberado o raio.

Segurei o corpo dela e a balancei, e não ergui o rosto até Parker aparecer ao meu lado. Soltei um suspiro, tremendo. Um suspiro de desistência. Precisávamos sair dali. A fumaça descia sobre nós, e eu conseguia sentir o calor das paredes da tenda em chamas. Era hora de pegar o corpo da minha mãe e tirá-la dali. Pelo menos Parker estaria comigo. Achei que não conseguiria sem ele.

O corpo do Profeta podia ficar ali. Os Seguidores e Apóstolos o haviam abandonado. Ele permaneceria ali, sozinho, enquanto tudo que era branco se tornava preto, como seus restos mortais carbonizados.

Olhei para Parker, esperando que o rosto dele refletisse meus sentimentos. Mas ele estava... sorrindo? Não, não podia estar sorrindo. A não ser que tivesse perdido a cabeça, ou que meus olhos cheios de fumaça estivessem pregando peças, ou...

Ou...

Segui os olhos do meu irmão até os da minha mãe.

Estavam abertos. E vivos. Vivos *de verdade*.

Ela estendeu a mão e tocou o pescoço, bem onde o Profeta fizera o corte. Mas o sangue não fluía mais. Ela estava com uma cicatriz nova, ou o que se tornaria uma cicatriz com o tempo. O ferimento estava cauterizado, uma longa linha de tecido preto-avermelhado. Não era bonita, a cauterização, mas selara o ferimento e impedira a hemorragia.

Pensei naqueles veios de luz perdidos que se contorceram sobre o corpo da minha mãe quando atingi o Profeta. Quase ri, pensando na única coisa de que eu tinha certeza a respeito dos raios: eram

imprevisíveis. Quando atingiam, nunca dava para saber que efeito teriam.

Minha mãe estava viva, sentada. Percebi que eu estava chorando, e Parker também, então nos abraçamos.

Foi quando um relâmpago acendeu o céu, queimando meu alívio e arrepiando minha pele, me fazendo lembrar de que a noite ainda não acabara. Havia algo que eu precisava fazer. A tempestade estava viajando para o Deserto, e eu precisava chegar lá primeiro. Precisava pegar de volta o raio que entregara à tempestade.

As pessoas tossiam violentamente.

— Precisamos sair daqui — ouvi alguém dizer.

Parecia a voz do sr. Kale, mas talvez todos tivessem a voz do sr. Kale com fumaça na garganta.

Era fácil ver Jeremy entre os Caçadores. Ele era o único vestido de branco.

— Pode me levar até o Deserto? — perguntei, já sabendo a resposta.

Ele assentiu. A tristeza e o ódio tinham sumido de seus olhos, substituídos por uma determinação sombria.

Olhei para Parker. Ele apoiava minha mãe, o rosto dela tão branco quanto o vestido no início da noite. Tinha perdido muito sangue antes de eu selar o corte no em seu pescoço. Muito tinha sido absorvido pelo vestido de noiva, transformando-o, de branco, no mesmo tom de vermelho dos mantos dos Caçadores.

Um dos Caçadores próximos tirou a máscara preta.

— Não se preocupe — disse Katrina. — Vamos levar sua mãe para o hospital. Faça o que precisa fazer.

Os olhos dela se voltaram para a pilha de carne escura que era o Profeta.

— Obrigada — disse.

Katrina se apoiou no tio, e sr. Kale assentiu para mim.

— Obrigado — repetiu ele.

Não havia tempo para longas despedidas. Para Parker, falei:

— Cuide dela.

— Aonde você vai? — perguntou ele, alarmado, o corpo tenso como se pudesse tentar me segurar, me impedir de partir. Mas não soltou nossa mãe.

Eu me demorei um instante para tocar o braço dele, e os olhos de Parker se arregalaram de leve. Ele olhou para minha mão.

— Consigo sentir — comentou, a voz espantada. — Sua Centelha.

— Adeus, Parker. — A nota de fatalidade em minha voz foi difícil de não ser ouvida, mas meu irmão não tentou me impedir de fazer o que eu precisava.

Ele me deixou ir.

Não posso dizer que teria feito o mesmo por ele.



O vento rugia pelo Deserto, e minha pele rugia com ele. O céu acima ainda estava claro, mas eu conseguia ver a tempestade se movendo em nossa direção. Quanto tempo até que chegasse? Era impossível saber, pois não era uma tempestade natural, era feita pelo homem.

Uma tempestade feita por mim.

Não havia sentinelas com armas de tranquilizante vigiando a rampa que dava para o Deserto. Talvez tivessem ouvido falar que os nômades seriam os primeiros na lista de mortes de Deus e optaram pela cautela, ficando longe da festa.

Jeremy guiou a moto pelas ruas destruídas do Deserto, dirigindo tão rápido que qualquer acidente seria fatal. Mas, se não chegássemos à Torre a tempo, o mesmo aconteceria.

Quando ele parou a moto e saímos, meus pés ficaram grudados, o corpo inteiro paralisado pela descarga de energia vermelha que espetava minha pele. Com a dor, veio a alegria, um tipo de euforia que me dizia que estava viva, que eu estava conectada a tudo, a cada molécula que me cercava. Não havia um ponto em que meu corpo

terminava e o restante do mundo começava. Aquela era a sensação, o desejo de me unir a algo maior do que mim mesma, que tinha me feito ser atingida tantas vezes. Mas nunca o senti tão intenso. Eu tinha emprestado o relâmpago àquela tempestade, e conseguia sentir que ele queria voltar para mim.

Fechei os olhos e deixei que a poeira de vidro batesse no meu rosto e se enterrasse em minha pele.

— Vejo você em breve — sussurrei para a tempestade. Prometi.

Eu me virei para Jeremy e vi que os olhos dele também estavam fechados. Os cílios tremiam. Então os olhos dele se abriram, e vi medo. Apenas medo.

Jeremy desviou o olhar de mim.

E voltei a desejar a tempestade.

Jeremy e eu corremos pelo Deserto com o vento no rosto, nos açoitando com poeira de cimento e de vidro. Cobrimos os olhos contra o pó. Quando olhei para baixo, para mim mesma, vi que brilhava por causa das partículas de vidro que se agarravam ao vestido de madrinha.

Minha pele se agitava enquanto um monte de nuvens em movimento percorria o alto da cidade, marchando com determinação para o leste. Luz vermelho-sangue pulsava por trás das nuvens, e minha pele latejou com a eletricidade. Mas o fogo em meu peito não acendeu. Eu tinha liberado o fogo, e ele agora queimava no céu.

O relâmpago se acendeu. Conteí baixinho.

— Um-Mississippi, dois-Mississippi, três-Mississippi... — Cheguei a seis, e o trovão ecoou. Senti como um terremoto sob a pele.

A tempestade estava a uns dois quilômetros de distância. Talvez menos. Precisávamos correr. Precisávamos chegar ao topo da Torre, o mais próximo possível da tempestade. Aquela era uma ocasião em que não adiantaria chegar elegantemente atrasados.

Estávamos perto da Torre, e uma música baixa podia ser ouvida acima de nós.

No topo do mundo.

Mas algo não estava certo. Os nômades tinham abandonado o uso de luzes negras para ocultar a localização. Um holofote no alto da Torre girava e projetava um círculo no céu, e também havia luz nos outros andares. Praticamente em cada andar. Não era forte, mas estava ali, e, quanto mais nos aproximávamos, mais eu conseguia discernir, pelas janelas, figuras se movendo e dançando. As muitas batidas latejantes que vinham de diferentes DJs em tantos andares era um pandemônio de barulho enlouquecedor, ainda mais com o trovão estalando ao redor da minha cabeça.

— Ele lotou a Torre — falei, com uma voz que o vento tentou levar. — Deve haver milhares de pessoas lá!

Mais milhares de mortes. Mas seria apenas o início. Os primeiros a morrer.

Eu não deixaria que isso acontecesse.

Corremos como se estivéssemos apostando corrida com o vento, mas, quando chegamos às portas da frente da Torre, Jeremy me fez parar.

— Mia... — Ele engasgou com as palavras espessas de emoção.

Franzi a testa.

— O que foi?

Ele balançou a cabeça. Desviou o olhar. Lembrei-me dos cílios escuros tremendo, dos olhos dele se abrindo.

— Jeremy... — Ainda amava dizer o nome dele. — Você viu alguma coisa nova? Sobre mim?

Um músculo se retesou no rosto de Jeremy. Ele voltou os olhos para mim.

— Não — respondeu Jeremy, então, tão baixinho que eu mal consegui ouvir por cima do trovão, acrescentou: — Nada que eu não tenha visto antes.

Segurei o rosto dele e senti o calor de Jeremy nas palmas das mãos. Guiei sua boca dele até a minha, e o calor se tornou uma fogueira que nos derreteu até que não houvesse limite entre nós dois.

Mas nenhuma visão surgiu em minha mente. Jeremy não me deixava ver.

Eu me afastei dele, respirando rápido e com dificuldade.

— Por que não me deixa ver?

Ele balançou a cabeça, como se pudesse deixar escapar a visão que escondia de mim. Bati com o punho no peito de Jeremy. Ele era como uma estátua, as mãos fechadas ao lado do corpo.

Desisti e baixei a cabeça.

— Não importa. Já sei o que você viu. — *A visão dos mártires*. A emoção tentou amaldiçoar as palavras na minha garganta. — Vou morrer.

Pelo menos Parker e minha mãe estariam a salvo. E o mundo seguiria em frente. Eu me certificaria disso.

*Nem todos precisam morrer como mártires*, lembrei do que eu tinha falado ao sr. Kale.

Nem todos. Mas eu... sim.

Ergui a cabeça e encarei Jeremy, e vi minha morte ali. Ele não precisava me tocar para mostrar.

Respirei fundo, estremeando, e o beijei de novo. Não para poder ver meu fim, mas para sentir como poderia ter sido.

Os Amantes e a Torre.

Talvez nunca tivesse existido uma escolha.

Beijei Jeremy como se fosse a última vez, porque era.

As portas do elevador se abriram para o telhado, e levamos um golpe ao mesmo tempo do vento e da música. Não sabia qual era mais forte, mas o ar fez minha pele parecer se contorcer sobre os músculos, como se as partículas de matéria que me formavam estivessem se desfazendo, se soltando.

Arquejei de dor. De agonia. E desejei que ficasse mais e mais forte. A sensação rugia dentro de mim. A canção de sereia da tempestade tocava minha pele, meus ossos, meu sangue.

Sáimos para o telhado. Perto da porta do elevador, um DJ com dreadlocks selvagens e sujos liderava as batidas nas mesas gêmeas. A pista estava lotada de nômades, reunidos para celebrar o início do fim no topo do mundo.

Um clarão brilhante e vermelho cortou o céu, deixando uma impressão como a de um ferimento ensanguentado. Os nômades arquejaram, mas continuaram dançando, os dedos apontados para as nuvens.

Meu coração pareceu prestes a se rasgar no peito, e meu fôlego se reduziu a arquejos.

— Precisamos tirá-los daqui — falei, ofegante. — A tempestade vai chegar a qualquer minuto!

Jeremy passou para trás das mesas do DJ e pegou o microfone.

— De novo não, cara! — protestou o DJ, mas Jeremy o empurrou para trás.

De repente, a música parou, e havia apenas o grito do vento e centenas de nômades parecendo confusos, querendo saber o que tinha acontecido com a música.

Meu coração batia forte, cada batida era como uma onda arrebatando.

A tempestade estava quase ali. Nuvens negras de algodão, algumas como montanhas, outras em formato de bigorna, desciam sobre nós. O relâmpago se acendia e pulsava. Havia no céu tanta luz quanto escuridão.

— Um-Mississippi, dois-Mississippi, três-Mississippi...

O trovão ecoou.

Estávamos ficando sem tempo. Sempre sem tempo.

Então, uma voz amplificada pelos alto-falantes. Jeremy.

— Ouçam. Todos! Não é seguro aqui. Por favor, saiam do prédio o mais rápido possível.

— Não vamos a lugar nenhum! Aqui é o nosso lugar!

Procurei pela dona da voz e encontrei um rosto familiar. Jude, a garota que eu tinha ajudado Katrina a recrutar na outra noite. Todos tinham parado de dançar e estavam de pé, me encarando. Os olhos estavam anormalmente calmos, e percebi que não eram nômades comuns. Não precisavam dos mantos vermelhos e das máscaras negras para serem reconhecidos como Caçadores. Eu podia ver na forma como pararam de dançar de uma só vez, no modo como começaram a se mover em formação, como se houvesse um fio invisível os conectando. Na verdade, a única pessoa que não parecia fazer ideia do que estava acontecendo era o DJ.

Virei de costas para eles e olhei para oeste, na direção da tempestade que se aproximava. O relâmpago piscou no céu cobre de Koreatown.

— Não falta muito — falei, e minha voz pareceu distante, como a voz de alguém indo embora. Alguém que quase se foi.

Bem lá em baixo, vi as luzes de dezenas de veículos entrando no Deserto, seguindo para a Torre. Mais nômades?, me perguntei. Deveriam ter chegado mais cedo. Tinham perdido a festa.

A tempestade estava quase lá, e eu estava me sentindo cada vez menos inteira. Eu estava me partindo, partículas minhas começando a subir para o ar.

Eu me movi para o centro do telhado, em meio aos nômades. Conseguia sentir a Centelha zumbindo dentro deles, estalando contra minha pele. A energia que os levara até ali, para começo de conversa. Pensei na carta da Torre que tinha tirado, nas pessoas caindo para a morte.

Jeremy soltou o microfone e começou a abrir caminho até mim pela multidão.

— Você deveria ir — falei para ele. — Não é seguro para você.

Jeremy fez que não com a cabeça.

— Vou ficar.

— Então fique longe. — Olhei em volta, para os nômades. Os olhos deles estavam em mim. — Todos vocês, fiquem longe.

Os nômades recuaram, mas Jeremy não se moveu. Olhei para ele e, por um momento, comecei a me sentir inteira de novo, as partículas que tinham subido desciam na minha direção.

— Mia... — começou Jeremy, então um relâmpago brilhou, e o trovão cortou o ar, engolindo as palavras dele.

O raio disparou pelas nuvens, se esticando até mim, e o trovão perturbou a noite, parecendo tremer a torre até a fundação. Meus braços se ergueram para o céu. As primeiras gotas de chuva caíram nas minhas mãos.

Quando o raio caiu, pulsou e se estendeu pelas nuvens, meu sangue gritou por mais. Minha pele coçava para beber aquele calor.

— Um-Mississippi...

*Crash!*

O elevador se abriu, e Caçadores em mantos vermelhos surgiram de lá de dentro, movendo-se como um. Eles se uniram ao círculo que os nômades tinham formado ao redor do telhado e deram as mãos, como se por instinto.

Jeremy não se juntou a eles. Não podia, percebi, porque não estava unido a eles. Não podia compartilhar seu poder com eles. Jeremy ficou isolado, tão perto e tão longe de mim quanto podia se permitir.

Mais raios. Mais trovões. Luz e barulho, cegando e ensurdecendo.

Senti como se minha pele fosse se soltar da carne.

Outro fluxo de chuva caiu no telhado, e então a tempestade começou. A eletricidade no ar ficou descontrolada, e minha Centelha respondeu como se meu corpo estivesse preso a explosivos. Cada pelo se arrepiou. Meus ouvidos zumbiam. Senti o gosto de cobre, e soube que tinha mordido a língua.

Virei para encarar as nuvens.

— Volte para mim — sussurrei para o raio.

Gritei quando ele caiu, atingindo as palmas das minhas mãos.

E então...

Eu estava em chamas, e eu *era* as chamas.

A dor era mais do que isso. Ainda não tinha sido inventada uma palavra para descrever aquela dor, porque também era perfeita. Uma agonia de prazer.

O zumbido nos ouvidos cresceu até virar um grito. O ar vibrava com eletricidade. Outro raio disparou do céu, uma enorme e incandescente árvore vindo na minha direção, na velocidade da luz.

Fui atingida. De novo. E de novo. E de novo.

Braços pontiagudos de luz se estendiam para me envolver. Para me segurar. E eu os agarrei e segurei por tanto tempo quanto podia, para tomar de volta o raio que tinha entregado.

Luz cor de sangue brilhou ao redor do círculo de Caçadores. Outro círculo, um círculo de Seguidores, tinha criado a tempestade. Será que aquele, feito de pessoas com o mesmo poder, mas com intenção diferente, acabaria com ela?

Talvez, mas não antes que a tempestade acabasse comigo.

O calor me dilacerava. Me destruía. Aquele raio era mais do que eu tinha criado — a tempestade o cultivara. Peguei meu raio de volta e um pouco mais. Tinha chegado à capacidade máxima.

Ousei olhar para baixo, para mim mesma, e vi que o horrível vestido de madrinha tinha sido incinerado, deixando minha pele nua. As cicatrizes de raio tinham voltado, gravadas com luz vermelha na pele. As marcas se abriam como veios. Eu estava rachando como vidro.

Quebrando... Rachando... Meu corpo era perfurado por raio após raio, afastando-se e convulsionando. As cinzas queimadas das minhas roupas me cercavam. As cicatrizes de raios brilhavam como sangue incandescente na pele.

Eu não conseguiria aguentar muito mais.

A luz vermelha que cercava os Caçadores se intensificou, até que eu pudesse sentir o tremor dela no ar ao meu redor.

E de repente, percebi que o mundo ficara em silêncio. O trovão tinha parado.

Virei o rosto para cima, para as nuvens, e vi um buraco que se formara no centro delas. O olho da tempestade. Mas estava crescendo, se expandindo, se abrindo mais e mais. A tempestade estava se partindo, dilacerando, e, atrás dela, havia um céu escuro e limpo, salpicado de estrelas, que reluziam como poeira de vidro.

Sorri quando senti meu coração bater pela última vez. E então ficou quieto. Tudo ficou quieto.

Deixei minha vida escapar.

Meus olhos começaram a se fechar, meu corpo, a cair. A morte não seria tão ruim, pensei. Eu finalmente conseguiria descansar.

E então vi Jeremy disparar para a frente para me segurar antes que eu pudesse chegar ao chão, e o medo apertou tanto meu coração que ele bateu uma vez... duas...

*Não, não me toque!*

Eu queria gritar com ele.

— **NÃO ME TOQUE!**

Eu me afastei de Jeremy.

Ainda estava viva? Só podia estar, certo? Eu conseguia me mover, e conseguia sentir... Conseguia sentir o calor fluindo dentro de mim, se aconchegando em meu corpo para se sentir à vontade.

— Desculpe — pedi, rouca. — Não... não é seguro... me tocar... ainda não. Muito quente... ainda.

Meu coração martelava no peito, na cabeça, nas mãos, nos pés. Eu estava carregada. Era a encarnação do raio. De novo.

Jeremy me encarou, boquiaberto.

— Achei que você estivesse morta.

Soltei uma risada chiada.

— Eu estava, um pouco.

Nós dois olhamos para o céu. As nuvens estavam indo embora, se dissipando como fumaça, rareando até deixarem de existir.

Sorri. Então vi como Jeremy estudava meu rosto, o cenho franzido de preocupação.

— O que foi? — perguntei. — Qual é o problema?

Ele balançou a cabeça.

— Nada — respondeu, e começou a tirar a camisa de botão.

— O que você... — Olhei para baixo. — Ah. — Tentei me cobrir, mas não tinha braços o suficiente.

Os nômades e Caçadores que formavam um círculo na torre graciosamente desviaram os olhos da minha nudez, mas vi alguns observando as marcas estranhas no meu corpo.

Jeremy entregou a camisa para mim, mas não fez esforço algum para desviar os olhos. Estava me vendo, nua, com cicatrizes de raios e tudo. Procurei traços de repulsa em seu rosto, mas só havia Jeremy ali. A cicatriz de raio em seu peito se destacava na pele nua, como uma estrela vermelha explodindo.

— Já posso tocar em você? — perguntou ele, sorrindo um pouco.

Peguei a camisa de Jeremy e, quando meu toque não a transformou em cinza, assenti, antes de vestir a camisa pela cabeça.

Jeremy estendeu a mão, hesitante, e passou o dedo pela cicatriz de raio em meu pescoço. Ele se encolheu, mas não recuou. Sua mão se moveu e segurou minha nuca. Ele passou o polegar pela minha pele, e uma sombra percorreu seu rosto por um instante. Então se foi, e Jeremy estava me beijando, e só pude desejar que não o estivesse queimando.

Nenhuma visão tomou conta da minha mente.

Jeremy me tocou, e eu o toquei.

E eram só nós dois, os Amantes e a Torre.



*Não tenho medo de tempestades,  
Estou aprendendo a velejar meu navio.*  
— Louisa May Alcott

Parte de mim achou que as coisas voltariam ao normal depois daquela noite no Deserto. A noite em que morri um pouquinho. A noite em que deixei de ter vergonha das cicatrizes de raios e aceitei quem eu era... a garota da Torre. A noite em que minha mãe parou de ter medo o tempo todo, que nossa família se perdoou por coisas que não importavam mais. A noite em que me apaixonei por um garoto que podia ver meu futuro e o beijei sob um céu noturno limpo nas ruínas de Los Angeles enquanto minha pele cantava com eletricidade.

A noite em que matei um homem chamado Rance Ridley... um homem que se autointitulava Profeta. Que adquirira a Torre sob um nome falso e oferecera o espaço para realizar a Nômade, embora publicamente difamasse a festa. Mas ninguém poderia perguntar ao

Profeta por que ele fizera isso, afinal ele estava morto, tinha queimado até virar carvão durante uma tempestade de raios estranha.

É, as coisas não estavam tão de volta ao normal assim.

Voltar para Skyline não era uma opção. Eu tinha mudado, e, embora não sentisse mais a necessidade de esconder as cicatrizes de raios, não poderia voltar para a escola do jeito que estava. As cicatrizes tinham crescido mais, veios vermelhos se estendendo pela bochecha direita, entre os olhos e por cima da testa.

Mas meus olhos eram o verdadeiro problema. O relâmpago entrara neles também, cobrindo a parte branca de veias vermelhas. E as pupilas... Havia luz nelas. Era sutil, mas com certeza estava ali. Não importava o quanto eu piscasse, não sumia. Fiquei me perguntando se, caso usasse parte do raio dentro de mim, se libertasse um pouco, o vermelho sumiria dos olhos. Eu não sabia, então estava segurando o raio por enquanto. Tinha a sensação de que poderia precisar dele de novo. Queria acreditar que tinha cumprido meu papel com os Caçadores, mas me lembrei da leitura de Madame Lupescu. Lembrei-me daquela carta do Hierofante, meu potencial. Outro futuro possível.

Por enquanto, eu estava feliz em passar os dias com Jeremy. Ele não tinha para onde ir, agora que o Profeta estava morto e os Apóstolos tinham fugido. Não queria nem mesmo voltar para a casa da praia e pegar seus pertences.

— Aquela parte da minha vida acabou — era o que ele dizia.

Eu sabia que não era bem verdade. Ainda conseguia ver as mortes das pessoas que tinham perecido durante o terremoto assombrando seus olhos. Fiquei me perguntando se Jeremy algum dia conseguiria se perdoar. Eu sabia em primeira mão como isso era difícil.

Ele não voltou para a casa de praia do Profeta, mas eu, sim. Apenas uma vez. Uma coisa tinha sido deixada para trás, no quarto mais alto.

A carta dos Amantes.

Era algo que eu queria guardar.

Jeremy estava dormindo em nosso sofá desde a tempestade, mas, como nem ele nem eu dormíamos muito, passávamos as noites enroscados nos braços e pernas um do outro, trocando beijos até o calor ser demais para suportar e nós nos separarmos, bebermos água e começarmos de novo.

Jeremy ainda hesitava em me tocar, embora não tivesse visões desde a tempestade. Por sorte, não tinha problemas em me deixar tocá-lo.

Então eu tocava.

Muito.

Minha mãe se lembrava de muito pouco desde que começara a ver *A Hora da Luz* até o quase-casamento/quase-morte. Na verdade, a maioria dos antigos Seguidores do Profeta estava lidando com um tipo de amnésia em massa. Até mesmo as pessoas que apenas assistiam ao programa e nunca tinham ido a um culto para receber a “bênção” estavam confusas quanto aos eventos até a morte do Profeta.

Perguntei ao sr. Kale se a habilidade do Profeta de controlar mentes era tão poderosa a ponto de funcionar por meio de um programa de TV. Ele balançou a cabeça.

— Isso não teve nada a ver com o poder dele, e sim com o poder das palavras e o momento que escolheu para proferi-las. Ele falou com o medo das pessoas, e o medo ouviu.

Assenti, pensando em como o Profeta conseguira fazer uma lavagem cerebral em mim, e em como não teria conseguido se parte de mim não quisesse ouvi-lo.

Mas essa era a velha Mia. Eu estava diferente, agora.

Quando alguém é atingido por raios tantas vezes quanto eu fui, começa a esperar o pior quase o tempo todo. Mas tive a sensação de que o pior tinha passado, e acho que minha mãe sentia o mesmo. Ela me contou que tinha morrido por um momento, depois que o

Profeta cortou sua garganta, mas não fora como a experiência de quase-morte durante o terremoto. Ela não viu uma luz, nem nada do tipo, mas havia alguma coisa... uma sensação de que não estava sozinha, de que havia mais do que a escuridão esperando, depois desta vida.

Uma semana depois da tempestade, minha mãe anunciou que eu teria uma festa de aniversário. Estava fazendo 18 anos. Tinha me esquecido completamente.

A festa foi pequena, e minha mãe mal conseguiu juntar os ingredientes para fazer um bolo, mas era maior do que qualquer festa de aniversário que eu já tivera. Minha mãe convidou Katrina e o sr. Kale, e Parker convidou Quentin e Esqui. Jeremy foi a única pessoa que eu convidei, embora ele nem precisasse de convite.

— Feliz vida adulta — disse Katrina, quando chegou com o sr. Kale.

Ela me entregou um pacote embrulhado às pressas e sorriu quando eu o abri.

Era uma garrafa de vidro transparente, cheia com um líquido vermelho de aparência nojenta.

— Katrina. — O sr. Kale grunhiu em reprovação, mas ela o ignorou.

— Se uma garota consegue quase destruir o mundo e depois salvá-lo, merece tomar um drinque para comemorar. Eu chamo de relâmpago vermelho. É quase igual ao relâmpago branco, mas com alguns pequenos ajustes. Aproveite!

— Obrigada — falei, emocionada.

Abri a tampa e tomei um gole direto do gargalo. Desceu mais suave do que nunca.

Katrina pegou o frasco que carregava e brindou com minha garrafa.

— À calmaria antes da tempestade — disse.

— Não quer dizer depois?

Ela e o sr. Kale compartilharam um olhar misterioso que me deixou nervosa.

— Sim — falou Katrina. — Depois.

Bebemos.

— É claro — acrescentou Katrina —, que sempre haverá outras tempestades.

O sr. Kale também segurava um pacote embrulhado, embora o mantivesse escondido atrás das costas, como se quisesse que eu me esquecesse de ter visto o presente.

— O que é isso? — perguntei.

Katrina cutucou o tio com o cotovelo, de repente séria.

— Pode dar.

— Ela não vai querer — murmurou o sr. Kale, sussurrando.

— Tio Kale — falou Katrina, suavizando a voz. — É dela, não importa se ela quer ou não.

Meu antigo professor de inglês assentiu, suspirou e entregou o pacote a mim.

Dei um sorriso fraco ao aceitar.

— Não precisava me dar nada — murmurei, ao abrir o papel de embrulho.

Um pedaço de tecido vermelho foi revelado, junto com uma máscara preta de cerâmica.

— Pertencia a minha irmã — disse o sr. Kale. — Espero que caiba.

Tomei outro gole da garrafa de relâmpago vermelho.

Passava da meia-noite quando a festa acabou. Minha mãe estava exausta, mas satisfeita com o desfecho das coisas. Queria começar a limpar, mas eu a convenci de que tinha já feito o bastante, e Parker, Jeremy e eu cuidaríamos da limpeza no dia seguinte.

— Parabéns, Mia — desejou ela, e me deu um longo abraço.

Nós duas tínhamos saído para caminhar pelo bairro mais cedo, naquele dia, sozinhas. Levei o spray de pimenta que ganhei do

Miliciano Brent, mas não houve necessidade. Tudo estava calmo. Por enquanto, pelo menos.

Minha mãe tinha parado diante de uma casa vazia, quase desabada. O jardim estava grande demais, mas as flores estavam lindas, mesmo sem ninguém para cuidar delas. Então ela se abaixou e pegou um buquê pequeno.

— Sinto falta dele — falou.

Só isso. Não perguntei a quem estava se referindo, se papai, Owen, ou talvez até ao Profeta. Em casa, minha mãe colocou as flores em um jarro e o pôs no meio da mesa da cozinha. Era incrível o quanto aquelas flores animaram o cômodo. Agora, com minha mãe me abraçando, eu conseguia ver o pequeno buquê por cima de seu ombro, e aquilo me fez sorrir.

— Você se sente mais velha? — perguntou Parker, depois que minha mãe foi dormir e só estávamos eu, ele e Jeremy sentados à mesa da cozinha.

— Ah, sim — falei. — Mais ou menos uns oitenta anos.

Parker não riu. Os olhos dele estavam sérios.

Jeremy, ao sentir que meu irmão precisava de um momento a sós comigo, pediu licença e saiu.

— Nunca pedi desculpas — disse Parker. — Por quando disse que não queria mais ficar ao seu lado. Não falei sério.

Abaixei o olhar para o meu colo.

— Não tem problema se falou.

— Não. — Parker balançou a cabeça, fazendo os cabelos loiros e despenteados varrerem a testa. — Sempre vou ficar ao seu lado de agora em diante. Prometo.

Forcei um sorriso.

— Tudo bem — falei, embora esperasse que nenhum de nós precisasse escolher entre família e dever de novo.

Jeremy estava me esperando no quarto. Eu tinha dito a ele, mais cedo naquele dia, o que queria de aniversário. Considerei acender

algumas velas, mas decidi que Jeremy e eu tínhamos fogo o bastante dentro de nós.

Ele se aproximou e me abraçou.

— Tem certeza de que é isso o que quer?

O fogo em meu sangue cantava sua música preferida.

*Sim, sim, sim, sim, sim, siiiiim....*

Em vez de responder, me aproximei e o beijei, um beijo que começou suave e exploratório, mas logo se transformou em um ataque incendiário.

Caímos na cama. Minhas mãos percorreram as costas de Jeremy, e as mãos dele me puxaram para perto.

Então ele se afastou.

— O que foi? — perguntei.

Meu sangue implorava por mais.

— Nunca vi isto — respondeu Jeremy. — Você e eu juntos. Nunca previ.

Olhei para a mesa de cabeceira, onde a carta dos Amantes estava voltada para cima.

Com um beijo, falei:

— Mas eu sim.



## AGRADECIMENTOS

Sabem aquele ditado “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”? Bem, o mesmo vale para escrever livros.

Obrigada a meus aldeões.

À minha agente, Jamie Weiss Chilton, por se arriscar com este livro e trabalhar incansavelmente para me ajudar a dar forma a ele. E por ser minha amiga. Um brinde a tantos anos de saídas para buscar café.

À minha editora, Janine O’Malley, que é, de verdade, uma editora maravilhosa para seus escritores.

Aos meus primeiros leitores, Ann Masters, D.J. Kirkbride, Christine Lanoie, Sandra Ramirez, Loara Cadavona e Anastasia Stanecki.

Ao time dos J: Julie Weinbach, Jason Porter, Jodi Rothman Moore e J’Laurie Zerwer. Ótima companhia e comida mediana para sempre!

Aos escritores que me apoiaram na melhor e na pior das épocas, Sara Wilson Etienne, Edith Cohn, Lamar Giles e Christine Silk. Tenho sorte por ter vocês.

Aos meus pais, por lotarem as prateleiras com livros estranhos e perigosos. A minha mãe, cujos hábitos de leitura vorazes herdei. A meu pai, por todas as histórias para dormir que acenderam minha imaginação.

À família Bosworth, que me deixou fazer parte de seu círculo íntimo. Vocês são loucos, e é bom acreditarem que vou escrever sobre vocês, se é que já não escrevi. Viu?

À cidade de Los Angeles, por ser meu santuário.

E, acima de tudo, ao meu marido, Ryan, por ser meu grande torcedor, minha maior inspiração, meu maior amor. Um raio nos atingiu.





Créditos

PUBLISHER

Kaíke Nanne

EDITORA EXECUTIVA

Carolina Chagas

EDITORA DE AQUISIÇÃO

Renata Sturm

EDITORA AGIR NOW

Giuliana Alonso

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Thalita Aragão Ramalho

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Rayssa Galvão

REVISÃO

Társio Abranches

Guilherme Vieira

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DE CAPA

Light Key / iStock

IMAGENS DE MIOLO

Raio: Aiao-pl / sxc.hu

Nuvens: Dimitri Castrique / sxc.hu

PRODUÇÃO DE EBOOK  
Mariana Mello e Souza